

ANNAIS

da

BIBLIOTECA

NACIONAL

Vol. 140 • 2020



Rio de Janeiro, 2022



ANNAIS
da
BIBLIOTECA
NACIONAL

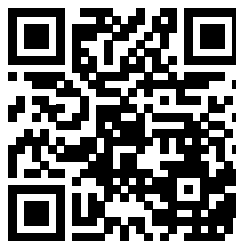
Vol. 140 • 2020



Rio de Janeiro
2022

Coordenação de Editoração
Av. Rio Branco, 219, 5º andar
Rio de Janeiro – RJ | 20040-008
editoracao@bn.gov.br | www.bn.gov.br

Confira outras publicações da
Fundação Biblioteca Nacional



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Presidente da República

JAIR BOLSONARO

Ministério do Turismo

CARLOS ALBERTO GOMES DE BRITO

Secretaria Especial da Cultura

HÉLIO FERRAZ DE OLIVEIRA

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

Presidente

Luiz Carlos Ramiro Júnior

Diretor Executivo

João Carlos Nara Júnior

Centro de Coleções e Serviços aos Leitores

Maria José da Silva Fernandes

Centro de Processamento e Preservação

Suely Dias

Centro de Cooperação e Difusão

João Alexandre Cupello Cabecinho

Centro de Pesquisa e Editoração

Elton Gomes dos Reis

Coordenação de Editoração

Claudio Cesar Ramalho Giolito

ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, v. 140, 2020

Editores

Hudson de Lima Rabelo

Pedro Vinícius Asterito Lopera

Coordenação Editorial

Paula Rocha Machado

Simone Muniz

Preparação de Originais

Hudson de Lima Rabelo

Paula Rocha Machado

Simone Muniz

Revisão de Provas

Paula Rocha Machado

Simone Muniz

Projeto Gráfico

Glenda Rubinstein

Projeto Gráfico Adaptado

Eliane Alves

Diagramação e Tratamento de Imagem

Eliane Alves

Biblioteca Nacional (Brasil)

Anais da Biblioteca Nacional. – Vol. 1 (1876). – Rio de Janeiro : A Biblioteca, 1876-

v. : il. ; 17,5 x 26 cm.

Continuação de: Anais da Biblioteca Nacional de Rio de Janeiro.

Vols. 1-50 publicados com o título: Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.

ISSN 0100-1922

1. Biblioteca Nacional (Brasil) – Periódicos. 2. Brasil – História – Fontes. I. Título.

CDD- 027.581

22 ed.



Fundação BIBLIOTECA NACIONAL

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL

SUMÁRIO

Apresentação	5
O Latim nas Obras Raras: contexto e fundamentos teórico-metodológicos de um curso de latim instrumental para bibliotecários	9
<i>Fábio Frohwein de Salles Moniz</i>	
Glossário de topônimos latinos do Brasil em <i>Historia navigationis in Brasiliam</i>: breves comentários	39
<i>Lucia Pestana da Silva</i> <i>Fábio Frohwein de Salles Moniz</i>	
As <i>Heroinae</i>, de Júlio César Escalígero: seleção e tradução	49
<i>Thamara Martins Santos de Moraes</i> <i>Fábio Frohwein de Salles Moniz</i>	
Tradução de <i>Speculum stultorum</i>, de Nigel de Longchamps	65
<i>Josué Gabriel de Freitas Kahanza Zito</i> <i>Fábio Frohwein de Salles Moniz</i>	
Os <i>Rudimenta grammatices</i>, de Nicolò Perotti	73
<i>Marcelle Mayne Ribeiro da Silva</i> <i>Fábio Frohwein de Salles Moniz</i>	
Edição comentada da correspondência entre Paolo Manuzio e Marc Antoine Muret	83
<i>Esther da Silva Martins</i> <i>Fábio Frohwein de Salles Moniz</i>	
Segurança patrimonial em bibliotecas universitárias: relato de experiência no Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Minas Gerais	91
<i>Wellington Marçal de Carvalho</i> <i>Anália das Graças Gandini Pontelo</i> <i>Diná Marques Pereira Araújo</i>	

Resistência no papel: a imprensa de oposição à ditadura civil-militar no Brasil no acervo da Fundação Biblioteca Nacional.....	103
<i>Bruno Brasil</i>	
Preciosidades do Acervo	251
A produção verbovisual de Raul Pompeia no acervo da Biblioteca Nacional	253
<i>Gilberto Araújo de Vasconcelos Júnior</i>	

APRESENTAÇÃO

Em tempos pandêmicos bastante conturbados, é uma alegria concluir mais um volume dos Anais da Biblioteca Nacional. Fruto do árduo trabalho do Centro de Pesquisa e Editoração (CPE) da Fundação Biblioteca Nacional e contando com a ajuda de outros setores para sua publicação, o volume 140 apresenta nove artigos de temas muito diversos que abarcam a pluralidade do acervo da instituição.

Os seis primeiros artigos do presente volume são frutos do trabalho executado pelo professor Fábio Frohwein de Salles Moniz junto à Fundação Biblioteca Nacional, ao lado de seus orientandos, no grupo de pesquisa Crítica Textual, no âmbito do projeto de extensão Núcleo de Documentação em Línguas Clássicas, realizado em parceria com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

No artigo “O Latim nas Obras Raras: contexto e fundamentos teórico-metodológicos de um curso de latim instrumental para bibliotecários”, Frohwein narra a experiência do curso de latim oferecido a bibliotecários a partir de um pedido do Planor (Plano Nacional de Obras Raras), setor da Biblioteca Nacional, visando à melhoria na catalogação do acervo da instituição.

O autor expõe, ainda, os fundamentos teórico-metodológicos para o livro didático de latim instrumental dirigido a bibliotecários (e também a arquivistas), valendo-se de obras pertencentes ao acervo da Biblioteca Nacional, tal como a *Biblia de Mogúncia*, tendo em vista a experiência profissional deste público no tratamento técnico de acervo em Latim.

Em “Glossário de topônimos latinos do Brasil em *Historia navigationis in Brasiliam*: breves comentários”, escrito pelo referido professor em parceria com Lúcia Pestana da Silva, os autores analisaram os topônimos latinos encontrados na obra *Historia navigationis in Brasiliam*, escrita pelo missionário francês Jean de Léry (1536-1613) e o contexto sociocultural na qual ela foi produzida e disseminada.

Os autores se debruçaram sobre o esforço de Léry em seu trabalho de tradução em adaptar alguns termos caros às línguas nativas dos povos originários que habitavam a região da Baía de Guanabara e do atual estado do Rio de Janeiro para o latim, pensando na estrutura desta última e em seus casos e declinações e debatendo as variações que aparecem no texto de Léry.

Por sua vez, em “As *Heroinae*, de Júlio César Escalígero: seleção e tradução”, escrito por Frohwein em conjunto com Thamara Martins Santos de Moraes, os autores apresentam uma proposta de tradução para a obra *Julii Caesaris Scaligeri, viri clarissimi, poemata omnia in duas partes divisa* (1621), custodiada pelo setor de Obras Raras da Biblioteca Nacional.

Para tanto, situam a recuperação da obra e da figura de Escalígero no contexto cultural do Renascimento e na difusão da língua latina ocorrida no período. Também destacam algumas características da obra, como a reunião de 107 poemas cujos títulos remetem a personagens femininas mitológicas, antigas e contemporâneas ao autor e debatem a respeito das possibilidades de tradução literal ou literária. Ao fim, apresentam a tradução do poema Ariadna.

Já em “Tradução de *Speculum stultorum*, de Nigel de Longchamps”, escrito em coautoria com Josué Gabriel de Freitas Kahanza Zito, apresenta a proposta de tradução de outra obra também custodiada pelo setor de Obras Raras da Biblioteca Nacional. Ao analisarem a obra e a trajetória de Longchamps, os autores destacaram sua imersão na vida intelectual durante a Idade Média e dentro do horizonte do pensamento eclesiástico cristão.

Os autores também ressaltaram a existência da obra em diversas bibliotecas pelo mundo, dentre elas a Biblioteca Nacional. A respeito de sua narrativa, enfatizam o papel do zoomorfismo no percurso de seus protagonistas e no retrato da relação entre natureza e cultura. Ao fim do artigo, apresentam a tradução de um trecho da referida obra.

O artigo “Os *Rudimenta grammatices*, de Nicolò Perotti”, de autoria do professor Frohwein e Marcelle Mayne Ribeiro da Silva, mostra uma discussão filológica a respeito dos *Rudimentae grammatices* que, segundo os autores, circularam pela Europa entre os séculos XV e XVI. Mais precisamente, focam em uma peça custodiada pelo setor de Obras Raras da Biblioteca Nacional: a gramática latina de Nicolò Perotti.

Ao longo do artigo, os autores defendem que há uma intersecção entre o italiano e o latim no texto de Perotti, sinalizando ainda que, por ocasião das traduções da obra, os trechos em latim permaneceram inalterados. Os autores também destacam que a obra se destinava a jovens italianos já alfabetizados, isto é, iniciados na língua latina, além da inserção do latim no momento sócio-histórico de produção da obra.

No artigo “Edição comentada da correspondência entre Paolo Manuzio e Marc Antoine Muret”, de autoria de Fábio Frohwein e Esther da Silva Martins, os autores reconheceram a importância do diálogo entre Manuzio e Muret para pesquisadores da área de latim e também de tipografia, disse derivando os esforços na recuperação da correspondência entre eles.

Ao apresentarem Manuzio como editor de obras latinas e Muret como um professor e estudioso da poesia grega clássica, os autores narram como se encontraram e desenvolveram um trabalho em conjunto, mais precisamente a impressão da obra de Muret sobre o poeta grego Catulo. Tendo como fontes as correspondências impressas entre 1589 e 1592, os autores destacam a dispersão delas por diferentes obras e, em razão disso, a dificuldade no seu mapeamento.

Continuando o presente volume, no artigo “Segurança patrimonial em bibliotecas universitárias: relato de experiência no Sistema de Bibliotecas da

Universidade Federal de Minas Gerais”, de autoria de Wellington Marçal de Carvalho, Anália das Graças Gandini Pontelo e Diná Marques Pereira Araújo, os autores se debruçam sobre casos de furtos de acervo de obras raras da biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais, além das estratégias adotadas pela universidade na recuperação dessas peças.

Os autores narram a formação do acervo da referida biblioteca para, em seguida, examinarem detidamente um caso de furto de acervo no qual um usuário, que se apresenta como bibliófilo, passa a frequentar a biblioteca da universidade e ganha a confiança dos bibliotecários. Em um momento posterior, é revelado que ele havia guardado obras em sua casa e até mesmo comercializado algumas delas. Finalmente, relatam as providências tomadas após o caso, tais como a realização de um inventário do acervo recuperado e adoção de medidas de segurança para o acesso às obras raras.

O artigo “Resistência no papel: a imprensa de oposição à ditadura civil-militar no Brasil no acervo da Fundação Biblioteca Nacional”, de autoria de Bruno Brasil, se debruça sobre a coleção de imprensa alternativa depositada no setor de Publicações Seriadas da Biblioteca Nacional, que abarca cerca de 450 periódicos que circularam entre os anos 1960 e 1980.

Em um primeiro momento, o autor situa os periódicos no contexto da ditadura civil-militar no Brasil e também no da própria formação da coleção. Em seguida, reflete sobre a diversidade de propostas editoriais e de atuação dos referidos periódicos. Ao final, apresenta uma lista alfabética completa, contendo o título do periódico, uma breve descrição e o localizador da peça no acervo da instituição.

Encerrando o volume, apresentamos o artigo “A produção verbovisual de Raul Pompeia no acervo da Biblioteca Nacional”, de autoria de Gilberto Araújo de Vasconcelos Júnior, que também é a fonte do nosso Caderno de Imagens. Tendo como base a produção do referido escritor, o autor tem como foco a relação entre o texto e as imagens que também eram produzidas por Pompeia.

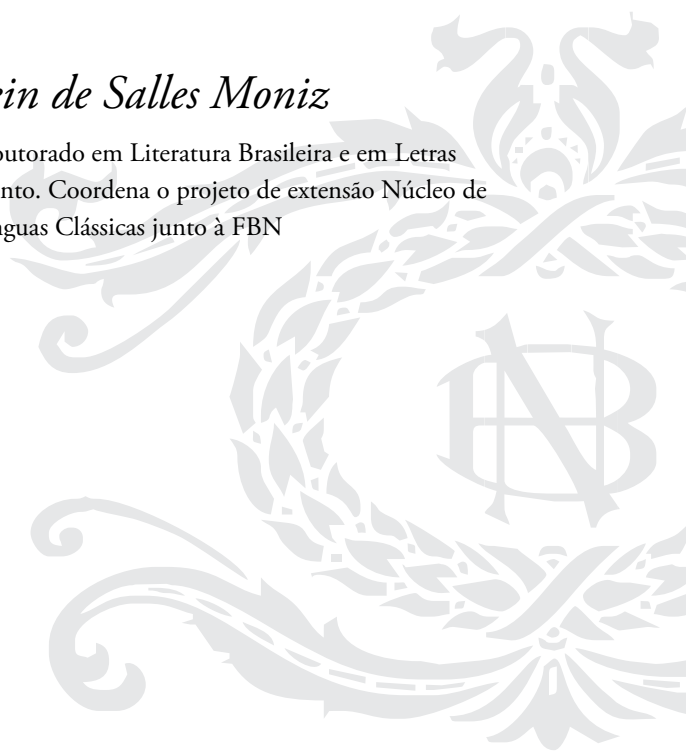
Araújo realiza uma catalogação das imagens de diferentes tipos – caricaturas, desenhos, ilustrações, capas de livros e poemas ilustrados – para produzir uma reflexão sobre os diferentes efeitos estilísticos obtidos com o uso delas. Além disso, também situa essas imagens em sua atuação como capista para obras de outros autores importantes do período abordado, *e.g.* Aluísio Azevedo e Pedro Rabelo.

Desejamos a todas e todos uma ótima leitura!

O Latim nas Obras Raras:
contexto e fundamentos teórico-
metodológicos de um curso de latim
instrumental para bibliotecários

Fábio Frohwein de Salles Moniz

Graduado em Português-Latim, com doutorado em Literatura Brasileira e em Letras Clássicas pela UFRJ, onde é professor adjunto. Coordena o projeto de extensão Núcleo de Documentação em Línguas Clássicas junto à FBN





Resumo

O objetivo deste ensaio é apresentar o contexto e os fundamentos teórico-metodológicos do curso *O Latim nas Obras Raras*, destinado a complementar a formação técnica de bibliotecários de acervos raros. Para tal, organizamos nosso texto em duas partes: 1) Do contexto, em que narramos os fatores externos que influenciaram a concepção e elaboração do curso; e 2) Dos fundamentos teórico-metodológicos, em que apresentamos os fatores internos, isto é, a metodologia empregada na concepção e realização do curso, fundamentada nos conceitos de língua instrumental consoante Hutchinson & Waters (1987), Strevens (1988); e de Pragmática, apoiada em Austin (1962), Van Dijk (1981), Searle (2002), Armengaud (2006), Levinson (2007), Charaudeau & Maingueneau (2016).

Palavras-chave: Língua latina. Obra rara. Ensino de língua instrumental. Pragmática. Fundação Biblioteca Nacional.

Abstract

The aim of this essay is to present the context and theoretical-methodological foundations of the course *O Latim nas Obras Raras* (Latin in the Rare Books collection) aimed at complementing the technical training of librarians of rare collections. To this end, we organized our text in two parts: 1) About the context, in which we narrate the external factors that influenced the conception and elaboration of the course; and 2) About the theoretical-methodological foundations, in which we present the internal factors, that is, the methodology used in the conception and implementation of the course, based on the concepts of teaching language for specific purposes according to Hutchinson & Waters (1987), Strevens (1988); and Pragmatics, supported by Austin (1962), Van Dijk (1981), Searle (2002), Armengaud (2006), Levinson (2007), Charaudeau & Maingueneau (2016).

Keywords: Latin language. Rare book. Teaching language for specific purposes. Pragmatics. Fundação Biblioteca Nacional.



Do contexto

O elemento mais importante para se compreender o contexto de concepção e desenvolvimento de “O Latim nas Obras Raras, curso de latim instrumental voltado a bibliotecários de acervos especiais”, é o atual entendimento de extensão universitária. A última Constituição brasileira, promulgada em 1988, estabeleceu que as universidades devem respeitar a relação indissociável entre ensino, pesquisa e extensão. Embora seja desnecessário discutirmos aqui o conceito de ensino e pesquisa, a ideia de extensão merece algumas palavras nossas.

O primeiro documento em que apareceu o conceito de extensão universitária foi o decreto-lei 19.851, de 11 de abril de 1931, que, em seu artigo 42, estabeleceu que “a extensão universitária será realizada por meio de cursos e conferências de caráter educacional ou utilitário, uns e outros organizados pelos diversos institutos da Universidade” (BRASIL, 1931).

Em outras palavras, a extensão universitária começou como atividades em que a comunidade acadêmica – somente professores, no início – apresentava à sociedade o conhecimento científico produzido por seus institutos.

Com a lei básica da reforma universitária de 28 de novembro de 1968 (BRASIL, 1968), a extensão universitária passou a abarcar “programas de melhoria das condições de vida da comunidade e no processo geral de desenvolvimento”. Dessa forma, a extensão deixou de ser somente a comunicação do conhecimento científico produzido pela universidade para ser também a aplicação do conhecimento aos problemas da sociedade. Mas foi na resolução do Conselho Nacional de Educação, de 18 de dezembro de 2018, que se registrou oficialmente um fator de extrema importância para o atual entendimento sobre a extensão universitária: o diálogo entre universidade e sociedade. Essa resolução estabeleceu que a extensão é um “processo interdisciplinar educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino universitário e outros setores da sociedade” (BRASIL, 2018). Dito em outras palavras, a extensão deve gerar, ao mesmo tempo, mudanças na sociedade e também na universidade.

Atualmente, o entendimento da ideia de extensão abarca as seguintes diretrizes: 1) processo educativo, cultural e científico; 2) relação transformadora entre universidade e sociedade; 3) articulação entre ensino e pesquisa; 4) espaço de elaboração da práxis de conhecimento acadêmico; 5) intercâmbio sistematizado de conhecimentos acadêmicos e populares; 6) produção de conhecimento desde o contato com a realidade brasileira; 7) democratização do conhecimento acadêmico; 8) participação da comunidade na atividade da universidade; 9) visão integrada da sociedade. A Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em resolução interna de 2013, estabeleceu que seus

alunos devem realizar 10% da carga horária total dos cursos em atividades de extensão, que podem ser programas, projetos, cursos ou eventos.

Com respeito às atividades de extensão para alunos de Bacharelado ou Licenciatura em Português-Latim e de Português-Grego, o Departamento de Letras Clássicas da UFRJ vem proporcionando a possibilidade de atuação em vários projetos, cursos e eventos. Dedicar-nos-emos, aqui, à atividade que mais nos interessa devido ao objeto de nossos comentários: o Núcleo de Documentação em Línguas Clássicas. Esse projeto foi pensado a partir de duas observações fundamentais: em primeiro lugar, notamos que, nas bibliotecas e arquivos brasileiros, há muitos itens biblioteconômicos e arquivísticos escritos em latim ou grego antigo. Esses documentos abarcam um grande período de tempo do conhecimento científico ocidental e também da história do Brasil – como, por exemplo, cartas, leis, decretos etc., que registram, em latim, a memória do povo brasileiro. Em segundo lugar, verificamos que há, no Brasil, o crescimento expressivo de pesquisas, publicações, cursos, museus e laboratórios sobre Antiguidade, Idade Média, Renascimento e outros temas relacionados, o que fez com que os cursos de Graduação e Pós-Graduação melhorassem a estrutura de assessoria, pesquisa e formação de pessoas especializadas. Essas mudanças deram como resultado a formação de cerca de trinta grupos de pesquisa sobre Antiguidade, Idade Média e Renascimento somente no estado do Rio de Janeiro. Muitos desses grupos têm revistas científicas e promovem congressos, conferências, cursos etc., em que se apresentam professores e alunos, inclusive de outros países, o que mostra o potencial do Brasil para os estudos sobre Antiguidade, Idade Média e Renascimento. Com isso, houve também um aumento expressivo da busca por fontes primárias e secundárias de pesquisa em nossas bibliotecas e arquivos que estão em línguas clássicas.

Nesse mesmo contexto, o Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras (Planor), sediado na Fundação Biblioteca Nacional, vem desenvolvendo um catálogo *online* com descrições de obras raras depositadas em várias instituições brasileiras. O intitulado Catálogo do Patrimônio Bibliográfico Nacional (CPBN) reúne, atualmente, cerca de 235 instituições participantes e contém mais de 32.667 registros de obras raras, das quais uma parcela significativa se encontra em latim. Mas a maior dificuldade de se obter e reunir informações sobre os livros em latim é o fato de que os bibliotecários, em geral, não têm conhecimento de língua latina.

No Brasil, o latim deixou de ser obrigatório no ensino básico com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), que reformou a educação em 1961, o que deu ensejo a que escolas públicas e particulares retirassem a disciplina de seus currículos. Depois de 1961, houve outra LDB em 1996, a mais recente, que não alterou a situação do latim no currículo do ensino básico. Isto é, todos os brasileiros que tenham cursado até o Ensino Médio desconhecem a gramática latina. Atualmente, o latim é ensinado somente em algumas faculdades de

Letras e de Direito, geralmente públicas. Por isso, catalogar obras raras em latim exige que o bibliotecário conheça um idioma que não fez parte de sua formação básica nem superior. O objetivo do Núcleo de Documentação em Línguas Clássicas é, portanto, promover a integração entre a Faculdade de Letras da UFRJ e a Fundação Biblioteca Nacional (FBN), empregando o conhecimento de latim e de grego antigos para 1) a melhoria dos registros de livros e itens de arquivo abarcados pelo projeto; e 2) o aperfeiçoamento técnico dos profissionais de biblioteconomia e arquivística.

Nosso curso de latim instrumental para bibliotecários foi desenvolvido para atender a um pedido do Planor, que, além do CPBN, promove também cursos de aperfeiçoamento técnico dos profissionais que trabalham com acervos raros. O curso deveria realizar-se em uma semana para reduzir os gastos com estadia, transporte e alimentação feitos pelos alunos que viriam de outras cidades. Coletamos uma amostra de 100 obras raras digitalizadas pela FBN para identificar o conteúdo gramatical de maior utilidade para os bibliotecários no seu trabalho com páginas de rosto, *incipits*, *explicits* e colofões. O curso foi oferecido presencialmente, em 2018 e 2019, no auditório Machado de Assis (FBN). Em 2020, devido à pandemia de Covid-19, o curso foi dividido em nove módulos para ser ministrado de maneira remota por meio de plataforma digital. Na próxima seção, trataremos dos pressupostos teórico-metodológicos que nos serviram de ferramenta para a concepção e elaboração de nosso curso de latim instrumental para bibliotecários.

Dos fundamentos teórico-metodológicos

Devido às necessidades muito específicas de nosso público-alvo, optamos por não elaborar O Latim nas Obras Raras a partir de um livro-didático de latim já existente no mercado, mas por criar um livro didático mais coerente com o contexto dos alunos para servir de base ao planejamento das aulas. Albert Sidney Hornby, gramático e lexicógrafo inglês dedicado ao ensino, define livro didático como “Um livro que dá instruções em um ramo da aprendizagem” (HORNBY et al., 1984, p. 1).¹ Nessa perspectiva, podemos considerar o livro didático uma ferramenta útil tanto ao aluno, para guiá-lo no aprendizado de determinado conteúdo, quanto ao professor, para auxiliá-lo a preparar e ministrar aulas. Hornby adverte que a eficiência do material didático depende de que seus objetivos sejam estabelecidos e desenvolvidos a partir das necessidades do aluno.

1. “A book that gives instruction in a branch of learning”. Todas as traduções neste texto são de nossa autoria.

Conforme exporemos mais adiante, essa abordagem de Hornby demandou-nos um constructo metodológico em que se mesclaram pressupostos teóricos tomados do campo da Educação e da Pragmática. Partir das necessidades do aluno para elaborar um livro didático implica, antes de mais nada, reconhecer como gênese dessa ferramenta didática o contexto de enunciação em que interagem professor e aluno. Por essa ótica, o aluno é entendido não apenas como um receptor passivo, mas como coenunciador, na medida em que também é autor do discurso emitido pelo professor, uma vez que esse último elabora seu discurso em função do primeiro. Por esse prisma pragmático, compreendemos que o aluno também é autor do enunciado formado pelo professor e, ainda mais, do próprio conteúdo presente no material, já que este foi construído com base em suas necessidades. É mister, portanto, conhecermos as demandas do aluno para elaborarmos um livro didático capaz de auxiliar professor e discente no processo de ensino e aprendizagem. Além disso, importa que estejamos atentos ainda para outras questões: a) identificação do que deve ser ensinado ou aprendido; b) reflexão acerca dos métodos a serem usados; c) fornecimento de material necessário; d) auxílio ao professor ou ao aluno na explicação.

Neville Grant, autor também atuante no campo da Educação, especializado em formação de professores, classifica os livros didáticos em duas categorias: livros de cursos tradicionais e livros de cursos comunicativos (GRANT, 1989, p. 8). Na primeira categoria, o livro didático tem por objetivo central fazer com que os alunos aprendam o idioma como um sistema. Ainda conforme Grant, livros didáticos de curso tradicional caracterizam-se por enfatizar regras gramaticais, formas ou padrões de linguagem mais do que funções comunicativas da linguagem, concentrando-se em atividades de leitura e escrita em vez de atividades de escuta e fala. Em geral, livros didáticos dessa categoria abordam o sistema gramatical da primeira língua, pautam-se pela importância da “correção” de flexões e construções, concentram-se em programas e exames e acabam por despertar o interesse de alguns professores porque parecem mais fáceis de serem usados. Os livros didáticos de curso de comunicação, por sua vez, buscam explorar as funções comunicativas da linguagem e habilidades na utilização do idioma, priorizando as necessidades e os interesses dos alunos mais desejosos de aprender o idioma da vida cotidiana. Comumente, livros didáticos dessa categoria propõem atividades práticas em grupos ou pares, são muito específicos em seus objetivos e buscam o equilíbrio entre as quatro habilidades linguísticas (ouvir, falar, ler e escrever), embora alguns valorizem a escuta e a fala em detrimento das demais.

Com relação às questões técnicas do livro didático abordadas por Hornby e Grant, partimos do pressuposto de que nossa proposta deveria pautar-se por uma metodologia de ensino e aprendizado em nível de língua instrumental. Em nosso entendimento, esse modelo se coaduna mais com a necessidade

prática, imediata e contextual do aluno do que um método que priorize o aprendizado exaustivo de regras que podem não se verificar no contexto do discente e que, por isso, venham a se mostrar supérfluas ou incompreensíveis. Tom Hutchinson observa que, originalmente, o ensino de língua instrumental surgiu do *English for specific purpose* (“Inglês com objetivos específicos”), um tipo de curso de inglês como segunda língua, normalmente destinado a estudantes universitários ou pessoas já empregadas, que explora vocabulário específico e habilidades de que esse público-alvo necessita (HUTCHINSON, 1987). Dessa forma, o ensino de língua instrumental concentra-se em uma ocupação ou profissão, como inglês técnico, inglês científico, inglês para médicos, inglês para turismo, entre outras.

No caso de nossa proposta, era fundamental, portanto, priorizar vocabulário, expressões e estruturas gramaticais latinas presentes em páginas de rosto, colofões, *incipits* e *explicitis* de obras raras, ou ainda palavras relacionadas ao universo da biblioteconomia, de preferência vocabulário, expressões e estruturas gramaticais latinas recolhidas de poetas e prosadores da Latinidade clássica, como em geral fazem os autores de livros didáticos de latim existentes no mercado. Desse modo, até o estudo de uma língua clássica como o latim pode se voltar a uma determinada ciência em que se deseja empregar o conhecimento linguístico, seja a teologia, a história antiga, a filosofia, a filologia ou, como o proposto aqui, a biblioteconomia. O indivíduo que trabalha nesse campo não necessariamente carece de conhecimento aprofundado de língua latina que o permita ler, traduzir e estudar autores latinos clássicos, mas pode adquirir o suficiente para o exercício de sua profissão, e, por meio desse conhecimento-base, até mesmo lançar-se a um saber mais aprofundado, caso deseje.

Segundo Peter Strevens, o ensino de língua instrumental pode se restringir a habilidades específicas de acordo com as necessidades do aluno, como, por exemplo, a leitura, o que vai mais ao encontro das demandas técnico-profissionais de bibliotecários (STREVENS, 1988, p. 1-13). Nossa proposta de livro didático, portanto, priorizou a leitura, no sentido de buscar desenvolver no público-alvo (coenunciadores) estratégias de localização e compreensão de informações biblioteconômicas em páginas de rosto, colofões, *incipits* e *explicitis* por meio de determinadas palavras e expressões latinas. Os capítulos de nosso livro didático, portanto, foram estruturados de maneira a alcançar esse objetivo em termos de habilidade linguística, e apresentam essencialmente: 1) problematização inicial, feita a partir de algum dado linguístico recolhido de uma obra rara, que despertaria a curiosidade do leitor moderno e desconhecedor do latim; 2) exposição de regras gramaticais do latim a fim de responder à problematização inicial e atividades práticas com resposta ao final do livro didático; e 3) aplicação do conteúdo gramatical à leitura e compreensão de vocábulos e expressões latinas recorrentes em páginas de rosto, colofões, *incipits* e *explicitis*, juntamente com atividades práticas mais voltadas ao universo

do bibliotecário de acervos raros, também com respostas ao fim do livro. Escusado dizermos que as atividades propostas de versão de frases ou pequenos textos do português para o latim não tinham a pretensão de desenvolver a habilidade da escrita, mas tão somente de exercitar regras da gramática latina que serão úteis à leitura.

Ainda quanto à classificação de Grant, elaboramos um livro didático de natureza mista, apresentando ao mesmo tempo características de livros didáticos de cursos tradicionais e de cursos comunicativos devido às necessidades específicas do público-alvo. Por um lado, importava que o aluno conhecesse regras básicas do sistema gramatical latino, dentro de um recorte conteudístico estabelecido com base no levantamento de vocabulário e expressões feito a partir de páginas de rosto, colofões, *incipits* e *explicitis*, conforme exporemos mais adiante nesta seção. No entanto, era imprescindível que o aluno soubesse aplicar esse conhecimento gramatical à compreensão de funções comunicativas de palavras e expressões latinas que identificam autor e título de obra, impressor/livreiro, ano, local, privilégio e licença de impressão/venda do livro.

Em suma, o desenvolvimento de nosso curso de latim instrumental para bibliotecários foi precedido pela elaboração de um livro didático de latim voltado a uma finalidade muito particular: o uso pragmático da língua latina no contexto técnico-profissional de bibliotecários de acervos raros. Empregamos aqui o adjetivo “pragmático(a)” em estreita relação com a Pragmática,² disciplina dos estudos da linguagem que, para Françoise Armengaud, interessa-se, basicamente, por dois objetos: fenômenos relativos à dimensão pragmática (falante e contexto da fala), a exemplo dos efeitos do discurso sobre os falantes-ouvintes; e a relação entre uso e significado de palavras/frases (ARMENGAUD, 2006).

Um dos principais contributos da Pragmática para a concepção de nossos livros didáticos e curso de latim instrumental para bibliotecários foram os conceitos de ato, contexto e desempenho. As primeiras reflexões sobre ato (de fala ou de linguagem) encontram-se em *How to do things with words* (1962), de John Langshaw Austin. Nessa obra, rejeitando a tradicional dicotomia fala *versus* ação, o filósofo da linguagem britânico preferiu partir da hipótese de que dizer é mais do que transmitir informações acerca de algo, “mas é também ‘fazer’, isto é, tentar agir sobre o interlocutor e mesmo sobre o mundo circundante” (Ibidem, p. 72). Austin observou que existem determinados verbos, como batizar e jurar, que não exercem a função exatamente

2. Em nosso entender, uma das primeiras distinções a serem feitas sobre a palavra “pragmática” diz respeito ao seu “valor muito instável, pois permite designar ao mesmo tempo uma *subdisciplina da linguística*, uma certa *corrente de estudo* do discurso ou, de modo mais amplo, uma certa *concepção de linguagem*” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2016, p. 393). Portanto, grafaremos a palavra com inicial maiúscula sempre que a empregarmos como substantivo designativo da referida disciplina.

de descrever a realidade, mas de instaurar uma realidade, ou seja, não veiculam informações verdadeiras ou falsas. Essas palavras compõem enunciados performativos que designam a própria enunciação, contrariando a visão que se tinha até então da linguagem cuja função essencial “seria representar estados do mundo” (MAINGUENEAU, 1996, p. 6). Inicialmente, Austin distinguia, portanto, a enunciação constativa, que “descreve um estado de coisas independentemente do ato enunciativo” (Idem, *ibidem*) da enunciação performativa, estritamente vinculada ao presente pontual e ao sujeito da enunciação. No entanto, essa distinção foi posteriormente abandonada pelo teórico, que passou a compreender que não existem enunciados puramente constativos, despojados de valor performativo.

De acordo com Maingueneau, “a teoria dos atos de linguagem afirma que qualquer enunciado esconde uma dimensão ilocutória. Esse componente semântico, porém, não se apresenta da mesma maneira que seu conteúdo proposicional” (Ibidem, p. 15). Na enunciação, o sujeito busca realizar três tipos de ato: 1) locutório, que objetiva executar uma série de sons dotada de sentido; 2) ilocutório,³ cuja motivação fundamenta-se na intenção ao produzir certo enunciado; e 3) perlocutório, que consiste nos desdobramentos em uma situação, causados pelo enunciado. Conforme ainda Maingueneau, uma simples pergunta como “O senhor poderia detalhar melhor as informações?”, não obstante a intenção de esclarecer uma situação (ato ilocutório), interromperia ou embaraçaria alguém durante uma reunião (ato perlocutório).

Em sua teoria, Austin chegou a cinco categorias básicas de atos ilocutórios:

1. VEREDITIVOS: “consistem na pronúncia de um veredito, oficial ou não oficial, sobre a evidência ou as razões relativas a valor ou fato, tanto quanto estes se possam distinguir” (AUSTIN, 1962, p. 151);
2. EXPOSITIVOS: “são usados em atos de exposição que envolvem a explanação de concepções, a condução de argumentos e o esclarecimento de usos e referências” (Ibidem);
3. EXERCITIVOS: consistem em “proferir uma decisão favorável ou desfavorável a uma certa linha de ação ou advogá-la” (Ibidem);
4. COMPORTATIVOS: incluem “uma noção de reação ao comportamento e à sorte de outras pessoas, e a noção de atitude e expressão de atitude diante da conduta passada ou iminente de alguém” (Ibidem);
5. COMPROMISSIVOS: consistem em “comprometer o falante com uma certa linha de ação” (Ibidem).

3. Além do adjetivo ilocutório, empregam-se ainda, em português, os adjetivos ilocucional e ilocucionário para a tradução do termo em inglês *illocutionary*, empregado originalmente por Austin.

John R. Searle, por sua vez, reviu a taxonomia e os conceitos de Austin em seu ensaio *Expressão e significado* (2002), publicado em 1979. Na concepção e elaboração do livro didático aqui proposto, utilizamos Searle, para quem existem os seguintes atos ilocutórios:

1. ASSERTIVOS: comprometem “o falante [...] com a verdade da proposição expressa” (SEARLE, 2002, p. 19);
2. DIRETIVOS: “tentativas [...] do falante de levar o ouvite a fazer algo” (Idem, p. 21);
3. EXPRESSIVOS: expressam “um estado psicológico, especificado na condição de sinceridade, a respeito de um estado de coisas, especificado no conteúdo proposicional” (Idem, p. 23);
4. DECLARAÇÕES: “a característica definidora dessa classe é que a realização bem-sucedida de um de seus membros produz a correspondência entre o conteúdo proposicional e a realidade, a realização bem-sucedida garante a correspondência entre o conteúdo proposicional e o mundo [...]” (Idem, p. 26);
5. COMPROMISSIVOS: sem revisão do conceito de Austin; Searle apenas retira dessa categoria alguns verbos incluídos pelo teórico antecessor, como *shall* (haver de), *intend* (ter a intenção de), *favor* (favorecer); de qualquer forma, Searle, similarmente a Austin, entende que os atos ilocutórios compromissivos comprometem “o falante [...] com uma linha futura de ação” (Idem, p. 22).

Como vemos, os estudos sobre os atos ilocutórios fizeram com que a Pragmática possibilitasse pesquisas interdisciplinares, unindo esforços da linguística aos de outras disciplinas para o estudo dos usos da linguagem. Outra contribuição da Pragmática muito útil à concepção e elaboração de nossos livros didáticos e curso de latim instrumental foi o conceito de contexto – isto é, tudo o que cerca a enunciação, tanto de natureza linguística (ambiente verbal) quanto não-linguística (contexto situacional, social, cultural). Comumente, contexto é conceituado de maneira mais específica como a “situação concreta em que os atos de fala são emitidos, ou proferidos, o lugar, o tempo, a identidade dos falantes etc., tudo o que é preciso saber para entender e avaliar o que é dito” (ARMENGAUD, 2006, p. 13). Tradicionalmente, a relação entre texto e contexto era pensada com base numa concepção unilateral, segundo a qual o primeiro elemento do binômio sempre exerce a função de determinar o segundo. Porém, teóricos mais recentes, como Duranti e Goodwin, na esteira de Van Dijk, buscaram observar o dialogismo entre texto e contexto, de modo que esse último deixou de ser compreendido como um delimitador da linguagem, já que também “é ele próprio delimitado por ela. [...] O contexto não restringe simplesmente a linguagem, mas é também

um produto de seu uso” (DURANTI; GOODWIN apud CHARAUDEAU; MAINGUENAU, 2016, p. 128).

Além disso, importa discernir aqui três tipos de contexto, que foram levados em consideração em nossa proposta de livro didático: 1) contexto de enunciação, isto é, de produção do enunciado – em nosso caso, o momento em que se dá a interação entre professor e aluno que tem uma finalidade específica para adquirir o conhecimento de latim; 2) contexto histórico, em que atuam fatores que influencia(ra)m o contexto de enunciação, como, por exemplo, os fatores que leva(ra)m à necessidade de se ensinar latim para profissionais de acervos raros; 3) contexto literário, em que se expressam enunciados em contextos de enunciação fictícios mas que refletem, de alguma maneira, contextos de enunciação reais, a exemplo das páginas de rosto, *incipits*, colofões e *explicitis*, em que há o diálogo entre impressor/editor da obra e leitor e, conseqüentemente, o espelhamento do contexto de enunciação em que foram produzidas as obras raras. É nesse último que devem ser buscados os significados de uma série de novas palavras latinas ou de todo um vocabulário clássico ressignificado, conforme exporemos mais adiante. Convém salientarmos que o contexto literário, em uma análise pragmática, diz respeito à construção do mundo estilizado no interior de uma obra, e diferencia-se do conceito de contexto literário empregado na análise historiográfica, que se relaciona a uma série de fatores que permitem o surgimento da obra.

Para além de fornecer simplesmente dados acerca da situação enunciativa, o estudo do contexto auxilia-nos ainda no discernimento das condições de realização do ato de fala. O conhecimento do contexto, portanto, favorece o desempenho do enunciador, terceiro conceito da Pragmática que empregamos na concepção e elaboração de nossos livros didáticos e curso de latim instrumental. Conforme Duranti e Goodwin, o desempenho diz respeito ao saber e domínio das regras por parte do enunciador, “seja integrando o exercício linguístico a uma noção mais compreensiva, como a de *competência comunicativa*” (Ibidem). O contexto figura, portanto, como um acervo de condições para que o enunciador logre sucesso nos atos de fala. O enunciado será bem-sucedido se, e somente se, estiver bem inscrito na realidade do enunciatário, muito embora o enunciador não pretenda tão somente descrever essa realidade, mas, e sobretudo, levar o enunciatário a ser coatuante na enunciação e tornar-se coenunciador: “Qualquer um não pode dizer qualquer coisa em qualquer circunstância, e esse conjunto de condições torna o ato de linguagem pertinente ou não, legítimo ou não” (MAINGUENEAU, 1996, p. 10).

Como dissemos inicialmente, esses conceitos de ato, contexto e desempenho nortearam a concepção e elaboração do livro didático que serviu de ponto de partida para o desenvolvimento de nosso curso de latim instrumental para bibliotecários. Em sua instância discursiva, entendemos o livro didático, antes de mais nada, como um extenso enunciado preponderantemente

motivado pelo ato ilocutório declarativo, isto é, pela intenção de produzir um enunciado em que, conforme Searle, haja “correspondência entre o conteúdo proposicional e a realidade” do enunciatário. Nesse sentido, partimos do pressuposto de que: 1) o livro didático é, antes de mais nada, um macroato⁴ de linguagem, isto é, um extenso enunciado cujo objetivo é ensinar o todo necessário por meio dos vários atos de linguagem que o compõem e que são possíveis de serem consultados pelo enunciatário; 2) cujo conteúdo proposicional compõe-se, essencialmente, de explicações acerca de regras do sistema gramatical do latim; mas, 3) para que tenhamos competência comunicativa, esse enunciado deve estar inscrito na realidade do enunciatário, ou seja, em seu contexto, que é pensado, nesta Tese, em sua natureza linguística, isto é, o ambiente verbal a que o enunciatário está exposto.

Nessa linha de raciocínio, compreendemos que o ambiente verbal relacionado à língua latina a que está exposto o bibliotecário de acervos raros são as fontes documentais manipuladas por ele para fins técnico-profissionais – identificar informações biblioteconômicas e extrair termos-tópico de assunto. Sendo assim, buscamos maior desempenho discursivo, tomando por base as mesmas fontes com as quais esse enunciatário lida no exercício de sua profissão – folhas de rosto, colofões, *incipits* e *explicitis* de obras raras em latim –, com base em que procedemos à identificação e estudo de vocabulário, estruturas sintáticas e usos de linguagem a serem trabalhados no livro didático e, conseqüentemente, no curso de latim instrumental.

O levantamento e seleção das fontes em que nos baseamos levou em consideração o próprio recorte do acervo de obras raras digitalizado e disponibilizado *on-line* em arquivo PDF pela Fundação Biblioteca Nacional em sua Biblioteca Digital (bndigital.bn.gov.br). Entendemos que esses itens refletem, simbolicamente, tanto para a referida instituição quanto para os bibliotecários de acervos especiais que compõem seus quadros, o que há de mais representativo em termos de obras raras. Em primeiro lugar, observamos que várias páginas de rosto, *incipits*, *explicitis* e colofões de obras raras em latim apresentam alguns traços muito característicos de grafia: redução do ditongo *ae*, variações de grafia, reduções, *linea nasalis* entre outros sinais diacríticos, além do uso de ligaduras. À guisa de exemplo, transcrevemos abaixo o início da bíblia de Gutenberg, mais conhecida como *Bíblia de Mogúncia*, cujos exemplares de 1461 e 1462 integram o acervo da Divisão de Obras Raras da FBN:

4. Teun Van Dijk (1981) entende o texto como complexa unidade pragmática, em que se articulam vários atos de fala funcionalmente interrelacionados, denominando-o, por isso, de macroato de fala.

Inciþ ep̄la ſci iheronimi ad paulmũ p̄biterũ
 de om̄ibꝫ diuine h̄ſtorie libris . ca . p̄mũ.
 Frater ambroſius tua michi munuſcula
 p̄ferens . detulit ſimul et ſuauiſſimas las: q̄
 a p̄ncipio am̄iciaꝝ fidem p̄bate iam fidei:
 et veteris am̄icie noua p̄ferebant. Vera eni
 illa neceſſitudo ẽ . et xp̄i glutino cop̄lata: qm̄
 non vtilitas rei familiaris . non p̄ntia tantũ
 corporũ . non ſubdola ⁊ palp̄as adulaçõ: ſ; dei
 timo: et diuinaz ſcripturaz ſtudia p̄ciliãt. Legi⁹
 in veteribꝫ h̄ſtorijs . quõſdã luſtraſſe p̄uicias .
 nouos adijſſe p̄p̄loſ . maria ſiſſiſſe: ut eos quos
 ex libris nouerãt: coram q̄s uiderent.

Fonte: transcrição do autor.

No excerto acima, destacamos os símbolos que representam reduções parciais ou totais de palavras: *_ciliãt* = *conci- ant* (conci- am), *veterib_* = *ueteri**bus*** (em velhas [...]), *diuina_* = *diuinarum* (das sagradas [...]), *legi_* = *legimus* (lemos), & = *et* (e). Há casos em que sutis diferenças no traçado de uma letra implicam prefixos distintos – *_ferens* = *perferens* (cumpridor) X *_bate* = *probatae* (“com comprovada [...]). Mencionamos, ainda, a presença da *linea nasalis*, isto é, do traço diacrítico empregado em substituição às letras “n” ou “m” pós-vocálicas: *enì* > *enim* (de fato); *tantũ* > *tantum* (somente); *nõ* > *non* (não); *palp̄as* > *palpans* (elogioso). Esse traço diacrítico nada tem a ver com quantidade vocálica, embora se assemelhe graficamente ao macron. Ainda no que diz respeito ao traço diacrítico, observamos seu uso em reduções de uma ou mais consoantes, como em *ẽ*, redução do verbo *est* (é; está; existe), que poderia ser confundida com a preposição latina *e*.

Outras peculiaridades gráficas que merecem destaque são: uso da letra “v” minúscula para grafar a vogal “u”: *vtilitas* (*utilitas*) e *vltimus* (*ultimus*); uso da letra “j” para representar a vogal “i”: *h̄ſtorijs* (*historijs*), *adijſſe* (*adiisse*); influência de línguas modernas na grafia de palavras modernas: ex. *diuine h̄ſtoEie* (*divinae h̄ſtoriae*), *am̄iciaC* (*amiciliarum* em lugar de *amicitiarum*), *adulaçõ* (*adulatio* em lugar de *adulatio*) por influência da língua italiana, *michi* (*michi* em lugar de *mibi*) e *nichil* (*nichil* em lugar de *nihil*) por influência da língua alemã; diversas grafias alternativas devido a hipóteses etimológicas da época – por exemplo, *coelum*, *author* e *sylva* em lugar de *caelum*, *auctor* e *silva*, entre outras. Importante salientarmos que essas grafias não são devidamente explicadas em livros-didáticos, dicionários, tratados, gramáticas e cursos de língua latina existentes no mercado. Frente a isso, tivemos de incluir, no conteúdo do

livro didático e do curso de latim instrumental, esses usos gráficos presentes, sobretudo, em incunábulo e pós-incunábulo, não podendo nos limitar à mera apresentação do alfabeto e pronúncia do latim clássico.

No campo do léxico, verificamos, inicialmente, dois fenômenos básicos: 1) palavras que não vinham do latim clássico ou 2) palavras advindas do léxico clássico, mas que aparecem na documentação de obras raras com novos significados. Para enfrentar ambos os fenômenos, foi necessária a utilização de glossários e estudos sobre latim renascentista, além de glossários técnicos de Biblioteconomia. O advento da imprensa de tipos móveis deu-se em pleno Renascimento italiano, em que houve a renovação lexical do latim patente em neologismos de forma e de significado que se encontram na documentação de obras raras a que o bibliotecário de acervos raros está exposto. O contexto do mundo moderno refletiu-se no latim renascentista por meio de novos substantivos e adjetivos inexistentes na Latinidade clássica, relacionados a nomes de autores, impressores, países, cidades, profissões, ciências etc., que incrementam as páginas de rosto, colofões, *incipits* e *explicitis* das obras raras. Além do conhecimento do sistema gramatical latino, é essencial, portanto, apresentar ao nosso público-alvo empregos de expressões latinas nas obras raras, para que seja desenvolvida a habilidade de se identificarem informações de nome de autor, título de obra, impressor, local, ano, privilégio e licença de impressão. Há ainda expressões que trazem detalhes técnicos sobre o livro, como características da tiragem/edição, mês e dia da impressão etc., e que complementam as informações de autor e título da obra, impressor, licença, privilégio, ano e local de impressão.

Em sua história do Renascimento, Jacob Burckhardt aborda a febre latina que assolou os nomes próprios na época:

Também a pura e simples tradução de um nome para o latim ou grego (que, na Alemanha, tornou-se hábito quase generalizado) é perdoável a uma geração que falava e escrevia latim e que necessitava de nomes não apenas declináveis, como também apropriados à prosa e ao verso. Censurável e amiúde ridículo era, isso sim, a mudança parcial de um nome, tanto de batismo quanto de família, com o intuito de conferir-lhe tom clássico e novo significado (BURCKHARDT, 2009, p. 236-237).

Assim, as páginas de rosto das obras raras exibem nomes como *Americus Vesputius*, *Carolus Linnaeus* e *Johannes Kepl̄erus*, em lugar de Amerigo Vespucci, Carl von Linné e Johannes Kepler. Mas não só os nomes dos autores são latinizados. Os próprios impressores se rebatizaram em latim – *Aldus Manutius* (Aldo Manúzio), *Christianus Wechelus* (Christian Wechel), *Christophorus Plantinus* (Christophe Plantin), *Christophorus Froschouerus* (Christoph Froschauer), *Johannes Baptista Bidellius* (Giovanni Battista Bidelli), *Antonius Maximilianus* (Anton Maximilian Heiss), *Erasmus Kempferius* (Erasmus Kempfer), *Isaacus Elsevinus* (Isaac Elsevin) –, entre outros profissionais da

tipografia. Vinculados a esses nomes, figuram substantivos designativos de atividades artísticas e intelectuais ou de profissões tão antigas como *poeta* (poeta), *magister* (professor), *philosōphus* (filósofo), *mathematicus* (matemático), *medicus* (médico) quanto muito recentes como *impressor* (impressor) e *typographus* (tipógrafo). Ainda a despeito do surto de latinidade em nomes, Burckhardt refere um fator acima de modismos, intrínseco ao funcionamento do latim: uma vez que a língua latina era o veículo de internacionalização do conhecimento, os renascentistas precisavam de nomes declináveis. Dessa forma, os nomes de autor podiam vir expressos na página de rosto, flexionados nos casos do sistema gramatical latino:

- a. genitivo antes ou depois do título da obra – *Johannis Keplēri Harmonices Mundi* (As harmonias do mundo, de Johann Kepler), *Publii Virgilii Maronis opēra* (Obras, de Públio Virgílio Maro), *Pauli Maccii emblemata* (Emblemas, de Paolo Maccio), *Tractatus summularum logicae Pauli Veneti* (Tratado das sùmulas da lógica, de Paolo Veneto), *Navigatio ac itinerarium Johannis Hugonis Linscotani in orientalem* (Navegação e itinerário para o Oriente, de Jan Huygen van Linschoten), *Tabulae astronomiae Alfonsi Regis* (Pranchas de astronomia, do rei Afonso).
- b. ablativo, junto a *auctor, oris* (autor) também no ablativo, na clássica construção de ablativo absoluto – *Antonio Ludovico auctore; auctoribus Hippolyto Ruiz et Josepho Pavon*. As traduções *ipsis littēris* dessas expressões são, respectivamente, “sendo o autor Antonio Luiz” e “sendo os autores Hipólito Ruiz e José Pavon”, mas propomos ao público-alvo uma tradução mais funcional e sintética: “de Antonio Luiz” e “de Hipólito Ruiz e José Pavon”. Assim: *Hymnus tabaci auctore Raphaelae Thorio* (Hino do tabaco, de Raffaele Torio); *Flora Brasiliae, auctore Augusto de Saint-Hilaire* (Flora do Brasil, de Auguste de Saint-Hilaire).

Nomes de autor são acompanhados frequentemente de substantivos designativos de profissões, títulos ou distinções, como *doctor* (doutor), *magister* (professor), *episcōpus* (bispo), *presbiter* (presbítero), *mathematicus* (matemático), *philosōphus* (filósofo), *civis* (cidadão), *rex* (rei) etc.: *Fabritii Paduanii philosophi ac medici tractatus* (Tratado de Fabrizio Padovani, filósofo e médico); *Anagrammatum tractatus authore magistro Angēlo de Ominēis* (Tratado dos anagramas, do professor Angelo de Omineis). Títulos e distinções podem ser referidos também por meio de adjetivos junto ao nome do autor, como *eruditus* (estudioso), *litteratus* (culto), *ingeniosus* (talentoso), *claris* (famoso), *illustris* (conhecido), *dignis* (distinto), *disertus* (eloquente), *solers* (engenhoso). Em geral, esses adjetivos se constroem com o substantivo *vir* (homem), de tradução desnecessária, já que seu uso, no neolatim, fazia-se apenas para imitar o estilo dos autores latinos clássicos, que não adjetivavam antropônimos

diretamente: *Opĕra & arte mirifĭca viri solertis Johannis Hammau de Landoia* (E obras de admirável arte do engenhoso [homem] Johannes Hammau de Landoia); *Ingeniosus vir Johannes Gruniger* (O talentoso [homem] Johann Gruniger). Por vezes, esses adjetivos encontram-se no superlativo para exaltar as qualidades do autor da obra, bem ao estilo retórico dos renascentistas – *eruditissimus* (estudiosíssimo [ou muito estudioso]), *litteratissimus* (cultíssimo [ou muito culto]), *ingeniosissimus* (talentosíssimo [ou muito talentoso]), *clarissimus* (famosíssimo [ou muito famoso]), *illustrissimus* (conhecidíssimo [ou muito conhecido]), *dignissimus* (distintíssimo [ou muito distinto]), *disertissimus* (eloquentíssimo [ou muito eloquente]): *Epigrammata clarissimi disertissimique viri Thomae Mori* (Epigramas do famosíssimo e eloquentíssimo [ou muito famoso e eloquente] Thomas More).

São muito comuns também adjetivos pátrios antigos e modernos junto a nomes de autor – *Petri Nonii Salaciensis opĕra* (obras de Pedro Nunes salaciense [natural de Alcácer do Sal (Portugal), antiga Salácia]), *De idololatriã magĭca dissertatiõ, Johannis Filesaci, theolõgi Parisiensis* (Dissertação sobre a idolatria mágica, de Jean Filesac, teólogo parisiense [natural de Paris]). Outros exemplos são: *Basiliensis* (da Basileia), *Chilensis* (do Chile), *Conimbricensis* (de Coimbra), *Eborensis* (de Évora), *Vercellensis* (de Vercelli), *Peruvianus* (do Peru), *Vlyssiponensis* (de Lisboa).

Em títulos de obra, são muito recorrentes substantivos em nominativo singular ou plural que designam o gênero da obra ou seções do livro – *articulus* (artigo), *tractatus* (tratado), *opus* (obra), *liber* (livro), *epistõla* (carta), *nota* (nota), *commentarius* (comentário), *interpretatiõ/tractatiõ* (tradução), *index* (índice), *vocabularium* (vocabulário), *tabula* (prancha), *tabella* (tabela), *argumentum* (argumento), *observatiõ* (observação), *introductiõ* (introdução), *praefatiõ* (prefácio), *annotatiõ* (anotação), *catalogus* (lista), *prohemium* (proêmio), *sermo* (discurso), *compendium* (compêndio), *dissertatiõ* (dissertação), *descriptiõ* (descrição), *icon/imago* (imagem) entre outros.

A esses, podem se vincular:

1. Antropônimos no genitivo ou ablativo para indicar autoria, conforme exposto anteriormente;
2. Substantivos comuns no genitivo para restringir o gênero ou abrangência temática da obra: *Tabulae astronomiae* (Pranchas de astronomia), *Disciplina et institutiõ puerorum* (Disciplina e ensino dos meninos), *Tractatus summularum logicæ* (Tratado de súmulas da lógica);
3. Expressões *de* + substantivo no ablativo para indicar o tema da obra: *Petri Nonii Salaciensis, de crepusculis liber* (Livro sobre os crepúsculos, de Pedro Nunes Salaciense); *Prohemium de proprietatibus rerum fratris Bartholomæi* (Proêmio sobre as propriedades das coisas do frei

Batolomeu). Em alguns títulos, a expressão reduz-se a *de* + substantivo no ablativo: *De senectute Marci Tullii Ciceronis* (Sobre a velhice, de Marco Túlio Cícero); *De sacramentis in genere* (Sobre os sacramentos em gênero).

Também são muito ocorrentes, em títulos de obra, adjetivos relacionados ao assunto abordado pelo autor. Nos livros em se que exploram questões científicas, verificam-se, obviamente, adjetivos oriundos dos nomes das ciências – *Rudimentorum cosmographicorum Johannis Honteri Coronensis libri III cum tabellis geographicis* (Três livros de rudimentos cosmográficos, de Johannes Honter da Coroneia, com pranchas geográficas); *Anatomia corporum humanorum amplius explicata, multisque novis anatomis inventis, chirurgicisque observationibus aucta a Guilielmo Cowper* (Anatomia dos corpos humanos explicada mais amplamente com novas descobertas anatômicas e ampliada com observações cirúrgicas por Guilielmo Cowper). Outros exemplos de adjetivos desse tipo são *physicus* (físico), *medicus* (médico), *chymicus* (químico), *mathematicus* (matemático), *zoologicus* (zoológico), *zootomicus* (zootômico), *ethnographicus* (etnográfico) etc. Da mesma forma, em obras sobre religião, são recorrentes adjetivos relacionados à temática religiosa: *Cor deo devotum Iesu* (Coração devoto a Deus Jesus); *Missale romanum, ex decreto Sacrosancti Concilii Tridentini restitutum* (Missal romano, restituído conforme o decreto do Sacrossanto Concílio de Trento).

Personalidades famosas no mundo das ciências e da religião emprestam seus nomes à formação de novos adjetivos latinos: *Flora Peruviana, et Chilensis, sive descriptiones et icones plantarum Peruvianarum, et Chilensium, secundum systema Linneanum digestae* (Flora peruana e chilena ou descrições e imagens de plantas peruanas e chilenas, conforme o sistema lineano [de Carl von Linné] de classificação); *Ad articulos Calvinianae, de sacramento eucharistiae, traditionis, ab eius ministris Franciae Antartica evulgatae responsiones* (Respostas aos artigos sobre o sacramento da eucaristia de tradição calviniana [de João Calvino], divulgadas por seus mensageiros na França Antártica). Outro manancial de novos adjetivos são técnicas e instrumentos modernos, como a calcografia (*calcographia*) ou calcogravura, empregada para reprodução de gravuras por meio de matrizes de metal – *calx*, neologismo de sentido –, de onde se originou o adjetivo *calcographicus*, ou o astrolábio (*astrolabium*), desenvolvido no século XV para a navegação com base em teorias matemáticas antigas, de onde surgiu o adjetivo *astrolabicus*.

Há adjetivos que remetem especificamente a procedimentos adotados na elaboração da obra/livro, cuja maioria deriva de verbos: *exprimere* (reproduzir) → *expressus* (reproduzido), *corrigere* (corrigir) → *correctus* (corrigido), *illustrare* (explicar) → *illustratus* (explicado), *recognoscere* (examinar) → *recognitus* (examinado), *emendare* (corrigir) → *emendatus*

(corrigido), *augere* (aumentar) → *auctus* (aumentado), *explicare* (explicar) → *explicatus* (explicado), *conferre* (cotejar) → *collatus* (cotejado), *confirmare* (restabelecer) → *confirmatus* (restabelecido). Em geral, esses adjetivos se constroem com advérbios ou com substantivos no ablativo com ou sem preposição para informar circunstâncias de determinado expediente aplicado à produção do livro: *partim emendatus, partim explicatus, partim confirmatus: denique, omnibus suis membris collatus* (corrigido em algumas partes, explicado em outras, restabelecido em outras: por fim, cotejado em todas suas partes); *editio multis novorum experimentorum problematis aucta* (edição aumentada com muitos problemas de novos experimentos); *Vivae imagines partium corporis humani aeris formis expressae* (Imagens vivas das partes do corpo humano reproduzidas por meio de figuras de bronze); *Cicero collatus cum ethnicis, & sacris scriptoribus* (Cícero cotejado com escritores pagãos e cristãos); *Theodori Pulmanni Craneburgii studio correctae, & argumentis illustrata* ([edição] explicada por argumentos e corrigida graças à dedicação de Theodor Pulmann). Junto a esses adjetivos, podem ocorrer também antropônimos ou substantivos comuns no ablativo antecidos por *alab*, que identifica o responsável pelo referido procedimento: *ab authore recognita, emendataque* (examinada e corrigida pelo autor).

É comum que alguns verbos relacionados a expedientes realizados na produção do livro venham flexionados no pretérito perfeito, a exemplo de *disponere* (organizar), *describere* (desenhar), *colligere* (reunir), *revisere* (revisar), *curare* (cuidar, zelar), *augere* (desenvolver), entre outros. Em geral, esses verbos têm por sujeito personalidades que atuaram como autores primários ou secundários: *disposuit et descripsit Ignatius a Born* (Ignaz von Born organizou e desenhou); *collegit et descripsit Dr. Johannes Baptista de Spix* (o dr. Johann Baptist von Spix desenhou e reuniu); *primum tabulas revisit, denique imprimendas et emendatis coloribus imbuendas curavit Dr. Carolus Fredericus Philippus de Martius* (Primeiramente, Carl Friedrich Philipp von Martius revisou as pranchas e, depois, zelou para que fossem pintadas com as cores corrigidas e impressas); *ad calcem auxit pater Carolus Musart* (o padre Charles Musart desenvolveu para a prensa).

Em obras com vários tomos, volumes ou livros, costumam aparecer os adjetivos *prior* (anterior), *posterior* (posterior) ou *complectens* (que abrange) entre outros, para indicar a organização interna: *Tomus primus sex priores libros complectens* (Tomo primeiro que abrange os seis primeiros livros); *Tomus secundus sex posteriores libros complectens* (Tomo segundo que abrange os seis livros posteriores). É comum que, a partir da segunda edição, a obra informe, na página de rosto, sua peculiaridade frente à(s) anterior(es) por meio de adjetivo no comparativo de superioridade: *editio altera auctior et emendatior* (segunda edição mais ampliada e corrigida); *editio quarta priori emendatior* (quarta edição mais corrigida do que a anterior).

Em títulos de incunábulo, são muito comuns os verbos *incipere* (começar) e *explicere* (terminar), empregados, respectivamente, para indicar início e fim da obra. Em geral, esses verbos aparecem na voz ativa do presente do indicativo, na terceira pessoa do singular (*incipit*, começa; *explicit*, termina) ou do plural (*incipiunt*, começam; *expliciunt*, terminam): *incipit compendium breve et utile* [...] (começa o útil e breve compêndio [...]); *explicit liber apocalypsis beati Johannis apostoli* (termina o livro do apocalipse do beato apóstolo João); *expliciunt tabulae tabularum astronomicae divi Alfonsi Romanorum* (terminam as pranchas das pranchas astronômicas do divino Alfonso dos romanos). Em lugar de *explicere*, às vezes aparece o verbo *finire* (concluir) na voz passiva (*finitur*, é concluído(a) ou conclui-se): *finitur scriptum super Alchabitium ordinatum per Johannem de Saxoniam in villa Parisiensi* (conclui-se o escrito sobre o matemático Al-Qabisi por João da Saxônia na vila parisiense).

Importante aqui chamarmos atenção para a frequência de formas verbais passivas sem agente da passiva, conforme o último exemplo do parágrafo anterior (*finitur* = conclui-se). Esse uso da voz passiva assemelha-se à passiva sintética do português (por exemplo, “vendem-se carros”, “contratam-se atendentes”): *Johannis Nicolai antiqui professoris in academia Tubingensi libri V de sepulchris Hebraeorum: in quibus variorum populorum mores proponuntur, multa obscura loca enucleantur, usus approbantur & abusus rejiciuntur, genuina Hebraeorum sepulchrorum forma ostenditur, illorumque ritus in illis exhibentur et figuris aeneas illustrantur* (Cinco livros sobre sepulturas de hebreus, de Johannes Nicolaus, antigo professor da academia de Tübingen, nos quais se expõem os hábitos de vários povos, examinam-se muitos pontos obscuros, reconhecem-se usos, rejeitam-se abusos, apresenta-se o formato genuíno das sepulturas dos hebreus, e exibem-se, neles, seus ritos e ilustram-se com figuras de bronze).

O local de impressão é expresso por topônimos latinos de cidades, que aparecem geralmente no antigo locativo. Os mais encontrados são de cidades europeias: *Antuerpiae* (Antuérpia, Bélgica), *Basilae* (Basileia, Suíça), *Bononia* (Bolonha, Itália), *Bruxellae* (Bruxelas, Bélgica), *Francofurtum* (Frankfurt, Alemanha), *Monachium* (Munique, Alemanha), *Parisi* (Paris, França), *Patauium* (Pádua, Itália), *Ulysbonal Olyssipponis/ Ulixbonis/ Ulyssiponis* (Lisboa, Portugal), *Venetiae* (Veneza, Itália). Embora o locativo tenha se consagrado internacionalmente no mundo tipográfico, registram-se expressões *in* + topônimo em ablativo, forma menos clássica para circunstância de lugar: *in Verona* (em Verona), *in Brasilia* (no Brasil).

Alguns nomes compostos de cidade apresentam adjetivos gentílicos em genitivo plural referentes ao povo que habitou historicamente a região: *Lugdunum Batavorum* (Leiden dos Batavos [nome histórico da cidade holandesa de Leiden em referência aos batavos, povo da antiga região da Batavia, localizada atualmente nos Países Baixos]); *Lutetia Parisiorum* (Lutécia

dos Parísios [nome latino da cidade de Paris, que alude aos parísios, povo que habitou as margens do rio Sena até a dominação romana]; Mantua Carpetanorum (Mântua dos Carpetanos [nome latino da cidade italiana de Mantova, situada na antiga região da Carpetania e habitada inicialmente pelos carpetanos]); Augusta Vindelicorum (Augusta dos Vindélicos [cidade fundada pelo imperador Augusto na região da Vindelícia, habitada antigamente pelos vindélicos e onde se situa atualmente a cidade alemã de Augsburg]).

A informação de impressor/livreiro aparecia ao final da obra, nos *explicitis* dos incunábulo (século XV), mas já nos pós-incunábulo (século XVI) migrou para a página de rosto, podendo vir repetida ou complementada no colofão. Em geral, a indicação do impressor é feita por meio de expressões *ex/in* + substantivo – a exemplo de *officina* (oficina), *typographia* (tipografia) e *aedis* (casa ou loja) – em ablativo + antropônimo em genitivo: *ex officina Isaaci Elzeviri typographi* (da oficina do tipógrafo Isaac Elzevir), *in aedibus Antonii à Mariis* (na loja de António de Mariz). Registra-se também o uso do substantivo *typus*, *i* (tipo) em ablativo plural sem preposição: *typis Gabrielis de Sancha* (com os tipos de Gabriel de Sancha).

Merecem menção expressões com os substantivos *bibliopola* (livreiro), *typographus* (tipógrafo) e *impressor* (impressor) no acusativo. Esses substantivos também se constroem com antropônimos e são preposicionados por *apud*, que rege o acusativo e significa “em” ou “em casa de”, em aceção mais clássica. No universo da tipografia, a preposição adquire o sentido de “à venda em casa de, na loja de”: *apud bibliopolam Antonium Barneoud* (à venda na loja do livreiro Antoine Barneoud), *apud Logdovicum Rotorigium typographum* (à venda na loja do tipógrafo Luís Rodrigues); *apud impressores Camerales* (à venda na loja dos impressores Camerales).

Verifica-se também o uso do verbo *vendēre* (vender) na voz passiva junto a expressões com *apud*, com sentido semelhante à voz reflexiva do português, como já observamos: *Itinerarium Exstaticum Kircherianum, Physica Curiosa, & Technica Curiosa, venduntur Francofurti & Norimbergae, apud Johannem Andream Endterum, & Wolfgangi Juniores Haerēdes* (Vendem-se o Itinerário Estático, a Física Curiosa e a Técnica curiosa de Kircher em Frankfurt e Noruega, na loja de Johann Andrea Endter, e dos jovens herdeiros de Wolfgang). Outros verbos usados para indicar o nome do impressor são *premere* e seu composto *imprimere*, que costumam aparecer na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo – *impressit, pressit* (imprimiu) – em colofões e *explicitis*: *pressit apud Argentoracos hoc opus ingeniosus vir Johannes Grunige* (o talentoso Johann Grüninger imprimiu esta obra em Strasburg); *impressit hoc opus Angēlus Britannicus die IIII Julii MCCCCLXXXVII* (Angelo Britannico imprimiu esta obra no dia 4 de julho de 1487); *impressit hoc opus Laurentius Hayus* (Laurentius Hayus imprimiu esta obra). Registram-se, ainda, variantes de uso de *imprimere* em que se emprega a voz passiva

do pretérito perfeito do indicativo: *Impressum est hoc opus in Cesaraugusta inclyta civitate justu et auctoritate octo virorum Aragoniae regni deputatorum* (esta obra foi impressa na ilustre cidade de Saragoça por ordem e autorização dos oito avaliadores do reino de Aragão); *impressum est hoc opus Avenioni per Johannem de Channey anno 1525* (esta obra foi impressa em Avignon por Jean de Channey no ano de 1525); *hoc opus impressum est Bononiæ Dominico Lapio Bononiensi procurante ab exemplari ipsius Galeotti. Anno MCCCCLXXXVI* (Esta obra foi impressa em Bolonha editando Domenico Lapio Bolonhês a partir do exemplar do próprio Galeoto).

Convém observarmos que nem sempre se verifica, nessas expressões verbais, a regra do latim clássico segundo a qual o agente da passiva vem em ablativo precedido da preposição *alab* para seres animados. Em grande parte das passivas de *imprimere* que indicam o impressor da obra, o agente da passiva vem em acusativo regido pela preposição *per*, conforme os exemplos supracitados e os seguintes: *Impressum est hoc opus per Henricum de Sancto Urso, in Vicentia, MCCCCLXXXVI* (Esta obra foi impressa por Enrico di Santorso, em Vincenza, em 1486); *impressum est hoc opus per Richardum Pynson regis impressorem* (esta obra foi impressa por Richard Pynson impressor do rei); *hoc opus impressum est per Simonem de Luere* (esta obra foi impressa por Simone da Love). Por fim, encontram-se, em indicações de impressor, expressões com o verbo *excudere* (produzir, compor), que remetem à composição das pranchas tipográficas com as quais a obra foi impressa. Nesse caso, o verbo aparece na terceira pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo, *excudebat* (compunha [a impressão], isto é, imprimia): ex. *excudebat Johannes Alvārus typographus regius* (imprimia João Álvaro, tipógrafo real); *excudebat Christianus Wechelus, sub scuto Basilensi, in vico Jacobaëo* (imprimia Chrétien Wechel, no bairro de Saint Jacques); *Clemens Ferronius superiorum permissu excudebat* (imprimia Clement Ferroni com a permissão dos superiores).

É importante termos em mente que, durante muito tempo, os próprios impressores vendiam seus livros. Portanto, o impressor por vezes era também livreiro, motivo para a preposição *apud* se generalizar e para serem dispensados os substantivos *typographus* e *impressor*: *apud Sebastianum Cramoisy* (à venda na loja de Sebastian Cramoisy), *apud Johannem Baptistam Bellagambam* (à venda na loja de Giovanni Battista Bellagamba), *apud Johannem Baptistam Bidellium* (à venda na loja de Giovanni Battista Bidelli). Mas havia livros que não eram comercializados por seu impressor: *ex officina Christophōri Plantini, apud Johannem Moretum* (da oficina de Christophe Plantin, à venda na loja de Johann Moret), *ex officina Gerardi Morbii, apud Collegium Sorbonae* (da oficina de Gerard Morb, à venda no Colégio de Sorbonne). Em lugar de *apud*, ocorre também *per*, preposição igualmente de acusativo que significa “por” ou, mais adequadamente ao âmbito das imprentas, colofões e *explicitis*, “impresso por”: *per Johannem Rubēum Vercellensem* (impresso por Giovanni Rivio de

Vercelli), *per Petrum Pernam* (impresso por Pierre Perna), *per Johannem Lufft* (impresso por Johann Lufft).

O local de venda da obra às vezes é informado com o verbo *prostare* (estar à venda ou em exposição), em geral na terceira pessoa do plural do presente do indicativo, porque remete aos exemplares do livro: *Prostant Norimberae apud dictos Endteros* ([os exemplares] estão à venda na Noruega, na loja dos conhecidos Endters); *prostantque apud Aegidium Elsevirum* (e [os exemplares] estão à venda na loja de Aegídio Elsevier; *reliqui omnes prostant Francofurti, apud Johannem Arnoldum Cholinum, & apud Haeredes Johannis Godefridi Schönvvetteri* (todos os [exemplares] restantes estão à venda em Frankfurt, na loja de Johann Arnold Cholinus e na loja dos herdeiros de Johann Gottfried Schonwetter); *prostant in via Jacobea apud Claudium Chevallon sub Sole Auræ et apud Johannem Parvum sub Lilio Auræ* ([os exemplares] estão à venda na rua Saint Jacques, na loja de Claude Chevallon sob o Sol de Ouro e na loja de Jean Petit sob o Lírio de Ouro). Registra-se ainda, na indicação do local de venda da obra, expressões com *est venalis* (é o vendedor): *apud quem est venalis* (à venda na loja de quem é o vendedor).

A indicação de impressor pode ser feita também por meio de adjetivos derivados de nomes de tipógrafos famosos, como Christophe Plantin (*Plantinianus*), Aldo Manuzio (*Aldinus*), Sébastien Nivelles (*Nivellianus*), Henric Fetter (*Fetrinus*), Chrétien Wechel (*Wechelianus*), Johann Froben (*Frobenianus*), Johann David Zunner (*Zunnerianus*): *ex officina Plantiniana* (da oficina de Plantin), *in officina Aldina* (na oficina de Aldo), *ex officina Nivelliana* (da oficina de Nivelles), *ex accuratissima officina Frobeniana* (da apuradíssima oficina de Froben). Esses adjetivos verificam-se comumente quando a imprensa indica que o livro saiu da oficina de um impressor, mas quem o imprimiu foi outra pessoa, na maioria das vezes seu descendente: *ex officina Frobeniana per Hyeronimum Frobenium et Nicolaum Episcopium* (da oficina de Froben, impresso por Hyeronimus Froben e Nicolaus Episcopio [filhos de Johann Froben]); *ex officina Frobeniana, per Ambrosium et Aurelium Frobenios, fratres* (da oficina de Froben, impresso pelos irmãos Ambrosius e Aurelius Froben [netos de Johann Froben]). Há casos de livros que não se encontram à venda na livraria de quem o imprimiu: *in officina Wechelianae, apud Danielelem et Davidem Aubrios et Clementem Schleichium* (impresso na oficina de Wechel, à venda na livraria de Daniel e David Aubri e de Clemens Schleich); *ex officina Plantiniana, apud Franciscum Raphelengium* (da oficina de Plantin, à venda na livraria de Frans van Ravelingen); *ex officina Plantiniana, apud Christophorum Raphalengium* (da oficina de Plantin, à venda na livraria de Christopher van Ravelingen); *ex officina Zunneriana, apud Johannem Adamum Jungium* (da oficina de Zunner, à venda na livraria de Johann Adam Jung); *ex officina Nivelliana, apud Sebastianum Cramoisy* (da oficina de Nivelles, à venda na livraria de Sébastien Cramoisy).

Em algumas obras raras, consta a informação de livreiro junto à de impressor, por meio dos substantivos *impensa, ae* (custas) e *sumptus, us* (gastos). Essas palavras verificam-se no ablativo plural e acompanhadas de antropônimos em genitivo para indicar o(s) impressores: *apud Jacobum Lunam: Impensis Leonardi Parasoli & sociorum* (à venda na loja de Giacomo Luna: às custas de Leonardo Parasoli e sócios), *apud Antonium Augerellum, impensis Johannis Parvi & Galeoti à Prato* (à venda na loja de Antoine Augereau, às custas de Jean Petit e Galliot Du Pré), *apud Antonium Fulgonium sumptibus Stephani Borgiae Cardinalis* (à venda na loja de Antonio Fulgoni, às custas do cardeal Stefano Borgia), *sumptibus Venantii Monaldini, ex typographia Octavii Puccinelli* (às custas de Venancio Monaldini, da tipografia de Octavio Puccinelli). Há ainda imprentas que trazem três informações: impressor, financiador e livreiro – *ex officina Alberti Henrici. Impensis authoris & Cornelii Nicolai, prostantque apud Aegidium Elsevirum* (da oficina de Albert Henri. Às custas do autor e de Cornelio Nicolau, e à venda na loja de Aegidius Elsevier).

A obra rara pode trazer também a informação do bairro do impressor/livreiro, por meio da expressão *in + vicus, i* (bairro) em ablativo + antropônimo em genitivo: *in vico Sancti Jacobi* (no bairro de Saint-Jacques, isto é, Quartier Saint Jacques [Bruxelas, Bélgica]), *in vico Sancti Petri* (no bairro de São Pedro [Pádua, Itália]). Registram-se expressões *via, ae* (rua) em ablativo + antropônimo em genitivo para indicar a rua do livreiro: *via Sancti Jacobi* (na rua Saint-Jacques [Paris, França]), *via Sancti Severini* (na rua de Saint-Séverin [Paris, França]), *via Richellii* (na rua de Richelieu [Paris, França]). Merecem menção ainda expressões *sub + scutum, i* (escudo) ou *signum, i* (sinal) em ablativo + substantivo em genitivo ou simplesmente *sub + substantivo* em ablativo, designativas de sinais que identificavam a fachada da livraria: *sub scuto Florentiae* (sob o escudo de Florença, *i.e.*, na livraria de Jean Foucher), *sub scuto Venetiarum* (sob o escudo de Veneza, *i.e.*, na livraria de Jean Petit), *sub signo Salamandrae* (sob o sinal da Salamandra, *i.e.*, na livraria de Denis Moreau), *sub Ciconiis* (sob as Cegonhas, *i.e.*, na livraria de Sébastien Nivelles), *sub flore Lilio* (sob a flor do Lírio, *i.e.*, outra livraria de Jean Petit).

Nas indicações de endereço do impressor/livreiro, o substantivo *via* constrói-se, por vezes, com o adjetivo participial *dictus* (chamado), de tradução desnecessária, e anuncia o nome do logradouro: *via dicta Des Mathurins, S.-J., nº 14* (na rua [chamada] Des Mathurins, Saint-Jacques, nº 14); *via dicta Sainte-Anne, nº. 55* (na rua [chamada] Saint-Anne, nº 55). Em lugar de *dictus*, pode ocorrer o adjetivo derivado do próprio nome da rua, como a *vie de Saint-Jacques*, que em latim era conhecida como *via Iacobaëa* (rua de Jacques), lugar disputado por tipógrafos e livreiros devido à vizinhança com a universidade de Sorbonne. Há ainda designações em que se emprega o substantivo *vicus* (bairro) em lugar de *via: in vico Iacobaëo* (no bairro de Jacques).

Para indicar o ano de impressão, as páginas de rosto, colofões e *explicitis* de obras raras traziam a expressão *annus, i* (ano) em ablativo singular + numeral romano: *anno MDCXXIII* (no ano de 1623), *anno MDCI* (no ano de 1601). Por vezes, *annus* vem suprimido ou reduzido pelas abreviaturas *an.* ou *a.* A numeração romana padrão compõe-se, essencialmente, de sete letras maiúsculas: I (1), V (5), X (10), L (50), C (100), D (500) e M (1000). Para os demais números, empregam-se princípios de adição e/ou de subtração. Se o número à direita for menor ou igual ao da esquerda, somam-se seus valores: ex. XI: 10 + 1 = 11. Caso contrário, subtrai-se o menor do maior valor: XC: 100-10 = 90. Há ainda o princípio de não se repetir um número lado a lado por mais de três vezes: ex. 300 = CCC, mas 400 = CD.

No entanto, na indicação do ano de impressão das obras raras, usam-se, às vezes, formas aditivas como IIII e VIIII em lugar das subtrativas IV e IX. Esse sistema alternativo de numeração, na verdade, foi utilizado na Roma antiga em inscrições oficiais e prolongou-se pela Idade Média. Convencionalizou-se, na Idade Moderna, juntamente com a numeração padrão, a exemplo do relógio da Catedral de Wells, em que constam IIII para quatro horas, mas IX para nove horas. Assim, são frequentes as grafias IIIIII e XXXXXX em lugar de VI e LX. Outra forma alternativa de numeração é o *apostrophus*, que consiste no uso de pares de “c” para representar múltiplos de 1000 e 500:

cIɔ	1.000	ccIɔɔ	10.000	cccIɔɔɔ	100.000
Iɔ	500	Iɔɔ	5.000	Iɔɔɔ	50.000
cIɔIɔ	1.500	ccIɔcIɔ	10.500	cccIɔcIɔ	15.000
cccIɔɔcIɔ	100.500	cccIɔɔcIɔ	150.000		

Fonte: o autor.

Além do ano de impressão, há obras raras que informam o mês em que foram impressas. Em geral, essa informação localiza-se no *explicit* ou colofão, onde se verifica a expressão *mensis* (mês) + nome do mês. A divisão do ano em doze meses corresponde ao calendário adotado pelos romanos após a reforma de Júlio César, no século I a.C. Em latim, nomes de mês podem ser substantivos ou adjetivos.

Na indicação do mês de impressão, esses substantivos se constroem em genitivo singular junto a *mensis* no nominativo singular: *mensis Januarii* (mês de janeiro), *mensis Februarii* (mês de fevereiro), *mensis Martii* (mês de março), *mensis Aprilis* (mês de abril) etc. Enquanto adjetivos, nomes de mês podem ser de 1ª classe (*Januarius, a, um; Februarius, a, um; Martius, a, um; Maius, a, um; Junius, a, um; Julius, a, um; Augustus, a, um*) e de 2ª classe triforme (*September, bris, bre; October, bris, bre; November, bris, bre; December, bris, bre*) ou biforme (*Aprilis, e*). Na expressão do mês de impressão, esses adjetivos

vêm flexionados no masculino e singular, concordando com o substantivo masculino *mensis* (mês), que pode estar no ablativo ou genitivo: *mensē Aprilī* (no mês de Abril), *mensē Januariō* (no mês de Janeiro), *mensē Septembrī* (no mês de Setembro); *Calendis mensis Aprilis* (nas calendas do mês de Junho), *Idibus mensis Januarii* (nos idos do mês de Janeiro), *Nonnis mensis Septembris* (nas nonas do mês de Setembro).

Há obras raras que trazem ainda o detalhe do dia de impressão. Essa informação também se encontra comumente no *explicit* ou no colofão do livro, mas pode vir expressa de maneiras variadas. A forma clássica de se indicar o dia do mês utiliza os substantivos *Kalendae* ou *Calendae* (calendas), *Nonae* (nonas) e *Idus* (idos), que nas obras raras aparecem frequentemente abreviados: kal., cal., calen., non. Esses substantivos representavam, na Antiguidade latina, três referências para a contagem dos dias:

	dia	meses
<i>kalendae</i>	1 ^o	quaisquer
<i>nonae</i>	5 ^o	<i>Januarius, Februarius, Aprilis, Junius, Augustus, September, November, December</i>
	7 ^o	<i>Martius, Maius, Julius, October</i>
<i>idus</i>	13 ^o	<i>Januarius, Februarius, Aprilis, Junius, Augustus, September, November, December</i>
	15 ^o	<i>Martius, Maius, Julius, October</i>

Fonte: o autor.

Para indicar o dia anterior às *Calendae*, *Nonae* ou *Idus*, usava-se o advérbio *pridie* (na véspera): *pridie Calendas Novembris* (na véspera das calendas de novembro, isto é, em 31 de outubro), *pridie Calendas Maii* (na véspera das calendas de maio, isto é, em 30 de abril). Os demais dias eram indicados por meio da expressão *ante dies* (dias antes) + número de dias + nome do dia referência mais próximo em acusativo + nome do mês em genitivo: *ante dies IV Nonas Septembris* = 4 dias antes das nonas de setembro, isto é, em 2 de setembro; *ante dies IV Nonas Octobris* = 4 dias antes das nonas de outubro, isto é, em 4 de outubro. No entanto, essa expressão se simplificou com o tempo, de modo que, em colofões e *explicitis* de obras raras, às vezes não se verifica *ante dies*. Ainda assim, contam-se os dias retrospectivamente: *IX Calen. Novembris* = 9 dias antes das calendas de novembro, isto é, em 24 de outubro; *IX Calen. Julii* = 9 dias antes das calendas de julho, isto é, em 23 de junho. No entanto, há colofões e *explicitis* que documentam uma contagem de dias mais moderna, isto é, progressiva. Em lugar de *Calendae*, *Nonae* e *Idus*, usa-se *dies* (dia) em ablativo + número de dias + [*mensis*] + nome do mês em genitivo: *die 14*

Augusti (no dia 14 de Agosto), *die 21 mensis Januarii* (no dia 21 do mês de Janeiro), *die XIII Maii* (no dia 14 de Maio), *die XXIX Julii* (no dia 29 de Julho).

No que diz respeito à licença de impressão, sabemos que sua concessão, assim como a elaboração de listas de livros proibidos e a fiscalização de livrarias, bibliotecas e tipografias, era incumbência do Conselho Geral da Inquisição. A partir de 1575, visitas anuais às tipografias passaram a ser feitas por ordem do cardeal português D. Henrique I, para coibir a impressão de livros não autorizada pelo Conselho Geral da Inquisição. Integravam esse órgão os padres superiores da Companhia de Jesus (*Superiores Societatis Jesu*), referidos pelo adjetivo *superior*, comparativo de superioridade de *sup̄erus* (alto, elevado), que significa o mais alto ou elevado e, portanto, o superior. A licença de impressão vem indicada no início ou ao final do livro, por meio de expressões *cum* ou *ex/le* + substantivo – *grat̄ia, ae* (obséquo); *permissus, us* (permissão), *auctoritas, atis* (autorização); *facultas, atis* (permissão); *approbat̄io, onis* (aprovação) – em ablativo + *inquisitor, oris* (inquisidor) em genitivo: *cum facultate inquisitoris* (com a permissão do inquisidor), *ex auctoritate inquisitorum* (conforme a autorização dos inquisidores), *cum facultate & approbatione inquisitorum* (com a permissão e aprovação dos inquisidores). Comumente, o substantivo *permissus* não vem preposicionado: *inquisitoris permissu* (com a permissão do inquisidor). Na indicação da licença de impressão das obras raras, é muito comum o adjetivo *superior* vir em genitivo plural (*superiorum*): *superiorum permissu* (com a permissão dos superiores), *ex auctoritate superiorum* (conforme a autorização dos superiores), *cum facultate superiorum* (com a permissão dos superiores). A licença de impressão pode ser expressa ainda por meio dos verbos *imprim̄ere* (imprimir) ou *reimprim̄ere* (reimprimir), na terceira pessoa do singular do presente do subjuntivo voz passiva (*imprimatur*, imprima-se; *reimprimatur*, reimprima-se). Essas formas verbais são empregadas no subjuntivo para que seja registrada a vontade/concessão das autoridades de que se imprima ou reimprima uma determinada obra.

Por fim, o privilégio de impressão consistia na cessão do direito de exclusividade para impressores publicarem e comercializarem uma obra perpetuamente ou por determinado tempo. Essa prática, iniciada na Itália em 1469, retirava a obra de domínio público, proibia sua importação e protegia os impressores dos concorrentes, impedindo que seus trabalhos fossem reproduzidos. Em Portugal, o primeiro privilégio de impressão data de 1502 e foi destinado à impressão do *Livro de Marco Pólo*. A indicação de privilégio vem no início ou no final do livro, por meio de expressões *cum* + *privileḡium, i* (privilégio) em ablativo [+ substantivo em genitivo]: por exemplo, *cum privileḡio* (com privilégio), *cum privileḡiis* (com privilégios), *cum privileḡio regis* (com o privilégio do rei). Há ainda indicações de privilégio detalhando o tempo de duração por meio da expressão *ad annos* + numeral (até [...] anos): *cum privileḡio ad annos XV* (com privilégio até 15 anos).

Nas indicações de privilégio de impressão, é frequente o uso de adjetivos designativos de autoridade como *regius* (real) – por exemplo, *cum privilegio regio* (com o privilégio real). Registra-se ainda o adjetivo *caesarëus*, desviado de seu sentido clássico – relativo a César (Caesar) – e empregado como sinônimo de *regius*: por exemplo, *cum gratia & privilegio caesarëae majestatis* (com o favor e o privilégio da autoridade real), *cum privilegio caesarëo ad annos XV* (com o privilégio real até 15 anos).

No campo da sintaxe, nossa proposta de livro didático e de curso de latim instrumental privilegiou os empregos sintáticos casuais mais recorrentes na documentação de obras raras, seguindo a orientação metodológica de Albert Sidney Hornby. Com relação ao nominativo, observamos seu uso limitado a sujeito em frases verbais ou, em frases nominais, a núcleo de sintagma nominal designando a ideia central da informação presente no teor da página de rosto. Depois do nominativo, o genitivo é um dos casos mais importantes para o trabalho técnico do bibliotecário, já que, em geral, aparece em nomes de autor, sobretudo quando em posição tópica na página de rosto. Outro uso bastante encontrado é o genitivo de matéria que, em vez de informar o material de que se compõe um objeto, apresenta o assunto ou a delimitação temática de que trata a obra. O acusativo tem sua maior frequência em expressões preposicionadas (*apud, per, ad* etc.). Dessa forma, aproveitamos a seção em que explicamos o acusativo para fazer uma explanação inicial sobre a preposição latina e suas peculiaridades gramaticais. Encontramos também o acusativo com *per* com um valor muito próximo ao de agente da passiva, o que mostramos na seção destinada à construção da voz passiva dos verbos latinos, em especial, quando tratamos das regras de construção de agente da passiva. O ablativo apresenta-se também em muitas expressões preposicionadas (*ex, sub, cum* etc.), o que nos ensejou a complementar as informações sobre a proposição latina apresentadas por meio do estudo iniciado com o acusativo. Além disso, existem outros usos sintáticos do ablativo que detectamos na documentação, relacionados a local, tempo, modo, meio, instrumento e agente da passiva. No que diz respeito a local, verificamos a preferência pelo antigo locativo quando se trata de nome de cidade (*Romae, Parisiis, Lugduni* etc.), razão para dedicarmos no livro didático e no curso uma seção dedicada ao locativo e, sobretudo, elaborarmos uma tabela com os nomes das principais cidades em locativo para facilitar o trabalho do bibliotecário. Quanto ao dativo, verificamos poucos usos no *corpus* analisado, entre os quais como objeto indireto e complemento nominal de adjetivo. Por fim, o vocativo quase inexistente na documentação analisada, razão para não termos planejado um capítulo do livro didático ou uma aula para abordá-lo especificamente, muito embora o mencionemos quando apresentamos uma visão panorâmica do sistema casual.

Frente a esse levantamento de características lexicais e morfossintáticas identificadas no *corpus* analisado e com base nas questões teórico-metodológicas

anteriormente expostas, buscamos definir os temas centrais dos capítulos do livro didático e dos módulos do curso. Uma de nossas principais preocupações foi conciliar as explicações acerca de fenômenos gramaticais com explicações que atendessem demandas técnicas da catalogação de um livro em nível básico. Dessa forma, optamos por organizar tanto o livro didático quanto o curso em nove módulos, a partir da eleição de nove temas mais coerentes com o universo do bibliotecário que, ao fim e ao cabo, se encontram articulados com nove temas gramaticais. À guisa de conclusão, apresentamos a seguir o organograma básico do curso “O Latim nas Obras Raras”, que resultou da aplicação dos pressupostos teórico-metodológicos e dos dados obtidos da análise do *corpus* discutidos neste ensaio.

MÓDULO 1: Nome de autor

Objetivo: Desenvolver a habilidade de identificar e recuperar a informação de nome de autor em páginas de rosto e *incipit's* de obras raras em latim.

Ementa: Nome de autor na documentação de obras raras em latim; substantivo latino; conceitos de declinação e de caso latino; caso genitivo.

Programação das aulas

MÓDULO 2: Nome de impressor

Objetivo: Desenvolver a habilidade de identificar e recuperar a informação de nome de impressor em páginas de rosto, *incipit's*, colofões e *explicit's* de obras raras em latim.

Ementa: Nome de impressor na documentação de obras raras em latim; substantivo latino; preposições latinas; caso acusativo.

MÓDULO 3: Privilégio, licença e local de impressão

Objetivo: Desenvolver a habilidade de compreender expressões de licença e privilégio de impressão, além de outras expressões recorrentes em páginas de rosto e *incipit's* de obras raras em latim.

Ementa: Expressões de licença e privilégio de impressão; outras expressões recorrentes em páginas de rosto; caso ablativo; preposições de ablativo.

MÓDULO 4: Expressão de saudação

Objeto: Desenvolver a habilidade de compreender a fórmula de saudação em *incipit's* de incunábulo.

Ementa: Fórmula de saudação em *incipit's* de incunábulo; o dativo nas cinco declinações.

MÓDULO 5: Variantes de expressões

Objetivo: Desenvolver a habilidade de identificar o plural de substantivos em variantes de expressões estudadas nos módulos anteriores e em títulos de páginas de rosto e *incipit's* de obras raras em latim.

Ementa: Variantes de expressões recorrentes em páginas de rosto e *incipit's* de obras raras em latim; o plural de substantivos das cinco declinações.

MÓDULO 6: Prática de leitura de páginas de rosto I

Objetivo: Exercitar a leitura e análise de títulos de páginas de rosto e *incipit's* de obras raras em latim.

Ementa: Prática de leitura e de análise de títulos de página de rosto e *incipit's* de obras raras em latim; tipos e classes de adjetivos; paradigma dos adjetivos.

MÓDULO 7: Data de impressão

Objetivo: Desenvolver a habilidade de identificar e recuperar a informação de data de impressão em páginas de rosto, colofões, *incipit's* e *explicit's* de obras raras em latim.

Ementa: Data de impressão em páginas de rosto, colofões, *incipit's* e *explicit's* de obras raras em latim; números e numerais romanos.

MÓDULO 8: As expressões de *nihil obstat*, *incipit*, *imprimatur* e *reimprimatur*

Objetivo: Desenvolver a habilidade de compreender expressões *nihil obstat*, *imprimi potest*, *imprimatur*, *reimprimatur*, e *impressus, a, um est* na documentação de obras raras em latim.

Ementa: Expressões *nihil obstat*, *imprimi potest*, *imprimatur*, *reimprimatur* e *impressus est* na documentação de obras raras em latim; verbo latino.

MÓDULO 9: Prática de leitura de páginas de rosto II

Objetivo: Exercitar a prática de leitura de páginas de rosto, *incipit's*, colofões e *explicit's* de obras raras em latim e a recuperação de informações básicas para catalogação.

Ementa: Estratégias de leitura e compreensão de frases nominais e verbais em latim; pronomes demonstrativos e relativos.

Referências

ARMENGAUD, Françoise. *A pragmática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

AUSTIN, John Langshaw. *How to do things with words*. Cambridge: Harvard University Press, 1962. BRASIL. Governo Federal. Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931. Dispõe que o ensino superior no Brasil obedecerá, de preferência, ao systema universitario, podendo ainda ser ministrado em institutos isolados, e que a organização technica e administrativa das universidades é instituida no presente Decreto, regendo-se os institutos isolados pelos respectivos regulamentos, observados os dispositivos do seguinte Estatuto das Universidades Brasileiras. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19851-11-abril-1931-505837-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 29 jan. 2022.

BRASIL. Governo Federal. Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5540-28-novembro-1968-359201-publicacaooriginal-1-pl.html#:~:text=Fixa%20normas%20de%20organiza%C3%A7%C3%A3o%20>

e,m%C3%A9dia%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%Aancias.&text=1%C2%BA%20O%20ensino%20superior%20tem,de%20profissionais%20de%20n%C3%ADvel%20universit%C3%A1rio. Acesso em: 22 jan 2022.

BRASIL. Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior. Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e dá outras providências. Disponível em: <https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/5587780>. Acesso em: 29 jan 2022.

BURCKHARDT, Jacob. *A cultura do Renascimento na Itália*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 236-237.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

GRANT, Neville. *Making the most of your textbook*. New York: Longman, 1989.

HORNBY et al. Textbook. *Oxford advanced learners' dictionary of current English*. Heineman Educational Press, 1984.

HUTCHINSON, T.; Waters, A. *English for Specific Purposes: A Learning-centered Approach*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

LEVINSON, Stephen C. *Pragmática*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SEARLE, John R. *Expressão e significado: estudos da teoria dos atos da fala*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

STREVEENS, P. ESP After Twenty Years: a Re-appraisal. In: TICKOO, M. (Ed.). *ESP: state of the art*. Singapore: Regional Language Centre, 1988. pp. 1-13.

VAN DIJK, Teun A. *Studies in the pragmatic of discourse*. The Hague: Mouton, 1981.

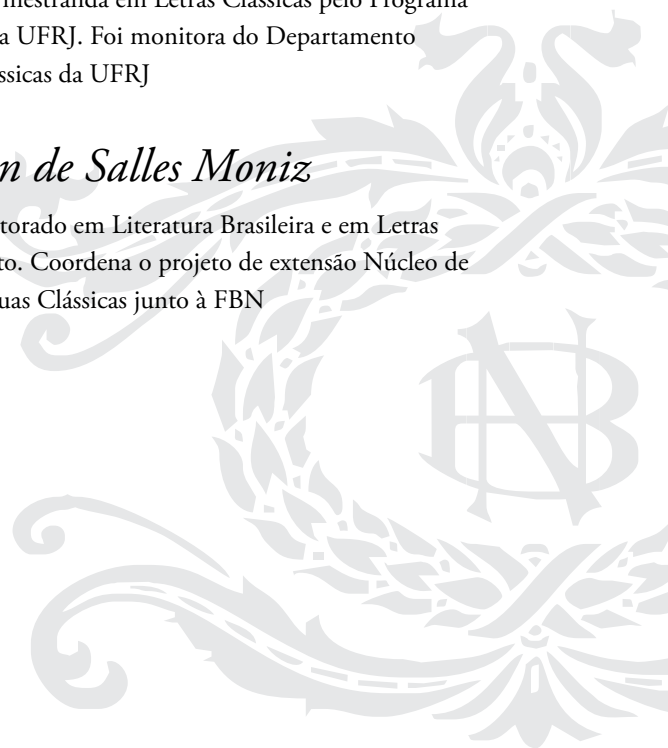
Glossário de topônimos latinos do Brasil em *Historia navigationis in Brasiliam*: breves comentários

Lucia Pestana da Silva

Graduada em Português-Latim pela UFRJ e mestranda em Letras Clássicas pelo Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas da UFRJ. Foi monitora do Departamento de Letras Clássicas da UFRJ

Fábio Frohwein de Salles Moniz

Graduado em Português-Latim, com doutorado em Literatura Brasileira e em Letras Clássicas pela UFRJ, onde é professor adjunto. Coordena o projeto de extensão Núcleo de Documentação em Línguas Clássicas junto à FBN





Resumo

Este artigo objetiva apresentar o processo de elaboração e os resultados do projeto de Iniciação Científica “Glossário de topônimos latinos do Brasil em *Historia navigationis in Brasiliam*”. O *corpus* selecionado para investigação foi *Historia navigationis in Brasiliam*, obra do pastor, missionário e escritor francês Jean de Léry (c.1536-1613), devido à quantidade significativa de topônimos latinos do Brasil. A obra encontra-se depositada no acervo da Divisão de Obras Raras da Fundação Biblioteca Nacional, que desenvolve o projeto de extensão “Núcleo de Documentação em Línguas Clássicas”, coordenado pelo Prof. Dr. Fábio Frohwein de Salles Moniz. Neste texto, exporemos o levantamento lexical feito a partir do *corpus* e temáticas que envolveram o processo de elaboração da pesquisa. Apresentaremos, ainda, alguns dos verbetes estudados que irão compor o glossário proposto.

Palavras-chave: Língua latina. Topônimos latinos no Brasil. Jean de Léry. *Historia navigationis in Brasiliam*. Fundação Biblioteca Nacional.

Abstract

We aim to present the process of elaborating a glossary of Latin toponyms in Brazil, based on data collected in “*Historia navigationis in Brasiliam*” (LÉRY, 1586). The construction of a specific glossary (BORBA, 2003) aims to make easier the work of those who deal with rare works, researchers and historians who deal with the works or subjects covered in the lexicon presented with the glossary. We will present the preliminary studies that are necessary and relevant in the process of elaboration of the proposed glossary with the data researched in the mentioned work.

Keywords: Latin language. Latin toponyms in Brazil. Jean de Léry. *Historia navigationis in Brasiliam*. Fundação Biblioteca Nacional.



Trataremos neste texto de alguns aspectos que envolvem a pesquisa intitulada “Glossário de topônimos latinos do Brasil em *Historia navigationis in Brasiliam*”. A pesquisa vincula-se ao grupo de pesquisa Crítica Textual (CNPq/FBN) e desdobrou-se a partir das atividades desenvolvidas no projeto de extensão Núcleo de Documentação em Línguas Clássicas coordenado pelo Prof. Dr. Fábio Frohwein de Salles Moniz em parceria com a Fundação Biblioteca Nacional (FBN). Nosso trabalho objetiva auxiliar profissionais, pesquisadores e demais interessados nos assuntos relacionados à obra, tais como território brasileiro, Renascimento, representação da cultura ameríndia, língua latina, entre outros. A proposta apresentada é a de elaboração de um glossário de topônimos e neologismos latinizados referentes ao território brasileiro presentes na obra do viajante francês Jean de Léry (1536-1613).

A obra referida teve sua primeira publicação em francês com o título de *Histoire d'un Voyage fait en la terre Du Brésil* e, posteriormente, no ano de 1586, foi traduzida para o latim com o título de *Historia navigationis in Brasiliam* (HNB), conforme desejo de Jean Léry. O autor veio para o Brasil acompanhando um grupo de missionários protestantes que tinha como destino a Baía de Guanabara; mais precisamente a colônia francesa fundada por Nicolas Durand de Villegagnon (1510-1571) e mantida com recursos financeiros enviados por Gaspar de Coligny (1519-1572), almirante francês e líder calvinista. A viagem, que aconteceu no ano de 1556, serviu de repertório para a narrativa de sua primeira vinda à América (MARIZ; PROVENÇAL, 2015).

HNB foi escrita sob as influências de uma relevante fase histórica que se iniciou no séc. XIV e se prolongou até o séc. XVI na Itália: o Renascimento. De acordo com Jacob Burckhardt (2009), no homem da Renascença despertaram o individualismo, o interesse pela essência do espírito humano e pelas pesquisas científicas, o que proporcionou, por exemplo, as grandes navegações que levaram os europeus a descobrirem novos lugares e saberes.

O Renascimento italiano suscitou um interesse pela Antiguidade clássica, em uma busca por respostas para as questões emergentes da época. Com isso, o homem da Renascença italiana redescobriu o mundo clássico e o latim passou a ser a língua franca da elite europeia. As personagens mais conhecidas dessa época eram os humanistas, os príncipes e os cortesãos. O convívio entre esses indivíduos se dava, sobretudo, no âmbito da corte renascentista, que, por sua vez, não se tratava de um lugar propriamente dito, mas, no entender de Peter Burke, de “um grupo de pessoas”, isto é, da “‘família’ de um soberano ou de qualquer outra pessoa importante” (1991, p. 103). Na maioria das vezes, a circulação e produção de textos latinos, fora do contexto religioso, resultaram desse convívio.

A partir de então, o latim clássico passou a ser o modelo usado pelos humanistas que enfatizaram o estilo de escrita e uso de vocábulos de Cícero, célebre autor clássico. Esses humanistas integravam o grupo dos ciceronianos, que

menosprezavam qualquer construção ou uso vocabular que não tivesse sido empregado por Cícero nos textos clássicos. No entanto, as descobertas científicas e expedições que levaram o homem ao descobrimento de novos lugares, culturas, povos e espécies demandavam dos escritores palavras e conceitos não explorados por Cícero. Dessa forma, o uso restrito do léxico ciceroniano não daria conta das demandas de comunicação entre os homens de ciência.

Assim, uma segunda geração de humanistas, contrários ao uso limitado do latim, opôs-se aos ciceronianos, tornando-se conhecidos como os não-ciceronianos. Com isso, novas palavras foram criadas ou latinizadas para suprir a necessidade de representação linguística de novos termos e conceitos, além dos lugares e culturas recém descobertos. Surgiram, então, os neologismos latinos.

Escrever em latim a serviço da ciência foi de fundamental importância para a propagação internacional do conhecimento. Os escritores precisavam, portanto, se expressar com clareza e objetividade para não atrapalharem o entendimento do leitor. A utilização de neologismos como recurso de comunicação em latim, no entanto, por vezes causava problemas na transmissão de sentidos e conceitos mais restritos a uma determinada cultura. Nesse sentido, Johann Ramminger afirma que:

O conflito entre culturas que só podiam afirmar sua incompreensão mútua não podia ser resolvido apenas por estratégias verbais monolíngues; até mesmo o neolatim – há muito usado para integrar unidades semânticas vernaculares em um contexto global – nem sempre conseguia lidar com a divisão semântica iniciada pelo contato com os mundos estrangeiros no Oriente e no Ocidente. (NEO-LATIN, 2014, tradução nossa).¹

O conflito citado por Ramminger não foi diferente no contexto de HNB. No século XVI, um viajante francês encontrou-se com os habitantes do Brasil que eram, predominantemente, tupis. Os europeus tiveram um novo contato com povos, culturas, línguas, fauna e flora bem diferentes das já conhecidas. Em obras como HNB, podemos perceber a visão dos estrangeiros em relação aos habitantes nativos e seu hábitat. Por muitas vezes, ao se tratar de uma palavra específica do território brasileiro, o autor latinizou a palavra de acordo com os recursos gramaticais da língua latina para empregá-la no texto. Por outras, o autor preferiu manter a palavra conforme a língua de partida. Preocupado com a transmissão correta de sentidos, sempre que o autor tratava de

1. “*The clash of cultures which could only affirm their mutual incomprehension was not to be resolved by monolingual verbal strategies alone; even Neo-Latin – long used to integrate vernacular semantic units into a global context – could not always cope with the semantic divide opened up by the contact with the foreign worlds in the East and West*”.

um novo conceito desconhecido do público-alvo de HNB, uma anotação nas marginais foi feita explicando seu conceito.

Listamos alguns exemplos de palavras referentes ao território brasileiro empregadas em HNB que integram o glossário de nosso trabalho. As palavras a seguir não foram alteradas pelo autor para serem encaixadas no texto latino. Parece-nos que o autor buscou representá-las conforme sua fonética: talvez por serem características demais à cultura indígena, o autor tenha buscado retransmiti-las conforme sua experiência.

— **acaraouassou** peixe cará grande. “Acaraouassou, *piscis delicatissimus*” (LERY, 1586, p. 343) (*Acaraouassou*, peixe muito gostoso). Do tupi: *akara* + *uçu* (grande).

— **araroye** adorno usado no corpo feito de penas de avestruz. “*Itaque fit pennarum fasciculus quem sua lingua Araroye appellant.*” (LERY, 1586, p. 86) (E assim, o pequeno feixe feito das penas que é chamado na sua língua de *araroye*.).

— **canide** caninde, arara; do tupi: *kaninde*.

— **genipat** jenipapo; do tupi: *ianyapaba*.

— **ianouare** onça; do tupi: *iaguara*.

— **kaagerre** espírito que atormenta os índios; do tupi: *kaa* (mato) + *guara* (comedor; pegar).

— **maniot** mandioca, raiz usada para fazer o *cauim*, uma bebida fermentada usada em rituais indígenas.

— **manobi** amendoim; do tupi: *mandubi*.

— **orapat** arco; do tupi: *urapar-a*; em tupinambá: *uru-pa*.

— **paco** banana; do tupi: *pakoba*; em tupinambá: *pako*.²

A seguir, trataremos da estrutura e elaboração de alguns exemplos que compõem o glossário proposto.

Exemplo 1: *Ouetacas* é um substantivo latinizado, ou seja, foi adaptado para as convenções gramaticais da língua latina e inserido no texto em latim. Seu referente na língua tupi é *guai-t-aka*. *Ouetaca* refere-se à tribo indígena localizada na extensão do rio Paraíba do Sul e do rio Macaé, onde atualmente se localiza a cidade de Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro. Esse substantivo foi empregado em HNB com as seguintes variantes: *Ouetacas*, *Ouetacates*, *Ouetacati*, *Ouetacatibus* e *Ouetacatium*. De acordo com o conhecimento gramatical latino, observamos que a palavra *Ouetacas* e suas variantes estão seguindo um padrão de substantivos latinos, que é o de mudar sua forma, a

2. Trabalhamos com os dicionários de Barbosa (1951) e Carvalho (1987) para a melhor compreensão dos termos em tupi.

depende da função sintática que ele venha a exercer na construção textual, fenômeno denominado tradicionalmente de declinação ou flexão de caso.

Destacamos que não é nosso interesse, nesta pesquisa, abordar a gramática latina. Por isso, não nos aprofundamos nos conceitos gramaticais do latim. Buscamos, com nosso glossário, atender a um amplo público de interessados nos assuntos em questão e não apenas pesquisadores e profissionais que conheçam latim. Por isso, optamos por empregar termos preferenciais e remissivas na composição de nosso glossário. A exemplo de *Ouetacas*:

— **Ouetacas** *s.* Ouetaca; Goitaca; Guaitaka. Tribo inimiga das tribos Tupi, localizados na extensão do rio Paraíba do Sul e do rio Macaé. Por serem encontrados em uma das regiões do interior do Rio de Janeiro, originou-se o nome do local atualmente conhecido como Campos dos Goytacazes. Do tupi: guai-t-aka.

— **Ouetacates** *cf.* **Ouetacas**.

— **Ouetacati** *cf.* **Ouetacas**.

— **Ouetacatibus** *cf.* **Ouetacas**.

— **Ouetacatium** *cf.* **Ouetacas**.

Podemos perceber, nos exemplos acima, que uma mesma palavra pode variar sua forma. Como dissemos, essa característica da língua latina acontece a depender da função sintática da palavra e número que ela apresenta na frase ou expressão. No nosso glossário, o termo preferencial dos substantivos é representado por sua forma de nominativo singular³ “*Ouetacas*”, seguida de sua classe gramatical “*s*” (substantivo) e, por fim, a acepção da palavra. As entradas remissivas indicam ao leitor o termo preferencial do verbete, “*cf.*”; sendo assim, se referem às demais formas latinas. As remissivas também foram utilizadas quando uma palavra apresenta uma variação ortográfica, como no exemplo a seguir.

Exemplo 2: As palavras a seguir não variam a forma a depender de sua função sintática. No entanto, na obra, podemos perceber que elas apresentam flutuações ortográficas. Representamos essas variantes como entradas remissivas de um termo preferencial.

— **agoti** *s.* cutia, pequeno roedor. Do tupi: *ako-ti*.

— **agouti** *cf.* **agoti**.

— **caouin** *s.* *cauin*, bebida alcoólica indígena feita de milho ou de raízes.

Do tupi: *kau*.

3. O nominativo é a forma latina da palavra que atribui uma função mais geral ao seu emprego. Esta forma é empregada, por excelência, na função de sujeito. Nos dicionários de língua latina, a forma como um substantivo é apresentado na entrada do verbete corresponde ao nominativo.

- **caou-in** cf. **caouin**.
- **caouini** cf. **caouin**.

Exemplo 3: A palavra *caouin* é empregada no texto com a mesma forma em diferentes construções sintáticas, ou seja, o autor optou por não latinizá-la. Observemos seu termo preferencial novamente seguir:

— **caouin** s. cauin, bebida alcoólica indígena feita de milho ou de raízes. Do tupi: *kauí*.

A palavra *caouin*, porém, apresenta em HNB algumas derivações que destacamos a seguir:

- **caouinando** cf. ***caouinare**.
- **caouinandum** cf. ***caouinare** para cauinar.
- **caouinantes** cf. ***caouinare** aqueles que bebem cauin.
- **Caouinantium** cf. ***caouinare**.
- ***caouinare** v. cauinar, beber cauim. “*ad caouinandum frequentes barbari conuenerant*” (LERY, 1586, p. 260) (Os bárbaros se reuniam muitas vezes para cauinar); “*strepitu barbarorum saltantium et caouinantium*” (LERY, 1586, p. 249) (com o barulho de bárbaros que dançam e que bebem cauin).

As palavras derivadas *caouinando*, *caouinandum*, *caouinantes* e *caouinantium* são formas nominais de um verbo que indicam relação com a ação de beber *caouin*. Sua forma de infinitivo verbal não é representada em nenhuma construção durante a obra. A partir das informações analisadas e do nosso conhecimento gramatical da língua latina, contudo, conjecturamos qual seria sua forma infinitiva. O infinitivo foi a forma escolhida para o termo preferencial de um verbo em nosso glossário.

Quando o termo preferencial não foi encontrado em HNB, optamos por usar didaticamente um “*” (asterisco) antes do verbete, indicando nossa conjectura para essa forma.

Observemos, a seguir, mais um exemplo de derivação da palavra *caouin*:

- ***caouinatio** s. ação de beber cauim.
- **caouinationibus** cf. ***caouinatio**.

Desta vez, a partir de *caouin*, o autor construiu um substantivo que claramente apresenta uma forma plural dos substantivos latinos “*caouinationibus*”. Apesar de seu nominativo singular não ter sido utilizado em HNB, conjecturamos sua forma e, assim, usamos o padrão escolhido de termos principais e remissivas no glossário.

Ressaltamos que nossas escolhas para o glossário latino são pensadas não apenas para um público-alvo que saiba a língua latina, uma vez que, para entender um glossário ou dicionário latino, deve-se ter determinado conhecimento gramatical sobre a língua para seu devido uso. Como o nosso público-alvo é bastante heterogêneo, elaboramos os verbetes do glossário, visando, sobretudo, a facilitar a leitura de quem não tem conhecimento de língua latina ou o hábito de pesquisar em dicionários latinos.

Com este trabalho, buscamos contribuir para o tratamento e divulgação de obras raras em latim que narram nossa história e que pertencem ao nosso patrimônio biblioteconômico. Nossa pesquisa de Iniciação Científica é uma pequena colaboração para a difusão da importância do acervo de obras raras da FBN, que guarda livros fundamentais para conhecermos nossa própria história – como HNB, obra que nos possibilita analisar a visão dos europeus diante dos ameríndios, de sua cultura e ambiente.⁴

Referências

- BARBOSA, A. Lemos. *Pequeno vocabulário tupi-português*. Rio de Janeiro: Sao Jose, 1951.
- BURCKHARDT, Jacob. *A cultura do Renascimento na Itália: um ensaio*. Trad. Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BURKE, Peter et al. *O homem renascentista*. Direção de Eugenio Garin. 1. ed. Lisboa: Presença Editorial, 1991.
- CARVALHO, Moacyr Ribeiro de. *Dicionário tupi (antigo) português*. Salvador: BCB, 1987.
- LERY, Jean de. *Historia navigationis in Brasiliam: qua describitur auctoris nauigatio, quaeque in mari vidit memoriae prodenda: Villagagnonis in America gesta: Brasiliensium victus & mores, a nostris admodum alieni, cum eorum linguae dialogo: animalia etiam, arbores, atque herbae, reliquaue singularia & nobis penitus incognita*. Geneve: Suíça, 1586.
- LERY, Jean de. *Histoire d'un Voyage fait en la terre du Brésil*. La Rochelle: Antoine Chuppin, 1578.
- MARIZ, Vasco; PROVENÇAL, Lucien. *Os franceses na Guanabara: Villegagnon e a França Antártica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- NEO-LATIN: Character and Development. In: *Brill's Encyclopaedia of the Neo-Latin World*. Brill: Leiden, 2014. p. 21-36.

4. Os assuntos abordados neste texto são desenvolvidos no trabalho de conclusão do curso de Letras-Latim da Universidade Federal do Rio de Janeiro pela concluinte Lucia Pestana da Silva e orientado pelo prof. dr. Fábio Frohwein de Salles Moniz (SILVA, 2019).

SILVA, Lucia Pestana da. *Glossário de topônimos latinos do Brasil em Historia navigationis in Brasiliam*. 2019. 59f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://ndlcufrij.wixsite.com/home/post/gloss%C3%A1rio-de-top%C3%B4nimos-latinos-do-brasil-lucia-pestana-da-silva>. Acesso em: 5 set. 2020.

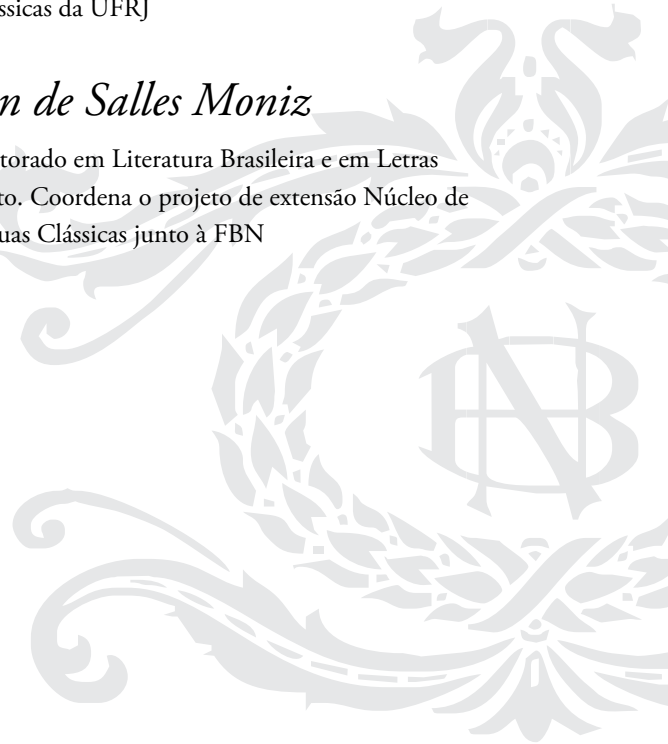
As Heroinae, de Júlio César Escalígero: seleção e tradução

Thamara Martins Santos de Moraes

Graduada em Português-Latim pela UFRJ. Foi monitora do Departamento de Letras Clássicas da UFRJ

Fábio Frohwein de Salles Moniz

Graduado em Português-Latim, com doutorado em Literatura Brasileira e em Letras Clássicas pela UFRJ, onde é professor adjunto. Coordena o projeto de extensão Núcleo de Documentação em Línguas Clássicas junto à FBN





Resumo

O objetivo deste trabalho é apresentar a nossa pesquisa “As *Heroinae*, de Júlio César Escalígero: seleção e tradução”. A ideia de traduzir a obra surgiu do fato de que ela é inédita em português. Buscávamos também contribuir para a divulgação de uma obra rara do acervo da Fundação Biblioteca Nacional, colaborando com pesquisadores de obras raras em latim e do Renascimento. A principal fonte de informação de nossa pesquisa é *Julii Caesaris Scaligeri, viri clarissimi, poemata omnia in duas partes divisa* (1621), cujo exemplar consultado se encontra no acervo do setor de Obras Raras da FBN. Apresentaremos também nossas traduções de sete poemas das *Heroinae*.

Palavras-chave: Língua latina. Renascimento. Júlio César Escalígero. *Heroinae*. Fundação Biblioteca Nacional.

Abstract

The aim of this article is to present our research “As *Heroinae*, de Júlio César Escalígero: seleção e tradução” (“The *Heroinae* of Julius Scaliger: selection and translation”). The idea of translating this work arose from the fact that it remains untranslated to Portuguese. We also sought to contribute to the dissemination of the Fundação Biblioteca Nacional rare books collection, collaborating with researchers who deal with rare works in Latin and Renaissance literature. The main source of information of our research is *Julii Caesaris Scaligeri, viri clarissimi, poemata omnia in duas partes divisa* (1621), which can be found in the FBN Rare Books Division. We will also present our translations for seven poems from the *Heroinae*.

Keywords: Latin language. Renaissance. Giulio Cesare Scaligero. *Heroinae*. Fundação Biblioteca Nacional.



Introdução

O objetivo deste trabalho é apresentar nossa pesquisa de Iniciação Científica “As *Heroinae*, de Júlio César Escalígero, seleção e tradução”. A ideia de traduzir a referida obra surgiu do nosso interesse em conhecê-la no original e do fato de que ela se encontra ainda inédita em português. Além disso, buscávamos desenvolver uma pesquisa que pudesse contribuir para a divulgação de uma obra rara do acervo da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), colaborando com determinados setores da sociedade, a saber, pesquisadores e profissionais que lidam com obras raras em latim e com a literatura do Renascimento. A principal fonte de informação de nossa pesquisa é *Julii Caesaris Scaligeri, viri clarissimi, poemata omnia in duas partes divisa* (1621), que se encontra depositada na Divisão de Obras Raras da FBN. Em nossa pesquisa, procedemos ao estudo sobre o autor, a obra em questão e seu contexto histórico-cultural. Simultaneamente, procedemos à tradução de sete poemas selecionados das *Heroinae*, que apresentaremos ao final deste trabalho. Esta pesquisa vincula-se ao grupo de pesquisa Crítica Textual (CNPq/FBN) e desdobrou-se do projeto de extensão Núcleo de Documentação em Línguas Clássicas, realizado em parceria entre a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a FBN.

Autor, período histórico e obra

Júlio César Escalígero (1484-1558) acompanhou de perto um dos momentos culturais mais importantes para a história da Europa, o Renascimento. Segundo Jacob Burckhardt (2009, p. 145-176), esse momento histórico-cultural deve ser entendido à luz de dois conceitos-chave: individualismo e modernidade. Para o historiador, foi na Renascença italiana que o homem começou a se entender como indivíduo, o que possibilitou o advento de um movimento singular nas artes e letras que marcou uma profunda ruptura com a Idade de Média e se caracterizou, essencialmente, pela busca de modelos tomados da Antiguidade clássica. Historiadores mais recentes, como Peter Burke (2014, p. 17-52), recusam a ideia de que o homem do Renascimento rompeu, abruptamente, com padrões comportamentais e culturais do Medievo, preferindo trabalhar com as noções de continuidade e hibridismo culturais aplicados ao entendimento da sociedade renascentista.

Uma característica do Renascimento que muito interessa para esta pesquisa é o fato de que houve nesse período uma primeira geração de humanistas que criticou veementemente o latim e a literatura medievais, propondo a retomada do latim e dos gêneros literários clássicos (NUÑEZ GONZÁLEZ, 1991, p. 229-257). Dessa forma, intelectuais como Leonardo Bruni, Pietro Bembo e Escalígero julgavam que o latim medieval era um produto

degenerado do latim clássico devido à contaminação causada pelo contato com as línguas bárbaras, em termos de pronúncia, vocabulário e construções sintáticas. Em nossos comentários à tradução do poema selecionado para esta apresentação, retomaremos essa questão do purismo linguístico, presente na linguagem de Escalígero. Além da língua, houve também a recuperação dos principais gêneros literários antigos, como a epopeia, a comédia, a ode, a pastoral, a elegia, entre outros. A formação educacional de um intelectual da Renascença compunha-se, essencialmente, de gramática, retórica e dialética, isto é, de estudos voltados às formas “corretas” de se falar uma língua, discursar em público e formular o pensamento, pois se acreditava que a principal distinção entre homem e animal se dava com o domínio da linguagem. Além disso, o sistema educacional preparava o indivíduo para falar, ler e escrever em latim clássico, língua não somente de prestígio social na corte renascentista, mas também de grande importância para comunicação internacional. Para desenvolver a habilidade da escrita em latim, uma importante etapa do aprendizado consistia na imitação do vocabulário, expressões, sintaxe e estilo dos autores considerados modelares, como Cícero – daí os escritores renascentistas ciceronianos –, e de gêneros literários como epístolas e discursos, entre outros, com o intuito de assimilar o modelo para igualá-lo ou até mesmo o ultrapassá-lo (BURCKHARDT, 2009, p. 203-207).

Considerado um dos maiores eruditos do Renascimento italiano, Júlio César Escalígero possui uma trajetória marcada por muitas incertezas. Na mais recente biografia do autor (HALL JR, 1950), lemos que Escalígero alegava descender dos Della Scala de Verona, família oriunda de uma linhagem de heróis e príncipes da época de Átila, o Huno – daí que ele se auto-intitulasse um *Lescale*: em latim, *Scaliger*. Hall nos conta ainda que Escalígero teria passado algum tempo na Universidade de Bolonha quando estava no auge de sua fama que ele tenha estudado medicina e línguas antigas; e que, aos 40 anos, devido à fragilidade de sua saúde abandonou a carreira militar para se dedicar à produção de epístolas. Ainda conforme Hall, o autor das *Heroinae* conquistou reputação internacional como médico, o que fez com que muitas pessoas o procurassem para aprender medicina. Alguns de seus epigramas foram dedicados a alunos, como o escritor francês François Rabelais. No entanto, Paul Kristeller (1952, p. 394-396), em resenha ao livro de Hall, pondera que a biografia de Escalígero apresenta contradições de fatos históricos e geográficos conhecidos e que, sobretudo, não pode ser confirmada por evidências documentais. Kristeller salienta que nenhum registro foi encontrado até então sobre suas conquistas militares, sua ligação com a corte do imperador Maximiliano ou mesmo acerca de seus estudos universitários em Bolonha.

Com relação às obras de Escalígero, destacamos os seguintes livros publicados em vida: *Discurso a favor de Cícero contra o Ciceroniano de Erasmo*

(1531); *Sobre os limites do cômico* (1539); *Treze livros sobre os casos da língua latina* (1540); *Dois livros contra os dois livros de Aristóteles sobre as plantas* (1556); e *Exercitações públicas acerca da sutileza contra Cardano* (1557). Após sua morte, foram impressos: *Seis livros poéticos* (1561); *Comentários e advertências contra o De causis plantarum de Teofrasto* (1566); *Sete livros sobre a sabedoria e a felicidade* (1573); *Primeiros tomos de miscelâneas acerca das causas e efeitos das coisas* (1570); *O livro da história dos animais de Aristóteles, com tradução para o latim e comentários* (1584); e, enfim, *Epístolas e discursos* (1600). A julgar pelos títulos, podemos notar que Escalígero dedicou-se não somente a gêneros literários diversificados – poesia, oratória, epístola –, bem como a áreas do conhecimento variadas, como crítica literária, gramática, música, botânica, zoologia e filosofia, o que vai ao encontro do espírito do intelectual renascentista, interessado em todos os assuntos que dizem respeito ao ser humano. Embora Escalígero seja considerado um dos maiores expoentes da primeira geração de humanistas renascentistas, nenhuma de suas obras foi ainda traduzida no Brasil, o que confere originalidade e relevância acadêmica à nossa proposta de pesquisa.

Os poemas cuja tradução apresentaremos ao final deste trabalho integram a obra *Heroïnae*, uma coletânea de poemas publicada nos *Seis livros poéticos* de Escalígero. Em *Heroïnae*, o autor reuniu 107 poemas em dístico elegíaco com extensão variável entre 4 e 28 versos. Todos esses poemas são intitulados com nomes de personagens mormente femininas que podemos classificar basicamente em três tipos: personagens históricas antigas, personagens históricas modernas e personagens mitológicas/lendárias. A título de exemplo, mencionamos, dentre as inúmeras personagens históricas antigas: Cornélia Tibério Graco, Cleópatra, Cornélia Túria, Hortênsia, Julia Pompei e Safo. As personagens históricas modernas ocorrem em menor número e são da época de Escalígero: Constância Rangonia, Ângela Nogarola, Verônica Gambará, Laura Schiopa, Cecília Bergamina e Berenica Lodronia. No grupo das personagens mitológicas ou lendárias, encontramos muitas figuras do imaginário greco-latino: Níobe, Penélope, Circe, Alcmena, Briseida, Dejanira, Hero, Lavínia, Manto, Dido, Hécuba, Andrômeda, Polixena, Pentesileia, Hipólita, Cassandra, Alcíone, Ariadne, Medusa, Alceste, Creusa e Lucrecia.

As *Heroïnae* ilustram, de maneira exemplar, como os autores renascentistas praticavam conscientemente os procedimentos de imitação e emulação literárias, uma vez que essa coletânea poética mantém estreita ligação com o modelo ovidiano, embora não sem apresentar inovações. A proposta de um livro de poemas em dísticos elegíacos inspirados em personagens femininas mitológico-lendárias ou históricas foi também realizada pelo poeta latino elegíaco Públio Ovídio Naso por meio das *Heroides*, compilação de 18 epístolas em versos escritas por heroínas a seus amantes, com perspectivas “quase sempre trágicas” (CITRONI, 2006, p. 589) de seus futuros. Além dessas

epístolas, existem três respostas de amantes às heroínas, de modo que a obra de Ovídio apresenta um total de 21 epístolas com os seguintes pares de remetente-destinatário: Penélope-Ulisses, Fílis-Demofoonte, Briseida-Aquiles, Fedra-Hipólito, Enone-Páris, Hipsípila-Jasão, Dido-Eneias, Hermíone-Orestes, Dejanira-Hércules, Ariadne-Teseu, Cànane-Macareu, Medeia-Jasão, Laodâmia-Protesilau, Hipermnestra-Linceu, Safo-Fáon, Helena-Páris, Páris-Helena, Leandro-Hero, Hero-Leandro, Acôncio-Cídipe e Cídipe-Acôncio.

Nossa proposta de tradução

Ao traduzirmos um texto, precisamos ter em mente que a mensagem contida no texto original terá um correspondente na língua-alvo. Para isso, precisamos conhecer tanto as estruturas linguísticas presentes no texto original quanto seus correspondentes na língua-alvo. As vantagens e desvantagens da tradução literal e da tradução literária ainda são muito discutidas. A tradução literal pode acarretar certas dificuldades de compreensão por parte do leitor. Por outro lado, recriar completamente o texto, tendo como preocupação apenas seu conteúdo, prejudica a percepção da identidade da obra em sua tradução. Além desses dois tipos de tradução, há também a tradução técnica, ou seja, uma proposta tradutória voltada à recuperação de termos técnicos presentes na cultura e na língua de um povo relativos a um tema específico ou um determinado texto literário.

Para Susan Bassnett (2002), existem três tipos de tradução: interlingual, a intralingual e a intersemiótica. O primeiro tipo se caracteriza pela relação que o tradutor busca fazer entre diferentes códigos linguísticos, isto é, o tradutor estabelece uma correspondência entre signos verbais da língua de partida e signos da língua de chegada. Na tradução intralingual, por sua vez, o tradutor interpreta signos verbais presentes na língua de partida por meio de outros signos dessa mesma língua – ou seja, o tradutor reformula a obra na sua língua de origem. A tradução intersemiótica consiste na interpretação de signos verbais através de um sistema de signos não-verbais. Em outras palavras, o tradutor adapta o texto literário antigo para outro código, como uma peça teatral, filme, quadrinho etc.

No que diz respeito especificamente à poesia, Bassnet (Idem) entende que há quatro tipos de tradução: fonêmica, literal, métrica e interpretativa. O primeiro tipo pretende reproduzir o som da língua de partida na língua de chegada, fazendo assim uma paráfrase de sentido. A tradução literal é aquela em que o tradutor se centra na tradução palavra por palavra, o que, por consequência, deturpa o sentido e a sintaxe do texto original. A tradução métrica é aquela em que existe a emulação da métrica original no texto traduzido, a exemplo das traduções que Carlos Alberto Nunes fez da *Iliada*, *Odisséia* e

Eneida, utilizando os chamados versos núnicos ou hexâmetros portugueses. Bassnet (Idem) assevera que esse tipo de tradução geralmente implica alteração de sentido, valor comunicativo e sintaxe do texto original. Por fim, a tradução interpretativa é aquela em que a essência do texto permanece, mas a forma é modificada.

Heloísa Gonçalves Barbosa (1989, p. 53-75) propõe outra forma de classificação dos tipos de tradução, trabalhando com a dicotomia tradução direta X tradução oblíqua. A primeira equivale, na verdade, à tradução literal, ou seja, à tradução palavra por palavra, que pode apresentar três procedimentos básicos: 1) empréstimo (transcrição/transliteração de palavras ou expressões da língua de partida sem equivalentes na língua de chegada), 2) decalque ou aclimatação (tradução literalmente de sintagmas do texto original para o texto traduzido) e 3) tradução literal propriamente dita (adequação da morfossintaxe para as regras gramaticais da língua-alvo, mantendo a semântica).

Já a tradução oblíqua prescinde da literalidade, uma vez que o tradutor não pretende exaurir os significados, estruturas e elementos culturais presentes no texto de partida. Portanto, essa tradução é usada para suprir o que a tradução direta não abrange, como: desfazer mal-entendidos, significados e incompreensões. Na tradução oblíqua, o tradutor opera com quatro procedimentos básicos: 1) transposição (mudança de categoria gramatical), 2) modulação (expressão do sentido na língua de origem para a língua-alvo), 3) equivalência (substituição de palavras ou expressões na língua de origem para expressões com o mesmo valor semântico na língua-alvo) e 4) adaptação (recriação do texto da língua-alvo para não haver um equivalente semântico direto, trazendo assim a leitura para mais perto do leitor).

Além desses procedimentos básicos citados, o tradutor pode ainda lançar mão de outros recursos: explicação (eliminação dos estrangeirismos, substituindo-os pelas suas explicações para facilitar a leitura do texto); transferência (inserir no texto traduzido o conteúdo do texto original); melhorias (corrigir possíveis erros cometidos na língua de origem para a língua-alvo); reconstrução de períodos (redivisão e reorganização do texto na língua original para a língua-alvo, para deixá-lo sintaticamente organizado); compensação (reprodução, na língua-alvo, dos recursos estilísticos utilizados na língua de origem, utilizando outros recursos equivalentes); explicitação (explicitar um elemento devido à estrutura da língua-alvo); omissão (omitir elementos da língua de origem por serem repetitivos ou desnecessários) e a tradução palavra por palavra (manutenção das categorias gramaticais na mesma ordem sintática do texto de partida e utilização de vocábulos com o mesmo valor semântico dos presentes na língua de origem).

Diante de tantos tipos de tradução e procedimentos tradutórios, nossa proposta de tradução dos poemas selecionados das *Heroinae* de Escalígero centrou-se na tentativa de emular, em português, dois elementos essenciais:

conteúdo e estilo de linguagem. Por conteúdo, referimo-nos à mensagem original e, sobretudo, às imagens poéticas elaboradas pelo autor por meio de figuras de linguagem como metáforas e metonímias, entre outras. Dessa forma, buscamos reconstruir essas imagens em português, preocupando-nos em explicitá-las e, assim, torná-las mais perceptíveis ao leitor. No poema dedicado a Safo, por exemplo, traduzimos a passagem em que o eu-lírico descreve o voo do deus Amor pelos cumes nevados dos montes (“*Marmora praepetibus transuolat alta uiis*”, v. 3), empregando, para *marmora*, “picos marmóreos” em lugar de “mármoreos”, que seria uma tradução mais literal: “[Amor] atravessa picos marmóreos elevados por vias aladas”.

Com relação à linguagem, nossa proposta reflete a preocupação de emularmos, em português, o estilo classicizante de Escalígero. Como mostramos anteriormente, houve, no Renascimento italiano, um grupo de humanistas que defendiam a imitação de Cícero, os chamados ciceronianos ortodoxos. Por extensão, esses humanistas somente concediam a qualidade de bom latim (*latinitas*) aos autores do tempo de Cícero, considerada a fase de perfeição da língua latina, de modo a restringirem o léxico às palavras utilizadas pelo orador ou por outro autor de sua época e a condenarem taxativamente a criação de neologismos e, inclusive a formação de palavras derivadas. Os ciceronianos mais radicais chegavam a recriminar formas flexionadas de uma palavra que não estivessem documentadas em obras da época de Cícero. No poema “Cleópatra”, por exemplo, Escalígero dá claras mostras de subscrever ao purismo linguístico dos ciceronianos ortodoxos ao não empregar o termo *tyranna*, que seria neologismo, para concordar em gênero com Cleópatra, preferindo ater-se à palavra *tyrannus*, mais em conformidade com o vocabulário clássico.

Dessa forma, em nossa proposta de tradução, priorizamos uma seleção vocabular que refletisse essa obsessão ciceroniana pelo clássico. Para tal, buscamos sinônimos de substantivos, adjetivos e verbos que conferissem ao texto traduzido um estilo de linguagem mais próximo da poesia brasileira do século XIX, como, por exemplo, no poema “Ariadne”: “*Dura abitum ex patria miserum cui fata dissent, / In patriam reditum fila dedere mea*”, v. 1-2 (Duros fados obrigaram da pátria o triste exílio/ a quem meus fios concederam o retorno à pátria). Para traduzir o substantivo *fata*, optamos por “fados” ao invés de “destinos”. Um segundo recurso que utilizamos para atingir esse efeito estilístico, que já pôde ser verificado também no excerto anterior, é a preferência pela inversão sintática: “da pátria o triste exílio” em lugar de “o triste exílio da pátria”, bem ao gosto de nossos poetas novecentistas. Outro exemplo é: “*Impia fatali turgens insania luctu / Militiam stolidam miscet utranque necem*”, v. 1-2 do poema “Briseida” (Inchando-se de luto fatal, a ímpia insânia/ milícias imigas mescla em estúpido morticínio). Notemos a construção “milícias imigas mescla” em lugar de “mescla milícias imigas”, além da opção por “imigas” em detrimento de “inimigas”.

À guisa de conclusão, apresentamos a tradução dos sete poemas selecionados, bem como em suas respectivas notas, que proporcionarão ao leitor não especializado o conhecimento das personagens abordadas (Ariadne, Briseida, Dejanira, Hero, Laodâmia, Penélope e Safo) e a compreensão de alusões sutis presentes em palavras e expressões.

ARIADNA

*Dura abitum ex patria miserum cui fata dissent,
In patriam reditum fila dedere mea.
Perfide complexu ex patrio miseram abstrahis ergo:
Vt peream trucibus perditam praeda feris?
Haec ego commerui laeso patre, fratre perempto.
Qui meruisse facit, quid meruisse putes?
Haec merui, at per te. quin seruatrice relicta
Qui scelus his addit, quid meruisse putes?*

ARIADNE¹

Duros fados obrigaram da pátria o triste exílio
a quem meus fios concederam o retorno à pátria.
Portanto, arrancas, ó pérfido, uma desgraçada ao paterno abraço.
Como eu, exasperada presa, fugirei de bravias feras?
Tudo isto, eu mereci, porque ultrajei meu pai e matei meu irmão.²
Que pena mereceria quem fez por merecer?
Tudo isto, mereci, mas por tua causa. E quem desprezou sua libertadora,
um crime a mais, que pena mereceria?

1. De acordo com Pierre Grimal (2005), Ariadne era filha do rei Minos e de Pasífae. Apaixonou-se por Teseu e, por isso, ajudou-o a encontrar o caminho pelo labirinto para matar seu irmão, o Minotauro, dando-lhe um novelo de fio. Após isso, fugiu com Teseu para escapar da ira de Minos, mas foi abandonada por seu companheiro na ilha de Naxos. Em seguida, foi encontrada por Baco, que logo se apaixonou e se casou com ela. Juntos, tiveram quatro filhos: Toas, Estáfilo, Enópion e Peperetos. Fontes primárias para o estudo de Ariadne: Apollodoros, *Epitome*, I, 9; Plutarchus, *Theseus*, 20; Pausanias, I, 20, 3; X, 29, 4; Catullus, *carmen* LXIV, 116 e s.; Ovidius, *Heroides*, X; *Metamorphoses*, VIII, 174 e s.; Hyginus, *Fabulae*, 43; cf. *Odyssea*, XI, 321 e s.; Propertius, *elegia* I, 3, 1 e s., Eratosthenes, *Catasterismi*, 5. Cf. A Von Salis, *Theseus und Ariadne*, *Festschr. der Arch. Ges. zu Berlin*, 1930; A. M. Marini, *Il mito di Arianna...*, A. e R., 1932, p. 60-97; 121-142, Ch. F. Herberger, *The Thread of Ariadne, The labyrinth of Calendar of Minos*, New York, 1972; R. E. Eisner, *Ariadne in religion and myths, prehistory to 400 BC*, bin. Stanford Univ., 1971.

2. Provavelmente, Escalígero emprega aqui o substantivo *frater* em referência ao Minotauro, filho bastardo de Pasífae com o touro de Creta. Conforme nota acima, Ariadne ajudou Teseu a matar o Minotauro e, neste poema, portanto, a personagem feminina sente-se responsável também pela morte de seu “meio” irmão.

*BRISEIDA*³*Impia fatali turgens insania luctu**Militiam stolidam miscet utranque nece.**Pro Graeca moriens mordet Troianus arenam.**Et pro Troiano crimine Graecus obit.**Fas fuerat repeti praedas ex hoste: sed inter**Ciues unanimes bella cedere, quid est?*

BRISEIDA

Inchando-se de luto fatal,⁴ a ímpia insânia

milícias imigas mescla em estúpido morticínio.

Por uma grega,⁵ um troiano,⁶ morrendo, morde a areia.E, por um crime troiano, morreu um grego.⁷

Permitido fora retormar despojos do inimigo.

Mas, entre cidadãos concordes, o que incitará guerras?

*DEIANIRA**Omnis uita tibi⁸ mortis famulatur honore:**Viuentem contra uiuere nil potuit.**Mortua res perimit, tot pestibus ante peremptis.**Dum non extaret, quod superesset, erat.**Vnum aueo fecisse meum: simul omnia perdo.**Qualis amor docuit, posse necare uirum?*

3. De acordo com Pierre Grimal (ibidem), Hipodâmia ou Briseida – designação a partir do nome de Briseu, seu pai – era casada com Minês, assassinado por Aquiles na Guerra de Troia. Após a morte de seu marido, Briseida foi tomada por Aquiles com espólio de guerra, tornando-se a escrava favorita do guerreiro grego, além de ter sido também amada por ele. Fontes primárias para estudo de Briseida: *Iliada*, I, 318 e II, 688 e ss.; *scol.*, XIX, 291; Quintus Smyrnaeus, III, 522 e s.; *scol. ad Iliada*, I, 392; Eusthatius, *ad Homerum*, 77, 30; Tzetzez, *ad Lycophronem*, 345; *Anteh.*, 350 e s.; Pausanias, V, 24, 11; X, 25, 3; Ovidius, *Heroides*, 3.

4. Provavelmente, Escalígero alude aqui ao luto que Briseida sentiu pela morte de seu marido Minês, assassinado por Aquiles durante a guerra de Troia.

5. Helena, esposa de Menelau.

6. Heitor, que morreu em combate singular contra Aquiles, tentando proteger Helena.

7. Pátroclo, um dos gregos que lutou na guerra de Troia e foi assassinado por Heitor após se passar por Aquiles, quando o mesmo se recusou a lutar.

8. Hércules, herói casado com Dejanira.

Desprezada ou indiferente, puniste-a com irascível decisão,
sendo o teu pélagos atroz vingadora?

LAODAMIA

Hector, ego saeuum non deprecor esse marito

Quippe decet fortem sorte perire sua.

Fata trahunt. cadat ille suis obnoxius ausis.

At nostrae mortis gloria parua tibi est,

Ille potest periisse tuis interritus armis.

Ast ego, quid? dextra tam procul una tua.

LAODÂMIA¹²

Heitor,¹³ eu não te demovo das crueldades contra meu marido:

De fato, convém a um bravo morrer por seu próprio destino.

Os fados arrastam. Que ele, fraco, morra devido a sua ousadia.

Mas, para ti, é pouca a glória de nossa morte,
ele ter morrido intrépido às tuas armas.

Então, que posso eu tão longe de tua destra?

PENELOPE

Atrides repetit uario dum funere moecham:

Ah sese moechum fecit habere domi.

Vincere bis Laertiade¹⁴ est: qui uiceris hostem,

Hostem victorem nullum habuisse tori.

12. Segundo Pierre Grimal (ibidem), Laodâmnia era um nome comum entre várias heroínas, entre as quais a filha de Belerofonte, que teve um filho com Zeus chamado Sarpédon e morreu jovem, vítima de uma flecha lançada por Ártemis. A outra era filha de Acasto e mulher de Protesilau (primeiro grego a morrer em Troia); ela, ao saber da morte de seu marido, pediu aos deuses que lhe concedessem mais três horas com ele. Passadas essas horas, Laodâmnia suicida-se nos braços de Protesilau. Fontes Primárias para o estudo da Laodâmnia: Apollodorus, *Bibliotheca*, III, 7, 3; Pausanias, I, 39, 2; IX, 5, 13; 8, 6; 9, 5; 10, 3; cf. Herodotus, V, 61.

13. A referência a Heitor aqui se deve provavelmente ao fato de que foi ele que matou o marido de Laodâmnia, Protesilau, o que nos leva a crer que Escalígero trabalha aqui com a segunda Laodâmnia mencionada na nota acima.

14. Notar a monotongação do ditongo *-ae* (*Laertiadae* > *Laertiade*), terminação de genitivo singular de 1ª. declinação, fenômeno encontrado em textos medievais e renascentistas.

SAFO²⁰

O alado Amor anunciou-se terno há pouco no antro de Vênus,
 como o murmúrio do abundante mar em suas águas profundas;
 o Amor, que há de se submeter aos jugos secretos das irmãs Castálides²¹,
 atravessa picos marmóreos elevados por vias aladas.
 Daí, através das regiões da Aônia, inclinando-se para baixo,
 percorre, como leve brisa, o nobre solo de Lesbos.
 Trouxe consigo, nas ágeis asas, uma nuvem da Piéria;
 em seguida, concede-te os direitos de sua pena.
 Um brando Amor, uma terra tranquila, o sopro muito suave da brisa
 concedem-te, Safo, doces escritos.

Referências

- BARBOSA, Heloísa Gonçalves. *Procedimentos técnicos da tradução: proposta de recategorização*. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.
- BASSNETT, Susan. *Translation studies*. 3. ed. London and New York: Routledge, 2002.
- BERMAN, Antoine. *A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo*. Tradução: Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.
- BURCKHARDT, Jacob. *A cultura do Renascimento na Itália: um ensaio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BURKE, Peter. O cortesão. In: GARIN, Eugenio (dir.). *O homem renascentista*. Direção de Eugenio Garin. Lisboa: Presença Editorial, 1991. p. 99-120.
- BURKE, Peter. *O Renascimento*. Tradução: Rita Canas Mendes. 2. edição. Lisboa: Texto & Grafia, 2014.
- CITRONI, Mario et al. *Literatura da Roma Antiga*. Tradução: Margarida Miranda e Isaías Hipólito. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.
- DUGGAN, Christopher. *História concisa da Itália*. Tradução: Natalia Petroff. Belo Horizonte: Edipro, 2016.

20. A poetisa Safo nasceu em Éreso, na costa ocidental de Lesbos, mas viveu em Mitilene; e, durante alguns anos, esteve exilada na Sicília. Era casada com Cercilas, rico comerciante de Andrós e teve uma filha, abordada em sua poesia com grande afeto. O amor e a homoafetividade são temas recorrentes na poesia de Safo, e o alto teor de erotismo provocou a censura de suas obras na Idade Média. Safo é considerada a maior poetisa do gênero lírico na Antiguidade.

21. As irmãs Castálides são as Musas. É provável que Escalígero empregue metapoeticamente essa referência às Musas, aludindo às convenções temáticas e formais dos gêneros poéticos, isto é, às regras do gênero literário a que Amor deverá se submeter.

EASTERLING, P.E.; KNOX, B.M.W. *Historia de la literatura clásica: Literatura griega*. Tradução: Federico Zaragoza Alberich. Madrid: Editorial Gredos, 1990.

GIGLIO, Stefania Sansone Bosco. Cavaleiros, *de Aristófanes: estudo de uma proposta de tradução*. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2017.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. 5. ed. Tradução de Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2005.

HALL JR., Vernon. *Life of Julius Caesar Scaliger*. Filadélfia: The American Philosophical Society, 1950.

HERBERMANN, Charles George (ed.). *Catholic Encyclopedia*. S.l.: Robert Appleton Company, 1913. v. 13.

KRISTELLER, Paul Oskar. Life of Julius Caesar Scaliger (1484-1558) By Hall Vernon Jr. *The American Historical Review*, vol. 57, n. 2, jan. 1952, p. 394-396.

LAW, John. O príncipe renascentista. In: GARIN, Eugenio (dir.). *O homem renascentista*. Lisboa: Editorial Presença, 1991. p. 17-36.

MARÍN, José A. Sánchez; MARTÍN, María Nieves Muñoz. *La poética de Escalígero: introducción al autor y a su obra*. Portugal: Universidade de Aveiro/Departamento de Línguas e Culturas, 2007.

NUÑEZ GONZÁLEZ, J. M. Ciceronianismo y latín renascentista. *Minerva*, 5, 1991. p. 229-257.

OVÍDIO. *Heroides*. Tradução: Dunia Marinho Silva. São Paulo: Landy Editora, 2003.

RAMMINGER, Johann. Neo-Latin: Character and Development. Ed. Philip Ford; Jan Bloemenda; Charles Fantuzzi. *Brill's Encyclopaedia of the Neo-Latin*. Brill: Leiden, 2014. p. 21-36.

SANDYS, John Edwin. *A History of Classical Scholarship*. Cambridge: The University Press, 1908. v. 2.

SCALIGER, Iulii Caesar. *Iulii Caesaris Scaligeri: viri clarissimi poemata in duas partes divisa*. S.l.: Apud Petrum Santandream, 1591.

SILVIA, Marcia Regina de Faria da. *O trágico nas Heroides de Ovídio*. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2008.

Tradução de *Speculum stultorum*, de Nigel de Longchamps

Josué Gabriel de Freitas Kahanza Zito

Graduando em Português-Latim pela UFRJ. Foi monitor do Departamento de Letras Clássicas. Atua nos projetos de extensão Cursos de Línguas Abertos à Comunidade (Clac) e Núcleo de Documentação em Línguas Clássicas

Fábio Frohwein de Salles Moniz

Graduado em Português-Latim, com doutorado em Literatura Brasileira e em Letras Clássicas pela UFRJ, onde é professor adjunto. Coordena o projeto de extensão Núcleo de Documentação em Línguas Clássicas junto à FBN





Resumo

O objetivo deste trabalho é apresentar a proposta da pesquisa “Tradução de *Speculum stultorum*, de Nigel de Longchamps”. A ideia de traduzirmos a obra surgiu de nosso interesse em conhecê-la no original e do fato de ela ser inédita em português. Além disso, buscávamos desenvolver uma pesquisa que pudesse contribuir para a divulgação de uma obra rara do acervo da Fundação Biblioteca Nacional, colaborando com determinados setores da sociedade; a saber, pesquisadores e profissionais que lidam com obras raras em latim e com a literatura do Medievo. Dedicamos os cinco meses iniciais ao levantamento e leitura de livros e artigos sobre o autor, a obra e seu contexto histórico-cultural. Simultaneamente, procedemos a uma tradução dos primeiros 30 versos, cujo excerto foi selecionado para esta apresentação como amostragem inicial de nosso trabalho.

Palavras-chave: Língua latina. Idade Média. Nigel de Longchamps. *Speculum stultorum*. Fundação Biblioteca Nacional.

Abstract

The aim of this article is to present the research proposal called “Tradução de *Speculum Stultorum*, de Nigel de Longchamps”. We decided translating such literary work by examining the original because we don't have such text in Portuguese translated directly from latin and that it remains untranslated to Portuguese. In addition, we wanted to present a research that could contribute to the development and the dissemination of a rare work of the FBN (Fundação Biblioteca Nacional) collection, collaborating with certain sectors of society, namely researchers and professionals who deal with rare works in Latin and with the literature of the Medievo. Hitherto, in our research, we dedicated the initial five months to the survey and reading of books and articles about the author, the literary work in question and its historical-cultural context. Simultaneously, we translated the first 30 verses, the excerpt of which was selected for this presentation as an initial sampling of our work.

Keywords: Latin language. Middle Ages. Nigel de Longchamps. *Speculum stultorum*. Fundação Biblioteca Nacional.



Introdução

O objetivo deste trabalho é apresentar a proposta da pesquisa Tradução de *Speculum stultorum*, de Nigel de Longchamps. A ideia de traduzirmos a referida obra surgiu de nosso interesse em conhecê-la no original e do fato de que ela se encontra ainda inédita em português. Além disso, buscávamos desenvolver uma pesquisa que pudesse contribuir para a divulgação de uma obra rara do acervo da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), colaborando com determinados setores da sociedade – a saber, pesquisadores e profissionais que lidam com obras raras em latim e com a literatura do Medievo. Até agora, em nossa pesquisa, dedicamos os cinco meses iniciais ao levantamento e leitura de livros e artigos sobre o autor, a obra em questão e seu contexto histórico-cultural. Simultaneamente, procedemos a uma tradução dos primeiros 30 versos, excerto que foi selecionado para esta apresentação como amostragem inicial de nosso trabalho. Esta pesquisa vincula-se ao grupo de pesquisa Crítica Textual (CNPq/FBN) e desdobrou-se do projeto de extensão Núcleo de Documentação em Línguas Clássicas, realizado em parceria entre a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a FBN.

Autor, período histórico e obra

As poucas informações biográficas sobre Nigellus de Longo Campo, nome latinizado de Nigel de Longchamps, referem-no como um monge de Canterbury (Inglaterra) que esteve ligado a personagens da corte do rei Henrique II. O sobrenome do autor talvez indique que ele tenha nascido em Longchamps, na Normandia. Seu pai, Gilbert Longchamps, foi membro da família Sarneis, que se estabeleceu em Canterbury durante a primeira metade do século XII. Não se sabe como foi exatamente o início da carreira de Nigel, senão o fato de que ele visitou Paris e viveu durante um tempo na Normandia. Por volta de 1170, o autor teria se fixado no monastério de Christ Church, em Canterbury, onde permaneceu como monge até sua morte, no início do século XIII (LONGCHAMPS, 1960, p. 1-2).

Além de *Speculum stultorum*, Nigel escreveu: *Tractatus contra curiales et officiales clericos*; *Miracula sanctae dei genitricis virginis Mariae, verificalae*; *Passio sancti Laurentii martyris*; e alguma correspondência. Sua única obra em prosa foi o *Tractatus*, uma extensa queixa direcionada ao clero inglês devido à negligência com o sagrado. Em várias obras de Nigel, é notável a influência do neoplatonismo e de sua concepção de homem dividido em corpo e alma, cuja ascensão deve se dar em direção ao plano das ideias, desprezando o mundo sensível. Segundo Abbagnano, esse embate neoplatônico entre anseios carnis e espirituais retomava a concepção dualista de Platão, que opunha o mundo

sensível ao mundo das ideias, e se mesclava com os conceitos de vida espiritual e carnal difundidos pelo Cristianismo ao longo da Idade Média. A oposição entre ideia e sensação verificava-se tanto no neoplatonismo quanto no cristianismo: quanto mais se aproximar do mundo espiritual, mais o homem terá controle e entendimento do mundo carnal. Para os pensadores cristãos, as imperfeições e distorções do mundo carnal não valiam a pena e eram muito inferiores se comparadas com os benefícios do mundo espiritual (ABBAGNANO, 1984, p. 9-15).

De forma geral, Nigel manifestou em suas obras o incômodo com a crescente mudança de comportamento de determinados segmentos do clero, cada vez menos devotados à vida espiritual. Desafiando dois dos mais poderosos eclesiásticos de sua época, Gilbert Foliot e William de Longchamps, o autor de *Speculum stultorum* demonstrou seu inconformismo quanto às práticas mundanas que corrompiam a Igreja e reagiu contra tudo o que ele condenava por meio de seus sofisticados textos, que continham mensagens sutis, a serem interpretadas para além do sentido literal. O conjunto de sua obra transmite o engajamento na luta pela integridade da Igreja e pelos princípios da vida monástica, não só registrando referências da literatura moralista e hagiográfica da Idade Média, mas também de autores latinos clássicos, como Ovídio e Virgílio. Sua crítica, por vezes bem-humorada, reflete o gosto pela poesia satírica, a exemplo de Juvenal e Pérsio (MANN, 1975; MOZLEY, 1929; RAYMO, 1955).

Com relação especificamente a *Speculum stultorum*, nosso objeto de interesse, foram localizados, até o momento, trinta manuscritos depositados em bibliotecas de diversas cidades europeias: Bruxelas, Dublin, Copenhagem, Lincoln, Londres, Munique, Oxford, Paris, Praga, Vaticano, Viena, Volfembutel e Breslávia. A *editio princeps* da obra data de 1474, impressa por Nicolaus Ketelaer e Gerardus de Leempt, em Utrecht, após a qual se seguiram seis edições em 1483-1484, 1490, 1490-1492, 1498-1499, 1506 e 1662. Modernamente, a obra foi editada em 1872, 1960 (edição crítica) e 2003, tendo sido traduzida em alemão por Karl Langsoch (1982); em inglês por Graydon W. Regenos (1959) e por Eve Graham (1963); e em italiano por Francesca Albini (2003). Entre os principais estudos sobre *Speculum stultorum*, mencionamos os de Jean Batany (1969, 1993), André Boutemy (1933, 1934-1935), Jill Mann (1975, 2007), John Henry Mozley (1929, 1930), Robert R. Raymo (1955) e Jan M. Ziolkowski (1993).

Como podemos perceber pela abundância de testemunhos escritos, *Speculum stultorum* (“O espelho dos tolos”, em português) é, sem dúvida, a obra mais famosa de Nigel. Nela, sobressai o asno Brunellus, o protagonista da narrativa poética que representa, de maneira expressiva, o contexto histórico-cultural em que viveu o autor. A personagem reúne em si características criticadas no decorrer da trama, o que nos possibilita tomar conhecimento do

ambiente repudiado pelo autor. Segundo os editores críticos John H. Mozley e Robert R. Raymo (1960), *Speculum stultorum* foi elaborado entre novembro de 1179 e março de 1180. O poema foi dedicado a William de Longchamps, provável parente de Nigel, que foi bispo da cidade de Ely (Inglaterra), entre outras funções.

A obra em questão organiza-se em duas partes que, para a plena compreensão, demandam ser interpretadas conjuntamente. A primeira diz respeito à inquietação de Brunellus que, numa fútil saga, deseja alongar sua cauda, receber uma educação universitária e, finalmente, entrar para uma ordem religiosa. O protagonista empreende uma grande jornada a fim de alcançar os seus desejos mais íntimos. A segunda parte da obra narra o resgate que Galienus, mestre de Brunellus, realizou de três animais selvagens e de um homem rico. Os animais demonstram sua gratidão a Galienus por meio de presentes. Por outro lado, o homem rico não se mostra agradecido para com seu salvador, embora ele tivesse prometido compartilhar sua riqueza, enquanto estava em perigo. A personagem somente honra sua palavra quando se vê obrigada pelo rei.

Três anedotas ilustrativas são narradas ao longo das aventuras de Brunellus. A primeira fala sobre duas vacas cujas caudas foram congeladas na terra por uma geada. Uma delas espera pacientemente pelo descongelamento e a outra, imprudente, corta sua cauda, sofrendo ataques de moscas e, por fim, morrendo. A segunda anedota diz respeito ao filho de um sacerdote que fere um galo vingativo e é, posteriormente, atacado por ele. Finalmente, a terceira anedota narra a história de três videntes que insultam profundamente membros da nobreza por rejeitarem seus pedidos, embora tenham concedido favores a uma menina camponesa.

Um dos primeiros aspectos que mais nos chamaram a atenção em *Speculum stultorum* é o fato de que as personagens de animais manifestam características humanas, lembrando o gênero fabulístico, muito embora o poema tenha sido escrito em dísticos elegíacos. De acordo com Jean Batany (1993), entendermos o processo de humanização dessas personagens, isto é, o zoomorfismo construído por Nigel, é crucial para que percebamos como o autor dissimulou certas ideias que, em um primeiro momento, podiam ser extremamente perigosas na sociedade em que vivia. Esse expediente literário é utilizado por Nigel para camuflar o verdadeiro sentido que deseja transmitir, adotando uma estratégia de preservação de sua integridade pessoal e de exposição de suas críticas sem que fosse punido de alguma forma.

É inegável que autores medievais transferiram, através de sua escrita, eventos e conflitos humanos para o mundo dos animais. Talvez isso possa ser explicado pelo modo como esses autores interpretavam tais acontecimentos, uma vez que era inconcebível pensar neles como realizações de ordem humana. Para eles, o mundo dos homens era visto como superior ao mundo dos animais, ou seja, a partir do momento que tais eventos humanos são transpostos

para o mundo animal, os autores que se apropriam desse recurso estão sinalizando o quão reprováveis eles são.

Para Batany (1969, p. 241-252), um dos possíveis papéis que o zoomorfismo desempenha em *Speculum stultorum* é o de representar a espécie humana com seu lado animal aflorado, enfatizando a irracionalidade humana em detrimento de sua racionalidade (ibidem). Na obra de Nigel, esse ser zoomórfico é indubitavelmente uma metáfora pejorativa de tudo aquilo que o homem deve evitar ao máximo. Os conflitos que atormentam Brunellus dizem respeito a seres animalizados, pois não é possível (ou, pelo menos, não deveria ser) relacioná-los ao homem. Nessa ótica, o mundo animal é entendido como o ambiente característico de embates e o mundo humano, como o espaço da racionalidade. Em outras palavras, as personagens de animais de *Speculum stultorum* simbolizam a fragmentação do homem, que ora se mostra racional, ora irracional. Dessa forma, a irracionalidade do homem é explorada por Nigel de modo que o leitor conclua que ela não é algo louvável. A atribuição de comportamentos humanos a animais serve ao propósito de desumanizar o homem, elevando essa desumanização e bizarrice fantasiosa ao mais alto grau, a fim de repudiar fortemente esses aspectos condenados.

Batany (idem, p. 256-257) entende ainda o zoomorfismo de Nigel como meio de empregar a derrisão para criticar não só o homem em abstrato, mas zombar de determinadas personalidades da época que, com sua selvageria bestial, ameaçavam a sociedade com o risco da guerra (ibidem). Sendo assim, as personagens de *Speculum stultorum* trazem em si traços comportamentais comumente atribuídas a seres humanos, por mais que elas sejam animais.

É como se o autor quisesse que os leitores entendessem o enredo como um autorretrato da sociedade na qual eles estavam inseridos e que questionassem a si mesmos quanto aos papéis que encenam cotidianamente. Para Batany (ibidem), Nigel objetiva, em última instância, levar os leitores a uma reflexão sobre suas próprias atitudes (ibidem). Dessa forma, *Speculum stultorum* apresenta uma trama em se relativiza a interrelação entre natureza e cultura na sociedade da época.

Para concluirmos, apresentaremos a seguir um excerto extraído do início de *Speculum stultorum* acompanhado por uma proposta inicial de tradução, a fim de detalharmos o argumento da obra. Trata-se da passagem em que o protagonista Brunellus inicia sua jornada para alongar a cauda e tem suas pretensões frustradas pela personagem Galienus.

De asĩno qui volũit caudam suam longiorem fieri (v. 81-88)

Aurĩbus immensis quondam donatus asellus

Institũit ut caudam posset habere parem.

Cauda suo capĩti quia se conferre nequibat,

Altĩus ingemũit de brevitare sua,

Non quia longa satis non esset ad utilitatem.
 Ante tamen quam sic apocopata foret,
 Consuluit medicos, quia quod natura nequibat
 Artis ab officio posse putabat eos.

Responsio Galieni (v. 89-100)

Cui Galienus ait: «Satis est bipedalis asello
 Cauda, quid ulterius poscis, inepte, tibi?
 Sufficit ista tibi, nam quo productior esset,
 Sordidior fieret proximiorque luto.
 Hac nisi contentus fueris, dum forte requiris
 Prolongare nimis, abbreviabis eam.
 Quod natura dedit non sit tibi vile, sed illud
 Inter divitias amplius esse puta.
 Crede mihi, vetus est tibi cauda salubrior ista
 Natibus innata quam foret illa nova.
 Nec placet ista tamen, sed habere cupis meliorem,
 Artibus et curis insita pejor erit.

Sobre o asno que quis que seu rabo maior (v. 81-88)

Certa vez, um asno decidiu que poderia ter um rabo do mesmo tamanho que suas imensas orelhas. O asno se lamentava o mais possível, porque seu rabo, como era curto, não chegava até a cabeça, embora tivesse o tamanho ideal para exercer a função de rabo. Antes de cortá-lo, porém, o asno buscou consultar os médicos, visto que não se sentia confiante para tal feito e julgava-os aptos a fazê-lo devido ao ofício.

Resposta de Galienus (v. 89-100)

Galienus disse-lhe: “Um rabo de 60cm é o suficiente para um asno. Por que, exiges, meu tolo, um rabo mais longo? Esse rabo basta para ti. Na verdade, para que seja alongado, ele ficaria mais próximo do chão e, com isso, mais sujo. Se tu não te contentares com ele, vais acabar encurtando-o, ao invés de conseguir alongá-lo. Não consideres vil o que a natureza te concedeu, mas o que há de mais rico entre as riquezas. Crê-me: esse velho rabo é mais útil a ti do que se surgisse um novo em teu traseiro. No entanto, se esse não te agrada e desejas possuir um melhor, um pior será colocado por meio de artifícios e medicamentos”.

Os próximos passos de nossa pesquisa serão continuar a leitura e tradução de *Speculum stultorum* e de alguns artigos sobre a obra já localizados, a exemplo de *Does an author understand his own text? Nigel of Longchamp and the Speculum stultorum*, de Jill Mann (2007). Pretendemos, ainda, seguir com o levantamento bibliográfico acerca de assuntos relacionados a esta pesquisa e

consultar estudos sobre teoria da tradução, a fim de definirmos nossa proposta final de tradução para a obra em tela.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. *História da filosofia*. Tradução de Armando da Silva Carvalho. 3. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1984. v. 3.

BATANY, Jean. Les convers chez quelques moralistes des XIIIe et XIIIe siècles. *Cîteaux*, n. 20, 1969, p. 241-259.

BATANY, Jean. Le rôle du zoomorphisme dans le *Speculum stultorum*. *Reinardus*, n. spécial, 1993, p. 3-12.

BOUTEMY, André. The Manuscript Tradition of the *Speculum stultorum*. *Speculum*, n. 8, v. 4, 1933, p. 510-519.

BOUTEMY, André. Sur le “prologue en prose” et la date du *Speculum stultorum*. *Revue de l’Université de Bruxelles*, n. 40, 1934-1935, p. 67-90.

LONGCHAMPS, Nigel de. *Speculum stultorum*. Edited, with an Introduction and Notes, by John H. Mozley and Robert R. Raymo. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1960.

MANN, Jill. The *Speculum stultorum* and the Nun’s Priest’s Tale. *The Chaucer Review*, n. 9, v. 3, 1975, p. 262-282.

MANN, Jill. Does an author understand his own text? Nigel of Longchamp and the *Speculum stultorum*. *The Journal of Medieval Latin*, n. 17, 2007, p. 1-37.

MOZLEY, John Henry. On the text of the *Speculum stultorum*. *Speculum*, n. 4, v. 4, 1929, p. 430-443.

MOZLEY, John Henry. On the text and manuscripts of the *Speculum Stultorum*: II. *Speculum*, n. 5, v. 3, 1930, p. 251-263.

RAYMO, Robert R. Gower’s *Vox clamantis* and the *Speculum Stultorum*. *Modern Language Notes*, n. 70, v. 5, 1955, p. 315-320.

ZIOLKOWSKI, Jan M., *Talking Animals: Medieval Latin Beast Poetry, 750-1150*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press (Middle Ages), 1993.

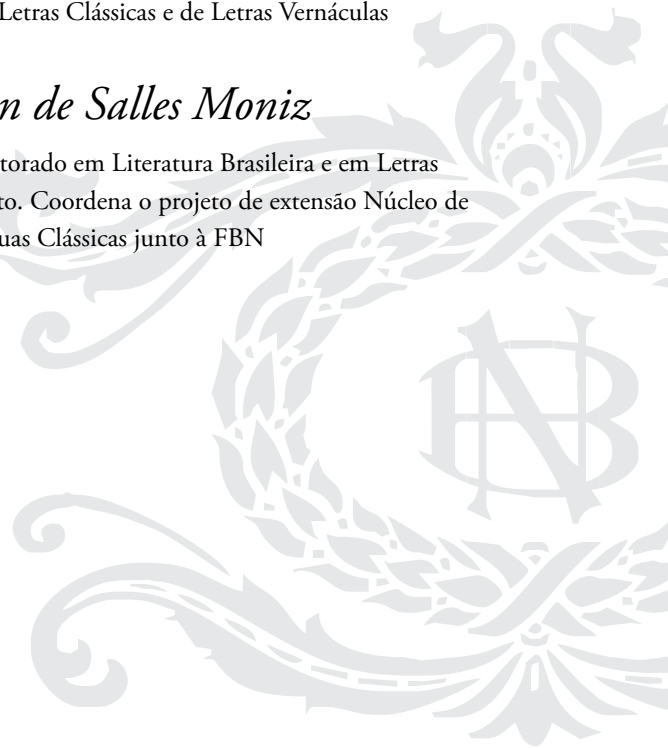
Os *Rudimenta grammatices*, de Nicolò Perotti

Marcelle Mayne Ribeiro da Silva

Graduada em Português-Latim pela UFRJ e mestranda em Letras Clássicas pela UFRJ.
Foi monitora dos departamentos de Letras Clássicas e de Letras Vernáculas

Fábio Frohwein de Salles Moniz

Graduado em Português-Latim, com doutorado em Literatura Brasileira e em Letras Clássicas pela UFRJ, onde é professor adjunto. Coordena o projeto de extensão Núcleo de Documentação em Línguas Clássicas junto à FBN





Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar alguns resultados da pesquisa de Iniciação Científica “A nomenclatura do sistema nominal latino nos *rudimenta grammaticae* dos séculos XV e XVI”. Na pesquisa, buscamos investigar compêndios de latim dos séculos XV e XVI, marcos do do Renascimento italiano, a fim de mapear o pensamento linguístico da época. Para tanto, analisaremos as nomenclaturas utilizadas no sistema nominal da língua latina, aliando-as à contextualização social dos compêndios em questão. O *corpus* de trabalho, a obra *Rudimenta grammatices*, de Nicolò Perotti (Roma, 1473), suscitou-nos indagações acerca do contexto social em que o latim era ensinado, bem como da finalidade de tal ensino.

Palavras-chave: Língua latina. Renascimento. Nicolò Perotti. Rudimenta Grammatices. Fundação Biblioteca Nacional.

Abstract

This article aims to explore the Latin nominal system in the *Rudimenta Grammatices*, by Nicolò Perotti (Rome, 1475), in order to reflect on Latin teaching in Italian Renaissance and to restore linguistic ideas included in this compendium. For this purpose, we compare Perotti’s nomenclature with that employed by Servius, Priscianus and Donatus, Late Antiquity authors whose works were used to teach Latin during Middle Ages. Then, we will propose a short discussion about points of rupture and continuity between the Latin taught in the Middle Ages and in the Renaissance.

Keywords: Latin language. Renaissance. Nicolò Perotti. Rudimenta Grammatices. Fundação Biblioteca Nacional.



Este artigo surgiu a partir da pesquisa de Iniciação Científica “(Des)continuidades na tradição gramatical do sistema nominal latino: os *Rudimenta grammatices* de Nicolò Perotti”, desenvolvida desde 2017 sob a orientação do prof. dr. Fábio Frohwein de Salles Moniz e vinculada ao grupo de pesquisa Crítica Textual (CNPq/FBN). A pesquisa tem por objetivo comparar alguns dos chamados *Rudimenta grammaticae/grammatices* produzidos e utilizados durante os séculos XV e XVI, que compreendem parte do Renascimento, a fim de mapear e estudar noções linguísticas e gramaticais vigentes naquela época. Tal pesquisa originou-se, por sua vez, do contato com o projeto de extensão “Os clássicos no Acervo de Obras Raras da Fundação Biblioteca Nacional (FBN)” e desenvolveu-se ao longo da realização do projeto de extensão Núcleo de Documentação em Línguas Clássicas, também coordenado por Fábio Frohwein de Salles Moniz. Em ambos os projetos, prestamos serviços para a Divisão de Obras Raras (Diora) da FBN no sentido de ajudar na catalogação correta das obras em latim do referido acervo.

Este trabalho é interessante tanto para a instituição de guarda dessas obras quanto para os estudantes que integram o projeto. Enquanto os bibliotecários conseguem mais eficácia e rigor na catalogação das obras – visto que, ao compreender as informações ali contidas, conseguem obter informações cruciais, como data de publicação da obra, nome do autor, impressor, licença de impressão etc. – os estudantes de Latim conseguem perceber, concretamente, que o idioma dos antigos romanos foi utilizado por muitos séculos e, como toda língua viva, passou por mudanças através do tempo. Além disso, após o surgimento dos romances e, por conseguinte, das línguas neolatinas, o latim foi usado como língua de cultura, de transmissão e divulgação do conhecimento científico. Nesse sentido, os referidos projetos de extensão possibilitam que o estudante tenha uma visão holística dos usos do latim, já que na graduação em Letras, por exemplo, aborda-se, por questões de tempo, principalmente, o latim clássico do primeiro século antes da era cristã.

A partir do contato com as obras da Diora, podemos conhecer vários assuntos abordados em latim, tais como Matemática, Filosofia, Literatura, História, Gramática etc. Uma obra em particular chamou atenção: os *Rudimenta grammatices*, de Nicolò Perotti (Sassoferato, 1429 – Sassoferato, 1480). Primeiramente, porque era uma obra sobre a gramática do latim, assunto que sempre nos interessou; depois, por causa da época em que a gramática foi escrita, o Renascimento italiano, período em que o latim já não era mais uma língua vernacular. Então, a curiosidade de saber como o latim era ensinado como língua não-materna nos levou a conhecer melhor a referida obra. Folheando o compêndio, a primeira peculiaridade que notamos foi a nomenclatura utilizada para apresentar a língua, iniciando pelo sistema nominal; aquela nomenclatura era bastante diferente da que aprendemos na faculdade, em manuais de gramática latina contemporâneos. Por exemplo, aprendemos

na Graduação que os nomes em latim podem ser de três gêneros: masculino, feminino ou neutro. No livro de Perotti, os nomes são divididos em sete gêneros: masculino, feminino, neutro, comum, todo, promíscuo e incerto.¹ Assim, surgiu a pesquisa de Iniciação Científica. Decidimos investigar a nomenclatura do sistema nominal latino nos *Rudimenta grammatices*, de Nicolò Perotti, para compreender que tipo de latim e de que maneira o latim era ensinado – e aprendido – no Renascimento italiano.

Para tanto, precisamos, em um primeiro momento, proceder a uma contextualização histórica. Os *Rudimenta grammatices* tiveram sua primeira impressão em Roma no ano de 1473. O livro fez tanto sucesso que foi reimpresso inúmeras vezes e contou até com adaptações. A segunda impressão saiu um pouco depois da primeira, em maio de 1474, por Giovanni Fillipo La Legname. Em 1475, houve seis reimpressões. Depois disso, houve uma sucessão de reimpressões da obra por impressores de muitas regiões da Itália: em 1476, por Pannartz, em Roma; em 1475, Pádua e Veneza; em 1478, Milão e Bolonha; em Veneza foi impresso duas vezes, em 1475 e 1476, por Gabriele di Pietro; em 1480, Toscolano; em 1475, 1476 e 1478, impressos por Mattia Moravo, Sixtus Riessinger e um anônimo, respectivamente, em Nápoles; em 1475, impresso por Johannes de Salsburga, em Barcelona; em 1476, impresso por Nicolaus Spindeler e Peter Brun, em Tortora. Os *Rudimenta* foram visivelmente muito bem recebidos em toda a Itália e em algumas partes da Espanha. Esse sucesso se expandiu por quase toda a Europa, a começar pela França (Paris primeiramente em 1477 e 1479), e depois Antuérpia e Lovânia (Bélgica), Basileia (Suíça), Colônia (Alemanha), Estrasburgo (França).

Quanto às adaptações, destacamos que, na obra, há palavras, sintagmas e até frases inteiras em italiano, principalmente na parte de estilo, em que o autor ensina como bem escrever em latim. É interessante notar que só foram traduzidos os trechos em vernáculo, permanecendo inalteradas as passagens em latim. Assim, por exemplo, na edição alemã de Bernard Perger, há a tradução do conteúdo em italiano para o vernáculo local. Tal adaptação foi chamada *Grammatica nova* e publicada em 1479. Na França, uma adaptação foi feita por Badius Ascensius e, segundo Phillipe Renouard veio a público em 1504, ganhando posteriormente 13 reimpressões.

Em relação ao autor da obra, sabe-se que Nicolò Perotti era religioso e foi arcebispo em Siponto, cidade ao sul da Itália. Além das funções religiosas, Perotti sempre deu aulas e chegou a lecionar na Universidade de Bolonha. Além de gramática, o arcebispo escreveu também sobre métrica, literatura clássica e algumas obras de caráter didático. Dentre as últimas, estão os *Rudimenta*

1. Em latim: *masculinum, femininum, neutrum, commune, omne, promiscuum et incertum*. Todas as traduções do latim são de minha autoria.

grammatices. No prefácio dos *Rudimenta*, temos informações a respeito da justificativa da obra, além da dedicatória:

Que vós cedais espaço, agora, deixando a prolixidade rebuscada de Prisciano, Sérvio e Donato, para experimentar, de igual modo, uma obra muito clara e nova de Nicolò Perotti, Arcebispo de Siponto. Nela, pois, há toda suavidade e leveza. Com efeito, como parece bem a Quintiliano e também aos mais velhos, a gramática é interessante aqui. Toda útil. Toda clara. A concisão se deveu tanto quanto, verdadeiramente, a suprimir coisas supérfluas; não omitir as coisas necessárias, de fato convenientes.² (PEROTTI, 1475, p. [1]).

O autor apresenta sua obra como uma alternativa mais clara e didática do que os compêndios existentes e dedica-a ao seu sobrinho Pyrrho e aos “adolescentes de bem que têm preocupação com o maior aprofundamento de gramática com o propósito de excelência”.³ A partir dessas informações, podemos situar a obra como um manual para jovens já alfabetizados, que talvez estivessem saindo do *quadrivium*⁴ e iniciando seus estudos mais aprofundados no *trivium*.⁵ Ainda no prefácio, há uma menção negativa a Prisciano, Sérvio e Donato, grandes gramáticos da Antiguidade Tardia e do Medievo.

É interessante notar que a crítica a esses gramáticos foi feita no período denominado Renascimento, em que comumente se aprende que há uma ruptura com os ideais da Idade Média e um retorno à Antiguidade clássica (BURCKHARDT, 2009). Dessa forma, foi necessário estudar um pouco sobre esse período para entender a motivação de tal crítica. O primeiro ponto que deve ser considerado é a questão da ruptura com a Idade Média e o retorno à Antiguidade. Se olharmos mais atentamente, veremos que muitos dos costumes da Antiguidade continuaram a existir na Idade Média, principalmente no que diz respeito ao ensino e à gramática de latim. Segundo Peter Burke (2014), “como outros filhos que se rebelam contra a geração dos pais, estes homens deviam mais do que julgavam à ‘Idade Média’ que tão frequentemente denunciavam”

2. *Vt jam Prisciani Servii et Donati molesta prolixitate relictæ ad præclarissimum opus et nouellum Nicolai Peroti Archiepiscopi Sypontini degustandum pariter concedatis. In eo enim omnis suavitas atque jocunditas. Siquidem ut placet Quintiliano etiam senibus jocunda est grammaticæ hic omnis utilitas. Omnis claritas. Breuitas vero tanta quanta debuit superflua tollere et rescare. Necessaria uero commoda non omittere. Hic breui poteritis ad summum grammatices euadere.*

3. [V]osque omnes ingenui adolescentes quibus grammatices exquisitissime cura est tanquam de specula. (Idem, ibidem).

4. O *quadrivium* era o primeiro passo da educação formal tanto na Antiguidade, quanto na Idade Média e no Renascimento; corresponderia ao Ensino Fundamental contemporâneo (BLACK, 2003).

5. O *trivium*, por sua vez, corresponderia, *grosso modo*, ao Ensino Médio contemporâneo; era o último passo da educação formal antes da universidade (que, convém lembrar, só surgiu no século XII) (Id., Ibid.).

(BURKE, 2014, p. 10-11). É importante, pois, que se pense em rupturas e continuidades. É preciso ainda que se atente ao fato de que já na Idade Média – mais especificamente na baixa Idade Média – os *studia humanitatis* estavam em alta na Península Itálica. Consoante Le Goff (2018), houve o chamado “intelectual da Idade Média”, homem cidadão atualizado com as descobertas científicas da época, um mestre erudito cujo ofício era ensinar aquilo que aprendia. O surgimento das primeiras universidades, no século XII, também favoreceu o uso da língua latina, visto que era por meio dela que o conhecimento circulava. Apesar de já existirem os romances, o latim era o idioma preferido no meio acadêmico, pois dificilmente um europeu bem instruído não o entenderia. Para que fossem conhecidas e divulgadas, portanto, as ideias deveriam circular em latim.

Convém, no entanto, destacar que o latim usado na Idade Média era uma língua pragmática, adaptada de acordo com a situação. Utilizavam-se neologismos, palavras clássicas tinham seus significados alterados para dar conta das novas tecnologias, além de a sintaxe sofrer influência do idioma nativo de cada região em que se utilizava o latim. Importa sublinhar aqui que a Igreja detinha o poder em quase todas as esferas da sociedade, inclusive na educação. Tal fato aponta para um ensino com finalidade religiosa, ou seja, o latim era usado para ler os doutores da Igreja, como santo Agostinho, principalmente, e o que não estava diretamente ligado à Igreja era compreendido através dos ensinamentos dela.

No Renascimento italiano, o desejo de retorno aos ideais clássicos trouxe desdobramentos com relação à língua. Diferentemente da Idade Média, o humanista renascentista dedicava-se ao estudo da dialética, retórica e gramática não mais voltado exclusivamente para fins religiosos, mas como um fim em si mesmo. Apesar de, nessa época, já se terem fixados alguns vernáculos, a circulação de conhecimento ainda era feita em língua latina. O idioma dos antigos romanos, portanto, desfrutava de prestígio frente às línguas modernas. Contudo, deve-se prestar atenção ao latim utilizado no Renascimento. Nuñez González (1991) explica que, nesse período, havia pelo menos dois usos de latim concorrentes entre si, devido ao embate entre gerações antagônicas de humanistas: os ciceronianos e os não ciceronianos.

Na tentativa de fazer ressurgir o latim e assumindo que o idioma havia se contaminado com barbarismos, os ciceronianos chegaram à solução de que, através da imitação dos clássicos, poderiam retomar o latim correto, mais puro. E o meio para chegarem a isso eram os textos clássicos e o estudo da gramática com base neles; usavam, pois, a frase de Quintiliano: “A gramática não se apoia na razão, mas no exemplo” (QUINTILIANO, 2015, p. 97).⁶ Nesse sentido, os ciceronianos defendiam que o padrão de língua latina a ser seguido

6. “[G]rammatica non ratione nititur, sed exemplo”.

era o que se encontrava nas obras de Cícero. Então, a morfologia, o léxico e a sintaxe foram restringidos com a finalidade de combater qualquer tipo de barbarismo. Foram feitos glossários de palavras e também tratados de normas sintáticas com base nos textos do orador latino. É interessante observar que os ciceronianos entendiam que mais do que o uso de determinados vocábulos, o latim puro era uma questão de estilo sintático, isto é, a ideia é a de que a posição dos vocábulos na frase influencia bastante o grau de “pureza” do latim. Os não ciceronianos, por sua vez, utilizavam o latim como um idioma “diferente do latim clássico ou do latim bárbaro, com suas próprias características, no qual a complexidade dos antigos é substituída pela agilidade moderna”, isto é, como um neolatim. Os não ciceronianos criticavam, sobretudo, o fato de o latim de Cícero ser entendido como norma de latinidade e não somente como o estilo do autor. Também entendiam que o latim dos ciceronianos, antes de servir a uma forma correta de se falar ou escrever em latim, era uma espécie de arqueologia do estilo ciceroniano.

Com relação à sociedade da época, os historiadores do Renascimento observam a configuração de um microcosmo social em torno dos líderes políticos (príncipes, tiranos etc.), denominado de “corte renascentista”. Segundo Burke (1991), a corte compunha-se, além do líder político e de sua família, de pessoas que o rodeavam como seus agregados. Essas recebiam seus favores e viviam sob sua proteção.

Resumindo, a corte era uma instituição onde conviviam muitas funções diferentes. Não era só a família do soberano, mas também um verdadeiro instrumento de governo. Para além disso, o facto de o príncipe e dos seus companheiros sentirem necessidade de se distraírem à noite com a poesia ou com a música, ou jogando xadrez ou jogos de azar, ou mesmo inventando anagramas, divisas, adivinhas ou cortejando as damas, favoreceu a transformação da corte em centro cultural (BURKE, 1991, p. 107).

Enquanto ambiente de intensa vida cultural, a corte servia de espaço para o surgimento de um novo perfil de estudioso: o humanista renascentista. Essa personagem não apenas se dedicava aos estudos de humanidades, como gramática, retórica, dialética, filosofia, mas também exercia funções relacionadas à administração da corte, a exemplo de secretários, historiadores, redatores de discursos e correspondências, entre outros. Dessa forma, havia humanistas da Renascença que ganhavam o sustento trabalhando para os líderes políticos, o que lhes garantia a possibilidade de se dedicar ao estudo e, até mesmo, de se retirar para o campo a fim de se aprofundar em suas pesquisas, caracterizadas por uma atividade intelectual muito individualizada e fechada em si mesma.

Como se pode observar, a corte renascentista foi um ambiente profícuo para usos sociais do latim. Nesse ambiente social, aprender latim revestia-se de pragmatismo: era uma maneira de se destacar no ambiente da corte e até mesmo de obter uma oportunidade de ascensão social. Com base no que

expomos até agora, encontramos-nos em meio a algumas perguntas, que tentaremos responder ao decorrer da pesquisa: qual tipo de latim era utilizado nessas cortes, o latim dos ciceronianos ou o latim dos não ciceronianos? Além disso, até que ponto o latim usado no Renascimento era uma ruptura com o latim “bárbaro” do Medievo? Em que lugar estão – se estão – os pontos de continuidade? Se, porventura, o latim “bárbaro” e o latim dos ciceronianos coexistiam no Renascimento italiano (mais especificamente, no século XV), qual latim era usado e em que contexto? Na perspectiva do ensino, também há algumas indagações: em que medida o ensino de latim consiste em uma das continuidades da Idade Média no Renascimento? O latim pensado e ensinado como língua de cultura, de transmissão do conhecimento, com seus empréstimos bárbaros e neologismos, estava presente no ensino básico? Até que ponto as polêmicas entre ciceronianos e não ciceronianos influenciavam o ensino básico de latim?

Dessa forma, como próximos passos da pesquisa, pretendemos explorar os *Rudimenta grammatices*, de Nicolò Perotti, para investigar que tipo de latim estaria circulando entre os estudantes de época em que a obra foi impressa pela primeira vez. Devido ao grande sucesso dos *Rudimenta*, imaginamos que seu conteúdo foi ensinado em muitos lugares e a muitos estudantes. Desse modo, estudar as nomenclaturas apresentadas no manual é importante para conhecer que tipo de latim se ensinava no período em que os *Rudimenta* estiveram em alta. Além disso, recorreremos aos compêndios de gramática do latim mais famosos desde a Antiguidade até a Idade Média – a saber, *De lingua latina*, de Varrão; *Ars Minor*, de Donato; *Commentarius in artem Donati*, de Sérvio; *Institutiones grammaticae*, de Prisciano; e as contribuições de Quintiliano nas *Institutio oratoria* – a fim de mapear uma tradição da nomenclatura do sistema nominal latino, o que permitirá perceber rupturas e continuidades em tal tradição. Ainda, estudaremos não só a nomenclatura, mas também o pensamento linguístico/filosófico que baseia a nomenclatura. Para tanto, recorreremos aos gregos e ao surgimento de uma teoria gramatical no Ocidente.

Referências

- BLACK, Robert. *Humanism and education in Medieval and Renaissance Italy*. Cambridge: Cambridge, 2003.
- BURCKHARDT, Jacob. *A cultura do Renascimento da Itália*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BURKE, Peter. O que é a corte? In: GARIN, Eugenio (Org.). *O homem renascentista*. Lisboa: Editorial Presença, 1991.
- BURKE, Peter. *O Renascimento*. 2. ed. Lisboa: Texto & Grafia, 2014.

LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. Tradução de Marcos de Castro. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2018.

NUÑES GONZÁLEZ, Juan Maria. “Ciceronianismo y latín renascentista”. In: *Minerva: Revista de Filología Clássica*. n. 5. Espanha, 1991. p. 229-258.

PEROTTI, Nicolò. *Rudimenta grammatices*. Roma[e]: per [...] Vuendellinu[m] de Vuilla, 1475.

QUINTILIANO, Marco Fábio. *Instituição oratória*. Tradução de Bruno Fregni Basseto. São Paulo: Unicamp, 2015. Tomo I.

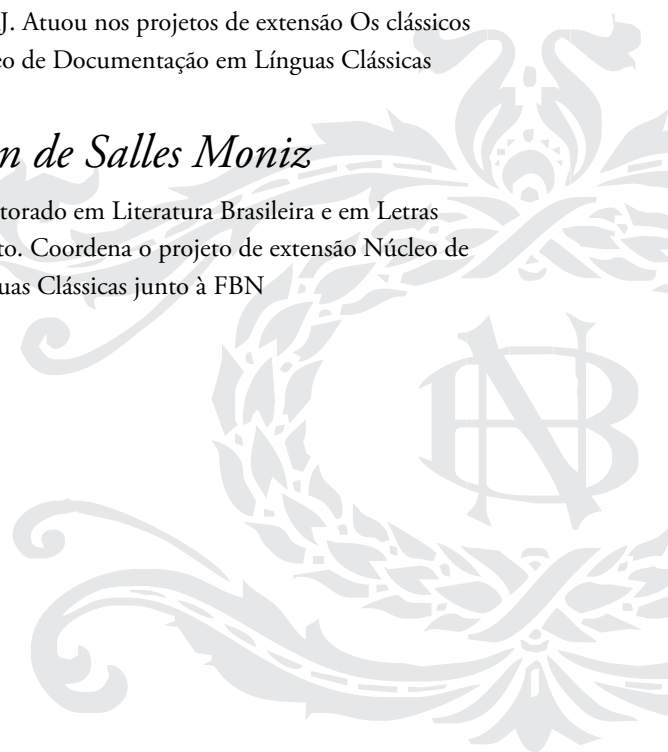
Edição comentada da correspondência entre Paolo Manuzio e Marc Antoine Muret

Esther da Silva Martins

Graduando em Português-Italiano pela UFRJ. Atuou nos projetos de extensão Os clássicos no acervo de obras raras da FBN e Núcleo de Documentação em Línguas Clássicas

Fábio Frohwein de Salles Moniz

Graduado em Português-Latim, com doutorado em Literatura Brasileira e em Letras Clássicas pela UFRJ, onde é professor adjunto. Coordena o projeto de extensão Núcleo de Documentação em Línguas Clássicas junto à FBN





Resumo

Este trabalho objetiva apresentar a proposta da recém-começada pesquisa de Iniciação Científica “Edição comentada da correspondência entre Paolo Manuzio e Marc Antoine Muret”. A pesquisa partiu do pressuposto de que a reconstituição do diálogo epistolar entre Paolo Manuzio (1512-1574) e Marc Antoine Muret (1526-1585) é de suma importância para pesquisadores que lidam com obras raras em latim e com a história do livro ou da tipografia. Nossas fontes de informação para a recomposição desse diálogo epistolar são: 1) *Paulli Manutii epistolarum libri XII* [...], (Pavia, 1589); e 2) *Marci Antonii Mureti [...] orationes, epistolae, hymnique sacri* [...], (Verona, 1592). Exemplares das referidas obras encontram-se depositados no acervo da Fundação Biblioteca Nacional.

Palavras-chave: Língua latina. Cartas. Paolo Manuzio. Marc Antoine Muret. Fundação Biblioteca Nacional.

Abstract

This presentation aims to show the proposal of the recently started Scientific Initiation research “Edição comentada da correspondência entre Paolo Manuzio e Marc Antoine Muret”. The research was based on the reconstitution of the epistolary dialogue between Paolo Manuzio (1512-1574) and Marc Antoine Muret (1526-1585), which has great importance for researchers who deal with rare books in Latin and with the history of the book and the typography. Our sources of information for the recomposition of this epistolary dialogue are: 1) *Paulli Manutii epistolarum libri XII* [...], (Pavia, 1589) and 2) *Marci Antonii Mureti [...] orationes, epistolae, hymnique sacri* [...], (Verona, 1592). Copies of these works are deposited in the Fundação Biblioteca Nacional collection.

Keywords: Latin language. Letters. Paolo Manuzio. Marc Antoine Muret. Fundação Biblioteca Nacional.



Este trabalho objetiva apresentar a proposta da recém-iniciada pesquisa “Edição comentada da correspondência entre Paolo Manuzio e Marc Antoine Muret”. A pesquisa partiu do pressuposto de que a reconstituição do diálogo epistolar entre o impressor italiano Paolo Manuzio (1512-1574) e o humanista francês Marc Antoine Muret (1526-1585), duas personalidades representativas do humanismo renascentista, é de suma importância para um determinado setor da sociedade, a saber, pesquisadores e profissionais que lidam com obras raras em latim e com a história do livro ou da tipografia. Em sua fase inicial, a pesquisa procedeu ao levantamento de obras raras que contenham as correspondências ativa e passiva de Manuzio e Muret. Na sequência, buscaram-se as principais referências bibliográficas sobre os autores e seu período histórico-cultural, o Renascimento italiano. As fontes de informação que utilizaremos para recompor o diálogo epistolar entre os missivistas são: 1) *Paulli Manutii epistolarum libri XII* [...], impressos em Pavia (Itália) em 1589; e 2) *Marci Antonii Mureti* [...] *orationes, epistolae, hymnique sacri* [...], impressas em Verona (Itália) em 1592. Exemplares das referidas obras encontram-se depositados no acervo da Divisão de Obras Raras da Fundação Biblioteca Nacional (FBN). Esta pesquisa vincula-se ao grupo de pesquisa Crítica Textual (CNPq/FBN) e desdobrou-se do projeto de extensão Núcleo de Documentação em Línguas Clássicas, realizado em parceria entre a Universidade Federal do Rio de Janeiro e a FBN.

Paolo Manuzio e Marc Antoine Muret acompanharam de perto um dos momentos culturais mais importantes para a história da Europa, o Renascimento. Segundo Jacob Burckhardt, esse momento histórico-cultural deve ser entendido à luz de dois conceitos-chave: individualismo e modernidade (BURCKHARDT, 2009, p. 145-176). Para o historiador, foi na Renascença italiana que o homem começou a se entender como indivíduo, o que possibilitou o advento de um movimento singular nas artes e nas letras, que marcou uma profunda ruptura com a Idade de Média e se caracterizou, essencialmente, pela busca de modelos tomados da Antiguidade clássica. Historiadores mais recentes, como Peter Burke, recusam a ideia de que o homem do Renascimento rompeu, abruptamente, com padrões comportamentais e culturais do Medievo, preferindo trabalhar com as noções de continuidade e hibridismo culturais aplicados ao entendimento da sociedade renascentista (BURKE, 2014, p. 7-16).

Um fator do Renascimento que muito interessa para esta pesquisa é a invenção da imprensa de tipos móveis que, inicialmente, esteve muito associada à impressão de obras clássicas, desdobramento do interesse humanístico pela Antiguidade greco-latina. Os humanistas renascentistas, por meio de suas aulas e conferências em várias universidades da Europa, difundiram o conhecimento acerca dos autores antigos e contribuíram para a formação e expansão de um público leitor de clássicos e, conseqüentemente, de uma demanda por

livros. Diferentes formatos e edições de obras clássicas eram produzidas por impressores famosos, como Aldo Manuzio (1449-1515), de maneira a ampliar o espaço de contribuição dos humanistas para o esclarecimento de textos jamais vistos, por meio de notas e comentários.

Paolo Manuzio foi, sem dúvida, um impressor muito importante na história da Renascença italiana. Editor, escritor, pesquisador, tipógrafo e humanista, era reconhecido por ser especialista na edição de textos latinos, sempre buscando conservar os estilos das obras, porém era também inovador na forma de imprimir seus livros. Bastante conhecido por causa do nome de sua família, chegou a monopolizar todo o mercado livreiro de Roma e de cidades vizinhas. Era o filho mais novo de Aldo Manuzio, responsável pela criação da letra cursiva (itálica), do livro de bolso, das coleções temáticas e dos conselhos editoriais. Aldo engrandeceu e aumentou a produção livreira de tal forma que foi um dos responsáveis pela impulsão dos estudos helenísticos na Itália renascentista. Tornou-se, assim, muito respeitado e o manteve em destaque por séculos no âmbito de impressão de livros clássicos gregos e latinos.

Não obstante o sucesso, Aldo faleceu em 1515, deixando seu filho Paolo, na época com três anos, aos cuidados do avô paterno Andrea, que cuidou dos negócios da família até sua morte em 1529. Logo após o falecimento de Aldo, a casa passou a ser conduzida por seus filhos, entre os quais Paolo, que esteve envolvido com a oficina do falecido pai de 1533 até 1540, quando decidiu abrir seu próprio negócio, também em Veneza. A partir dessa data, publicou por conta própria uma série de trabalhos de Cícero, iniciando com as obras *De oratore*, *Brutus* e *Orator*, impressas de 1540 a 1546, com suas próprias correções, o que as tornava uns dos produtos mais refinados da tipografia da época. Em seguida, imprimiu também comentários nas *Epistolae ad Atticus* (1557), no *Brutus* e *Quintus* (1557) e no *Pro Sextio* (1556). Publicou, ainda, suas cartas italianas entre 1556-1560 e suas *Epistolae et praefationes* (epístolas e prefácios) latinas em 1558, quando também trabalhou em nome de Federico Badoer da tipologia da *Accademia della Fama*.

A partir de 1561, abriu uma filial de sua tipografia em Roma, no Capitólio, onde passou a viver e assumiu a *Stamperia del Popolo Romano*, estabelecida no mesmo ano pelo Papa Pio IV. Dessa forma, Paolo conquistou os privilégios de impressão relativos aos textos mais importantes aprovados pelo Concílio de Trento, incluindo o Catecismo e o Missal. Ainda em Roma, produziu escólios do *Pro Archia* em 1571-1572, das *Epistolae ad familiares* e de comentários sobre os discursos de Cícero, esses últimos de impressão póstuma. Merecem menção, ainda, vários trabalhos sobre antiguidades romanas, a que havia se dedicado como estudioso. Tiraboschi, que se refere aos elogios a ele prestados por Muret e outros, o descreve como “digno de uma vida muito mais longa, e ainda mais digno de lembrança imortal” (SANDYS, 1908, p. 101).

Marc-Antoine de Muret chegou aos 25 anos de idade a Paris em 1551, já famoso devido ao seu trabalho como professor e a suas palestras sobre Catulo. Muret havia sido adotado pela nova escola de poetas franceses que se denominava Brigada, da qual faziam parte, especialmente, Joachim Du Bellay, Jean-Antoine de Baffi e Pierre Ronsard, que aspiravam a criar uma nova poesia integrando a tradição literária francesa aos autores clássicos, à poesia neolatina e à italiana (MORRISON, 1956; SILVER, 1966). Perto do final de 1553, Muret fugiu de Paris devido a acusações de heresia e de conduta sexual inadequada, indo para Veneza, onde contou com a colaboração de Paolo Manuzio para imprimir, em 1554, sua famosa edição comentada dos poemas de Catulo.

Segundo Julia Haig Gaisser (2007), os comentários de Muret refletem, por um lado, a polêmica entre os humanistas italianos do século XVI acerca da obra de Catulo, mas registram, também, a influência do programa estético dos poetas da Brigada. Os leitores do século XV haviam conhecido inicialmente os poemas de Marcial, por meio de quem tiveram as primeiras notícias acerca da obra de Catulo, redescoberta posteriormente. Devido à ênfase de Marcial aos poemas catulianos licenciosos, os humanistas renascentistas negligenciaram, em um primeiro momento, a profundidade emocional da poesia de Catulo e sua relação com a poética alexandrina, à exceção – talvez única – de Poliziano, que se interessou por comparar poemas alexandrinos e catulianos. Muret e os poetas franceses da Brigada propuseram uma abordagem exegética revolucionária da obra de Catulo, divorciando-a do ponto de vista de Marcial.

Lançando mão de seus conhecimentos de poesia grega, Muret dedicou-se, em especial, ao estudo dos poemas de Catulo com influência de poetas arcaicos e alexandrinos, como o 51, 63, 66 e 68. Um de seus maiores contributos ao estudo da poesia catuliana, sem dúvida, foi ter identificado que o fragmento 31 de Safo serviu de modelo para Catulo elaborar o poema 51, publicando ambos em sua edição comentada de 1554. Não obstante sua importância como comentador, Muret não é considerado um editor de destaque, já que se limitou a trabalhar, ao que parece, com somente um manuscrito do *corpus catullianum*. Além disso, o estudioso francês inseriu três poemas de temática priápica após o 17, que foram numerados como 18, 19 e 20 nas edições posteriores. Somente no século XIX, o filólogo alemão Karl Lachmann baniria esses poemas do cânone catuliano, embora persista até hoje essa lacuna entre os poemas 17 e 21 nas edições modernas.

Manuzio e Muret trocaram cartas em latim ao longo de quase 20 anos. A correspondência desses dois humanistas é muito conhecida desde a época em que ambos estavam vivos, já que várias cartas foram selecionadas e impressas em antologias pelo próprio Paolo e mais tarde reeditadas por seu filho Aldo II (1547-1597). Pietro Lazzari (1710-1789), jesuíta e bibliotecário do Colégio Romano da Companhia de Jesus, colaborou para ampliar o conjunto de cartas publicadas, recuperando textos inéditos encontrados na Biblioteca

Maior do Colégio Romano, por meio de manuscritos que continham várias missivas endereçadas pelo impressor italiano ao estudioso francês. Além da recuperação de inéditos, Lazzari emendou, com base nos originais manuscritos, o texto de cartas publicadas por Paolo, em muitos casos sem indicações de datas e com algumas passagens ou nomes pessoais suprimidos.

Para Lorenzo Mancini (2015), o trabalho de Lazzari talvez tenha caído no esquecimento. É o que sugere a edição da correspondência de Manuzio e Muret editada por Ester Pastorello em 1957. Nesse inventário, Pastorello atribuiu datas às cartas a partir do conteúdo, mas sem considerar as adições de Lazzari. No entender de Mancini, urge um cotejo entre o trabalho de Pastorello e as emendas e acréscimos de Lazzari para que se faça a edição crítica dessa correspondência, até o presente momento não elaborada.

Como informamos no início desta apresentação, nossas fontes primárias de pesquisa são as edições que contêm as correspondências de Paolo e de Muret impressas, respectivamente, em 1589 e 1592. É importante salientarmos que o conjunto da correspondência trocada pelos missivistas não se encontra plenamente divulgado em cada uma dessas obras; isto é, na edição de 1589, há o epistolário de Paolo, da mesma forma que, na edição de 1592, foram compiladas as missivas de Muret. Em poucos casos, no epistolário de Muret figuram cartas de Paolo, mas a recíproca não é verdadeira. Embora os cabeçalhos das cartas de Muret mencionem quais missivas de Paolo estão sendo respondidas, nem sempre essas são apresentadas.

Desta forma, um dos primeiros problemas que nossa pesquisa vem buscando resolver é sequenciar essas cartas para que se recomponha o diálogo epistolar. Essa recomposição é de extrema importância, sobretudo, para o entendimento do texto, já que há passagens de uma carta que retomam *ipsis litteris* trechos de uma missiva anterior. O recorte de *corpus* pelo qual optamos consiste na correspondência trocada por ambos os missivistas a respeito do trabalho de Muret quando da elaboração dos comentários acerca dos poemas de Catulo. Como mencionamos acima, Paolo imprimiu, em 1554, os poemas de Catulo comentados por Muret, mas a correspondência entre o impressor italiano e o estudioso francês registra a continuidade do diálogo entre ambos sobre o trabalho escolástico acerca dos poemas catulianos. De fato, os comentários de Muret ao *corpus catullianum* tornaram a ser impressos em 1558, 1559 e 1562, com alterações que a correspondência Manuzio-Muret talvez possa nos ajudar a compreender.

Os próximos passos de nossa pesquisa serão, portanto: 1) confrontar as datas atribuídas por Lazzari e Pastorello à correspondência Manuzio-Muret, para podermos adotar critérios de sequenciamento das mesmas em nossa proposta de edição; 2) compilar essas cartas por meio de um editor texto e 3) dar prosseguimento às leituras que nos auxiliarão na produção dos comentários a essas cartas.

Referências

- BURCKHARDT, Jacob. *A cultura do Renascimento na Itália: um ensaio*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BURKE, Peter. *O renascimento*. 2. ed. Tradução de Rita Canas Mendes. Lisboa: Texto & Grafia, 2014.
- GAISSER, Julia Haig. Catullus in the Renaissance. In: SKINNER, Marilyn B. (ed.). *A Companion to Catullus*. Malden; Oxford; Victoria: Blackwell Publishing, 2007. p. 439-460.
- MANCINI, Lorenzo. “*Amabo te, mi Murete*”: Le lettere di Paolo Manuzio a Marc’Antoine Muret e il gesuita Pietro Lazzari. *Bibliothecae.it*, IV, 2015, n. 1, p. 37-55.
- MARCOLLIN, Neldson. Tecnologia e arte: Há 511 anos, o italiano Aldo Manuzio começava a reinventar o livro impresso. *Revista Pesquisa: FAPESP*. Edição 116, Out. 2015. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/tecnologia-e-arte>. Acesso em: 10 fev. 2022.
- MORRISON, M. Ronsard and Catullus: the influence of the teaching of Marc-Antoine de Muret. *Bibliothèque d’humanism et renaissance*, n. 18, 1956, p. 240-274.
- MARINIS, Tammaro De. MANUZIO, Paolo. In: *Enciclopedia Italiana* (1934) (Treccani – Dizionario Biografico Degli Italiani) Disponível em: https://www.treccani.it/enciclopedia/paolo-manuzio_%28Enciclopedia-Italiana%29. Acesso em: 10 fev. 2022.
- PASTORELLO, Ester. *L’Epistolario Manuziano: inventario cronologico-analitico, 1483-1597*. Firenze, Olschki (Biblioteca di bibliografia italiana, 30), 1957.
- SANDYS, John Edwin. *A History of classical scholarship*. Cambridge: Cambridge University, 1908. v. 2.
- SILVER, I. Marc-Antoine de Muret et Ronsard. In: ANTONIOLI, R.; AULOTTE, R.; BALMAS, M.-E. et al. (eds). *Lumières de la Pléiade*. Paris: s.n., 1966. p. 33-48.
- STERZA, Tiziana. *Paolo Manuzio: Editore a Venezia (1533-1561)*. 2018. 45f. Dissertação (Graduação em Letras Modernas) – Annali della Facoltà di Lettere e Filosofia dell’Università degli Studi di Milano, Milão, 2008.

Segurança patrimonial em bibliotecas universitárias: relato de experiência no Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Minas Gerais

Wellington Marçal de Carvalho

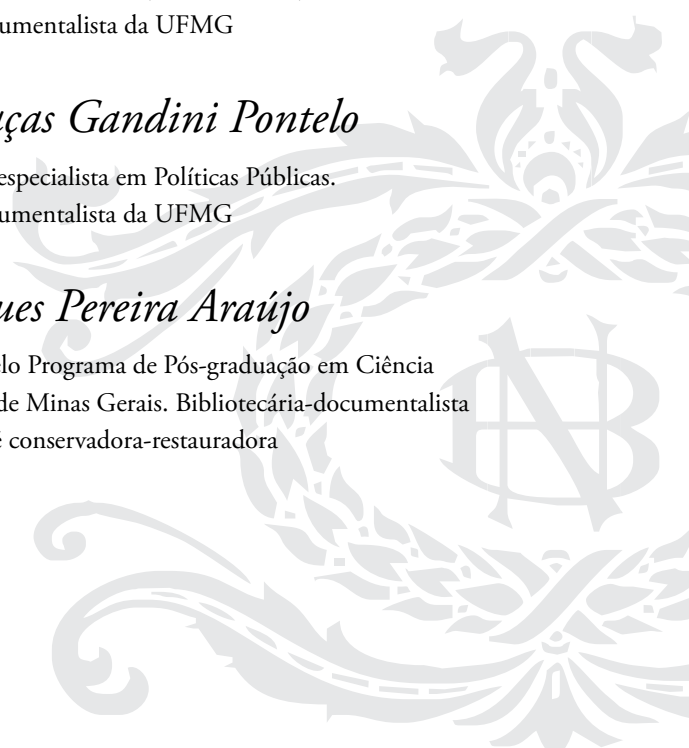
Doutor e mestre em Letras - Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC-Minas.
Pós-doutorando em Estudos Literários (FALE/UFMG).
Bibliotecário-documentalista da UFMG

Anália das Graças Gandini Pontelo

Mestre em Administração, especialista em Políticas Públicas.
Bibliotecária-documentalista da UFMG

Diná Marques Pereira Araújo

Mestre em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. Bibliotecária-documentalista da UFMG, também é conservadora-restauradora





Resumo

O artigo apresenta as experiências de furto e atividades suspeitas com o acervo antigo, raro e especial do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Cita os momentos regulatórios, específicos da legislação brasileira, sobre o patrimônio cultural relacionados ao comércio e segurança de bens, divulgados pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Detalha o contexto vivenciado em bibliotecas da UFMG em situações de furto de livros, bem como os desdobramentos legais que se seguiram até a recuperação dos bens para a Universidade. Destaca o investimento institucional para garantir infraestrutura, recursos humanos e pesquisa para a preservação e acesso às coleções especiais da UFMG com destaque para o Gerenciamento de Risco como instrumento de apoio à segurança de acervos institucionais. O texto encerra com reflexões sobre a conscientização institucional e profissional em prol da segurança de acervos e a importância da transdisciplinaridade para transposição dos desafios que a segurança de acervos bibliográficos patrimoniais impõe.

Palavras-chave: Biblioteca universitária – Universidade Federal de Minas Gerais. Livros raros. Furto. Segurança.

Abstract

This paper presents the experiences of theft and suspicious activities regarding the ancient, rare, and special collections in the Library System of Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Initially, it mentions the regulatory moments, specific to Brazilian law, about cultural heritage linked to commerce and asset security, broadcasted by the Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Afterward, it details the situation experienced in the UFMG libraries in the situation of book theft, as well as the following legal steps until the asset is returned to the University. It highlights the institutional investment to secure the infrastructure, human resources, and research for the preservation and access of UFMG's special collections, with special attention given to Risk Management as an available tool to support the safety of institutional archives. The text closes with reflections on institutional and professional awareness in favor of the safety of special collections and the importance of transdisciplinarity to overcome the challenges presented by the safety of heritage bibliographic collections.

Keywords: University library – Universidade Federal de Minas Gerais. Rare books. Theft. Safety.



Introdução

A história das bibliotecas universitárias no Brasil é também a história do ensino superior no país. A constituição de universidades e suas bibliotecas em todo o território nacional, respeitados os contextos históricos, políticos, econômicos e culturais, é semelhante em todo solo brasileiro. Ao refletirmos sobre as histórias das formações de coleções especiais nessas bibliotecas universitárias, também podemos identificar uma série de semelhanças. Dentre elas, a reunião de acervos antigos para guarda especial, as formações de coleções bibliográficas da memória institucional, as coleções especiais oriundas de doações de professores, intelectuais, bibliófilos e políticos que se relacionam com a instituição que recebe a doação. No cenário de possibilidades de conceituação das coleções especiais em bibliotecas universitárias brasileiras, um dos desafios sempre presente é a segurança dos documentos patrimoniais resguardados pela instituição.

Ao lermos o livro *A arte de furtar* (1652) (COSTA, 2001), é possível identificar brevemente uma gama de tipologias de furtos e as modalidades e situações que ensejam o crime, todos eles entrelaçando dinâmicas da vida cotidiana, nas teias sociais, comerciais, políticas e culturais da sociedade. Sem querer entrar nas questões históricas associadas a essa publicação da literatura portuguesa, convocamos a obra para exemplificar as diversas manifestações do furto, cientes de que essa prática permeia a sociedade há séculos. *A arte de furtar*, desse modo, para nós, configura-se em um texto que poderia ser lido e relido por profissionais da informação, sobretudo bibliotecários, em tempos de ameaças visíveis e, até mesmo, invisíveis de furtos e do comércio ilícito de nossa herança bibliográfica.

Como ponto de partida, citamos instantes específicos da legislação brasileira sobre o patrimônio cultural relacionada ao comércio e segurança de bens. Em seguida, apresentamos, rapidamente, a constituição de parte das coleções especiais do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Minas Gerais (SB-UFMG), apontamos questões relacionadas a furtos de livros nos acervos, em períodos e situações distintas. Intercalamos esses “momentos críticos” com as soluções encontradas para lidar com aquelas situações, fazendo considerações analíticas sobre as práticas de segurança adotadas desde a década de 1990 no SB-UFMG. Por fim, apontamos perspectivas e desafios vivenciados para a proteção do patrimônio bibliográfico resguardado pela instituição. Assim, nossos olhares buscam soluções para a segurança de acervos e nos impulsionam para apresentarmos e refletir sobre casos relacionados às coleções especiais das unidades acadêmicas da UFMG e às coleções especiais alocadas no prédio da Biblioteca Central da Universidade.

Movimentos regulatórios no Brasil

Iniciamos com a legislação brasileira referente ao patrimônio cultural. Uma lista disponibilizada e reunida pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) demonstra que, desde 1932, questões sobre a segurança do patrimônio são previstas normativamente no ordenamento jurídico brasileiro. Dessa enumeração, poderíamos destacar:

- Decreto nº 21.981, de 19 de outubro de 1932 – Regula a profissão de Leiloeiro ao território da República;
- Decreto-lei, nº 25, de 30 de novembro de 1937 – Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional;
- Lei nº 3.924, de 16 de julho de 1961 – Dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos;
- Lei nº 4.845, de 19 de novembro de 1965 – Proíbe a saída, para o exterior, de obras de arte e ofícios produzidos no país até o fim do período monárquico;
- Lei nº 5.471, de 9 de julho de 1968 – Dispõe sobre a exportação de livros antigos e conjuntos bibliográficos brasileiros;
- Artigos 215 e 216 da Constituição da República Federativa do Brasil – Seção II, Da Cultura;
- Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991 – Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências;
- Lei nº 9.613, de 3 de março de 1998 – Dispõe sobre os crimes de “lavagem” ou ocultação de bens, direitos e valores; a prevenção da utilização do sistema financeiro para os ilícitos previstos nesta Lei; cria o Conselho de Controle de Atividades Financeiras – Coaf e dá outras providências;
- Instrução Normativa 01/2007 do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) – Dispõe sobre o Cadastro Especial dos Negociantes de Antiguidades, de Obras de Arte de Qualquer Natureza, de Manuscritos e Livros Antigos ou Raros, e dá outras providências;
- Instrução Normativa dos leiloeiros de 2010 – Dispõe sobre o processo de concessão de matrícula, seu cancelamento e a fiscalização da atividade de Leiloeiro Público Oficial e dá outras providências.

As leis mencionadas são documentos de referência para o Cadastro de Negociantes de Antiguidades e Obras de Arte (Cnart), mantido pelo Iphan. Essa estratégia gerencial do Instituto visa consolidar

um cadastro nacional via *web* que tem por objetivo disponibilizar em um só lugar o cadastro de comerciantes e agentes de leilão que negociam objetos de antiguidade, obras de arte de qualquer natureza, manuscritos e livros antigos ou raros. É um instrumento que auxilia o IPHAN a desenvolver a política de prevenção à lavagem de dinheiro por meio de obras de arte (conforme Lei nº 9.613/1998 e Portaria IPHAN nº 396/2016) e também a conhecer os objetos de valor histórico e artístico que são comercializados no país, o que colabora para identificar os que são passíveis de reconhecimento como patrimônio histórico e artístico nacional (conforme Decreto-lei nº 25/1937 e Instrução Normativa nº 01/2007). (CADASTRO, 2018).

A leitura da legislação brasileira, feita de maneira não exaustiva, revela que as normativas estão à disposição mas, apesar disso, grande parte das práticas sociais, profissionais e patrimoniais das bibliotecas institucionais padecem de ausências e de não efetividade de seu cumprimento, tanto na realização do controle legal dos bens bibliográficos quanto na condução das políticas de preservação em nosso país.

Acervos bibliográficos raros e especiais da UFMG: escoreço histórico¹

Nossa abordagem neste ensaio pretende refletir, ainda que brevemente, sobre a segurança de acervos em coleções especiais de bibliotecas universitárias – especificamente, no contexto das bibliotecas da UFMG. A realidade vivida nas coleções especiais da UFMG no tocante a casos de furtos e roubos de livros antigos e raros possibilita avaliar de forma pontual as práticas profissionais e institucionais em torno da preservação de acervos antigos e raros. Permitem, também, a elaboração de ações para transpor desafios impostos às bibliotecas em nosso país, por vezes marcado pela ausência de infraestrutura física, financeira, e profissional adequada para o funcionamento desses equipamentos de cultura. Desse modo, o presente relato de experiência é uma avaliação crítica das práticas nas quais os bibliotecários são atores, mas é também uma forma de compartilhar vivências institucionais para encontrar novas formas de compreensão e aprimoramento da segurança em acervos de coleções especiais e de obras raras.

A Universidade de Minas Gerais (UFMG) foi criada, em 1927, em Belo Horizonte,

1. Texto reelaborado a partir de palestra proferida por Diná Marques Pereira Araújo no “Encontro sobre Segurança de Acervos Raros e Especiais”, que teve lugar na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo em 24 de outubro de 2017.

pela reunião de quatro escolas de nível superior. A mais antiga delas é a Faculdade de Direito, fundada em 1892, em Ouro Preto, e transferida para a nova capital Belo Horizonte em 1898. As outras três são a Escola de Odontologia, criada em 1907, a Faculdade de Medicina, em 1911, e a Escola de Engenharia, também de 1911. No mesmo ano, o curso de Farmácia é incorporado à Escola de Odontologia. (CASTRO, 2007).

As quatro escolas reunidas para formar a Universidade tinham suas próprias bibliotecas, inclusive suas próprias coleções de livros antigos e raros. A união das faculdades não reuniu acervos bibliográficos em espaço físico único. Os documentos arquivísticos da Biblioteca Universitária apontam que em 1930 – quando a Reitoria ficava localizada no prédio da Faculdade de Direito – foi criada uma sala de livros raros. Podemos identificar esse “gabinete de raridades” da Reitoria por meio da consulta ao livro de tombo que registra os livros que essa sala reunia. O registro desse acervo foi feito apenas em 1941, no Instituto Nacional do Livro, com a indicação de que aquela era a primeira “biblioteca de livros raros” da Instituição. Esse espaço de raridade cresceu por meio de doações e compras realizadas pela instituição.

Na década de 1960, a Universidade recebeu doações de coleções bibliográficas especiais, feitas por bibliófilos brasileiros e professores da instituição. A transferência do prédio da Reitoria, do centro da cidade de Belo Horizonte para o *campus* Pampulha, tornou possível a recepção de coleções e ampliação de acervos especiais ao lado, fisicamente, das salas da Administração Central.

Na década de 1980, com a construção do prédio da Biblioteca Central, as coleções bibliográficas especiais foram transferidas para o novo edifício com o objetivo de otimizar espaços de guarda patrimonial (equipe técnica de profissionais, instalações físicas adequadas para o armazenamento e segurança dos livros, infraestrutura para controle de temperatura e umidade).² O novo espaço para coleções especiais ensejou a convocação para que as bibliotecas das unidades acadêmicas transferissem suas coleções especiais e livros antigos e raros para o novo prédio. Algumas transferências permanentes foram realizadas, mas a grande maioria das unidades decidiu manter as coleções de forma descentralizada.³

2. Para saber mais acerca da DICOLESP/BU/SB-UFMG, recomenda-se a leitura de Araújo; Carvalho; Pontelo (2015).

3. Para saber mais sobre a história do Sistema de Bibliotecas da UFMG, ver: Carvalho; Pontelo; Gomes (2017).

Incidentes críticos

Na década seguinte, a de 1990, um “pesquisador” silenciosamente inicia seu contato semanal com profissionais das bibliotecas, requisitando material nas coleções especiais das unidades acadêmicas. Ele se identifica como “bibliófilo” e pesquisador de livros raros. Gentil e seguidor das normas de uso e acesso indicadas pelas bibliotecas, ele conquista a confiança das equipes. Com o passar dos meses, ele passou a fiar-se na confiança que conquistou e a equipe “confiava que podia confiar”. Rotinas sutilmente reveladas, hábitos de acesso pouco cerimoniosos, locais de guarda lentamente mapeados: por dias, semanas e meses, esse foi o foco do dito pesquisador-bibliófilo.

Na primeira década dos anos 2000, livros da UFMG começam a ser comercializados entre livreiros de Belo Horizonte que, talvez preocupados com as sanções oriundas do controle de venda de livros antigos, denunciaram que havia um fluxo *sui generis* de livros com marcas de proveniência do acervo bibliográfico da UFMG e de outras bibliotecas da cidade. As autoridades competentes iniciam as buscas, e o “coleccionador” fiel e confiante publiciza o fruto do seu “labor”: em sua casa havia uma quantidade significativa de livros de bibliotecas com acervos patrimoniais de Minas Gerais.

Vejam os trechos de uma reportagem na qual se veicula entrevista feita com o então diretor da Biblioteca Universitária / Sistema de Bibliotecas da UFMG:

Obras raras foram tema de julgamento no Tribunal Regional Federal da 1ª Região.

Recentemente, a 3ª Turma condenou um homem a um ano e oito meses de reclusão e 10 dias-multa pelo furto de três livros raros, de alto valor histórico e cultural, pertencentes à Biblioteca do Museu da História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

O jovem foi preso em sua casa pela Polícia Militar. Além dos três livros subtraídos da UFMG, ele tinha em seu poder 11 livros sem identificação de procedência e mais 108 obras subtraídas das seguintes instituições: Biblioteca da UFMG, Biblioteca Pública Municipal/BH/MG, Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, Faculdade de Ciências Médicas, Colégio Arnaldo e Instituto Santo Inácio.

O diretor da Biblioteca da UFMG, Wellington Marçal de Carvalho, ressalta que o furto de obras raras consiste não apenas em prejuízo financeiro mas, sobretudo, em dano ao patrimônio cultural público, cujo valor é inestimável, já que os livros constituem o alicerce do saber, do conhecimento e da história da humanidade.

A decisão do TRF1 foi comemorada pelo diretor da Biblioteca da UFMG. ‘Avalio positivamente o impacto que a divulgação dessa decisão trará para sensibilizar a comunidade em geral sobre a importância do uso responsável de um acervo que é, por natureza, de toda a sociedade’, disse Wellington Marçal.

A ação que requereu a condenação do rapaz pela prática dos crimes de furto e falsidade ideológica foi movida pelo Ministério Público Federal (MPF). Em primeira instância, o caso foi analisado pela 4ª Vara da Seção Judiciária de Minas Gerais, que condenou o réu a pena de um ano e oito meses de reclusão e 10 dias-multa pelo crime de furto, absolvendo-o dos demais.

O Ministério Público e o réu recorreram ao TRF da 1ª Região. O MPF requereu a revisão da sentença para que o réu também fosse condenado pela prática do delito de deterioração de bem integrante do patrimônio cultural com a aplicação da circunstância agravante prevista no artigo 61, II, b, do Código Penal (ter o agente cometido o crime para facilitar ou assegurar a execução, a ocultação, a impunidade ou vantagem de outro crime).

O condenado, por sua vez, argumentou em sua defesa a atipicidade da conduta em relação ao delito de furto, sob o argumento de que, para se configurar o referido tipo penal, além do dolo – vontade de agente de subtrair coisa alheia móvel –, exige o elemento subjetivo do tipo específico, qual seja, a posse do bem, para si ou para outrem, de forma definitiva, pelo que requer a desclassificação para o delito de furto de uso.

Ele alegou também que todos os bens materiais, como os livros, possuem valores quantitativos, ‘sendo infundada a atribuição de valor inestimável, fazendo-se necessária a aplicação do princípio da insignificância’.

Com relação ao pedido feito pelo MPF, a Turma sustentou que decorreram mais de oito anos entre o recebimento da denúncia e o tempo presente, razão pela qual houve prescrição da pretensão punitiva. Sobre os argumentos apresentados pelo réu, a Turma esclareceu que, no caso em questão, ‘descabe falar em furto de uso em virtude da grande quantidade de livros apreendidos em poder do acusado e da comprovação de diversos danos nos volumes com o intuito de impedir ou dificultar a identificação da origem das obras’.

A Turma também descartou a aplicação do princípio da insignificância, conforme requereu o acusado. ‘O princípio da insignificância não incide quando é furtada uma grande quantidade de livros antigos, raros e de inestimável valor histórico-cultural’, diz a decisão. (TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 1ª REGIÃO, 2015).

Após a “resolução” dos furtos do ponto de vista legal, as medidas seguintes na UFMG foram: inventariar os acervos; realizar transferências de livros antigos e raros para a Divisão de Coleções Especiais, localizada no quarto andar da Biblioteca Central; implementar medidas restritivas de acesso para segurança dos acervos. Muitas unidades, entretanto, no tocante a suas respectivas bibliotecas setoriais, decidiram permanecer com as coleções especiais. Nesse sentido, destacamos os pontos de atenção que perpassaram o gerenciamento adotado para mitigar esse aspecto:

- divulgação exígua do ocorrido entre profissionais no Estado de Minas Gerais;
- fragilidade no controle de acesso físico aos livros;
- ausência de catalogação integral de acervos – o que aumentou o tempo de identificação de livros ausentes no acervo nos inventários bianuais.

No prédio da Biblioteca Central, ainda na primeira década dos anos 2000, a bibliotecária Marlene Vieira estruturou e implantou várias ações para ampliar, aperfeiçoar e reformar as instalações físicas para a guarda permanente das coleções especiais e livros raros da Divisão de Coleções Especiais. Por meio de editais de fomento do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Petrobras, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig), as reformas físicas foram seguidas de projetos de conservação preventiva e restauração de livros. Foi possível a instalação de uma reserva técnica e a criação de um laboratório de conservação. Um dos vários benefícios oriundos daqueles projetos foi a catalogação integral de livros datados do século XVI ao XX (livros raros, antigos e especiais). Uma série de projetos de ensino, de pesquisa e de extensão com foco no acervo da Divisão de Coleções Especiais permitiu aumentar a divulgação de livros e documentos. Os registros com a descrição bibliográfica desses livros estão disponíveis no catálogo *online* da instituição e as normas de segurança são, efetivamente, seguidas.

Em 2012, dentre os projetos realizados na Divisão, citamos o estudo de Gerenciamento de Risco implementado pelo professor Willi de Barros Gonçalves e pela discente Carolina Concesso (do curso graduação em Conservação Restauração de Bens Culturais Móveis da Escola de Belas Artes da UFMG). Dentre os benefícios oriundos do projeto, destacamos apenas uma parte do relatório, especificamente a que diz respeito aos riscos de furto e de roubo: “Brechas existentes em termos das rotinas de segurança do setor e/ou da infraestrutura podem ocasionar a perda parcial ou total de exemplares” (ARAÚJO; GONÇALVES, 2012).

No verão de 2013, dois homens circulavam periodicamente pelo prédio da Biblioteca Central, simpáticos e amigáveis. Eles primeiro conversaram muito com os porteiros, fizeram amizade com os estagiários. Membros da equipe da Divisão de Coleções Especiais, que circulam em todo o prédio, perceberam os visitantes mais próximos dos estagiários da Divisão. O fato de eles sempre saírem da Sala de Pesquisa após a chegada de servidores do setor não causou, na época, nenhum estranhamento. Uma tarde, às 17:30 horas, avistaram-se os dois usuários de pé, na Sala de Pesquisa, folheando um dos livros raros da Universidade. Eles estavam tensos, e um deles folheava o livro e parecia fazer anotações em um caderno brochura pequeno. Esse cenário

não era comum para o acesso aos livros raros do setor. Ao serem abordados por servidores do setor, apenas um deles apresentou a ficha de atendimento. Ele não quis conversar, não respondeu a perguntas sobre o livro. Eles apenas se entreolharam, calados.

Novamente, precisamos identificar fragilidades. Após esse novo incidente, modificamos rotinas da Divisão com anuência da Diretoria do SB-UFMG: delimitamos responsabilidades patrimoniais no organograma de servidores do setor; avisamos sobre os riscos para as coleções especiais nos *campi* UFMG; instalamos e ampliamos o parque tecnológico de segurança (câmaras, alarmes, sensores de presença); ampliamos as restrições de acesso físico e obrigatoriedade do acesso digital.

Quais foram, enfim, as fragilidades identificadas? Quais rumos precisam ser tomados? Depender completamente das tecnologias não nos parecia ser o caminho mais adequado. Novas perspectivas foram, feliz e necessariamente, desenhadas:

- Monitorar o controle de acesso (equipe e usuários): controlar exceções de acesso, não permitir “carteiradas”, não permitir acessos diferenciados, nem mesmo para membros da equipe. Não há privilégios de acesso, há controle de acesso;
- Restringir as possibilidades de acesso interno;
- Implementar a capacitação e atualização de equipe periodicamente;
- Realizar inventário anual;
- Estabelecer níveis de acesso físico;
- Buscar a modificação do senso comum segundo a qual apenas um profissional é o responsável pela gestão de segurança do acervo. As responsabilidades são coletivas, nunca individuais.

O plano de ação que foi implantado a partir dessas experiências teve também como referência o *Guidelines regarding security and theft in special collections* (revisão de 2017) da *American Library Association (Association of College and Research Libraries – Rare Books and Manuscripts Section)*; Galbraith & Smith (2012), Berger (2014), além de manuais e orientações publicadas por instituições brasileiras como Fundação Biblioteca Nacional – *Biblioteca Nacional: plano de gerenciamento de riscos: salvaguarda e emergência* (SPINELLI; PEDERSOLI JR., c2010) – e Museu de Astronomia e Ciências Afins – *Política de Preservação de Acervos Institucionais* (MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS, 1995).

Considerações para permanente reflexão

Esse recuo no tempo buscou refletir sobre pontos fortes e aspectos potencialmente favoráveis no âmbito institucional. Obviamente isso não quer dizer que é um momento *mea culpa*; deseja, antes, ser um exercício consciente de reflexão sobre as responsabilidades que assumimos ao gerir acervos bibliográficos especiais. No horizonte de possibilidades de aprimoramento das estratégias de segurança de acervos bibliográficos especiais estão as pessoas. A manutenção de espaços coletivos de debate, tais como eventos científico-profissionais, somados às iniciativas institucionais, como o curso de Segurança de Acervos oferecido pelo Museu de Astronomia e Ciências Afins (Mast); as ações institucionais iniciadas pelo Ministério da Cultura para integrar práticas de prevenção ao tráfico ilícito de bens culturais, iniciadas em 2015, que contam com representantes do Arquivo Nacional (AN), Fundação Biblioteca Nacional (FBN), Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), Iphan, Ministério das Relações Exteriores, Secretaria da Receita Federal, Departamento da Polícia Federal –, são, todas elas, iniciativas que unem “pessoas”.

Como dito no início deste artigo, as normas estão postas, e aqueles que furtam e roubam o patrimônio bibliográfico em nosso país as conhecem muito bem. Além disso, dedicam-se ao estudo dos profissionais, das rotinas, dos acervos e dos eventos que se promovem sobre coleções especiais em instituições públicas no Brasil.

Muitos são os obstáculos e o maior deles recai, em nossa análise, sobre a expectativa de resolução que deve ter como centro as pessoas. É necessário conscientizar e reunir os diversos profissionais que atuam em bibliotecas com acervos raros, antigos e especiais. É necessário ainda integrar profissionais para promover a segurança dos acervos, envolvendo advogados, arquitetos, restauradores, historiadores, arquivistas, museólogos para a elaboração e aplicação de medidas sistêmicas para a segurança de nossos acervos.

Uma medida imperiosa para transpor os desafios para a segurança em coleções especiais em bibliotecas universitárias brasileiras é a adoção de cooperação institucional, formação de grupos de trabalho de profissionais para troca de experiências e informações. Há muito para se fazer: prossigamos!

Referências

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. *Guidelines regarding security and theft in special collections*. Association of College and Research Libraries. Rare Books and Manuscripts Section, 2017. Disponível em: rbms.info/committees. Acesso em: 30 jun. 2018.

- ARAÚJO, Diná Marques Pereira; CARVALHO, Wellington Marçal de; PONTELO, Anália das Graças Gandini. O acervo de obras raras e especiais do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Minas Gerais. In: NASCIMENTO; A.; MORENO, A. (Org.). *Universidade, memória e patrimônio*. Belo Horizonte: Mazza, 2015. p. 103-122. (Pensar a Educação. Pensar o Brasil).
- ARAÚJO, Diná Marques Pereira; GONÇALVES, Willi de Barros; FERREIRA, Carolina Concesso. Uso de critérios de raridade e valoração de acervo no gerenciamento de riscos em acervos bibliográficos raros e especiais. In: X Encontro Nacional de Acervo Raro, 2012, Rio de Janeiro. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional, v. 132, p. 333-346, 2012.
- BERGER, Sidney E. *Rare books and special collections*. Chicago: Neal-Shuman, 2014.
- CADASTRO Nacional de Obras de Arte e Antiguidades. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan, 2018. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/615/>. Acesso em: 24 jan. 2022.
- CARVALHO, Wellington Marçal de; PONTELO, Anália das Graças Gandini; GOMES, Gracielle Mendonça Rodrigues. O Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Minas Gerais: 90 anos de um organismo em evolução. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 46, n. 2, p. 134-145, maio/ago. 2017. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/4105>. Acesso em: 03 maio 2021.
- CASTRO, Maria Ceres Pimenta Spínola. Sonho universitário uniu povo e elites. *Diversa: Revista da Universidade Federal de Minas Gerais*. Belo Horizonte, Ano 5, n.11, Maio de 2007. Disponível em: <https://www.ufmg.br/diversa/11/index.html>
- COSTA, Manuel da. *A arte de furta*. Lisboa: Estampa, 2001. (Clássicos de Bolso)
- GALBRAITH, Steven Kenneth; SMITH, Geoffrey Dayton. *Rare book librarianship: an introduction and guide*. Santa Barbara: Libraries Unlimited, 2012.
- MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: São Paulo: 1979. 234 p.
- MORENO, A. (Org.). *Universidade, memória e patrimônio*. Belo Horizonte: Mazza, 2015. p. 103-122. (Pensar a Educação. Pensar o Brasil).
- MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS. *Política de Preservação de Acervos Institucionais*. Rio de Janeiro: Mast, 1995.
- SPINELLI, Jayme; PEDERSOLI JR., José Luiz. *Plano de Gerenciamento de Riscos: Salvaguarda e Emergência* – Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, c2010. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasgerais/drg_plano_risco_por/drg_plano_risco_por.pdf. Acesso em: 24 jan. 2022.
- TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 1ª REGIÃO. *Especial: Riqueza recuperada*. Jusbrasil, 2015. Disponível em: <https://trf-1.jusbrasil.com.br/noticias/202434794/especial-riqueza-recuperada>. Acesso em: 24 jan. 2022.

Resistência no papel:
a imprensa de oposição à ditadura
civil-militar no Brasil no acervo da
Fundação Biblioteca Nacional

Bruno Brasil

Jornalista com especialização em Comunicação e Imagem pela PUC-Rio, é técnico em documentação e curador de acervo na FBN, onde pesquisa a história da imprensa brasileira





Resumo

Fruto de pesquisa realizada entre 2006 e 2010, este artigo procura descrever e contextualizar um tipo de imprensa periódica que circulou no Brasil durante o período autoritário que assolou o país entre 1964 e 1985: a imprensa de oposição ao regime militar, a miúdo dita “nanica” tanto por sua precariedade quanto por seus contornos de insolência infantil. Para tanto, apresenta os processos de concepção, evolução, subdivisão e derrocada do gênero, citando casos específicos de publicações de maior ou menor vulto no cenário da resistência intelectual e ideológica ao status quo de seu tempo. Adicionalmente, este trabalho apresenta uma lista sucintamente descritiva de 446 títulos de jornais e revistas da imprensa de resistência à ditadura militar presentes no acervo da Coordenadoria de Publicações Seriadas da Fundação Biblioteca Nacional – de um total de cerca de 1.132 periódicos do mesmo tipo que, calcula-se, tenha existido durante os chamados “anos de chumbo”.

Palavras-chave: Ditadura militar brasileira. Imprensa de resistência. Censura e repressão estatal. Liberdade de imprensa.

Abstract

Product of research carried out between 2006 and 2010, this article seeks to describe and contextualize a kind of periodical press that circulated in Brazil during the authoritarian period that devastated the country between 1964 and 1985: the free press in opposition to the military regime, often called “nanica” (“brat” press) both for its precariousness and for its contours of childish insolence. For this purpose, it presents the processes of conception, evolution, subdivision and overthrow of the genre, citing specific cases of publications of greater or lesser importance in the intellectual and ideological scene of resistance to the status quo of its time. Additionally, this work presents a succinctly descriptive list of 446 titles of newspapers and magazines of the resistance to the military dictatorship present in the collection of the Serial Publications Coordination of the Brazilian Fundação Biblioteca Nacional – from a total of about 1.132 periodicals of the same kind that, as we estimate, existed during the so-called Brazilian “lead-years”.

Keywords: Brazilian military dictatorship. Free press. Censorship and state repression. Freedom of press.



Era uma manhã ensolarada de novembro de 1975. Num sobrado no bairro paulistano do Bixiga, Mylton Severiano, Palmério Dória e Hamilton Almeida Filho estavam prestes a fechar mais uma edição do jornal *Ex-*. Até o momento em que dois agentes da Polícia Federal entraram na casa, o trio não imaginava que o material com o qual trabalhavam, na verdade, nunca circularia. Os policiais anunciaram que, daquele momento em diante, se o jornal continuasse a circular, seria sob censura prévia, algo impensável para os editores de *Ex-*. Também disseram que seria apreendida a edição especial *Extra – o melhor do Ex-* e que os responsáveis pelo periódico, Mylton e Hamilton, deveriam comparecer à sede da Polícia Federal, na rua Xavier de Toledo, no centro de São Paulo, para prestarem esclarecimentos.

Era tácito que a visita dos policiais se devia ao que tinha sido publicado no número 16 de *Ex-*: a notícia, em primeira mão, e uma reportagem profunda sobre o assassinato do jornalista Vladimir Herzog nos porões da ditadura civil-militar no Brasil (1964-1985). Um “furo”, já que o assunto passou em branco pelo restante da imprensa brasileira. Quando publicado, o número esgotou sua tiragem inicial, de 30 mil exemplares, e também a segunda, de 20 mil. Em contrapartida, os raros anunciantes do jornal, por medo, passaram a cancelar seus anúncios, ao passo que leitores começaram a suspender suas assinaturas.

O ano de 1976 já havia se iniciado quando, numa tarde nublada, Mylton Severiano e Hamilton Almeida Filho compareceram à Polícia Federal. Entre alguns impropérios, ouviram certo coronel Barreto dizer: “Olhem, ou vocês param com isso, ou eu não respondo mais pela integridade física de vocês”. O exemplo havia sido dado justamente com Herzog. E, assim, *Ex-* deixou de ser publicado.

Trinta anos mais tarde a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) incluiria a reportagem de *Ex-* sobre o assassinato no livro *10 reportagens que abalaram a ditadura*, onde o jornal era o único da “imprensa nanica¹” e figurava ao lado de periódicos da chamada “grande imprensa”.

Ser um veículo assim, independente e inconformado, tinha um preço: *Ex-* tinha distribuição pouco eficiente, muitas vezes dependente da venda de mão em mão. Os almoços de sua equipe normalmente eram sanduíches de mortadela no restaurante mais próximo e o telefone de sua redação era o orelhão da esquina. Cada um dos jornalistas tinha uma quantidade limitada de fichas para telefonar – a não ser que o administrador do jornal acertasse no jôquei, ocasião em que liberava mais algum dinheiro (NITRINI; SEVERIANO; CHIODI, 2010).

1. O apelido decorria do formato pequeno adotado pela maioria das publicações similares, à precariedade de seus modelos de produção e à “insolência infantil” de suas pautas e propostas editoriais, habitualmente dispostas a tocar nas feridas do regime.

Se é válida a máxima de Millôr Fernandes – “imprensa é oposição, o resto é armazém de secos e molhados” –, pode-se afirmar que a imprensa de resistência à ditadura civil-militar brasileira, da qual *Ex-* fazia parte, possuía um traço de legitimidade jornalística crucial, enquanto não subjugada ao aparelho repressor. É bem verdade que seus pendores militantes mandavam para escanteio critérios de isonomia, isenção, imparcialidade e objetividade: faculdades, na verdade, problemáticas em qualquer órgão de comunicação. Mas o que dizer a respeito da constituição de um jornalismo crítico, atuante junto à opinião pública? Em certos aspectos, foi ela (e não a grande imprensa, salvo exceções, já durante a redemocratização) que, naquele período autoritário, seguiu a tradição do primeiro jornal brasileiro, o *Correio Braziliense* (Londres, 1808), de Hipólito José da Costa, crítico à Coroa portuguesa no Brasil e editado, por essa e outras razões, no exílio. Foi essa “imprensa nanica” a descendente direta dos pasquins panfletários de crítica virulenta durante o Primeiro Reinado e da imprensa operária e anarquista que circulou no Brasil entre as duas últimas décadas do século XIX e as duas primeiras do século XX (KUCINSKI, 2003, p. 21). Por isso mesmo, ela não deveria ser considerada uma imprensa “alternativa”, termo que pressupõe que ela seria uma espécie de “lado B” do jornalismo impresso, colocada em segundo plano em relação a periódicos de maior envergadura financeira e administrativa: ela foi, afinal, a imprensa do momento. Suas semelhanças com jornais como *O Debate* (Rio de Janeiro, 1917), editado por Adolpho Porto e Astrojildo Pereira em franca oposição ao governo de Venceslau Brás (1914-1918), e mesmo com o rigor denunciativo atualmente encontrado na internet, sobretudo em blogs e em redes sociais, nos fazem crer que o jornalismo-ativismo, de combate político, não é exatamente um fenômeno datado. No debate sobre a violência policial no Brasil, o caso Herzog encontra ecos, por exemplo, nos casos de Amarildo Dias de Souza (2013) e Cláudia Ferreira Silva (2014). Paralelos da imprensa de resistência à ditadura com gêneros de imprensa mais antigos já foram feitos por Márcio Bueno (1986, p. 47) e, com o jornalismo de um passado recente, pós-2000, por Rivaldo Chinem (2004, p. 130-131). Afinal, as pautas e o modelo editorial de uma parte considerável da imprensa de oposição à ditadura permitem que hoje possamos dizer que ela não foi propriamente “alternativa”, na acepção jornalística que pressupõe valores de questionamento. E, nesse aspecto, o exemplo de *Ex-* é fundamental, pois sintetiza a “corda bamba” em que se encontravam os nanicos, daquele e de outros períodos: sobre um fosso de terror e precariedade, na luta pela liberdade de expressão e pela democracia.

O que nos permite identificar a imprensa de resistência brasileira durante a ditadura civil-militar é, principalmente, o seu combate não só ao regime, mas também a tudo que o representava e o alimentava: o imperialismo e o capital estrangeiro, a falta de democracia, a violência de Estado e a moral burguesa (KUCINSKI, 2003, p. 16). Vale ressaltar que aqui entendemos

por “imprensa de resistência” os órgãos de informação não pertencentes a grandes empresas de mídia, estando eles, em muitos casos, mas não necessariamente, relacionados a movimentos e correntes políticas de esquerda e/ou a ideologias libertárias e contestadoras, no sentido de traduzir e repensar não só a política, mas os costumes, a linguagem, o comportamento, a sexualidade, a mente, a arte, a saúde, a espiritualidade, a intelectualidade. Nesse caso, inserem-se no grupo publicações ligadas a movimentos sociais e à contracultura (ARAÚJO, 2000, p. 21).

Heterogênea, propondo e experimentando novos modelos de se fazer jornalismo, de tratar da política, do sexo, da arte, da expansão da consciência, de formas de ativismo e de outras questões, a imprensa de resistência foi além da dicotomia em que algumas vezes a inscrevem: de um lado, como simples grupo de periódicos e coletivos editoriais de oposição que se dividia em uma vertente estritamente política, nacionalista, popular e marxista, que criticava principalmente o sistema político autoritário; e, de outro, ligada a movimentos internacionais de contracultura, ao “desbunde”, à rejeição da hipocrisia da classe média e do moralismo nos costumes, ao orientalismo e à anarquia, sendo esta linha pouco adepta do dogmatismo das esquerdas, voltando-se, por vezes, ao existencialismo (KUCINSKI, 2003, p. 14-15). Alguns dos órgãos de resistência, porém, não se situavam precisamente em nenhuma dessas correntes. É o caso de *Jornalivro* (São Paulo, 1971), *Ovelha Negra* (São Paulo, 1976) ou *O Matraca* (Cotia, 1981). Outros, por sua vez, estavam inseridos em ambas. Como *O Pasquim* (Rio de Janeiro, 1969) e *Singular & Plural* (São Paulo, 1978).

Todavia, um traço unia os periódicos de resistência: a busca por uma maneira diferente de se fazer imprensa, ultrapassando a reportagem convencional (SMITH, 2000, p. 64). Naturalmente, essa vontade tinha grandes percalços: pouco ou nada dependente de financiamentos, essa imprensa foi em geral produzida com saúde financeira, sistemas de impressão e distribuição precários. Se essa fragilidade era óbvia para pequenas publicações artesanais, rodadas a mimeógrafo e passadas de mão em mão, valia também para os periódicos mais profissionais do gênero, que, quando tinham circulação nacional e boa aceitação por parte do público leitor, acabavam arruinados por intimidações diretas do Estado: processos judiciais, censura prévia, boicote de anunciantes, apreensão de edições, ameaças de empastelamento e prisões (quando não a execução de tais medidas, sem contar atentados à bomba), além do risco para o leitor (de figurar em listas de assinantes) e da pressão para que bancas de jornal não os vendessem (SMITH, 2000, p. 60). Era essa instabilidade a justificava principal para a efemeridade da maior parte dos periódicos do gênero.

Entre os jornais e revistas de resistência, havia desde rústicos boletins datilografados e mimeografados em folhas de papel sulfite, sem grandes cuidados com estilo textual ou preocupações com diagramação – caso de *Aquarius*

(Nobres, sem data), *O Beco* (São João del-Rei, 1976), *Boletim Cultural* (Rio de Janeiro, 1972), *Conclave* (João Pessoa, 1979) e *Carta Geral* (Manaus, 1980) –, até propostas estéticas de vanguarda, verdadeiras ousadias editoriais válidas tanto para o plano visual quanto para o escrito – como em *Bondinho* (São Paulo, 1971), *Tribo* (Brasília, 1972), *Corpo Extranho* (São Paulo, 1976), *Poesia Livre* (Ouro Preto, 1977), *Boca do Inferno* (Salvador, 1976)² e o próprio *Ex-*. Anne-Marie Smith traz uma importante reflexão nesse sentido:

A grande imprensa buscava a conformidade, e seus modelos de sucesso eram incontestáveis. A imprensa alternativa, por outro lado, era heterogênea e buscava incessantemente novos modelos. Suas categorias e critérios eram amplos e imprecisos, pois se encontravam em processo de definição. Os resultados eram variadíssimos – de excelente jornalismo ao lixo absoluto, da análise profunda à bobagem total. (SMITH, 2000, p. 61-62).

Essa heterogeneidade ganhou corpo conforme a imprensa de oposição avançava pela cronologia da ditadura, relacionando-se com setores diretamente atingidos pelo autoritarismo: sindicatos, movimentos sociais, jornalismo em geral, partidos políticos clandestinos, arte contestadora, entre outros. Bernardo Kucinski, autor do estudo mais completo sobre a imprensa de que estamos tratando, deixa claro que esta viveu sete momentos distintos, apesar de interligados. O primeiro deu-se durante os primeiros anos do regime ditatorial, quando a imprensa de resistência foi articulada e/ou integrada por figuras egressas de periódicos que apoiavam o governo João Goulart (1961-1964) e que foram fechados com o golpe de 1964: experiências como as de *Brasil Urgente* (São Paulo, 1963), *O Semanário* (São Paulo, 1956), *Binômio* (Belo Horizonte, 1952) deram origem a *Pif-Paf* (Rio de Janeiro, 1964) e *Folha da Semana* (Rio de Janeiro, 1965). A partir de 1967, a influência da Revolução Cubana sobre os meios estudantis levou ao lançamento de outros impressos – alguns clandestinos, outros editados por indivíduos já no exílio – que tinham o propósito de atrair jovens para a guerrilha (KUCINSKI, 2003, p. 34). Neste grupo, os de maior destaque são *Amanhã* (São Paulo, 1967), *Poder Jovem* (Rio de Janeiro, 1968) e *O Sol* (Rio de Janeiro, 1967).

Num terceiro momento, iniciado no final de 1968, depois do Ato Institucional número 5 (AI-5), a imprensa de resistência passou a sofrer mais com a repressão. Paradoxalmente, foi quando surgiram *O Pasquim*, *Opinião* (Rio de Janeiro, 1972), *Politika* (Rio de Janeiro, 1971) e *Jornal de Debates* (Rio de Janeiro, 1973), semanários de circulação nacional – dos quais os dois primeiros eram vistos como alguns dos mais importantes do gênero. Os periódicos que sobreviveram – ou que nasceram nesse período – voltavam-se para

2. O único do gênero a ganhar um Prêmio Esso de Jornalismo, no ano de 1977.

a contraposição à grande imprensa, sobretudo quanto ao “milagre econômico”, entre 1968 e 1973 (KUCINSKI, 2003, p. 14). Havia neles a crítica ao crescente endividamento externo e a denúncia do agravamento de problemas sociais. Simultaneamente a esta terceira fase da imprensa de resistência, já aparecia a quarta, representada por *Grilo* (São Paulo, 1971) e *Balão* (São Paulo, 1972); entre 1971 e 1972, influenciados por *O Pasquim* e pela contracultura, surgiram periódicos voltados ao humor crítico, com grande incidência de quadrinhos (KUCINSKI, 2003, p. 34).

Com a decretação da Lei de Segurança Nacional, em 1969, os censores passaram a atuar com mais vigor, até que o Decreto-lei 1.077, de 1970, passou a submeter veículos de informação considerados importantes à censura prévia. Este filtro, no entanto, não impedia que edições ainda continuassem a ser apreendidas e que jornalistas fossem presos. Somente a partir de 1974, a distensão política do governo Geisel deu certo fôlego aos periódicos de resistência. Nesta quinta fase, como o apelo revolucionário das guerrilhas havia sido sufocado, a pauta da imprensa nanica deslocou-se da política de oposição clandestina para a política de espaço público (KUCINSKI, 2003, p. 16). Surgem então jornais-ativistas, como *Movimento* e *Versus* (São Paulo, 1975). Em seguida, o assassinato de Vladimir Herzog, em 1975, desencadeou críticas ao padrão complacente da grande imprensa (KUCINSKI, 2003, p. 36), e inspirou o lançamento do jornal *De Fato* (Belo Horizonte, 1976) e do *CooJornal* (Porto Alegre, 1975).

Então em seu apogeu, a imprensa de resistência passou a abarcar movimentos populares de base e a se subdividir em temas: questões femininas, raciais, indígenas, de gênero etc. No final da década de 1970, outros fatores ainda a influenciaram: a luta pela anistia aos perseguidos pela ditadura, as greves do ABC paulista, a organização do Partido dos Trabalhadores (PT) e do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) na legalidade. É esse período que, segundo Kucinski, caracteriza a sétima fase da imprensa de resistência: quando esta passou a funcionar como espaço de reorganização política e ideológica de grupos marxistas. Com o “surto” de publicações provocado pela reabertura, a trajetória do movimento de esquerda no Brasil se confundiu com a história desses periódicos (KUCINSKI, 2003, p. 17). Foi o exemplo de *Versus*, que, tendo abrigado o Partido Socialista dos Trabalhadores (PST), teve em suas páginas lançada, em 1978, a primeira proposta para a criação de um partido socialista legal. E também o de Duarte Brasil Lago Pacheco Pereira, da Ação Popular (AP), ao lançar e desenvolver a primeira e mais robusta campanha pela Assembleia Nacional Constituinte naquele período, através de *Movimento* (São Paulo, 1975).

Na virada da década de 1970 para 1980, surgiram *Hora do Povo* (Rio de Janeiro, 1979), porta-voz do Movimento Revolucionário Oito de Outubro (MR-8); *Tribuna da Luta Operária* (São Paulo, 1979), do Partido Comunista

do Brasil (PCdoB); *Voz da Unidade* (São Paulo, 1980), do Partido Comunista Brasileiro (PCB); e *Jornal dos Trabalhadores* (São Paulo, 1982), do Partido dos Trabalhadores (PT), todos jornais partidários, oficiosos, às vezes encarados como pertencentes ao gênero da imprensa nanica ou como seu desdobramento, já na imprensa partidária (BUENO, 1986, p. 55). O mesmo processo de aproximação ocorreu com a nova imprensa sindical do período, inserida no mesmo campo político que, aos poucos, se modificava. Assim, figuras

(...) com experiência profissional na chamada grande imprensa e/ou imprensa alternativa vão para dentro dos sindicatos, antes reduto exclusivo de burocratas, médicos ou advogados, e provocavam significativas mudanças. (VERDELHO, 1986, p. 82).

Por vezes, independentemente do momento ou da inclinação temática, a “imprensa nanica” foi contraditória. Nela, se, por um lado, havia experiências editoriais coletivas, sem hierarquias – formais, como em *CooJornal*, o primeiro jornal brasileiro a ser gerido por cooperativa, ou informais, como em *Ex- –*, por outro, havia a imprensa de resistência calcada em grandes figuras, como, por exemplo, o *Pif-Paf*, de Millôr Fernandes; *O Pasquim*, de Millôr, Ziraldo, Jaguar e Ivan Lessa; o *Versus*, de Marcos Faerman; o traço de Raimundo Pereira em *Opinião e Movimento*.

Dentro das experiências coletivas, muitos jornais e revistas contavam com conselhos editoriais compostos por inúmeros jornalistas, militantes e/ou intelectuais, como acontecia em *Opinião*, *Movimento* ou *Argumento*, deflagrando certo rigor democrático nos rumos de cada publicação, apesar de haver, em alguns casos, a necessidade de se manter algumas questões em segredo. Afinal, a noção daquilo que havia de se manter alheio à vigilância oficial acabava sendo incorporada ao cotidiano de muitos jornais e revistas, que encaravam o sigilo sobre certas informações como necessário à sobrevivência dos partidos de esquerda clandestinos que incorporavam grupos editoriais de resistência (KUCINSKI, 2003, p. 20).

Nesses termos, o exemplo de *Movimento* é notável. Apesar de sua proposta de independência e pluralidade, o jornal já nasceu vinculado ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e, mesmo que em suas sucursais, espalhadas por todo o Brasil, fossem encontrados remanescentes e integrantes de grupos como Política Operária (Polop), Ala Vermelha, Colina, Centelha (na sucursal de Belo Horizonte), Aliança Libertadora Nacional (ALN), AP, PCB, entre outros, a publicação tinha um líder clandestino, Duarte Lago Brasil Pacheco³,

3. Segundo Kucinski (2000), algumas das contribuições de Duarte Lago Brasil Pacheco podem ser vistas nos textos assinados pelo seu pseudônimo, Eduardo Neto.

da Ação Popular (AP), que era responsável por conduzir secretamente a linha política e ideológica daquela folha (idem, p. 21).

Além das contradições, cabe ressaltar que, seguindo a lógica das distintas fases tratadas por Kucinski e os apontamentos de Anne-Marie Smith, a imprensa de resistência durante o regime foi ampla e diversa, e estabeleceu relações complexas com instituições, movimentos e políticas pré e pós-ditadura civil-militar. Suas muitas facetas, imbricadas conforme os desejos de experimentação e contestação de seus responsáveis, tornaram sua caracterização um exercício difícil. Se nos ativermos às delimitações expostas acima, estaremos tratando desde impressos clandestinos editados por grupos engajados na guerrilha a periódicos sindicais, acadêmicos, institucionais, estudantis, de grupos de esquerda, literários, de arte postal etc., que mesclam as características básicas daquilo que chamamos de imprensa nanica.

O próprio termo, cunhado em inspiração ao uso recorrente do formato tablóide, perde um pouco da força frente à diversidade de formas em que essa imprensa se apresentou: jornais de tamanhos diversos, revistas, fanzines, folhetos, boletins e mesmo folhas de papel ofício grampeadas. Cada formato correspondia a diferentes métodos de produção e organizações editoriais. Foram de resistência desde a publicação literária artesanal de poesia *Pirauá* (São Paulo, 1982), com a poesia marginal de autores fora do mercado editorial, ao tablóide popular sensacionalista *Repórter* (Rio de Janeiro, 1977), com seus violentos casos de polícia e mulheres nuas.

É importante lembrar ainda da apropriação que este tipo de imprensa sofreu por movimentos sociais que já existiam antes de 1964, mas que renovavam suas forças com a distensão política de 1974 e formavam as imprensas de resistência negra, homossexual, feminina, indígena, ambientalista, campesina, estudantil, entre outras. Na maior parte dos casos, essas publicações contavam não com jornalistas buscando voz fora da imprensa de massa ou com militantes organizados, mas com indivíduos diretamente envolvidos com os movimentos a que se propunha representar. Daí seu destaque, já que, segundo Maria Paula Nascimento Araújo, essa imprensa:

(...) representava uma novidade em relação aos outros tipos de publicação existentes, inclusive a imprensa alternativa de esquerda. Ela vinculava-se a movimentos de novo tipo, recém-surgidos no cenário brasileiro, sob influência de ideias internacionais. Esforçando-se por se fazer presentes na vida política do país, esses movimentos criavam seus próprios jornais, que funcionavam não apenas como porta-vozes de seus interesses e posições, mas que na maioria das vezes representavam o principal espaço de organização de seus militantes e de formulação de sua política e de sua visão de mundo. (ARAÚJO, 2000, p. 29).

Na imprensa negra estavam *Tição* (Porto Alegre, 1978), *Sinba* (Rio de Janeiro, 1979), *Nêgo* (Salvador, 1981), *Koisa de Crioulo* (Rio de Janeiro, 1981). Na imprensa *ltda.*, destacavam-se *Gay Press Magazine* (Rio de Janeiro, 1977), *Lampião da Esquina* (Rio de Janeiro, 1978), *Ello* (Salvador, 1978), *Boca da Noite* (Rio de Janeiro, 1980), *Iamuricumá* (Rio de Janeiro, 1981), *Dialogay* (Aracaju, 1982). A vertente feminista era representada por *Brasil Mulher* (Londrina, 1975), *Nós Mulheres* (São Paulo, 1977), *Maria Quitéria* (São Paulo, 1977), *Mulherio* (São Paulo, 1981). O grupo dos periódicos de ênfase indígena contava com *Porantim* (Manaus, 1978), *Varadouro* (Rio Branco, 1977), *Mensageiro* (Belém, 1979), *Luta Indígena* (Curitiba, 1980), *Nimueñajú* (Rio de Janeiro, 1979), *Borduna* (Rio de Janeiro, década de 1980) e *Informe Chimbangue* (Xanxerê, década de 1980), sendo que alguns desses exploravam também questões ambientais – foco principal de *Parapanema* (São Paulo, 1977), *Pensamento Ecológico* (São Paulo, 1978), *Meio Ambiente* (Brasília, 1978), *Folha Alternativa* (Rio de Janeiro, 1979), *Jornal do Verde* (Rio de Janeiro, 1981), *Movimento Ecológico* (Rio de Janeiro, 1982). A vertente estudantil era vasta e contava com *Política Operária* (São Paulo, década de 1960), *Amanhã* (São Paulo, 1967), *Silêncio* (Belo Horizonte, década de 1970), *Kaostigo* (Curitiba, 1976), *Alicerce da Juventude Socialista* (São Paulo, 1978), *Voz Ativa* (Rio de Janeiro, 1979). Voltados a questões agrárias e à realidade camponesa estavam: *Cotrijornal* (Ijuí, 1973), *Jornal Cambota* (Francisco Beltrão, 1975), *Realidade Rural* (São Paulo, 1976), *Conceição do Araguaia* (Conceição do Araguaia, 1979), *O Posseiro* (Santa Maria da Vitória, 1980), *Lamparina* (Santarém, 1980), *Sem-Terra* (São Paulo, 1981) etc.

Algumas das publicações acima, além do comprometimento com suas causas mais explícitas, também seguiam (ou pelo menos flertavam com) diretrizes de grupos ou partidos de esquerda. Isso aconteceu com jornais estudantis e com periódicos relacionados às lutas negra e feminina, ou mesmo com folhas de instituições religiosas, a exemplo de alguns periódicos indigenistas e camponeses editados por grupos pastorais inspirados na Teologia da Libertação. Afinal, encampando a luta de comunidades oprimidas, a reforma agrária e o indigenismo, os jornais eclesiásticos também integraram a imprensa de resistência, como: *Porantim*, do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), instituição ligada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB); *Nós Irmãos* (Rio Branco, 1971), da Arquidiocese de Rio Branco; *Pastoral Operária* (São Paulo, 1979), da Comissão para a Caridade, Justiça e Paz da CNBB; *Paneiro* (Manaus, 1979), da Regional Norte I da Comissão Pastoral da Terra (CPT), órgão da CNBB; *Aconteceu* (Rio de Janeiro, 1981), do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (Cedi); entre outros.

Cabe frisar que existem ainda diferenças entre os impressos de resistência quanto ao pendor político: as publicações que não eram de movimentos políticos ou sociais, nem de contracultura, não pendiam necessariamente à

esquerda. O tablóide *Beijo* (Rio de Janeiro, 1977), por exemplo, em alguns momentos não só se mostrou crítico à esquerda como à própria imprensa de oposição (KUCINSKI, 2003, p. 131). Se mesmo entre os periódicos de resistência existiam disputas e dissidências frente às diferenças ideológicas vividas pelos grupos editoriais, algo inerente à própria natureza da organização partidária – lembrando que, em muitos casos, tais periódicos serviram como verdadeiros partidos –, havia ainda a imprensa anarquista. Folhas com essa inclinação circularam durante períodos distintos do regime: *Dealbar* (São Paulo, 1965), *O Protesto* (Porto Alegre, 1967), *Soma* (São Paulo, 1974), *O Inimigo do Rei* (Salvador, 1977), *Vibora* (Brasília, 1981), *Barbárie* (Salvador, 1979), *A Todo Vapor* (Rio de Janeiro, 1979), *Autogestão* (São Paulo, 1980), *Afrodite Perdeu o Rumo* (São Paulo, 1982).

Nos casos em que se foi além do mero patrocínio via publicidade, há que se considerar ainda o papel de instituições públicas e privadas no universo da imprensa de oposição ao regime durante o período de distensão política. *Bon-dinho* foi inicialmente um jornal da rede de supermercados Pão de Açúcar (daí o seu nome), e o feminista *Mulherio* só pôde ser concebido através do apoio da Fundação Carlos Chagas. Impressos de ênfase mais literária, como *O Carretão* (Lages, 1980), *Contos & Novelas* (Florianópolis, 1978) e *Literação* (Blumenau, 1978), contaram com suporte de secretarias municipais de cultura ou de universidades. *Política e Cultura* (Marília, 1982) e *Política* (Marília, 1984), por sua vez, foram editados pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), no campus de Marília (SP).

Adicionalmente, a heterogeneidade da imprensa de resistência também se dava por razões regionais. Fosse na denúncia de problemas locais ou na avaliação de questões internacionais, havia diferenças entre *Cidade Livre* (Brasília, 1977), *Verbo Encantado* (Salvador, 1971), *O Cometa Itabirano* (Belo Horizonte, 1979) – o mais duradouro dos periódicos de oposição ao regime –, *Contestado* (Florianópolis, 1977), *Varadouro*, *O Pasquim* e *CooJornal*, explicadas pela profunda identificação que tinham com as cidades onde eram editados.

Nesse plano das territorialidades, no amplo panorama da imprensa de resistência à ditadura há ainda um grupo em particular: o de periódicos produzidos por exilados. Estes compreendiam formatos que iam desde a tradicional imprensa partidária, com veículos porta-vozes de grupos – como a Ação Popular Marxista-Leninista (APML) ou a Política Operária (PO) –, à divulgação de atividades artísticas e culturais de presos políticos ou exilados do Brasil. Assim, a imprensa de resistência no exílio costumava reunir “documentos de organizações, artigos temáticos, informações e estudos sobre a situação social e econômica brasileira, denúncias da ditadura, de tortura e de prisão política, notícias do Brasil” (ROLLEMBERG, 2002, p. 453-454).

Se, por um lado, o exilado político estaria livre da perseguição estatal e teria sua integridade física e seu direito de ir e vir conservados (desde que se

mantivesse fora do país de origem), sua condição como desterrado também traria isolamento, um “limbo” provocado tanto pelo afastamento da realidade social e das bases militantes de seu país quanto por sua inaptidão ao exercício de atividades políticas no exterior, conforme previsto pela legislação internacional. Para que esse indivíduo encontrasse legitimidade frente aos seus comuns e também frente ao estrangeiro (o sujeito “anfitrião”), a marca da inconformidade e da denúncia poderia preencher um espaço fundamental. Marca pouco nítida, cabe destacar: afinal, se, para o exilado brasileiro no Chile de Salvador Allende, a convicção do sucesso da revolução socialista poderia gerar certo discurso, após o golpe de 11 de setembro de 1973, esse mesmo indivíduo, possivelmente na Europa, estaria engajado em outra frente: na denúncia do terrorismo de Estado, na urgência da anistia e da democratização, na importância dos movimentos sociais como nova forma de se fazer política etc. No exílio, portanto, a imprensa de resistência também veio a ser uma ferramenta importante. E, dentro do gênero, apresentou peculiaridades, conforme destaca Denise Rollemberg:

(...) as publicações (de exilados) não se dedicaram exclusivamente a responder ao que ocorria no país. A esquerda recebeu, no exílio, a influência de processos políticos e movimentos sociais que contribuíram para a revisão de seus valores e referências. O próprio deslocamento em direção a vários e diferenciados países enriquecia e multiplicava as experiências pessoais, políticas e intelectuais. Viam outras cidades, conviviam com outras culturas, falavam e ouviam outros idiomas, participavam de outros processos sociais. Assim, as temáticas e abordagens que vão surgindo, ao longo dos anos, eram também fruto da vivência do exílio e ganharam, de certa forma, uma autonomia em relação às discussões sobre assuntos brasileiros. (ROLLEMBERG, 2002, p. 457).

Alguns dos títulos mais expressivos lançados por brasileiros expatriados foram *Front Brasileiro de Informações* (Argel, 1969), *Correio Operário Norte Americano* (Washington, 1969), *Debate* (Paris, 1970), *Cartas Chilenas* (Santiago do Chile, 1971), *Guerrilha Operária* (sem local, 1971), *Combate – Órgão do Partido Operário Comunista* (sem local, 1971), *Campanha* (Santiago do Chile, 1972), *Conjuntura Brasileira* (Paris, 1974), *Brasil Socialista* (Lausanne, 1975), *Reflexo da Cultura Brasileira no Exílio* (Estocolmo, 1978), *Correio Sindical de Unidade* (sem local, década de 1970, possivelmente 1978 ou 1979), *Fragmento* (Estocolmo, 1979).

Entre o período da redemocratização e os momentos finais da imprensa “nanica”, surgiu ainda um gênero totalmente diverso – tanto no sentido espacial quanto no ideológico – dos periódicos dos exilados ou dos que buscavam uma articulação partidária formal pela esquerda. Essa outra categoria dos “nânicos” também se inscrevia na resistência, mas se armava de forma diferente

para o combate: eram os periódicos de literatura marginal, que existiam desde a década de 1970, mas que ganhavam força nos anos 1980, sobretudo quando se desdobraram nos fanzines (publicações de “fãs”). Modestos, impressos por mimeógrafos ou fotocopiadoras já por novas gerações, eles nasceram da chamada poesia marginal, gênero oriundo da contracultura, da Tropicália e de bases contestadoras do regime na década de 1970 (CAMPEDELLI, 1995, p. 13-14), e traziam nomes como os de Torquato Neto, Roberto Piva, Waly Salomão, Cacaso, José Carlos Capinam, Roberto Schwarz, Zulmira Ribeiro Tavares, Geraldo Carneiro, Antônio Carlos Secchin, Chacal, Leila Míccolis, entre outros. Alguns desses autores formam aquela que se convencionou chamar de “geração mimeógrafo”, basicamente composta por artistas marginais, ou seja, excluídos do mercado editorial e de círculos acadêmicos, que rodavam seus livros de forma artesanal para vendê-los pessoalmente nas ruas, em bares, em eventos culturais ou pelo correio (BEHR, 1979). Muitos foram colaboradores de periódicos como *Ponto 1* (Rio de Janeiro, 1967), *A Cigarra* (Santo André, 1982), *Clarínadas Líricas* (Aracaju, 1979), *Gaveta* (Olinda, década de 1970), *Conclave* (João Pessoa, 1979), *Cogumelo Atômico* (Brusque, 1975), *Almanaque Biotônico Vitalidade* (Rio de Janeiro, 1976), *Jecoaba* (São Paulo, 1978), *A Toca do Poeta* (Guarabira, 1982), entre outros, muitos deles mimeografados ou fotocopiados.

Partindo de dentro do movimento do poema processo, bebendo de fontes iconoclastas e marcadas por rigores de subjetividade, coloquialidade, oralidade, espontaneidade, experimentação rítmica, musicalidade, retratação do cotidiano urbano e exploração da cultura de massa, a imprensa de poesia marginal ganhou novos contornos quando passou a explorar universos diferentes no início da década de 1980. Com o aumento da circulação dos impressos mimeografados por escritores independentes e o crescimento do intercâmbio artístico pelo correio naquele período – quando poetas e artistas visuais divulgavam suas obras em caixas postais espalhadas pelo Brasil ou fora dele, experimentando o que viria a ser conhecido como “arte postal” (NUNES, 2004, p. 73) –, uma parte do gênero começou a flertar com a cultura pop de uma forma mais estreita do que nas propostas do poema-processo, que já era nutrida pela chamada cultura de massa. Novas gerações de periódicos artesanais iam, então, além da literatura, mesclando seus interesses também com *rock'n'roll*, quadrinhos, ambientalismo, movimento anarcopunk, movimentos underground em geral, entre outros. Na época, jovens editores passaram a divulgar poesia marginal junto a homenagens a seus ídolos, que, a exemplo do poeta Jairo Nogueira Luna (ou ainda “Jairo Jade Galahade”) no seu *Mimeógrafo Generation* (São Paulo, 1985), iam de Oswald de Andrade a John Lennon.

Foi assim que aqueles que até então eram apenas periódicos artesanais literários se confundiram com um conceito recém-chegado, o de fanzine. Nesse

grupo, pode ser citado o *Wop-Bop Fanzine* (São Paulo, 1977), *Barata* (Santos, 1979), *Gilete Press* (Goiânia, 1985), *Psiu Quadrinhos* (Brasópolis, 1982), entre outros, que, muitas vezes, exerciam críticas e incredulidade quanto à revitalização do regime democrático, ainda visto como inexistente frente aos percalços da Nova República. Essa falta de crença alimentada pela cultura punk e misturada à marginália era responsável pela “estética do esculacho”, presente ainda nos fanzines atuais:

O esculacho está ligado ao princípio da economia, que pode gerar também formas esteticamente mais acabadas, quando o zineiro parece “escolher” o papel a ser transformado em envelope. (...) Geometria, simplicidade, estilo infantil, nonsense, grotesco são algumas das referências possíveis na criação de logotipos por zineiros. (ALBERNAZ; PELTIER, 2002, p. 4-5).

Os periódicos citados acima, no entanto, não tiveram a mesma projeção que *Ex-*, *Verbo Encantado*, *O Pasquim*, *Opinião*, *De Fato*, *Navilouca* (Rio de Janeiro, 1974), *Resistência* (Belém, 1978), *Enfim* (Rio de Janeiro, 1979) ou outros considerados importantes nomes da imprensa de resistência. Mas suas semelhanças com os “grandes nanicos” são flagrantes. Poderiam ser considerados, portanto, a oitava fase da imprensa de resistência? E é possível afirmar que essa fase significava a decadência do gênero?

Indo contra o senso comum e na mesma linha de Bernardo Kucinski (2003, p. 25) e de Márcio Bueno (1986, p. 47), entende-se aqui que esse “fim” da imprensa de resistência, na verdade, pouco tem a ver com o argumento de que os nanicos tinham na ditadura civil-militar sua razão de ser. Ocorre que o próprio caráter provisório e experimental da imprensa de resistência contribuiu para sua crise com o fim do regime ditatorial. Divergências e rivalidades internas acabaram se somando às fragilidades administrativas e financeiras de coletivos editoriais e à apropriação de pautas anteriormente exclusivas dos nanicos por parte da imprensa de massa.

Nas palavras de Kucinski, o que abalou definitivamente a imprensa de resistência foi seu próprio “modelo ético-político”, mais próximo de uma tentativa de formação de uma ideologia contra-hegemônica do que de um projeto pontual de resistência ao regime:

Mas qual era o modelo ético-político da imprensa alternativa? Tinha como componente básico o repúdio ao lucro e, em alguns jornais, até mesmo o desprezo por questões de administração, organização e comercialização. Paradoxalmente, a insistência numa distribuição nacional antieconômica, a incapacidade de formar bases grandes de leitores-assinantes, certo triunfalismo em relação aos efeitos da censura, tudo isso contribuiu para fazer da imprensa alternativa não uma

formação permanente, mas uma coisa provisória, frágil e vulnerável não só aos ataques de fora como às suas próprias contradições. (KUCINSKI, 2003, p. 25).

Na prática, isso se refletia na queda de qualidade. Smith esclarece:

[...] a análise aprofundada deteriorava para um marxismo pop e generalizações abrangentes sem fundamento em dados. O jornalismo metuculoso era substituído pelo desejo de acabar com o jornalista como filtro ou mediador. Houve um incremento do jornalismo cru, tipificado por transcrições colhidas com microfones abertos. O sensacionalismo tomava por vezes o lugar da investigação. A disposição de analisar a sociedade transformou-se em fascínio apolítico por tendências e comportamento. O humorismo politicamente desafiador foi substituído pelo humor abusadamente sexista e racista. A liberdade virou licenciosidade e acabou se tornando interesseira. (SMITH, 2000, p. 63-64).

Ao passo que, no plano econômico, a crise financeira da década de 1980 dificultava o aparecimento de novos empreendimentos editoriais “alternativos”, o fim da ditadura trazia uma mudança na forma de se enxergar a utopia, a transformação social e a ação coletiva. O jornalismo crítico se institucionalizou na imprensa tradicional, os coletivos engajados já eram compostos por outros indivíduos e a ligação entre jornalismo e política mudou de lugar social – as oposições ao sistema agora podiam se transformar em partidos. Para sobreviver, a imprensa de resistência teria que se recriar.

Por fim, buscando contribuir para novas pesquisas sobre o tema aqui abordado brevemente, é importante destacar os acervos públicos que reúnem a imprensa de resistência à ditadura. Em pesquisa realizada na Coordenadoria de Publicações Seriadas da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), levantou-se que, só neste acervo, existem cerca de 450 periódicos do gênero, lançados entre 1964 e 1985.

Ainda em relação à FBN, mas, como que em capítulo à parte, cumpre ressaltar que esta, assim como a Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade de Campinas (Unicamp), conta com reproduções em microfilme da coleção “Brazil’s Popular Groups”⁴, organizada pela Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos e definida por esta como uma tentativa de documentar movimentos sociais que se desenvolviam no Brasil durante a ditadura e a Nova República – possivelmente para fins de monitoramento ideológico junto a órgãos de segurança americanos.

O Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ) possui acervo semelhante ao da FBN: seu conjunto documental intitulado “Imprensa

4. A Coleção “Brazil’s Popular Groups” é abordada ineditamente por Rafaella Bettamio, na tese: “Brazil’s Popular Groups: história e significados de uma coleção da Library of Congress”.

Alternativa” tem quantidade considerável de periódicos, que foram doados à instituição em 1992 pela Fundação Rioarte, vinculada à Secretaria Municipal das Culturas da Cidade do Rio de Janeiro. Esse material, listado e descrito em catálogo editado pelo próprio AGCRJ, foi reunido por iniciativa de Maria Amélia Mello, então diretora do extinto Centro de Imprensa Alternativa e Cultura Popular da Rioarte. Outros arquivos públicos, de estados como Minas Gerais, Paraná e São Paulo, possuem pastas temáticas de órgãos da repressão, disponibilizadas a partir da abertura de parte dos arquivos do Deops, no caso paulista, e dos escritórios locais do Dops, nos outros dois estados – disponibilizando, portanto, alguns periódicos de resistência apreendidos durante o regime.

Os arquivos da Associação Brasileira de Reforma Agrária (Abra) também contam com jornais e revistas de resistência à ditadura, naturalmente mais voltados a questões relativas a políticas agrárias, movimentos sociais camponeses, direito agrário, conflitos por terras, ambientalismo, agricultura popular e familiar, agronegócio, problemas na região amazônica etc. A Associação Brasileira de Imprensa (ABI), por ter sido considerada um “porto seguro” para jornalistas durante os anos de chumbo, também reúne acervo considerável. Fora do Brasil, a *Bibliothèque de Documentation Internationale Contemporaine* (BDIC), da Universidade de Paris, guarda rico material, em geral produzido por exilados latino-americanos antes ou depois de seu desterro.

Finalmente, cabe lembrar outro acervo que reúne quantidade significativa de títulos da imprensa de resistência: a coleção *Archivio Storico del Movimento Operario Brasiliano* (Asmob), localizada no Centro de Documentação e Memória (Cedem) da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Tal acervo, que posteriormente somou-se os fundos Astrojildo Pereira e Roberto Morena (os conjuntos documentais de ambos os militantes), nasceu por iniciativa de exilados brasileiros na Itália que, na década de 1970, buscavam a preservação da memória dos movimentos sociais e democráticos, sob ameaça devido à política de Estado repressora no Brasil. Com panfletos, periódicos, livros e outros documentos, a coleção foi, aos poucos, sendo formada por doações de militantes de diversos partidos e organizações que estiveram exilados entre as décadas de 1960 e 1970. José Luiz Del Roio, militante que, junto com Carlos Marighella, ajudou a fundar a Ação Libertadora Nacional (ALN), foi o principal articulador dessa ação, além de ter sido ainda o responsável pela recuperação de importante parte do acervo documental do Partido Comunista Brasileiro (PCB) durante o período de ilegalidade. O partido conseguiu clandestinamente retirar do Brasil seu acervo, que, após a passagem de Del Roio por diversos países, acabou se estabelecendo em Milão, onde o militante fixou residência. Foi esse o embrião do Asmob, sob a organização do mesmo Del Roio. O Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro (Amorj), do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), conta com parte da coleção do Asmob em microfilme.

Periódicos de resistência à ditadura civil-militar brasileira presentes no acervo da FBN

Entre 2006 e 2010, na Coordenadoria de Publicações Seriadas da FBN, procurou-se realizar uma relação detalhada das publicações editadas no Brasil entre 1964 e 1985 que fossem explicitamente contrárias ao regime militar e/ou ao que o mesmo representava. Pretendeu-se identificar exatamente quais foram esses periódicos – independentemente de sua presença no acervo da casa – e como se deu sua história e caracterização, apontando-se suas características gerais em textos específicos a respeito de cada um deles: são esses os seus chamados “históricos”. Até janeiro de 2010, 1.127 títulos diferentes haviam sido levantados em fontes bibliográficas e catálogos institucionais diversos; deste total, a FBN possui 441, listados abaixo (cada um acompanhado de seu histórico). Aqui, encontram-se periódicos clandestinos, sindicais, acadêmicos, de instituições, estudantis, de organizações e partidos políticos de esquerda, exclusivamente poéticos, de arte postal, mimeografados etc. Trata-se de jornais, revistas, fanzines, mimeógrafos, boletins e mesmo simples folhas de papel ofício fotocopiadas.

A coleção geral de imprensa de resistência na FBN possui certo recorte temporal: se concentra em impressos editados a partir da redemocratização. Mais precisamente: lembrando dos sete momentos da imprensa de resistência, segundo Bernardo Kucinski, a instituição quase não possui periódicos da primeira e da segunda fases, e poucos da terceira e da quarta – possivelmente, tal coleção complementa sobremaneira a do Centro de Documentação e Memória da Unesp, que parece concentrar impressos das duas primeiras fases. Muitos desses periódicos parecem ter sido doados à FBN por acaso, sem grandes planejamentos, haja vista a grande incidência de títulos incompletos, com esparsas edições inseridas em pastas de “miscelâneas”, e muitos casos de apenas uma edição por título. Raros são os periódicos em seu acervo claramente identificados como “editados clandestinamente”. Cabe destacar: a FBN sempre foi uma instituição governamental, fato que, durante a ditadura, provavelmente afastava a casa de potenciais editores independentes cientes da Lei de Depósito Legal e doadores de acervo. Por que deveriam, afinal, arriscar a própria pele, entregando seu material “subversivo” a um órgão que poderia encaminhar denúncia ao aparelho repressor? Ao fim deste texto, todavia, segue a relação completa de todos os títulos identificados como pertencentes ao gênero de resistência ao regime militar presentes no acervo da Coordenadoria de Publicações Seriadas da FBN.

Neste projeto, nenhum periódico pesquisado foi ou é diretamente filiado a grandes e tradicionais grupos de comunicação – exceto, talvez, o jornal *Ex-*, que, em um momento de crise, chegou a ser distribuído pela Editora Abril. Algumas publicações aqui estudadas, no entanto, são produtos de editoras estabelecidas – caso de *O Pasquim*, da Editora Codecri; da *Revista Civilização Brasileira*, da Editora Civilização Brasileira; e de *Argumento*, da Editora Paz e Terra. Esses periódicos contrastam com inúmeros casos de publicações editadas “na cara e na coragem” por poucas pessoas, muitas vezes amadoras na imprensa e praticamente sem caixa, mas que não deixam de possuir fatores que as identifiquem como inseridas no amplo gênero da resistência. Em outros casos, as publicações analisadas podem possuir vínculos ou mesmo pertencer a instituições – universidades, cooperativas, movimentos sociais, grupos religiosos ou órgãos públicos culturais (como no caso de algumas publicações exclusivamente literárias) –, mas, sem dúvida, possuem linhas editoriais encaixadas nas propostas abaixo. Daí, os critérios usados para caracterizar as publicações estudadas como alternativas giram em torno dos seguintes tópicos:

1. Emprego de temática baseada no movimento contracultural dos anos 1960 e 1970 (crítica de costumes, difusão de culturas orientais no ocidente, uso de drogas, sexo livre, *rock'n'roll* etc.);
2. Abordagens sociopolíticas de crítica e engajamento, questionamento de ordens (políticas, culturais, sociais) preestabelecidas e mobilizações populares (seja em torno das Eleições Diretas em 1984 ou da simples instalação de saneamento básico em comunidades de periferia);
3. Denúncias e/ou reivindicações frente às arbitrariedades cometidas durante o regime militar (ocasionando, em alguns casos, censura, atentados e outras formas de intimidação violenta);
4. Públicos-alvo em comunidades e/ou grupos sociais oprimidos, como mulheres, homossexuais, negros, indígenas, trabalhadores rurais e operários;
5. Manutenção e difusão de posturas ideológicas de esquerda ou anarquistas (englobando filiações partidárias, independentemente de suas orientações);
6. Exploração de temáticas ligadas ao movimento estudantil e questões de ensino;
7. Propostas humorísticas e satíricas com foco em questões sociopolíticas;
8. Intenções editoriais de ruptura com a metodologia da chamada “grande imprensa”;
9. Abordagens culturais e artísticas contemporâneas tidas como inseridas na estética “marginal”.

Os periódicos estudados nesse contexto não necessariamente apresentam todas essas nove características; podem ter apenas uma ou quase todas. É aí que reside a complexidade da imprensa alternativa. Separá-la em apenas dois eixos – o de política, luta armada, resistência e doutrinas de esquerda e o de contracultura, crítica de costumes e “desbunde” – seria uma atitude descuidada.

Tal pesquisa foi iniciada, em 2006, a partir da leitura de bibliografia específica sobre a imprensa alternativa durante a ditadura militar (ver referências bibliográficas). Ao fim dessa etapa, um artigo foi produzido exclusivamente para os Anais da Biblioteca Nacional, edição nº 124 – válida para o ano de 2004, mas publicada somente em 2007. Ainda dentro da pesquisa bibliográfica, históricos específicos de diversos títulos da imprensa de resistência começaram a ser delineados para cada periódico, isoladamente. A partir daí, mostrou-se necessária a identificação de quais desses periódicos estariam presentes no acervo da Biblioteca Nacional; devidamente consultados, seus históricos individuais, onde procurava-se destacar o máximo de informações de cada edição ou coleção, puderam ser aprimorados. Os títulos disponíveis em acervo, enfim, tiveram seus exemplares separados para consulta, em processo de análise de conteúdo iniciado em janeiro de 2007. Em sua leitura e análise foram destacados informações tocantes a data e local de publicação, aspectos editoriais em geral, tipo e organização de conteúdo, periodicidade, autoria/direção/editoração, locais de distribuição, tempo de circulação, contextualização histórica e política, filiações ideológicas e/ou institucionais, temas abordados, matérias de destaque e repercussão, aspectos gráficos, quantidade de páginas, formato, locais e formas de impressão, corpo redatorial e colaborativo, preço de capa e de assinatura, ocorrência de censura ou outras formas de repressão, aspectos econômicos e administrativos, curiosidades e fatores determinantes de fechamento. Muitas vezes, trechos de editoriais – normalmente textos especiais de lançamento – são integrados aos históricos dos periódicos. Alguns históricos, tratando de periódicos obscuros, com poucas edições e informações sobre seu corpo editorial, não passam de poucas linhas – por outro lado, textos a respeito de periódicos bem documentados, como: *O Pasquim*, *Movimento* e *Opinião* se estendem por laudas e laudas. Não cabe aqui transcrever tais históricos, por amizade à concisão; mas, a título de amostra, os textos focados nos periódicos de resistência *Opinião* e *Varadouro* estão disponíveis para leitura no site da Biblioteca Nacional Digital⁵.

Poucos fanzines da década de 1980 acabaram entrando nesta pesquisa, muito porque a Biblioteca Nacional possui relativamente poucos em seu acervo – ao menos em comparação à quantidade de fanzines que circularam no

5. Seus links são, respectivamente: <http://bndigital.bn.gov.br/artigos/opinioa/> e <http://bndigital.bn.gov.br/artigos/acervo-da-bn-varadouro-um-jornal-das-selvas/>.

Brasil naquela época. Mas isso ocorre também pelo fato de muitos terem surgido depois do fim da ditadura militar – *Quadrix* e *Mimeógrafo Generation* são exceções. Os zines que entraram neste estudo, além de importantes, são de uma época em que o formato ainda estava evoluindo a partir de publicações artesanais de poesia. Portanto, alguns mal eram reconhecidos como fanzines, mas como integrantes da “imprensa nanica” de uma forma geral. Para sabermos até que ponto se confundem, é necessário avaliá-los individualmente. Com certeza valeria a pena tê-los inserido aqui, mas as dimensões dessa pesquisa ficariam, assim, grandes demais.

Aqui aparecem ainda alguns jornais e revistas de vínculos acadêmicos (produzidos por departamentos de universidades ou jornais-laboratórios). Isso certamente compõe um gênero à parte, distinto da imprensa alternativa, mas, nos casos das publicações acadêmicas mostradas aqui, os dois gêneros se mesclam. Logo, temos publicações que tanto trazem ensaios, resenhas e artigos acadêmicos como textos/reportagens de rigor crítico e politizado, literatura marginal etc. O mesmo ocorre com jornais universitários e jornais-laboratórios, produzidos por estudantes. Apenas os que tratam de política, reivindicações do movimento estudantil ou arte e cultura foram levados em conta, excluindo-se os boletins informativos sobre a vida acadêmica das faculdades.

Os jornais de resistência aqui levantados não apresentam, necessariamente, uma postura explicitamente contrária à ditadura militar, muito embora os periódicos com esta característica façam imediatamente parte da categoria de imprensa alternativa. Alguns, por exemplo, priorizam assuntos como arte e cultura, sem posicionamentos políticos aparentes, muito menos denúncias e reivindicações – mas que arte era essa? Muitos, a exemplo de mimeógrafos literários que proliferaram, sobretudo, na década de 1980, serviam para divulgação de escritores ou poetas engajados em rupturas estéticas, inscritos na proposta “marginal”: a arte “maldita”, afinal, atinge sua condição como tal sobretudo em confronto com a moral burguesa.

Quanto à longevidade, os seis periódicos seguintes ainda circulavam em 2012: *Nós Irmãos*, criado em dezembro de 1971; *Pastoral da Terra*, de 1975 e ainda circulando, e *Porantim*, de maio de 1978; *O Cometa Itabirano* (este sim produzido sem a administração de um órgão superior), de novembro de 1979; *Mensageiro*, de 1979 (outro periódico indigenista sob a responsabilidade do Conselho Indigenista Missionário); e *O Perú Molhado*, de Armação de Búzios (RJ), lançado em fevereiro de 1981. Até então, o nanico considerado mais longo tem sido *O Pasquim*, certamente um dos mais famosos da imprensa independente dos anos 60 e 70 (durou 21 anos). A rigor, os jornais *Nós Irmãos*, *Pastoral da Terra* e *Porantim* são os impressos de resistência mais longevos dentre os surgidos na ditadura, aparentemente sem terem sofrido interrupções. Entretanto, considerar isso implica repensar o significado da imprensa “independente”, posto que os mesmos são editados por instituições

(pela Comissão Pastoral da Terra ou pelo Conselho Indigenista Missionário, órgão filiado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), e contaram com o respaldo destas desde os seus lançamentos, ao contrário de muitos outros apresentados nesta pesquisa. Creio que devemos considerar *Pastoral da Terra* e *Porantim* jornais de resistência, externos ao eixo da grande imprensa, mas cabe ao leitor considerá-los ou não “verdadeiramente” independentes, já que refletem, invariavelmente, posicionamentos ideológicos de certos setores da Igreja Católica. Ainda na discussão acerca da longevidade das publicações alternativas dos tempos da ditadura, convém ressaltar ainda jornais que foram editados por longos períodos, mas sofreram interrupções – como o jornal paraense *Resistência*, que, mesmo tendo circulação interrompida em inúmeras ocasiões, foi publicado por cerca de 25 anos, através da Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos. É mais ou menos o mesmo caso de *Hora do Povo*, criado pelo MR-8 em 31 de agosto de 1979 e que ainda circulava em 2020, e do *Papa-Figo*, lançado no Recife em agosto de 1984 e editado ao menos até a década de 2010.

Uma conclusão que se pôde tirar durante a elaboração deste trabalho foi de que a historiografia da imprensa alternativa brasileira é frágil e ainda é rasa. Talvez isso se dê, em parte, pela complexidade de definição deste gênero impresso, apontada no parágrafo anterior. Nesse sentido, de qualquer forma, os dados apresentados nesta pesquisa podem conter erros ou imprecisões. Isso se dá por uma série de razões: relativa falta de bibliografia sobre a imprensa alternativa; falta de informações nos próprios periódicos pesquisados etc. Outro desafio é a magnitude geográfica do Brasil: por mais que sejam artesanais, impressos produzidos em grandes centros urbanos normalmente estão mais visíveis ao pesquisador; no entanto, o imenso interior brasileiro guarda infindáveis surpresas. Existem ainda falhas consideráveis nas coleções presentes na Biblioteca Nacional (que recebia poucas publicações “subversivas” justamente por ser, durante o regime militar, uma instituição governamental), na hemeroteca da Associação Brasileira de Imprensa, no Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro e no Centro de Documentação e Memória da Unesp, os quatro grandes acervos institucionais tomados, aqui como base.

Em alguns momentos, no que concerne à produção de históricos de impressos da resistência, algumas informações bibliográficas, quando confrontadas, apresentaram discordâncias. Nesse sentido, é emblemático o caso do jornal belenense *Resistência*: em setembro de 1983, vítima de severa crise financeira, política e administrativa, o jornal fechou. Bernardo Kucinski, no livro “Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa” (2003), a principal obra de referência na historiografia da imprensa de resistência à ditadura militar da atualidade, afirma que, na ocasião, o editor Luiz Maklouf e os profissionais diretamente envolvidos com o jornal haviam se rebelado contra os métodos de manipulação do PCdoB, que alegadamente controlava

a publicação. Consultado, Maklouf afirma que tal revolta nunca existiu. Tudo isso revela que ainda há muito o que se discutir e entender não só sobre a imprensa alternativa durante os anos de chumbo, mas também sobre a própria cultura de resistência e seus principais agentes. O período autoritário ainda deve render futuros estudos.

Lista de periódicos de resistência no acervo da FBN

ABCD Jornal – São Bernardo do Campo (SP), 1976

Fundado em São Bernardo do Campo (SP), em data oficial de 25 de março de 1976. Era composto por antigos militantes da chamada Ala Vermelha, sendo dedicado à reivindicação operária dos municípios de Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano e Diadema, da região metropolitana de São Paulo. Aparecida Fátima Carvalho Leite assinava como sua editora. Trazia temática trabalhista aliada a problemas do cotidiano das localidades por onde circulava. Discutia questões políticas, salariais, jurídicas, ambientais, educativas, culturais, entre outras, trazendo depoimentos e denúncias à tona. Formalmente apresentava-se como publicação da ABCD Sociedade Cultural.

↪ BIN: 50597-8

Abertura Cultural – Rio de Janeiro (RJ), 1974

Jornal mensal cultural, criado no Rio de Janeiro (RJ) em 1974 (possivelmente em outubro). Mobilizante, trazia slogans como “Pela renovação popular do teatro nacional”. Circulava como publicação do Movimento Teatro ao Encontro do Povo, um movimento teatral fundado pelo escritor e ativista ecológico austríaco Otto Buchsbaum, em parceria com sua esposa Florence Buchsbaum. O periódico foi dirigido tanto por Florence quanto por André Delano Buchsbaum. Serviu ainda como porta-voz ao movimento político-ambientalista “Resistência Ecológica”, fundado por Otto Buchsbaum na década de 1970.

↪ BIN: 95150

Abre Alas – Juiz de Fora (MG), 1981

Jornal cultural, poético, humorístico e experimental lançado em Juiz de Fora (MG) por volta de 1981. Era uma publicação quinzenal, lançada pela Sociedade Articultura, trazendo basicamente poesias de diversas tendências e ilustrações. Produzido por um coletivo editorial, era inicialmente mimeografado. Posteriormente impresso em *offset*, o periódico adquiriu regularmente 14 páginas e passou a possuir tiragem de 1.500 exemplares por edição. Ao longo de seu tempo de vida, contou com o trabalho de Fernando Fábio Fiorese Furtado, João Batista Jorge, José Alexandre Marino, Rejane Villanova, José

Henrique da Cruz, Leila Miccolis, P. J. Ribeiro, Suraia Mockdece, Alcides Buss, Cláudio Feldman, Teresinha Pereira, entre outros.

↪ BIN: 48224-2

Aconteceu – Centro Ecumênico de Documentação e Informação, Rio de Janeiro (RJ), 1981

Periódico lançado pelo Centro Ecumênico de Documentação e Informação (Cedi) no início da década de 1980 no Rio de Janeiro (RJ). Tratava-se de um “acompanhamento das lutas levadas por diversos setores populares. As notícias da semana estão agrupadas em: trabalhadores urbanos, trabalhadores rurais, índios, movimentos populares, igrejas, política nacional, notícias internacionais e outras”. Editado por Jorge Luiz Carrera Jardineiro em 1987 e por Xico Teixeira de 1988 até a década de 1990, trazia ainda, em expediente, os nomes que compunham o Conselho de Publicações do Cedi. Durante sua existência, *Aconteceu* editou ainda um suplemento especial chamado *Aconteceu – Povos Indígenas no Brasil* (BIN: 44598-3). O Cedi possuía também uma revista chamada *Tempo e Presença*, o periódico *Aconteceu no Mundo Evangélico* e os *Dossiês Constituintes*, sendo estes dois volumes de textos sobre a discussão de questões nacionais envolvendo a Assembleia Constituinte.

↪ BIN: 464406

Afrodite Perdeu o Rumo – São Paulo (SP), 1982

Revista anárquica experimental, próxima a um fanzine. Literária, cultural e política, foi lançada em 1982 em São Paulo (SP). Editada por Januário Solimões, Márika América, Ana Baiola, Firmino Müller, Hermes, Edmílson, Gaia, Inês, Narciso, entre outros, era pouco organizada, graficamente modesta e era vendida de mão-em-mão por seus próprios editores. Sua postura, no entanto, era crítica, sem censura, caricata, irreverente e libertária, focada na juventude. Costumava trazer fragmentos textuais de intelectuais como Friedrich Engels, Tomás Antônio Gonzaga e Friedrich Nietzsche.

↪ BIN: 25512-2

Agora – Divinópolis (MG), 1967

Jornal cultural-literário lançado em Divinópolis (MG) em 1967. Publicava contos, poesias, notícias sobre literatura, artigos, fotos, textos críticos, entre outros. Seus participantes iniciais foram J. Belizário, Lázaro Barreto, Adélia de Freitas, Regina Debrieu, Kátia Bento, Afonso Ávila, Neiva Maria, Joaquim Branco, entre outros. O jornal dera origem a uma publicação homônima mais semelhante à imprensa convencional: surgido em 1º de junho de 1971, o *Agora Regional* fora oficialmente fundado por Vanir Vasconcelos de Menezes, José Lúcio Alves, Fernando Teixeira, Jaques Guimarães, Márcio Sena, Lázaro

Barreto, Ivan Silva, Antônio Eustáquio Rodrigues e Pedro Magalhães de Faria. Posteriormente, seu nome mudou para *Jornal Agora: o diário da região*.

➔ BIN: 5801-7 (*Agora Regional*) e 57760-0 (*Jornal Agora: o diário da região*)

Ágora – DA Bastos Terra, da UFF, Niterói (RJ), 1975

Jornal universitário criado em Niterói (RJ) em 1975 pelo Diretório Acadêmico Bastos Terra da Universidade Federal Fluminense (UFF). Contendo o subtítulo “Um jornal muito do porreta!”, trazia assuntos relativos à política estudantil, críticas à política nacional, entre outras coisas. Anárquico e amador, *Ágora* era editado com poucos recursos. Sua circulação foi suspensa por volta de 1981 até outubro de 1982. Após este período, ao ser retomada na 13ª edição, sua produção contou com participantes identificados apenas como João “Guará”, Ailson, Dráurio, Marquinhos, Hugo, Hilton, Coelho, Valéria, entre outros.

➔ BIN: 49985-4

Aldeia – São Paulo (SP), 1981

Jornal cultural, experimental, politizado e crítico. Lançado em São Paulo (SP) por volta de 1981, trazia, na maior parte do seu conteúdo, poesias, ilustrações, quadrinhos, contos, entrevistas e ditos e textos da cultura popular. Consistia em um espaço aberto para manifestações artísticas e intelectuais, autoproclamado um veículo para a publicação da literatura independente. Era produzido por um coletivo: Roberto Bonafé, Wilson Campos, Maria Eliana, Maria Cristina, Mônica Ximenes, Célio Pires, Paulo Neguinho e Nivaldo Rigo. Era publicação da Associação Aiuri Pró-Cultura, Arte e Educação.

➔ BIN: 44419-7

Alfa Centauri – Belo Horizonte (MG), 1973

Revista lançada em Belo Horizonte (MG) em 1973(?). Editada por Zulmira Lins, a publicação trazia poesias, ilustrações, críticas, artigos, textos literários, notícias variadas, artigos (sobre meio ambiente, cinema, arte etc.), entrevistas, entre outras coisas.

➔ BIN: 13199-7

Alguma Poesia – Rio de Janeiro (RJ), 1978

Revista literária lançada no Rio de Janeiro (RJ) em junho de 1978, circulando como publicação da empresa Mayti Comunicação. Visava apresentar poemas e crítica literária prioritariamente nacionais e de cunho marginal, algo que não excluía de suas páginas textos de autores estrangeiros. Dirigida e editada por Marcio R. Schiavo e Carlos Lima. Posteriormente, o projeto da revista converteu-se em um jornal: *Alguma Poesia: Jornal surge* em agosto

de 1983, em edições bimestrais (este primeiro número era relativo a agosto e setembro daquele ano).

↪ BIN da revista: 44302-6 e BIN do jornal: 50729-6

Almanaque – São Paulo (SP), 1976

Revista cultural lançada através da editora Brasiliense em São Paulo (SP) no ano de 1976. Seu subtítulo, “Cadernos de Literatura e Ensaio”, antecipava seu conteúdo principal. Em texto de apresentação na 1ª edição, a publicação se apresenta como um “(...) exercício anti-econômico, sem programa, errante, sem precedente, sempre excedente – do prazer e da liberdade da escrita, da imaginação e do pensamento: ensaios de contra-dicção. (O leitor) Verá que são Cadernos de efeito. Inútil indagar por suas causas”. Editado por Walnice Nogueira Galvão e Bento Prado Jr., o periódico apresentava boa quantidade de textos teóricos e literários. Impressa inicialmente na empresa Paika Realizações Gráficas, depois na Poligráfica Ltda. e na Monsanto Editora Gráfica Ltda.

↪ BIN: 41560-0

Almenara – Londrina (PR), sem data

Publicação literária criada em Londrina (PR) pelo Centro de Poesia da Academia de Letras, Ciências e Artes de Londrina. Sua data de fundação é indefinida. O periódico era editado por João Soares Caldas e trazia poemas, trovas e, eventualmente, textos em prosa.

↪ BIN: 45916-0

Alternativa Comunitária – Recife (PE), 1980

Tabloide mensal fundado em julho de 1980 no Recife (PE). Ligado a movimentos de base, era dirigido por Sebastião Barreto Campelo. Doutrinário de esquerda, desfavorável ao neoliberalismo e à voracidade das multinacionais no Brasil, abordava temas como direitos do operariado e dos trabalhadores rurais, indústria nacional, modelos de autogestão, direitos do consumidor, desemprego, salário mínimo, urbanização, problemas de comunidades locais etc. Composto e finalizado na Editora Comunicarte, era impresso na Companhia Editora de Pernambuco.

↪ BIN: 57683-2

Alternativo – São Sebastião do Paraíso (MG), 1980

Jornal mensal fundado, em 1980, no município de São Sebastião do Paraíso (MG). Sua 8ª edição é datada de junho de 1981. De temática cultural e política, continha notícias do cotidiano local, pequenas reportagens e entrevistas, poesias, artigos opinativos e reivindicativos, charges, fotos, anúncios publicitários, entre outras coisas. *Alternativo* foi um periódico assumidamente de esquerda, favorável ao Partido dos Trabalhadores (PT). Era editado por

João Batista da Silveira, José Roberto Cosini e Sebastião Furlan, sob a responsabilidade do jornalista Fernando Antonio de Alverga Grossi.

➔ BIN: 58672-2

Alto Falante – Rio de Janeiro (RJ), 1973

Jornal minitabloide fundado em março de 1973 no Rio de Janeiro (RJ). A publicação falava sobre música: trazia notícias, entrevistas, fotos, pequenos artigos opinativos, perfis, novidades e lançamentos de discos, ilustrações, charges, letras de músicas, anúncios publicitários, entre outras coisas. Publicação da empresa Edições Musicais Templo Ltda., possuía tiragem de 50 mil exemplares, em distribuição gratuita. Editado por Afonso Pena, o jornal contava com Vera Caldas, Vanda Viveiros de Castro, Ana Maria Bahiana, Carlos, Henfil, Glauco Oliveira, entre outros. Foi composta na gráfica Jet Press, impressa pela Editora Mory.

➔ BIN: 6015-1

Amanhã – São Paulo (SP), 1977

Jornal de temática política e cultural, fundado em São Paulo (SP) em 15 de dezembro de 1977. Foi baseado em outro jornal, de título homônimo (lançado em 1967 e editado por Raimundo Pereira), e tinha Chico de Oliveira e Ricardo Maranhão como alguns de seus principais articuladores. Nascido de uma cisão do grupo que mantinha o jornal *Em Tempo* (BIN: 46491-0) e editado por um grande grupo (no qual se destacou a figura de Juca Kfourir), o periódico reunia marxistas simpatizantes do Partido Comunista Brasileiro (PC), militantes do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e do grupo Debate. *Amanhã* contou com personalidades de destaque no jornalismo, na política e na intelectualidade do Brasil. Em expediente, apresentava uma infinidade de redatores-proprietários. Com seus respectivos editores, a divisão das seções do jornal dava-se em “Movimentos Sociais”, com Ricardo Maranhão; “Questões de Democracia”, com Antonio Mendes Júnior e Carlos Alberto Dória; “Cultura”, com Luiz Roncari; “Internacional”, com Wolfgang Leo Maar; “Economia”, com Chico de Oliveira e “Arte”, com Carlos Clémen. José Álvaro Moisés figurava como o jornalista responsável.

➔ BIN: 49672-3

A Amazônia Brasileira em Foco – Comissão Nacional de Defesa e pelo Desenvolvimento da Amazônia (CNDDA), Rio de Janeiro (RJ), 1967

Publicação da Comissão Nacional de Defesa e pelo Desenvolvimento da Amazônia (CNDDA). Lançada no Rio de Janeiro (RJ) em 1967, através da Comissão de Divulgação do Plano Global para a Amazônia (Codiplan), possuía tonalidades patrióticas, críticas e analíticas. Como a CNDDA era presidida por Arthur Cezar Ferreira Reis (presidente de honra, professor universitário

e ex-Governador do Estado do Amazonas) e pelo general Tácito Lívio Reis Freitas, que também figurava inicialmente na direção de *A Amazônia Brasileira em Foco* (após sua morte, o cargo passou a Orlando Valverde), o periódico era editado por Henrique Miranda. Em determinado período de sua existência, a publicação passou a lançar um suplemento chamado *Amazônia Urgente!*.

➔ BIN: 6034-8

Amazônia, Hoje – Rio de Janeiro (RJ), 1980

Tabloide lançado em outubro de 1980 no Rio de Janeiro (RJ), como “Órgão oficial da Campanha Nacional de Defesa e pelo Desenvolvimento da Amazônia”. Editado por José Nilo Tavares e Mário Vila Ramos, em tons essencialmente nacionalistas, trazia questionamentos e argumentações a respeito dos valores socioeconômicos e ambientais da Amazônia, o interesse estrangeiro na região, reforma agrária, problemáticas indígenas, iniciativas de extrativismo (como o Projeto Carajás, desenvolvido por uma subsidiária da Cia. Vale do Rio Doce, a Amazônia Mineração – AMZA) etc.

➔ BIN: 48233-1

Amazônia Urgente! – suplemento de A Amazônia Brasileira em Foco, Rio de Janeiro (RJ), 1979

Publicação lançada no Rio de Janeiro (RJ) pela Comissão Nacional de Defesa e pelo Desenvolvimento da Amazônia (CNDDA). Circulou em torno do final da década de 1970 (esta descrição é baseada em um exemplar de julho de 1979). Em forte teor político e denunciativo, trazia artigos, reportagens, ilustrações e fotos em prol dos interesses da região amazônica. Era impresso em sistema *offset* e em formato minitabloide.

➔ BIN: 6034-8

Americanto – Recife (PE), 1981

Publicação cultural e literária fundada no Recife (PE) em novembro de 1981. Especializada em literatura marginal, continha notícias, pequenas notas, entrevistas, poesias, ilustrações, cartuns, cartas de leitores. Dirigido por Fátima Ferreira e Hector Pellizzi, contava ainda com a colaboração de Caesar Sobreira, Alberto da Cunha Melo, Ana Lúcia Bandeira, Daniel Santiago, Andréa Mota, Wir Caetano, Kátia Bento, Sérgio Lima Silva, Nicolas Behr, Ulisses Tavares, Leila Miccolis, Cláudia Juhareiz Correya, Cláudio Feldman, Jorge Verdi, entre outros.

➔ BIN: 44577-0

Amplitude – Nova Iguaçu (RJ), sem data

Revista bimestral que publicava somente poemas. Mimeografada em Nova Iguaçu (RJ), não trazia informações sobre sua data de publicação. Sua 2ª

edição, ano I, editada quatro meses após o nº 1, já circulava em *offset* e havia sido composta e impressa na Gráfica MEC Editora Ltda. Neste mesmo número, o periódico trazia em sua última página um anúncio do Centro de Atividades de Nova Iguaçu pertencente à Administração Regional do Serviço Social do Comércio (Sesc). Era dirigida por André Borges e Dejair Esteves da Silva, editada por Airton R. Oliveira. Lirian Rozendo dos Santos foi sua coordenadora.

➔ BIN: 37097-5

Ananda – Salvador (BA), 1972

Revista de pequeno formato, esotérica e espiritual, lançada em Salvador (BA) em março de 1972. É publicada pela Casa Sri Aurobindo, uma sociedade sem fins lucrativos focada na divulgação dos ensinamentos dos mestres espirituais Sri Aurobindo e A Mãe e em trabalhos educacionais através de filosofias espiritualistas. Tanto a revista quanto a sociedade foram fundados pelo coreógrafo e dançarino alemão Rolf Gelewski. Em 2003, ocorreu um acúmulo de atrasos na edição da revista, de forma que sua administração optou por “pular” este ano na numeração da revista. Aparentemente, a revista circulou até 2004. Foi editada inicialmente em Salvador (BA), depois em São José do Rio Preto (SP), depois em São Paulo (SP), depois novamente em Salvador (BA), e finalmente em Belo Horizonte (MG).

➔ BINs: 35842-8, 49978-1, 49977-3, 49979-0

Anistia – Comitê Brasileiro pela Anistia, Rio de Janeiro (RJ), 1978

Jornal mensal lançado no Rio de Janeiro (RJ) em outubro de 1978, circulou como órgão oficial do Comitê Brasileiro pela Anistia (CBA, grupo formado em julho de 1978). No formato tabloide, impresso em *offset* e com cerca de oito páginas, o jornal possuía linha essencialmente política e combativa, contrária à ditadura militar e a favor de presos e exilados políticos. Sem censura, circulava com manchetes e chamadas de capa despidoradas. Em seu expediente, constando como “Diretoria”, figuram nomes que provavelmente atuavam na direção do próprio Comitê Brasileiro pela Anistia: Eny Raimundo Moreira, Arthur Müller, Jorge Eduardo Saaveda Durão, Iramaya Queiroz Benjamim, Pedro Cláudio Bocaiúva, Abgail Paranhos e Iná Meirelles.

➔ BIN: 45793-0

Aparte – alunos do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da UFF, Rio de Janeiro (RJ), 1978

Publicação estudantil lançada no Rio de Janeiro (RJ), no ano de 1978 (data de sua edição nº 0). Seu subtítulo: “Revista dos alunos do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia”, da Universidade Federal Fluminense (UFF). Servia de instrumento de divulgação de estudos e debates gerados pelos alunos, já

que “[...] a estrutura universitária, não adequada aos propósitos de livre reflexão e manifestação, aliada à falta de articulação entre iniciativas isoladas, obstruíam a possibilidade de se superar a distância existente entre um espaço a ser preenchido e sua efetiva ocupação”. Era editado modestamente.

➔ BIN: 32214-8

Apenas – Bauru (SP), 1980

Idealizada em 27 de julho de 1980 e lançada em agosto do mesmo ano, em Bauru (SP), foi uma revista literária mimeografada. Seu conteúdo, composto especialmente por poemas, trazia ainda ilustrações, pequenas resenhas e notas sobre lançamentos de livros. Com distribuição gratuita e tiragem inicial de 1.500 exemplares, era editada por um grupo também denominado “Apenas”, criado em 10 de maio de 1980 e composto por Reginaldo Tech, Raul Gonçalves Paula, Marco Antônio (Kako), Luís Vítor Martinello, Alberto Sérgio Sanchez, André Luiz Mizokami e Luiz Carlos de Oliveira. Já em 1981, a publicação passa a ser impressa em sistema *offset* pela gráfica Joarte. Em 1981, um novo *Apenas* foi lançado em Catanduva (SP).

➔ BIN: 51008-4

Aqui Ficção – Salvador (BA), 1979

Minitabloide lançado em Salvador (BA) em setembro de 1979, como publicação oficial do Clube de Ficção. De acordo com editorial da 1ª edição, o jornal “[...] não nasceu para combater o hermetismo, mas tão somente para dar ao povo a opção de ler o que gosta, escrito por autores brasileiros, baianos em particular. E para, dessa forma, tentar aumentar o mercado de leitura neste país”. Coordenado por Luiz Ademir Souza.

➔ BIN: 51112-9

Aqui Pró Nós – Belo Horizonte (MG), 1982

Minitabloide produzido para encarte em jornais diversos, editado em Belo Horizonte (MG) pela Editora Comunicação Ltda. Foi lançado em agosto de 1982, com um expediente que destacava a valorização da imprensa interiorana mineira. Circulando apenas aos domingos, circulou, pelo menos, até o final da década de 1980.

➔ BIN: 52741-6

Arca – Campo Mourão (PR), 1985

Periódico de arte, cultura e ambientalismo surgido em Campo Mourão (PR) em 1985(?), como informativo do Clube da Arca. Editado por Eloyr Doin Pacheco e Yara R. Pacheco (no ano de 1987, Hugo Ramirez Filho passa a integrar esse grupo). Ao longo de sua edição, *Arca* perdeu seus vínculos com Campo Mourão. A 6ª edição, de fins de 1986, já apresenta um endereço

para correspondências em Londrina (PR). Foi lá que o Clube da Arca passou a contar com a assessoria editorial da empresa Evidência, que passou a editar *Arca* com maior qualidade.

➔ BIN: 44767-6

Argumento – Rio de Janeiro (RJ), 1973

Surgida no Rio de Janeiro (RJ) em outubro de 1973, foi uma revista de cunho cultural e político, lançada por Fernando Gasparian. Empresário conhecido por financiar e dirigir outros projetos de jornais alternativos, Gasparian investira em *Argumento* pela compra da então falida editora Paz e Terra, no mês de outubro de 1973. Decidira lançar a revista após a experiência traumática que vivera em *Opinião* (BIN: 12330-7). Inspirada em *The New Statesman*, era dirigida por Barbosa Lima Sobrinho e trazia ensaios, grandes reportagens, entrevistas, análises, resenhas e textos opinativos de alta qualidade, de autoria de personalidades e intelectuais trazidos de *Opinião*. Boa parte desse conteúdo era quase acadêmica, crítica e engajada. *Argumento* obteve sucesso entre os meios intelectuais, muito pela qualidade de seus textos. Entretanto, não chegou a um ano de publicação. Por conta da apreensão da 3ª edição, de janeiro de 1974, pelos órgãos de segurança da ditadura militar, a revista foi suspensa quando seu nº 4, de fevereiro, já estava no prelo.

➔ BIN: 44601-7

Arjuna – Rio de Janeiro (RJ), década de 1980

Revista de vanguarda lançada no Rio de Janeiro (RJ), circulou no início da década de 1980. Essencialmente política, libertária e inventiva, com o subtítulo “O Canto Guerreiro”, a publicação possuía linha cultural, focada prioritariamente na poesia e na música popular brasileira. Temas como cultura negra e magia também eram recorrentes. Editada por Paulo Luís Barata, contava com textos de Paulo Leminski, Jorge Mautner, Augusto de Campos, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Zé Ramalho, Elba Ramalho, Antonio Risério, entre outros.

➔ BIN: 41755-6

Aroeira – nome completo “É a volta do cipó de Aroeira no lombo de quem mandou dar”, Paranaíba (PR), 1965 ou 1966

Minitabloide universitário que circulou em Paranaíba (PR) a partir de meados da década de 1960, possivelmente criado em 1965 ou 1966. Criado como publicação dos alunos da Fundação Faculdade Municipal de Educação, Ciências e Letras de Paranaíba (Fafipa), saía através do Diretório Acadêmico Tristão de Athayde (Data). Foi lançado pela gestão Tempo Novo (1983/1984), sob presidência de Edmilson Donizete Botéquio.

➔ BIN: número ainda não fornecido

Aroeira – Regional Mato Grosso da CPT, Cuiabá (MT), 1979

Modesto periódico criado em 1979(?) em Cuiabá (MT), como informativo da Regional Mato Grosso da Comissão Pastoral da Terra. Sua preocupação: “a grave situação do campo brasileiro”.

➔ BIN: 47465-7

Arrastão – Rio de Janeiro (RJ), 1965

“Jornal de arte”, criado no Rio de Janeiro (RJ) em 1965(?). Publicado em formato minitabloide, trazia artigos sobre cinema, dança, música, literatura, teatro, artes visuais, filosofia, eventos, exposições, movimentos artísticos e personalidades da cultura etc. Paralelamente, contos, crônicas e anúncios publicitários também eram publicados. Dirigido por Airton Lima Barbosa e José Carlos Avellar, o jornal contou com colaboradores como Sergio Cabral, Regina Werneck Monteiro, Fernando Serpa, Fernando Py, Nélida Piñon, entre outros.

➔ BIN: 6542-0

Arsenal de Cultura – Fortaleza (CE), 1981

Revista de vanguarda lançada em janeiro de 1981, em Fortaleza (CE), após a edição do periódico experimental que o originara: *Arsenal de Literatura*, veiculado em novembro de 1980. Com o subtítulo/slogan “Órgão oficioso da Oh!?! Posição”, era politicamente engajada e tratava essencialmente de literatura e cultura. Seu editor era Floriano Martins. Contava com um conselho editorial composto por Airton Monte, Nilto Maciel, Batista de Lima, Gentil Barreira, Paulo Barbosa e Lauro Maciel Severiano Júnior. Circulava através da editora Cariri Produções e Comunicação Ltda., do Crato. Publicou material de outros periódicos do gênero, como *Poesia Livre* e *Nação Cariri*.

➔ BIN: 44403-0

Arsenal de Literatura – Fortaleza (CE), 1980

Revista literária de vanguarda lançada em Fortaleza (CE) em novembro de 1980. Focada na literatura cearense, publicou contos, poesias, resenhas, artigos críticos, ilustrações e ensaios fotográficos. Editada por Floriano Martins, possuía um conselho editorial com Airton Monte, Batista de Lima e Paulo Barbosa.

➔ BIN: 44403-0

Arte, Afinal – São Paulo (SP), 1985

Revista cultural lançada em São Paulo (SP) em 1985(?). Mensal, a publicação era dirigida por Gastão Armando Soares, saindo através da S&S Lançamentos Gráficos. Edson Warren Soares e Tide Hellmeister assinavam, respectivamente, como editor de texto e de arte, sendo Elizabeth Lopes Guaraldo a jornalista responsável. Focada em artes gráficas, a revista trazia ilustrações,

perfis de artistas, técnicas de pintura e desenho, artigos sobre cinema, estudos de símbolos e logotipos, propaganda de gráficas e anúncios em geral, notas sobre outras publicações, poemas, entre outras coisas, incluindo chamadas para concursos, exposições e demais novidades do mundo artístico. Tinha tiragem de 8 mil exemplares.

➔ BIN: 51114-5

Arte Agora – Franca (SP), 1979

Revista lançada em setembro de 1979 no município de Franca (SP), onde circulou inicialmente como publicação cultural da Fundação Municipal Mário de Andrade. De sua 3ª edição até a 35ª, período que engloba meados da década de 1980 a 1989, saiu como suplemento cultural do Laboratório de Artes de Franca (devido à censura, o periódico não pôde continuar sendo vinculado à Fundação Municipal Mário de Andrade, cabendo a sua editoração a uma instituição independente de governos locais). Publicava artigos opinativos, ensaios, críticas, pesquisas, quadrinhos, cartuns e ilustrações. Entre seus responsáveis figuravam Maria Atalie R. Alves e Mauro Ferreira. *Arte Agora* deixou de ser publicada em 1989, por volta de sua 35ª edição.

➔ BIN: 42054-9

Artebahia – Salvador (BA), 1985

Minitabloide bimestral criado em Salvador (BA) como publicação do Movimento Cultural Contemp. Seu fundador e diretor foi Luiz Ademir Souza. Em editorial, o jornal se apresenta como um meio de difusão de escritores e demais artistas, esperando “preencher uma lacuna literária”. O mesmo texto ainda apresenta o Movimento Cultural Contemp, entidade lançadora de mais de 700 autores em cerca de 370 títulos. *Artebahia* contava com um conselho editorial composto por Raimundo Moreira Filho, Aurivaldina de C. P. Gleyser, Germano Machado, Vera Gondim, Antonio Luiz Amorim, Leny Mara Souza, Osmar de Azevedo Moreira, Maria das Graças Sena e Gláucia Guerra de Oliveira.

➔ BIN: 51099-8

Arte em Revista – Centro de Estudos de Arte Contemporânea, São Paulo (SP), 1979

Periódico teórico e debatedor criado pelo Centro de Estudos de Arte Contemporânea em São Paulo (SP). Lançado em janeiro de 1979, em edição trimestral, válida até março daquele ano, pretendia “[...] divulgar documentos que possam servir de subsídio para repensar a história da arte brasileira: textos de análises e manifestos – esgotados ou de difícil acesso –, ao lado de entrevistas ou depoimentos inéditos de artistas e críticos”. Buscava resgatar o pensamento reprimido durante os anos de forte censura da ditadura militar.

Editada por Otília Beatriz Fiori Arantes, Celso Fernando Favaretto e Matinas Suzuki Júnior, tocava em assuntos diversos da cultura brasileira. Publicou nomes de peso: Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Glauber Rocha, Hélio Oiticica, Ferreira Gullar, Oscar Niemeyer, Paulo Emílio Salles Gomes, Antonio Candido, Haroldo de Campos, Rogério Sganzerla, Lúcio Costa, Augusto Boal, entre outros. Circulava sob o selo da Kairós Livraria e Editora Ltda.

➔ BIN: 32510-4

Artefato – Campinas (SP), 1985

Minitabloide cultural lançado em Campinas (SP) em junho de 1985, foi fundado por Adílson Siqueira, Beatriz Sampaio Azevedo, Nivaldo Alves e Silvia Baliélo. Com Davi William assinando como jornalista responsável, era impresso em *offset* pela Venus Composição Jornalística e Gráfica Ltda. Proposto como uma forma de divulgar e discutir a cultura local, o “[...] Jornal Artefato nasceu através da constatação que Campinas não contava com um jornal que registrasse, permanentemente, as atividades culturais aqui realizadas”.

➔ BIN: 51109-9

Arte-Manha – Rio de Janeiro (RJ), 1981

Lançado no Rio de Janeiro (RJ), em novembro de 1981, era um jornal de linha cultural, com críticas a eventos e mostras, opiniões da classe artística ou sobre a importância de determinadas instituições culturais e a profissionalização do artista, entrevistas, dicas de leitura, roteiros culturais, cartas de leitores e textos debatedores de novidades do cinema, do teatro, da dança, da música, das artes visuais e da literatura. Julgava-se apartidário, apesar das inclinações políticas de vários de seus colaboradores ou artistas retratados. Roberto Almeida assinava como editor responsável, e os demais editores eram Elaine M. Pires, Telma Monteiro e Apolônio Neto. Saía pela Farpa Editores Ltda.

➔ BIN: 49566-2

Arte Nossa – Rio de Janeiro (RJ), 1984

Distribuída gratuitamente e focada em artistas visuais profissionais e amadores, era uma publicação da Arte Nossa Assessoria e Planejamento Ltda. Inicialmente composta na empresa Hipotenusa Comp. Gráficas e impressa em sistema *offset* pela Editora Dois Irmãos. Paulo A. P. Cavalcanti como editor e redator chefe. Carlos J. Lopes Nunes era o responsável pela arte e pela assessoria gráfica.

➔ BIN: 43082-0

Arte Quintal – Belo Horizonte (MG), década de 1980

“Jornal-Revista”, o periódico explicitava em seu editorial inaugural sua definição e seus anseios: “[...] uma publicação dedicada exclusivamente à

arte, ocupando uma área praticamente inexplorada, ao mesmo tempo tentando mostrar o trabalho e o talento de muita gente que produz arte e que não tem espaço para divulgação. Nosso propósito não é fazer um jornal revista com informações e artigos que não seja (sic) apenas do interesse de uma elite pseudointelectualizada”. Fundado por Ecivaldo John, Rogério Salgado e Virginia Reis.

➔ BIN: 44851-6

artes: – São Paulo (SP), 1965

Jornal mensal em formato *standard* – seu título vinha sempre com a inicial minúscula. Inicialmente impresso em tipógrafo, em uma rotoplana da Gráfica São José, seu lançamento oficial foi no dia 12 de novembro de 1965 no Museu de Arte de São Paulo (Masp). Essencialmente vanguardista, era dirigido por Carlos Von Schmidt. De enfoque cultural múltiplo e refinado, um tanto sisudo e erudito, predominantemente abordava cinema, teatro e artes visuais, trazendo excelentes artigos, ensaios, entrevistas e críticas de arte. Terminantemente contrário à repressão militar sobre as artes, chegou a se manifestar inúmeras vezes contra a censura. Assuntos como violência, problemas sociais e arbitrariedades do regime militar apareciam ocasional e discretamente – por outro lado, passou por certa fase de empolgação com a contracultura. Foi extinto apenas em 1991.

➔ BIN: 50173-5

Artis – Porto Alegre (RS), 1982

Publicação lançada em novembro de 1982 em Porto Alegre (RS), com o subtítulo “Revista mensal de arte e cultura”. Circulava como produto da Incommum Editora e Comércio Ltda. Dirigida e editada por Sérgio Moita, trazendo perfis, comentários e portfólios de artistas, entrevistas, críticas de arte, notícias gerais sobre cultura, pequenas resenhas, artigos sobre técnicas ligadas às artes visuais, ensaios fotográficos, programações culturais, poesia, cartas de leitores, classificados relativos à arte, anúncios publicitários, entre outras coisas.

➔ BIN: 41863-3

Ases do Volante – Fortaleza (CE), 1984

Jornal, de acordo com seu subtítulo, “elaborado pelo Movimento de Valorização Profissional”. Independente e reivindicativo, com textos críticos e opinativos em linguagem popular, possuía conteúdo político/trabalhista. Informava sobre colocações e questões sindicais, embora se manifestasse claramente contra a filiação sindical dos motoristas profissionais. Produzido por um coletivo editorial, foi inicialmente uma publicação mensal, em formato minitabloide.

➔ BIN: 48699-0

Atualidade Agrícola – São Paulo (SP), 1976

Tabloide surgido em São Paulo (SP) em agosto de 1976, com subtítulo “Comunicação a serviço da agropecuária brasileira”. Quinzenário, circulando através da Editora Brasileira de Agricultura, o jornal se colocava como defensor das classes rurais e da reforma agrária, publicando artigos, reportagens e notícias gerais sobre assuntos que afetam diretamente o produtor agrícola: política, legislação, economia, flutuações de mercado, ciência, programas e propostas de associações de classe, depoimentos de autoridades, lançamentos de produtos, notas de encontros e congressos, especializações acadêmicas etc. Era dirigido por Lauriston Von Schmidt, que contava com o diretor comercial Luiz Edegar de Castro e o diretor tesoureiro Willer Carlini. Como editor, Jorge Aguiar.

➔ BIN:48401-6

O Avatar – Niterói (RJ), 1970

Publicação dedicada à ciência espiritual lançada em Niterói (RJ) em 1970(?) como órgão do Colégio Capitular Saint Germain, da Fraternidade Rosa Cruz Antiqua de Niterói. Em seu quarto ano de existência, passou a pertencer formalmente à Fundação Cultural Avatar e a ser coeditada pela Fundação Educacional e Editorial Universalista (FEEU, baseada em Porto Alegre) e a ser publicada com nova numeração – ou seja, um novo nº 1 em março de 1974 – e com o subtítulo “Boletim de estudos de ciência espiritual”. Era dirigido por Jayme Treiger (antigo diretor do Colégio Saint Germain) e contava com conselho editorial composto por João Carvalho, Amarília da Silva Carvalho, Délcio Pereira, Paulo César Pereira Braz e Conrado José Uzeda. Por volta de 1988, *O Avatar* foi substituído pelos “Cadernos Fundação Cultural Avatar” (BIN: 54016-1), que, por sua vez, deu espaço aos “Cadernos Avatar” (BIN: 54462-0). Neste período, Tânia Araújo chegou a assumir a edição.

➔ BIN: 43255-5

Babel – Rio de Janeiro (RJ), 1978

Tabloide humorístico lançado, em outubro de 1978, no Rio de Janeiro (RJ), por Sylvio Rodrigues Abreu Filho. Claramente inspirado em *O Pasquim*, possuía o subtítulo “Jornal de Humor”, além do slogan “Um órgão vibrante sempre por dentro”. Circulando como propriedade da Sinopse Edições Ltda., o periódico era focado na sátira e na crítica política, social e de costumes.

➔ BIN: 51150-1

Bagaço – João Pessoa (PB), 1983

Modesta publicação cultural lançada no início de 1983 em João Pessoa (PB). Sua 1ª edição, dedicada à poesia erótica e pornográfica, circulou datada apenas do primeiro semestre daquele ano. Editado por Luiz Fernandes da Silva, o periódico trazia poemas de autores como Glauco Mattoso, Franklin

Jorge, Denise Teixeira Viana, Brasigóis Felício, Leila Mícolis, Réca Poletti, entre outros, além de notas sobre literatura marginal, pequenas resenhas, dicas de livros e ilustrações. Era datilografado e reproduzido por fotocópia.

➔ BIN: 44578-9

Bagaço – Rio de Janeiro (RJ), 1976

Publicação opinativa, política, cultural, debatedora e poética criada no Rio de Janeiro (RJ), em dezembro/janeiro de 1976/1977. Nasceu sob a indignação diante das violações dos direitos humanos e publicava reportagens, notícias, poemas, fotos, entrevistas, e artigos sobre denúncias operárias, questões indígenas, o cotidiano de moradores de rua, futebol, entre outros assuntos. Era editado por um coletivo composto por Altair Thury Filho, Ives Stavele Tavares, Ronaldo Lapa, Fábio Júlio, José Eurides, Luís Arnaldo, Narciso Lobo, Paulo Fortes e Júlio César Regis. Foi fechado por denúncia do dono da gráfica Jornal Hoje, de Nova Iguaçu (RJ), onde era impresso.

➔ BIN: 58066-0

O Bandeirante – Rio de Janeiro (RJ), 1982

“Jornal verdade do Estado do Rio de Janeiro”, segundo seu próprio subtítulo, foi um tabloide surgido em junho de 1982 no Rio de Janeiro (RJ). Circulava mensalmente através da Sociedade de Notícias e Artes (SNA). Dirigida por João Barroso de Menezes, a empresa que o editava era presidida pelo militar Dalmo Honaiser, com João Ferreira da Silva como superintendente. Honaiser foi candidato a deputado federal pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) em 1982.

➔ BIN: 49122-5

Bandeira Vermelha – PC, Rio de Janeiro (RJ), 1966

Informativo do Diretório Regional do PC. Continha informações gerais sobre campanhas políticas da esquerda brasileira, comitês, filiações, mobilizações e notícias variadas ligadas ao PC e ao esquerdismo nacional. De início clandestino, teve periodicidade irregular, sobretudo em virtude da ilegalidade de partidos de esquerda durante a ditadura militar no Brasil.

➔ BIN: 48594-2

Barata – Santos (SP), 1979

Publicação criada em 31 de outubro de 1979 em Santos (SP). Estudantil e marginal, combativo e descontraído, de inspiração anarcopunk (quase um fanzine), trazia quadrinhos, contos, poesias, letras de músicas, humor, erotismo, listas de fanzines, entre outras coisas. Editada por um conselho composto por Flávio Calazans, Fernando Colaferri Pithon, José Antônio Leal Nogueira, Cláudio Luís Ratto Pereira, Orleyd Rogéria Neves Faya e Nilo Pinto da Silva

Neto, defendia ideais libertários, pacifistas, ambientalistas, antiburocráticos, anticapitalistas, antirreligiosos, antiimperialistas.

➔ BIN: 44579-7

Barbárie – Salvador (BA), 1979

Revista lançada em 1º de julho de 1979 em Salvador (BA) a partir de um racha ocorrido entre os editores da publicação anarquista *O Inimigo do Rei*. Possuía linha político-cultural, com tendências também anarquistas. Seguiu um padrão analítico, teórico. Trazia críticas tanto ao regime militar quanto às propostas políticas de esquerda, explorava temas como pedagogia libertária, política nacional e internacional, mobilização operária, movimentos revolucionários, o ideal anarquista de autogestão. Era editada por Edmundo Sento Sé, Hilda Braga, Eduardo Nunes, Washington José de S. Filho, Nelson Abrantes, Celene Fonseca, Tereza Farias, Roque Tavares, Júlio César Lobo, Gideon Rosa, Renato Carvalho, Luís Alfredo Galvão, Amoros Sólón, Carlos Pita, Dil Assis, entre outros.

➔ BIN: 50744-0

Beija-Flor – Clube dos Trovadores Capixabas, Vitória (ES), 1981

Contendo trovas, propagandas de publicações dos autores filiados ao clube indicado no título, homenagens a escritores, informes de seminários e encontros de literatura, notas de lançamentos de livros, informações gerais sobre o clube, reproduções de conteúdo de outras publicações, informes para leitores associados, notícias sobre cultura e projetos de lei relativos à trova, entre outras coisas, a publicação era editada pelo presidente do clube, Clério José Borges de Sant'Anna (que continuaria no cargo até a década de 1990), secretariado por Luís Carlos Braga Ribeiro.

➔ BIN: 43926-6

Beijo – Rio de Janeiro (RJ), 1977

Tabloide mensal cultural, político e opinativo de alto nível intelectual. Lançado no Rio de Janeiro (RJ), em novembro de 1977, por Júlio César Montenegro, Ronaldo Brito, Genilson Cezar e Caio Túlio Costa, discutia política, comportamento, sociologia, arte contemporânea, sexualidade, literatura, música, libertação da mulher, luta de classes, capitalismo, medicinal social, violência, direitos humanos, cinema, artes visuais, questões agrárias, intelectualidade e cultura marginais, Assembleia Constituinte, entre outros temas.

➔ BIN: 57546-1

Berro – Rio de Janeiro (RJ), 1978

Tabloide mensal sindical de esquerda, denunciativo e político. Foi lançado no Rio de Janeiro (RJ) em dezembro de 1978. Focava em campanhas salariais,

repressão policial, movimentos de base, medidas econômicas do governo, populações marginalizadas, ações de sindicatos, desemprego, anúncios de greve etc. Editado sob a responsabilidade de Nilo Sérgio S. Gomes, era produzido formalmente pela Editora Equipe, que contava com um coletivo composto por Enock Cavalcanti, Luiz Gonzaga, Ricardo David, Carlos Eduardo, Fernanda Jocenir, entre outros.

➔ BIN: 57545-3

Berro da Baixada Fluminense – Nova Iguaçu (RJ), 1978

Minitabloide semanal lançado em Nova Iguaçu (RJ) em março de 1978. Editado pela Equipe Produções, Publicidades e Representações Ltda. Abordava prioritariamente assuntos críticos do cotidiano local, lançando mão de manchetes e títulos repletos de indignação. Tinha conselho editorial composto por Adalberto Cantalice, Enock Cavalcanti, Luis Ferrão, Everaldo Maciel Monteiro e Jocenir Cruz Ribeiro.

➔ BIN: 58520-3

Bloco – São Paulo (SP), 1979

Jornal mensal, de temática política. Surgido em 1^a de maio de 1979, tinha como público-alvo o proletário, era defensor dos direitos dos trabalhadores. Editado por Edmilson Silva Costa, era propriedade da Editora Juruá Ltda.; tinha formato standard e distribuição nacional. Noticiava, discutia e denunciava assuntos como tortura e morte de presos políticos, corrupção e escândalos da política nacional, desastrosos pacotes econômicos, greves e demais manifestações sindicais, movimentos populares, dificuldades do operariado, tentativas de intimidação a líderes sindicais, contratos de risco, a agressividade de multinacionais etc.

➔ BIN: 58236-0

Boca de Cena – Rio de Janeiro (RJ), 1980

Publicação cultural, de entretenimento e variedades, lançada em julho de 1980 no Rio de Janeiro (RJ). Trazendo artigos, reportagens, notícias, fotos, anúncios e notas e comentários sobre espetáculos e atividades culturais, não tinha expediente. Na década de 1990 o Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões do Estado do Rio de Janeiro (Sated/RJ) passou a editar um jornal também chamado *Boca de Cena*, provavelmente inspirando-se na publicação homônima da década de 1980.

➔ BINs: 54392-6 e 54394-2

Boca no Trombone – DCE da UFF, Rio de Janeiro (RJ), 1976

Tabloide político-estudantil lançado no Rio de Janeiro (RJ) em junho de 1976. Era focado primordialmente em assuntos relativos ao ensino e consistia

em uma publicação universitária cultural e política produzida por estudantes do Diretório Central dos Estudantes (DCE) e do Diretório Acadêmico da Universidade Federal Fluminense (UFF), e por membros do Centro Acadêmico Roquette Pinto, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

➔ BIN: 49119-5

Bolão – Rio de Janeiro (RJ), 1970

Minitabloide esportivo semanal lançado no Rio de Janeiro (RJ) em agosto de 1970. Apesar de especializado em futebol, trazia abordagens diferenciadas do restante das publicações esportivas da época: intelectualizava e politizava o tema. Criado e dirigido pelos editores d'*O Pasquim*, circulava nos mesmos moldes do tabloide humorístico: era um semanário crítico, irônico, informal, irreverente, criativo e popular, repleto de gírias e piadas. Formalmente presidido por Tarso de Castro e dirigido por Paulo Francis e José Grossi, tinha Sérgio Cabral como editor chefe. *Bolão* ainda possuía um conselho editorial composto por João Luiz de Albuquerque e Hélio Macedo Soares. Era propriedade da Editora O Bolão Ltda., produzido pela Cosanostra Produções Jornalísticas Ltda.

➔ BIN: 6883-7

Boletim – Banca Nacional de Literatura Independente, Rio de Janeiro (RJ), 1983

Publicação modesta lançada pela Banca Nacional de Literatura Independente, no Rio de Janeiro (RJ) em junho de 1983. Editada por Douglas Carrara e Jania Cordeiro, funcionava, sobretudo, como um espaço de venda e distribuição de livros, com dezenas de anúncios de obras, seus preços e pequenas citações. Paralelamente, o periódico apresentava pequenos informes do mundo literário marginal, poemas, anúncios de lançamentos e concursos, divulgações de projetos culturais. A publicação fora substituída em dezembro de 1987 pelo periódico *Banca do Pó-Étá* (BIN: 46701-4), que circulava através da Ribro Arte Editora.

➔ BIN: 42875-2

Boletim Cultural – Rio de Janeiro (RJ), 1972

Modesto periódico mensal criado e editado no Rio de Janeiro (RJ) a partir de janeiro de 1972. Foi fundado e inicialmente editado por Paulo Carneiro, sob a coordenação de L. Paula Lopes. A publicação continha o subtítulo “Mensário de Divulgação Literária”, e possuía “Tiragem reduzida, somente para colaboradores, mantenedores e centros culturais”, tendo, de acordo com o seu editorial de 1ª edição, “[...] um corpo de colaboradores mantenedores, com contribuição mínima, apenas para cobrir a despesa do papel e da

impressão”. O *Boletim Cultural* basicamente consistia em folhas de papel ofício grampeadas.

➔ BIN: 30602-9

Boletim do DCE UFF – Niterói (RJ), 1972

Jornal estudantil lançado por volta de 1972 pelo Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal Fluminense (UFF), o DCE Livre Fernando Santa Cruz, em Niterói (RJ). Reproduzido inicialmente a partir de folhas datilografadas em fotocópia, para num segundo momento sair a *offset*, teve periodicidade muito irregular.

➔ BIN: 495085

Boletim do DCE UFRJ – Rio de Janeiro (RJ), década de 1980

Jornal criado no Rio de Janeiro (RJ) na década de 1980. De cunho político, reivindicativo, de crítica, denúncia e opinião, era relativo ao movimento estudantil e à vida acadêmica da UFRJ. Com cartuns e diagramação simples, circulava em formato minitabloide.

➔ BIN: 48697-3

Boletim do Grupo Gay da Bahia – Salvador (BA), 1982

Criado em Salvador (BA) em 1982 (provavelmente no mês de junho), foi um jornal mimeografado com notícias gerais para o público homossexual, bissexual e transexual. Trazia denúncias, opiniões, informes gerais, letras de músicas, apelos contra a discriminação e o preconceito, as conquistas do Movimento Brasileiro de Libertação Homossexual e do Grupo Gay da Bahia, bem como endereços e divulgações de encontros, paradas e outros grupos e associações LGBTQIA+.

➔ BIN: 41627-4

Boletim Informativo UNE – São Paulo (SP), 1980

Lançado em São Paulo (SP), em dezembro de 1980, como um informativo sobre as atividades e ações da União Nacional dos Estudantes, gestão 1980/81. Continha resoluções, avaliações, plataformas de lutas e de políticas gerais do movimento estudantil, assim como relatórios sobre encontros e congressos e convocações para mobilizações e boicotes. Do número 1 ao 4, consistia em folhas de papel A4 grampeadas. A partir do número 5, passou a ter diagramação simples e a ser identificado como produzido pelo Centro Acadêmico de Filosofia e Comunicação da PUC de São Paulo, reproduzido por prensa em formato minitabloide.

➔ BIN: 48712-0

Boletim Literário – Jacareí (SP), 1981

Minitabloide cultural lançado em 1981(?) no município de Jacareí (SP). Possuía o título adicional “Boletim Literário Lebem”, já que formalmente pertencia à editora Lebem Publicações Ltda. Dirigido por Francisco S. Batista, secretariado por Neusa Silveira, o jornal era definido como “Órgão sem periodicidade de propaganda de livros”. Trazia entrevistas com autores independentes, críticas de livros, resumos, resenhas e notas de lançamentos, entre algumas fotografias. Sua composição e produção ficavam por conta da gráfica Proposta Editorial.

↪ BIN: 41874-9

Boneca do Leblon – Rio de Janeiro (RJ), 1975

Tabloide lançado no Rio de Janeiro (RJ) em dezembro de 1975. Publicado pela Boneca Editora, circulou com José Antonio Duque como chefe de redação e um conselho editorial composto por Fernando Lopes, Laércio Alves e Otelô Caçador. Apesar de sua proposta de jornal de bairro, relativo apenas ao Leblon, o periódico tratou de assuntos gerais, normalmente ligados à cultura e ao humor.

↪ BIN: 20759-4

Borbulhando Poesia – Rio de Janeiro (RJ), 1985

Pequeno informativo cultural, criado em 1985(?) no Rio de Janeiro (RJ). Trazendo poesia marginal e pequenos informes, o periódico era editado como panfleto, medindo 21 x 10 cm (era na verdade uma folha de 29,5 x 21 cm dobrada em três). Sua reprodução era feita por fotocópia, artesanalmente. Provavelmente ligado ao Sindicato dos Escritores do Rio de Janeiro, era editado por Victor Moraes.

↪ BIN: 44979-2

Botequim – Rio de Janeiro (RJ), 1983

“Um jornal da noite”, surgido no Rio de Janeiro (RJ) em julho de 1983. Crítico e irreverente, tratava de temas como política, cultura, boemia, humor e intelectualidade. De certa forma, procurava reproduzir a fórmula de sucesso de *O Pasquim*, então em franca decadência. Dirigido inicialmente pelo trio Alcino Soeiro (o editor responsável), Arthur Mangueira Aguiar e Ricardo Sousa, o jornal circulava através da empresa L,S & Associados, como mensário.

↪ BIN: 50585-4

Brasil Democrático – Centro Brasil Democrático (Cebrade), Rio de Janeiro (RJ), 1978

Tabloide lançado pelo Centro Brasil Democrático (Cebrade), uma organização de discussão política fundada por Oscar Niemeyer em 1978, sob influências do Partido Comunista Brasileiro (PCB) – a entidade era a responsável pelo show que sofrera o popularmente chamado “atentado do Riocentro” em 1981. Lançado em novembro de 1978, durante o mandato inicial de Niemeyer na presidência da instituição, o jornal trazia o nome do mesmo em seu expediente, como diretor. Era favorável ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e à Frente Nacional de Redemocratização (FNR). Editado inicialmente por Renato Guimarães, continha, sobretudo, informes sobre as atividades do Cebrade junto a movimentos e congressos de mobilização política. Muitas notícias se baseavam em trabalhos e discussões apresentados em encontros de classe. Em paralelo, figuravam em suas páginas reportagens, entrevistas, artigos de opinião, relatos de encontros, debates, denúncias, comentários, fotos, cartas de leitores, anúncios de eventos e de publicidade.

➔ BIN: 48749-0

Brasil Hoje – São Paulo (SP), 1981

Revista mensal de temática predominantemente política, surgida em outubro de 1981 em São Paulo (SP). Criada por filiados ao Movimento Revolucionário 8 de outubro (MR-8), com apoio de grupos da antiga esquerda nacionalista, circulou como produto da Editora Quilombo Ltda. A publicação foi dirigida por Ricardo Lessa, Nilson Bueno de Camargo, Walter Codo e Cláudio Campos. Codo era o diretor responsável, enquanto Lessa assumia a edição e Camargo, a direção de redação. Altamente nacionalista, costumava discutir – em linguagem direta e contundente – assuntos como política nacional e internacional.

➔ BIN: 54975-4

Brasil Mulher – Londrina (PR) e São Paulo (SP), 1975

Tabloide político-feminista fundado em Londrina (PR) em dezembro de 1975 (decretado pela ONU o Ano Internacional da Mulher). Com periodicidade oscilante entre mensal e bimestral, era focado na luta pelos direitos da mulher brasileira, sempre estimulando debates, ideias e reivindicações. Criado e editado por Joana Lopes com o apoio do Movimento Feminista pela Anistia (MFA), entidade fundada por Therezinha Godoy Zerbini, boa parte de sua redação era composta por mulheres militantes do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), da Ação Popular Marxista Leninista (APML) e do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR8). O periódico possuía ainda vínculos com o grupo de feministas exiladas conhecido como Círculo de Mulheres de

Paris. Em 1976, Joana Lopes transferiu a redação do jornal para São Paulo (SP), onde criou ainda a Sociedade Brasil Mulher.

➔ BIN: 49123-3

Brasil Poético – Salvador (BA), 1974

Minitabloide cultural lançado em Salvador (BA) em março de 1974 como “Órgão a serviço dos trovadores populares do Brasil”. Dirigido por Rodolfo Coelho Cavalcante, sua periodicidade foi muito irregular. Como não possuía expediente, o periódico trazia poucas informações sobre sua edição, circulação e possíveis filiações; a partir de abril de 1980, no entanto, passou a circular como órgão oficial da Ordem Brasileira dos Poetas da Literatura de Cordel.

➔ BIN: 2798-7

Brasil Socialista – Paris (França), 1975

Rústica revista de pequeno formato criada e editada em Lausanne (Suíça), a partir de janeiro de 1975, pela Ação Popular Marxista-Leninista (APML), pela Política Operária (Polop) e pelo Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8). Viabilizado pelo trabalho de militantes marxistas brasileiros exilados pelo regime militar, residentes sobretudo em Paris, o periódico circulava clandestinamente no eixo Europa-Brasil, pretendendo auxiliar a concepção de uma revolução proletária brasileira. Existiam colaboradores do periódico residentes no Brasil, mas seu editor legal era de Lausanne: no caso, as Nouvelles Editions Populaires. A gráfica onde a revista era impressa, a Impression Nouvelle, também ficava na Suíça, mas na cidade de Le Mont.

➔ BIN: 529303

Cabeça Feita – Rio de Janeiro (RJ), 1980

Minitabloide de humor, poesia e cultura lançado no Rio de Janeiro (RJ) em outubro de 1980. Anárquico, satírico e politicamente descompromissado. Impresso na Editora Gráfica Luna (e depois pela Editora Gráfica Prensa). Editado, redigido e diagramado por José Alberto Nobre Porto, o periódico contava com programação visual e arte de Sérgio Augusto Porto (que depois passou o cargo a Kaspar M. Hauser) e arte final de Sandra Costa da Silva. Flávia Savary assinava como ilustradora. Circulava apenas no Rio de Janeiro como publicação da Satepub Publicações Ltda.

➔ BIN: 39065-8

Caderno do Pannel – Conjunto Residencial da USP, São Paulo (SP), 1980

Publicação literária universitária criada no início da década de 1980 em São Paulo (SP), pelos residentes do Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo (Crusp). Suas edições circulavam como resultados do Pannel da

Literatura Contemporânea, série de eventos ocorrida no Crusp. Editado por Roberto Luiz dos Santos, organizador do Painel, o *Caderno do Painel* chegou a ser composto por Erorci Santana e a contar com a colaboração de Ana Dinorá e Eliane Argamin, integrantes da Coordenadoria de Atividades Culturais da USP. Anteriormente, também em ocasião do Painel da Literatura Contemporânea, o CRUSP havia ainda lançado a publicação *Painel da Literatura Marginal* (que a BN não possui).

➔ BIN: 44688-2

Cadernos da Comissão Pró-Índio – São Paulo (SP), 1979

Publicação iniciada em agosto de 1979 em São Paulo (SP), através do escritório paulista da Comissão Pró-Índio, entidade criada em 1978. Tratando da problemática indígena, foi fundada para combater a falta de comunicação existente entre entidades indigenistas. Essencialmente crítico e denunciativo, visando sempre expor a situação das comunidades indígenas na atualidade. Era coordenado por uma equipe composta por Lux Vidal, Lygia Marques, Maria Clara Picchetti, Helena Fany Ricardo, Carlos Eduardo Caldarelli e André Amaral de Toral, e contava ainda com conselho editorial composto pela diretoria da Comissão Pró-Índio. Esta lançou ainda um jornal chamado apenas *Comissão Pró-Índio* (que a BN não possui), no Rio de Janeiro (RJ).

➔ BIN: 44038-8

Cadernos de Opinião – São Paulo (SP), 1975

Revista cultural e política lançada e editada em São Paulo (SP), a partir de junho de 1975, por Fernando Gasparian. Seu conteúdo era crítico, denso, por vezes acadêmico, e denunciativo. Circulando como publicação de conteúdo extraído basicamente do jornal *Opinião* (e também de periódicos internacionais), também editado por Gasparian, os *Cadernos de Opinião* consistiam em coletâneas de ensaios, artigos (em coberturas densas e complexas, típicas do *hard news*), resenhas, entrevistas, transcrições de depoimentos e debates de importantes intelectuais da época. Para evitar problemas com a censura, a partir de sua 3ª edição (número datado de 1975) o periódico passou a se chamar *Ensaio de Opinião* (BIN: 41993-1) e a contar com uma numeração peculiar, em somatória: 2 + 1 (ou seja, 3). A partir de seu número 12, com a liberação da censura, a publicação voltou a sair com a numeração normal e com o título original. Na edição de número 2 + 3 (5), passaram a figurar como editores de *Ensaio de Opinião* Fernando Gasparian e Florestan Fernandes Júnior, sendo este substituído logo na edição seguinte por Jean-Claude Bernadet. Bernadet, por sua vez, cede o cargo posteriormente a Dalva Gasparian e Theo Santiago.

➔ BIN: 41992-3

Cadernos de Poesia – São Paulo (SP), sem data

Publicação literária de vanguarda criada em São Paulo (SP) em data indefinida. Lançada e mantida pelo grupo Catequese Poética, originado em 1964 e composto principalmente por Lindolf Bell, Rubens Jardim e Luiz Carlos Mattos. Sua produção editorial ficava a cargo da empresa Línea Graphica Planejamento de Jornais, Livros, Revistas, Apostilas.

➔ BIN: 52337-2

Cadernos Literários – Instituto Cultural Português, Porto Alegre (RS), década de 1980

Publicação especializada em literatura, elaborada pelo Instituto Cultural Português em Porto Alegre (RS) e dirigida por António Soares (também diretor da instituição, junto com Rovílio Costa). Sua data de lançamento gira em torno do início da década de 1980 (sua 6ª edição é datada de 1982, sem registro de mês). Circulou ao menos até o final da década de 1980.

➔ BIN: 41870-6

Campanha Nacional pela Reforma Agrária – São Paulo (SP), 1983

Modesto periódico que circulou em São Paulo (SP) entre julho de 1983 e 1990. A Campanha Nacional pela Reforma Agrária foi iniciada em 28 de abril de 1983, no Rio de Janeiro, como “(...) promoção conjunta da Contag (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura), Ibase (Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas), Abra (Associação Brasileira de Reforma Agrária), CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) e Cimi (Conselho Indigenista Missionário)”. A publicação era um “Boletim especial da campanha em S. Paulo”. Inicialmente, o periódico teve ainda a colaboração do Sindicato dos Empregados em Empresas de Asseio (SP).

➔ BIN: 625060

Campanha Nacional pela Reforma Agrária Informa – Rio de Janeiro (RJ), década de 1980

Boletim informativo da Campanha Nacional pela Reforma Agrária criado no Rio de Janeiro (RJ) provavelmente na primeira metade da década de 1980. Apresentava-se como produção da Secretaria da Campanha Nacional pela Reforma Agrária, sob a legenda das organizações Contag (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura), CPT (Comissão Pastoral da Terra), Abra (Associação Brasileira de Reforma Agrária), Ibase (Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas), CGT (Comando Geral dos Trabalhadores) e UNI. A campanha contou ainda com a participação de outras entidades: Fetag (Federação dos Trabalhadores na Agricultura), Farmerj (Federação das Associações de Moradores do Estado do Rio de Janeiro), Inesc (Instituto de Estudos Socioeconômicos), MST (Movimentos dos

Trabalhadores Rurais Sem Terra), entre outras (ver lista completa de entidades na página 4 da edição nº 35, de agosto/setembro de 1989). Parte do conteúdo transcrito da publicação vinha de periódicos de resistência – como *Porantim*, *Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*, *AGEN*, *Paneiro*, *Boletim da CPT*, *Aconteceu* – e jornais da grande imprensa.

➔ BIN: 45543-1

Canteiro – Salvador (BA), 1983

Modesto periódico cultural surgido em Salvador (BA) em novembro de 1983. Circulando como produto da Editora Grão, era editado por Franklin Moura e Miguel de Moura Júnior.

➔ BIN: 44668-8

A Carta – São Paulo (SP), 1976

Jornal semanal opinativo, focado em política e economia. Lançado em São Paulo (SP) em 1976(?), era propriedade da Editora MM Ltda. e circulava com o subtítulo “Semanário de política & negócios”. Editado por Cláudio Marques, o minitabloide contava com o editor-adjunto Ernani Martins Marques, o secretário Paulo Faria e o redator chefe Antonio Merino. Joaquim Gonzáles Cáceres assumia a gerência administrativa, Sérgio Orciuolo a gerência comercial e Rudiger Ludemann a gerência de planejamento.

➔ BIN: 6644-3

Carta Econômica Brasileira – PC, Rio de Janeiro (RJ), 1964

Periódico criado no Rio de Janeiro (RJ), em novembro de 1964 (data de publicação de edição de nº 0). Surgido da iniciativa de jornalistas ligados ao Partido Comunista (PC), era dirigido por Oscar Noronha Filho e editado por Saturnino Braga (embora o nome deste não apareça em expediente). Oficialmente, era uma publicação do Serviço de Pesquisa e Divulgação Sócio-Econômica (Sped).

➔ BIN: 83836

Carta Geral – Manaus (AM), 1980

Periódico mimeografado bimestral literário e poético lançado, em fevereiro de 1980, em Manaus (AM). Trazia poesias (recebidas por colaboradores ou transcritas de outras publicações), trovas, contos, ilustrações, dicas de leitura e curtas notícias gerais sobre literatura independente. Marçal Bezerra e Girão Alencar figuravam como editores.

➔ BIN: 44669-6

Casa de Literatura – Campinas (SP), 1980

Periódico mimeografado literário mensal, surgido no início da década de 1980, em Campinas (SP). Editado por P. J. Ribeiro, consistia em apenas uma folha de papel dobrada ao meio, com pequenos textos em prosa, poemas e poesia visual. Aparentemente, todo o seu conteúdo escrito era produzido pelo próprio editor.

➔ BIN: 45004-9

Casseta Popular – Rio de Janeiro, 1978

Inicialmente um fanzine humorístico, rodado em mimeógrafo, surgido no Rio de Janeiro (RJ) em setembro de 1978, pelo trio Marcelo Garmatter Barretto, Helio Antonio do Couto Filho e Roberto Adler, à época, estudantes da Faculdade de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Com medo de represálias, os editores assinaram, respectivamente, como Marcelo Madureira, Helio de La Peña e Beto Silva. Extinto em 1992, acabou sendo um importante periódico humorístico em sua geração, tendo revelado humoristas que se tornariam reconhecidos em nível nacional, na televisão, por meio do programa “Casseta & Planeta Urgente!”.

➔ BIN: 500461

O Catolé – Lavras da Mangabeira (CE), 1978

Periódico cultural e literário fundado por Dias da Silva e José Batista de Lima em Lavras da Mangabeira (CE) em 8 de outubro de 1978 (apesar de se dizer editado em Fortaleza). Trazia artigos, ensaios, poesias, trovas, contos, crônicas, comentários, aforismos, perfis e biografias de escritores, textos informativos sobre lançamentos da literatura, críticas literárias, resenhas, homenagens, manifestos etc., sem possuir sequer uma foto e pouquíssimas ilustrações.

➔ BIN: 37316-8

Causa Operária – São Paulo (SP), 1979

Periódico inicialmente mimeografado, depois impresso a *offset*, socialista trotskista, opinativo e sindical. Lançado em São Paulo (SP) em junho de 1979 (data de edição de seu nº 0), trazia artigos e notícias sobre o operariado, mobilizações e movimentos sindicais. Criado por uma dissidência de jornalistas das publicações *O Trabalho* (BIN: 15337-0) e *Em Tempo* (BIN: 46491-0). Politizado e partidário, não circulava com expediente – na década de 1980, entretanto, aparecia sob responsabilidade do jornalista Rui Costa Pimenta. O jornal foi mantido pelo Partido da Causa Operária (PCO), surgido em 1995, em torno da figura de Pimenta. Ao menos até o final da década de 2000 possuía uma edição eletrônica.

➔ BIN: 8834-0

Caxias Hoje – Duque de Caxias (RJ), 1980

Minitabloide criado em Duque de Caxias (RJ) em 1980(?) como “Órgão da Sociedade de Cultura Artística de Duque de Caxias”. Editado por Carlos Ramos e impresso na Unigráfica Editora Ltda., tratava de temas locais: orçamento público de Duque de Caxias, criações de grupos culturais, política na Baixada Fluminense, infraestrutura local e obras públicas, atividades culturais, categorias profissionais etc.

↪ BIN: 57541-0

Caxias Repórter – Duque de Caxias (RJ), 1981

Tabloide lançado em 13 de junho de 1981 pelo editor Santos Lemos, na cidade de Duque de Caxias (RJ). Foi uma publicação da firma Caxias Recortes – Serviço de Relações Públicas de Cinéia Canuto Lemos. Essencialmente popular, voltado majoritariamente para casos de polícia e questões sindicais.

↪ BIN: 57540-2

Ceia Literária – Fortaleza (CE), 1982

Revista lançada em Fortaleza (CE) em 1982 pelo grupo Ceia de Língua e Literatura (o CLL, fundado por Valdemir Mourão, Felipe Filho e Livardo Barbosa). Lançada através da Gráfica Editorial Cearense, trazia textos dos três fundadores da CLL e de outros membros do grupo, como Auriberto Cavalcante, Fernando Câncio Araújo, Getúlio Farias, Ednardo Gadelha, Cândido Rolim e Genuíno Sales.

↪ BIN: 42446-3

Chama – São Paulo (SP), 1982

Publicação literária exclusivamente dedicada à poesia, lançada em março de 1982 em São Paulo (SP). Continha poemas, resenhas de livros, entrevistas, notícias gerais sobre literatura independente, divulgação de publicações alternativas, anúncios de concursos literários e eventos culturais e ilustrações. Era editada por Antonio Palma Filho.

↪ BIN: 446815

Chão – Rio de Janeiro (RJ), 1978

Revista trimestral de arquitetura e urbanismo que, de maneira complementar, abordou criticamente assuntos políticos e culturais. Editada no Rio de Janeiro a partir de março de 1978 como publicação da Editora Tridimensional Ltda., a publicação pretendia analisar a arquitetura de acordo com sua inserção em diversos meios sociais (partindo de uma linha denunciativa, com nuances à esquerda). Os editores do periódico eram Carlos Fernando de Sousa Leão Andrade, Eduardo Campos da Paz Mondolfo e Mauro Kleiman.

↪ BIN: 32063-3

A Chapa – DA de Física da UFF, Niterói (RJ), década de 1980

Periódico estudantil artesanal editado em Niterói (RJ), na década de 1980. Produzido por alunos do curso de Física da Universidade Federal Fluminense. Tratou de temas como a história da física, pensamentos sobre movimentos de vanguarda da juventude, a situação do ensino brasileiro, problemas e questões enfrentadas por alunos de exatas durante seus cursos, a necessidade da criação de uma biblioteca para cursos de exatas, festas, ciclos de debates, cineclubismo etc.

➔ BIN: 48881-0

Chapéu de Couro – Fortaleza (CE), 1982

Modesto periódico literário marginal lançado em Fortaleza (CE) em 1982(?). Baseando-se apenas em sua edição nº 2, ano 2, de fevereiro de 1983, era editado por Isaac Rodrigues, Rômulo Júnior e Newton de Miranda, que assinavam o conselho editorial da publicação (possivelmente os três eram estudantes universitários do curso de Letras).

➔ BIN: 42182-0

Churros – São Paulo (SP), 1985

Publicação poética lançada em junho de 1985 em São Paulo (SP), editada por Marciano Vasques em Itaquera, distrito da Zona Leste. Possuía o subtítulo “Boletim literário: poesia” e era impressa em *offset*, composta e impressa pela empresa DAPGRAF.

➔ BIN: 44680-7

Cidade Livre – Brasília (DF), 1977

Tabloide mensal, com reportagens variadas, voltado prioritariamente para a política e para questões locais. Lançado em Brasília (DF) em janeiro de 1977 (data de registro de seu nº 0), funcionava como um espaço para textos opinativos e de crítica à imprensa convencional. Era influenciado pelo jornal *Movimento* (BIN: 31874-4) e trazia o slogan “Um jornal que desconfia”. Dirigido e editado por Eduardo Almeida.

➔ BIN: 47206-9

Ciências Humanas – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro (RJ), 1977

Revista acadêmica cultural e debatedora, trimestral, lançada no Rio de Janeiro (RJ) em abril/junho de 1977, através da Universidade Gama Filho. Priorizando discussões teóricas sobre as ciências humanas, em linguagem formal, a publicação, de acordo com texto editorial, trilhava um caminho de “análise e debate em torno de temas de interesse intelectual e cultural da atualidade brasileira, abrangendo, também, temas de caráter universalista de nível

universitário”. Explorou assuntos como filosofia, política, arte (literatura, artes gráficas etc.), democracia representativa e suas relações com o governo, relações entre o Estado e a iniciativa privada, psicologia e psicanálise, economia, comunicação, tecnologia, autoritarismo e liberdade, as relações da arte com a indústria, desigualdades sociais, capitalismo etc. Foi dirigida inicialmente por Tarcísio Meirelles Padilha e editada por Beneval de Oliveira.

➔ BIN: 34941-0

A Cigarra – Santo André (SP), 1982

Periódico mimeografado lançado em Santo André (SP) em maio de 1982 e editado por Jurema Barreto de Souza e Terezinha Sávio, então alunas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Fundação Santo André. Mostrava-se um canal de divulgação da literatura marginal, pois era articulado com movimentos de poesia como o Grupo Livrespaço de Poesia, o Projeto Encontro Poeta/Leitor nas Escolas ou mesmo a União Brasileira de Escritores (UBE). Foi publicado por mais de 25 anos.

➔ BIN: 44676-9

Cinema – Fundação Cinemateca Brasileira, São Paulo (SP), 1973

Periódico lançado em mimeógrafo pela Fundação Cinemateca Brasileira, em São Paulo (SP), e que começou a circular na primavera de 1973. Era marcadamente crítico, debatedor e engajado, editado com poucos recursos. Em sua editoria figuravam Alain Fresnot, Alex Yared, Eduardo Poiano, Eliana Bandeira, Felipe Barcellar de Macedo, Lucila Ribeiro Bernadet, Maria Salma Buzzar, Reinaldo José Volpato, Sérgio D’Ávila Alamada, Sergio Fiker e Wagner Paula de Carvalho.

➔ BIN: 44074-4

Cirandinha – Teresina (PI), 1977

Revista inicialmente semestral, lançada em Teresina (PI) no mês de novembro de 1977. Politizada, pretendia “difundir a poesia nova do Piauí”. Editada por Francisco Miguel de Moura.

➔ BIN: 8611-8

(Revista) Civilização Brasileira – Rio de Janeiro (RJ), 1965

Publicação de alto nível intelectual, engajada, nacionalista e plural, lançada por Ênio Silveira no Rio de Janeiro (RJ) em março de 1965. Ligada às bases intelectuais do Partido Comunista (PCB), era porta-voz do mesmo frente ao regime militar, ao mesmo tempo em que desenvolvia análises políticas e críticas ao populismo e às falhas da esquerda brasileira. No gabinete de Ênio Silveira, chegou a ser organizada uma Frente Ampla, muito pelo trabalho de

Renato Archer, ligado à Editora Paz e Terra (um dos selos da Editora Civilização Brasileira).

↪ BIN: 140597

CLA Informa – Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Pará, Belém (PA), 1983

Jornal surgido em Belém (PA) em junho de 1983 como órgão informativo do Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Pará (Ufpa). Com artigos de temas variados, matérias sobre a vida cultural local e projetos de extensão da Ufpa, poemas, enquetes e variedades sobre a vida acadêmica local, era editado por um conselho editorial composto por Ápio Campos, Maria do Socorro Simões, Afonso Klautau, Claudete Prieto, Nazaré Vieira, Afonso Lopes Correa, James Burnett, Haydeé Gracy, Célia Brito, Osmar Tadeu, José Carlos Cunha, Milton Camargo, Eliana Ponçadilha, Hildegard Krause e Mirtila Freitas.

↪ BIN: 39904-3

Clarim – Rio de Janeiro (RJ), 1980

Revista lançada, em 1980, no Rio de Janeiro (RJ). Tratava de política nacional e abordava cultura, democracia, políticas partidárias, economia, inflação, eleições, luta de classes, abandono social, legislação, intervenções armadas pelo mundo, protestos e marcos da realidade sócio-política internacional. Dirigida por Raul Soares de Moura Chamma.

↪ BIN: 36902-0

Clarinadas Líricas – Aracaju (SE), 1979

Modesto periódico mimeografado cultural e literário criado em Aracaju (SE), aparentemente em setembro de 1979. Editado por Mário R. Barreto e Celeste Maria Vivas de Souza (que assinava Celmar, deixando a editoria totalmente para Barreto a partir da 102ª edição, de abril de 1988), circulou nacionalmente com o subtítulo “Mensageiro poético-cultural”.

↪ BIN: 45099-5

Cogumelo Atômico – Brusque (SC), 1970

Publicação mimeografada criada em Brusque (SC) na primeira metade da década de 1970. O periódico abordava predominantemente cultura *underground* e trazia poemas, indicações de livros ligados à contracultura, notícias, artigos, fotos, cartuns, fragmentos de livros e artigos transcritos de outras publicações (como “Frente Ecológica”, órgão do movimento ecológico português), listas de representantes da imprensa de resistência.

↪ BIN: 50273-1

Coisa Nostra – Salvador (BA), 1976

Jornal quinzenal de humor crítico, de temática predominantemente política e cultural, fundado em Salvador (BA) em 1976. Trazia notícias, artigos, opinião, reportagens, poesias, textos de humor, charges, cartuns, ensaios fotográficos etc. Era dirigido por Maria da Graça Costa Olivieri e editado por Hélio Roberto Lage e Josanildo Dias (que também editaram *A Coisa*, suplemento do jornal *Tribuna da Bahia*). Formalmente, circulou sob o selo da Editora A Coisa Ltda. Claramente inspirado no jornal *O Pasquim*.

➔ BIN: 47205-0

O Cometa Itabirano – Belo Horizonte (MG), 1979

Jornal tabloide de humor, política e cultura lançado por um grupo de estudantes em Belo Horizonte (MG) em novembro de 1979. Dentre as publicações brasileiras surgidas no contexto de resistência ao regime militar, é, aparentemente, a mais longeva: enquanto algumas fontes de pesquisa sustentam que *O Pasquim* seja detentor de tal marca, com 22 anos de publicação, *O Cometa* possui mais de 30, e ainda era publicado regularmente em 2010. Foi fundado por Luís Eugênio Quintão Guerra (Genin), Lúcio Vaz Sampaio, Lelinho Assuero e Carlos Cruz – todos, à época, estudantes. Lúcio Sampaio figurou como o primeiro editor do jornal, e passou o cargo para Marcelo Procópio em 1988.

➔ BIN: 57589-5

O Companheiro – Movimento de Emancipação do Proletariado, São Paulo (SP), 1979

Jornal quinzenal surgido em São Paulo (SP) em 10 de abril de 1979, data que coincidiu com o aniversário de Lênin e o dia do metalúrgico. Opinativo, politizado e panfletário, era organizado pelo Movimento de Emancipação do Proletariado (MEP), uma organização de base que já havia participado de outras publicações de resistência, como *Em Tempo*. Era ligado ao Partido dos Trabalhadores (PT). Seus diretores eram Ronaldo Lapa Aragão (que, logo após as primeiras edições, abandonou seu posto), Rosane Pinheiros e Tânia Coelho.

➔ BIN: 58068-6

Complemento das Artes – Brasília (DF), 1981

Periódico criado em março de 1981 em Brasília (DF), através da editora Planarte Edições de Arte Ltda. Tinha foco em arte e cultura; era dirigido e editado por Flávio Marçolla Lott, com Iara Ferreira Lott assumindo sua diretoria executiva.

➔ BIN: 39161-1

Comtudo – jornal-laboratório de alunos da Facha, Rio de Janeiro (RJ), 1976

Tabloide universitário lançado no Rio de Janeiro (RJ) em setembro de 1976. Criado como jornal-laboratório da Faculdade de Comunicação e Turismo Hélio Afonso (Facha, atualmente chamada Faculdades Integradas Hélio Afonso), trazia matérias de enfoque predominantemente estudantil e cultural. Abordou sobretudo temáticas de interesse do estudante de jornalismo: entrevistou grandes nomes da imprensa e da intelectualidade, discutiu a imprensa independente e os grandes jornais, censura, liberdade, os desdobramentos políticos e culturais do jornalismo, a legislação em torno da imprensa nacional, quadrinhos brasileiros, linguagem jornalística, deficiências do ensino superior.

↪ BIN: 48289-7

Comum – Facha, Rio de Janeiro (RJ), 1978

Revista acadêmica de ênfase político-cultural lançada em janeiro de 1978 no Rio de Janeiro (RJ), editada pela Faculdade de Comunicação e Turismo Hélio Afonso (Facha, atualmente chamada Faculdades Integradas Hélio Afonso). Discutiu a veracidade no jornalismo, estética, cultura, discursos ideológicos, política, ciências sociais em geral, filosofia, história, educação, consciência de classe, a formação da comunicação no Brasil, ética, regulamentação da imprensa, manipulação dos meios de comunicação, nacionalismo, conservadorismo, populismo, arte e cultura de massa, uso de drogas, feminismo etc. Circulava inicialmente sob a responsabilidade de um conselho editorial composto por Nilson Lage, Sérgio Athayde, José Carlos Rodrigues, Fernando de Almeida Sá e Carlos Henrique de Escobar.

↪ BIN: 33592-4

Comunicação – Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Porto Alegre, Porto Alegre (RS), 1975

Tabloide lançado em Porto Alegre (RS), em 1975(?). Circulava como boletim do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Porto Alegre. Crítico, politizado e denunciativo, o jornal apresentava questões sindicais e trabalhistas, arbitrariedades das empresas de jornalismo do Rio Grande do Sul, problemas gerais da categoria jornalística e do jornalismo brasileiro, episódios de repressão policial. Composto e rodado em *offset* através da Coojornal, a primeira cooperativa de jornalistas do Brasil. A diretoria do sindicato de então era ocupada por Antônio Manoel de Oliveira.

↪ BIN: 46344-2

Comunicação – UFC, Fortaleza (CE), 1979

Jornal-laboratório lançado em 1979(?) em Fortaleza (CE) pelos alunos do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará. Em formato

tabloide, trazia artigos de opinião, reportagens, entrevistas, notícias, comentários, fotos etc. Abordou temas como educação, as eleições de 1982, movimentos operários e outras formas de resistência popular, a conscientização política da juventude, história do jornalismo, cultura brasileira e cearense. Editado sob a responsabilidade da professora Ivonete Maia.

↪ BIN: 53627-0

Comunicação IACS – Instituto de Artes e Comunicação Social da UFF, Niterói (RJ), 1978

Jornal universitário, lançado em Niterói (RJ) em junho de 1978. “Jornal-escola do Instituto de Artes e Comunicação Social” (Iacs) da Universidade Federal Fluminense, era produzido por alunos como parte da disciplina de Estágio Supervisionado. Tratou de temas como política, lutas por melhores salários para o jornalista, sindicalização, julgamento de jornalistas pela Lei de Segurança Nacional. Teve como coordenadores (ou “orientadores de edição”) professores como Antonio Theodoro de Magalhães Barros, Merival Júlio Lopes, Manoel José de Mattos, Marialva Carlos Barbosa, Nilson Lage, Muniz Sodré, João Baptista de Abreu Júnior, José Maria Campos Nascimento, Sônia Aguiar, entre outros.

↪ BIN: 48343-5

Comunicação & Política – Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos, Rio de Janeiro (RJ), 1983

Revista acadêmica lançada em março de 1983 no Rio de Janeiro (RJ). Pertencia ao Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos (Cebela), uma sociedade civil sem fins lucrativos de pesquisas e intercâmbios multidisciplinares entre cientistas sociais e políticos, comunicadores, educadores e intelectuais latino-americanos em geral, em favor de uma via democrática para o desenvolvimento político-social. Continuava circulando em 2010. Veiculada inicialmente pela editora Paz e Terra, chegou ainda a sair pela Editora Achiamé e pela Forense-Universitária. Inicialmente, R. A. Amaral Vieira assinou como seu editor, com um “colégio editorial” composto por Vieira, César Guimarães, Herbert José de Souza e Leon Hirszmann.

↪ BIN: 43352-7

O Comunicador – jornal-laboratório de alunos da PUC de Campinas, Campinas (SP), 1982

Tabloide surgido em 1982(?) em Campinas (SP), era um “Órgão informativo e jornal-laboratório do Curso de Jornalismo, do Instituto de Artes e Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas”. Era editado pelo professor José C. Misseno, e tinha a professora Cecília Helena T. Vieira

como subeditora. Abordou temas muito variados, como política nacional, sindicalismo, ecologia etc.

↪ BIN: 48919-0

Conclave – João Pessoa (PB), 1979

Periódico mimeografado lançado em abril de 1979 em João Pessoa (PB). Rústico e essencialmente literário, continha poesias, pequenas notícias sobre o círculo literário marginal brasileiro, informes culturais gerais, críticas de publicações e poucas ilustrações. Era editado por Luiz Fernandes da Silva.

↪ BIN: 24487-2

Conflitos de Terra no Brasil – Comissão Pastoral da Terra, Belo Horizonte (MG), 1985

Publicação criada em Belo Horizonte (MG) em 1985(?) pela Comissão Pastoral da Terra (CPT). Circulando através da Sociedade Editora e Gráfica de Ação Comunitária (Segrac), o periódico publicava, sobretudo, estatísticas sobre conflitos fundiários, com grande complexidade de dados. Não trazia o nome de um editor específico: em 1985, era assinado por Daniel T. Rech, membro do Conselho Editorial da Segrac e assessor jurídico da CPT.

↪ BIN: 42083-2

Conhecimento – Curitiba (PR), 1977

Jornal de reflexões filosóficas, científicas, místicas e esotéricas, fundado em Curitiba (PR) no ano de 1977. Seu subtítulo se formava de uma série de palavras que deixava clara sua linha discursiva: “Filosofia – Ciência – Gnose – Antropologia – Psicologia – Esoterismo – Realismo Fantástico”. Dirigido por Ivete Gusso Lopes e Waldi Hack.

↪ BIN: 51170-6

Construção – Ceia de Língua e Literatura, Fortaleza (CE), 1982

Publicação literária editada em Fortaleza (CE) pelo grupo Ceia de Língua e Literatura (CLL). Lançada por Sebastião Valdemir Mourão em julho de 1982, teve subtítulos como “Ceia de Língua e Literatura (C.L.L.)”, “Órgão de divulgação da C.L.L.” ou “Jornal da Ceia”, abordando, com alguma regularidade, temas comuns no engajamento político à esquerda.

↪ BIN: 43506-6

O Contestado – Caçador (SC), 1977

Tabloide político criado em Caçador (SC) em 1977(?). Circulou com o subtítulo “Jornal mensal de opinião” e com o slogan “Independente – Apartidário – Imparcial”. Tocou ainda em temas como política catarinense, a necessidade da implementação da democracia integral no Brasil, a Guerra do

Contestado, educação no Brasil, as altas taxas de juros na economia nacional, comunidades indígenas catarinenses, filosofia, assuntos relativos à Igreja Católica local e à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) etc. Editado por Guerino Bebber, Nilson Thomé e João Pedro Carneiro.

➔ BIN: 10167-2

Contexto Cultural – suplemento do jornal A República, Natal (RN), década de 1970

Suplemento cultural e literário do jornal *A República*, lançado em Natal (RN). Embora não expusesse numeração, sabe-se que circulou na década de 1970. Trazia poesias, artigos, contos, ensaios, resenhas e design gráfico experimental, e contava com inúmeros colaboradores: Manoel Onofre Júnior, J. Medeiros, Socorro Trindad, Celso Muniz, Manoel Fernandes, Nilson Patriota, Francisco Sobreira, Luiz Rabelo, Franklin Jorge, Eduardo Antonio Gosson, entre outros. A BN não possui BIN específico para *Contexto Cultural*, mas possui para *A República*.

➔ BIN: 13892-4

Contos & Novelas – Florianópolis (SC), 1978

Revista literária lançada em dezembro de 1978 em Florianópolis (SC), com o subtítulo/slogan “Revista Catarinense de Ficção”. Era editada por Glauco Rodrigues Corrêa, que no nº 2, datado de 1979, passou a dividir a função com Silveira de Souza (Pinheiro Neto também viria a ser editor). Em certo momento teve o apoio da Fundação Catarinense de Cultura, sendo composto e impresso nas gráficas da Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina (Ioesc).

➔ BIN: 36095-3

Convergência Socialista – Movimento Convergência Socialista, São Paulo (SP), 1978

Tabloide trotskista lançado em São Paulo (SP) em 1978. O Movimento Convergência Socialista (MCS), ligado a uma das correntes da IV Internacional e dirigido por Nahuel Moreno, surgiu em 1978 do grupo clandestino Liga Operária, formado em 1974 e transformado no Partido Socialista dos Trabalhadores (PST) em 1978. A partir de 1981, o MCS chegou a existir como partido político oficial e como tendência interna do Partido dos Trabalhadores (PT). O periódico foi lançado formalmente pela Editora Convergência Ltda. Oficialmente, foi dirigido por Jorge Pinheiro, Arnaldo Schreiner (que permaneceu na direção por boa parte da década de 1980), entre outros.

➔ BIN: 51171-4

Coojornal – Porto Alegre (RS), 1975

Tabloide mensal predominantemente político, surgido em Porto Alegre (RS) em 15 de novembro de 1975. Lançado e editado pela Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre Ltda., a Coojornal, criada na capital gaúcha em 23 de agosto de 1974 e encabeçada pelo próprio editor-chefe do periódico, Elmar Bones da Costa, o jornal possuía uma linha ideológica nacionalista e vários de seus participantes eram ligados ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Pelo seu estilo sóbrio, chegou a ser chamado de “O Estadão dos nanicos”. A Coojornal foi a primeira e maior cooperativa jornalística do Brasil. Chegou a editar, a partir de 10 de maio de 1979, outro jornal de resistência que obteve relativo destaque, intitulado *O Rio Grande* (BIN: 582620).

↪ BIN: 574678

Cordão – Joinville (SC), década de 1970

Publicação literária de linha política e cultural. Lançada em Joinville (SC) na década de 1970 (possivelmente em janeiro de 1976), trazia artigos, contos, poesias, notas informativas e indicações de literatura alternativa. Editada por Alcides Buss.

↪ BIN: 32506-6

Corpo Extranho – São Paulo (SP), década de 1970

Revista cultural de vanguarda, de linha experimental. Criada em São Paulo (SP) provavelmente no primeiro semestre de 1976, circulou sob a coordenação editorial de Júlio Plaza e Régis Bonvicino – contando ainda com um conselho editorial onde figuravam Anna Bella Geiger, Augusto de Campos, Erthos Albino de Souza, Pedro Tavares de Lima, Regina Silveira e Walter Zanini. Era produção da Editora Alternativa.

↪ BIN: 459038

Correio da Rua – Fortaleza (CE), 1984

Jornal popular e político, de postura fortemente contrária ao governo militar. Lançado em Fortaleza (CE), em 12 de maio de 1984, era irônico, ácido, crítico e satírico, semelhante aos pasquins brasileiros do século XIX. Editado por Aguiar Júnior, o jornal tinha pouco conteúdo, resumido em apenas três ou quatro pequenas caixas de texto, com pouquíssimas imagens.

↪ BIN: 46024-9

Correio de Copacabana – Rio de Janeiro (RJ), 1976

Minitabloide crítico e opinativo. Abordava temas como política nacional, responsabilidades do Estado, arte e cultura, sociedade, entretenimento, sexualidade, poesia, moda, questões urbanas do Rio de Janeiro, dívida externa,

jornalismo e mídia, altos custos de vida no Brasil, lançamentos de livros e outras publicações, futebol de praia, comportamento infantil, desordem urbana e poluição, violência e assuntos de polícia, prostituição e variedades do bairro de Copacabana, tudo em linguagem informal. Era editado por Luiz Augusto Marones.

➔ BIN: 46027-3

Correio de Poesia – João Pessoa (PB), 1979

Periódico literário mimeografado, essencialmente poético, lançado em João Pessoa (PB) em janeiro de 1979. Trazia poemas (em geral enviados pelos seus leitores), poucas notas sobre o mundo literário, pequenos artigos, informes gerais, resenhas e notícias, e circulava sob a responsabilidade de Luiz Fernandes da Silva.

➔ BIN: 46034-6

Correio Sindical de Unidade – Europa (editado por exilados) e São Paulo (SP), década de 1970

Jornal lançado provavelmente na década de 1970 por exilados brasileiros na Europa (baseados em Moscou, Paris e Bruxelas). Sua 7ª edição, ano 2, datada de janeiro de 1980, marca uma segunda fase da publicação, quando passa a ser editada no Brasil, em São Paulo (SP). Fundado por Roberto Morena (falecido em 1978), o jornal pertencia formalmente à Editora Correio Sindical Ltda. e era editado inicialmente (ao menos em sua fase brasileira) por Marco Moro, com Annibal Fernandes assinando como jornalista responsável e Inácio de Almeida como secretário de editoração.

➔ BIN: 49135-7

Corrente – Associação Artística Cultural de Pirapora, Pirapora (MG), sem data

Jornal de caráter político e sociocultural, surgido em Pirapora (MG) em data indefinida (sabe-se, contudo, que sua 55ª edição é datada de junho de 1981). Publicado formalmente pela Associação Artística Cultural de Pirapora (ao menos em suas primeiras edições), o periódico tratava essencialmente de assuntos locais. Dirigido por José Carlos Costa.

➔ BIN: 57350-7

Cotrijornal – Cooperativa Regional Tritícola Serrana Ltda., Ijuí (RS), 1973

Tabloide criado em Ijuí (RS) em julho de 1973 pela Cooperativa Regional Tritícola Serrana Ltda. (Cotrijuí). Era um “Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior”. Crítico, direto e reivindicativo, sempre enxergando o ponto de vista

do pequeno produtor rural, explorou reforma agrária, manifestações populares, lutas do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, questões trabalhistas ligadas à atividade rural, luta pelo reconhecimento profissional feminino, problemas de infraestrutura em comunidades rurais, preservação ambiental, agricultura sustentável.

↪ BIN: 53631-8

Crítica – Rio de Janeiro, 1974

Tabloide semanal essencialmente cultural, lançado no Rio de Janeiro em 2 de agosto de 1974. Combativo, crítico, polêmico e nacionalista, dedicava parte de sua linha editorial a discussões sobre política (nacional e internacional), música, literatura, contracultura, censura, ideologia, justiça, conflitos armados, artes visuais, teatro, cinema, comunidades indígenas, questões urbanos, sociedade brasileira, economia, filosofia, democracia, educação, religião, esportes, entre outras temáticas. Ligado ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB), era dirigido e editado por Gerardo Mello Mourão, um de seus fundadores, contando com Inácio de Alencar como chefe de redação.

↪ BIN: 2848-7

Cultura Guanduense – Baixo Guandu (ES), 1984

Periódico cultural literário, especializado em trovas, lançado em Baixo Guandu (ES) em setembro de 1984 pelo Clube de Trova e Poesia Guanduense – fundado em 26 de maio daquele ano. Em seu primeiro número, a publicação era editada de maneira artesanal, composta por quatro folhas de papel ofício mimeografadas em apenas uma face. Trazia, nesta edição, trovas, registros de lançamentos de livros independentes. Editado por Leonita Borchardt e Alair Pinheiro da Silva.

↪ BINs: 42762-4 e 57610-7

Cultura & Tempo – Recife (PE), 1977

Publicação cultural lançada no Recife (PE) em 15 de agosto de 1977. Trazia reportagens, entrevistas, ensaios, transcrições de debates, poemas, contos, crônicas, pequenas notícias, críticas literárias, resenhas, editais de concursos literários, e discutiu temas como poesia marginal, revelações da poesia brasileira, engajamento social na arte, literatura feminina. Entre inúmeros colaboradores e correspondentes, contava com Clodomir Monteiro, Joaquim Branco, Reinoldo Atem, Cinéas Santos, Mário de Oliveira, Franklin Jorge, Raimundo Caruso, Aristides Klafke, Mauro Motta, Tanussi Cardoso, Hamilton Faria, David Gonçalves, Jaci Bezerra, Alberto Cunha Melo, entre outros.

↪ BIN: 3175-5

Curto Circuito – Niterói (RJ), 1985 ou 1986

Inicialmente um jornal/fanzine focado no cenário musical do *rock* e do pop dos anos 80, nacional e internacional, lançado em Niterói (RJ) entre 1985 e 1986. Trazia artigos sobre bandas de *rock* e respectivas discografias, letras de músicas, entrevistas, anúncios e críticas de álbuns, propondo-se ainda a analisar novas bandas amadoras que enviassem seu conteúdo musical à redação. Editado por Miguel Vasconcellos, num segundo momento circulou em formato tabloide.

➔ BIN: 48221-8

Debate Sindical – Sindicato dos Bancários de São Paulo, São Paulo (SP), 1983

Lançado em São Paulo (SP) em fevereiro de 1983, era um “Órgão do Sindicato dos Bancários de São Paulo” (não deve ser confundido com o *Debate Sindical*, lançado pela Central Única dos Trabalhadores em 1986). Impresso em *offset* pela Editora Joruês, com produção gráfica assinada pela empresa Artes & Oficinas, circulou em formato de revista. Dirigido por Rui Sá Silva Barros, Luís Antônio Alves Azevedo e Luiz Gushiken, com Júlio de Grammont como jornalista responsável, era extremamente crítico e anticapitalista, defensor das lutas dos trabalhadores (redução da jornada de trabalho sem arrocho salarial, estabilidade no emprego, correção salarial conforme inflação etc.), pregando a transformação social, a organização de um novo poder e a paz.

➔ BIN: 41457-3

De Fato – Belo Horizonte (MG), 1976

Jornal predominantemente político, surgido em Belo Horizonte (MG) em janeiro de 1976. Nascido de uma rebelião de um grupo de jornalistas que trabalhava no *Jornal de Minas* (onde o editor Afonso Paulino costumava defender os órgãos governamentais de repressão), o periódico fora inspirado em *Binômio* (BIN: 6854-3), um jornal crítico e humorístico que incomodava filões conservadores da política mineira nas décadas de 1950 e 1960, extinto com o golpe militar de 1964. Criado e editado por Aloísio Morais Martins, era produto da Editora Textual Ltda.

➔ BIN: 48053-3

De Olho – Centro de Estudos e Ação Social, Salvador (BA), 1979

Publicação bimestral lançada em 1979(?) em Salvador (BA). Circulou identificado como suplemento dos *Cadernos do CEAS*, do Centro de Estudos e Ação Social, embora fosse vendido de modo avulso. Focava em temas exclusivamente políticos e com ênfase popular, de forma didática e em linguagem de fácil compreensão.

➔ BIN: 45403-6

Desafio – alunos da Gama Filho, Rio de Janeiro (RJ), 1979

Jornal estudantil lançado em outubro de 1979, no Rio de Janeiro (RJ) por alunos do Curso de Comunicação Social da Universidade Gama Filho (UGF). Duramente crítico à universidade, que no dizer de seus editores censurava matérias que desagradassem à direção do Departamento, discutia questões do movimento estudantil. Editado por Jackson Nogueira do Nascimento, Nelson Carlos de Souza e Silva, Arlete Bonelli Henrique de Faria, José Carlos de Mattos Martins, Marcos Teixeira Campos e Sérgio Ney de Carvalho Cardoso.

↪ BIN: 49548-4

Desafio de Hoje – Rio de Janeiro (RJ), 1981

Autodefinido como “o jornal do deficiente”, foi um tabloide dirigido sobretudo a pessoas com necessidades especiais e lançado em 31 de outubro de 1981 no Rio de Janeiro (RJ). Fundado no Ano Internacional das Pessoas Deficientes por Diana Mendes Pimentel Spohn, discutia questões relativas a direitos humanos. Circulando pela Editora Oásis, era dirigido por Maria Therezinha C. L. de Oliveira (que era também gerente administrativa da Editora Oásis nos primeiros tempos da publicação) e tinha Altenir Rodrigues como editor-chefe inicial.

↪ BIN: 48541-1

Dimensão – Uberaba (MG), 1980

“Revista de poesia” de vanguarda surgida em julho de 1980 em Uberaba (MG). Editada por Guido Bilharinho, trazia sobretudo poemas – o conteúdo total de algumas edições iniciais – e textos em prosa, mas também notícias sobre literatura, artigos sobre cultura (focando novas correntes poéticas, espaços culturais, arte contemporânea, traduções, órgãos públicos culturais, o ensino das artes, a arte engajada, movimentos literários, a desvalorização social da arte, periódicos culturais em Uberaba, entre outros temas).

↪ BIN: 36759-1

Direto – Rio de Janeiro (RJ), 1980

Mensário fundado no Rio de Janeiro (RJ) em janeiro de 1980 pelo jornalista Stenka do Amaral Calado. Criado por iniciativa de um grupo dissidente do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), foi lançado para contestar o partido, à época liderado pelo governador fluminense Chagas Freitas. Seu grupo idealizador era formado por lideranças populares emedebistas mais ligadas ao pensamento de esquerda (o então deputado federal Lysaneas Maciel e seguidores de Leonel Brizola e Saturnino Braga). Essencialmente político e altamente crítico, o jornal por vezes saiu com o subtítulo “A voz do Rio aflito”.

↪ BIN: 57512-7

Distanteresina – Teresina (PI), 1977

Tabloide de poesia vanguardista, lançado em Teresina (PI) em fevereiro de 1977. Produzido por um coletivo: Ferdinand Cavalcante, Fábio Torres, Francisco Martins, Cineas Santos, Luís Gomes, Carlos Ramos, Fernando Costa, Assai Campelo, Carivaldo Marques, Vilson e Nelson.

➔ BIN: 49595-6

D’Lira – Juiz de Fora (MG), 1983

“Revista de arte, política, literatura, etc.”, de vanguarda, lançada em Juiz de Fora (MG) em abril de 1983. Composta e impressa em sistema *offset* na Esdeva Empresa Gráfica Ltda. Foi inicialmente editada por Fernando Fábio Fiorese Furtado e José Henrique da Cruz.

➔ BIN: 44774-9

Ecoação – Instituto de Preservação e Controle Ambiental da Secretaria Especial do Meio Ambiente de Mato Grosso do Sul, Campo Grande (MS), 1985

Periódico ambientalista e educativo definido como “Órgão informativo do Núcleo de Educação Ambiental” do Instituto de Preservação e Controle Ambiental (Inamb), órgão da Secretaria Especial do Meio Ambiente do Governo do Estado de Mato Grosso do Sul. Lançado em Campo Grande (MS), em sua edição nº 1 do ano 1, de setembro de 1985, explorou temas como recursos naturais renováveis, práticas de educação e fiscalização ambientais para a população em geral, questões ambientais na Assembleia Nacional Constituinte, exploração de recursos minerais, agentes poluentes, ações nocivas do Fundo Monetário Internacional (FMI) no Brasil e eventos do Inamb. Editado por João Pedro Cuthi Dias e Lúcia Santos Lopes.

➔ BIN: 44560-6

EcoZoornal – Rio de Janeiro (RJ), 1983

Tabloide quinzenal lançado no Rio de Janeiro (RJ) entre 13 a 26 de março de 1983. Defensor do equilíbrio ecológico, contrário ao extermínio de animais e à devastação da flora. Editado por Carlos Sampaio, vinha com reportagens sobre políticas ambientais, ecoturismo, saúde, vegetarianismo, medicina veterinária, animais de estimação etc.

➔ BIN: 51111-0

Edição do Brasil – Belo Horizonte (MG), 1983

Jornal criado em 1983(?) em Belo Horizonte (MG) através da Editora Boa Notícia Ltda. (uma cooperativa de jornalistas e publicitários). Além da política nacional, tratou de temas como política mineira, eleições diretas, o golpe de Estado de 1964, corrupção, economia, Assembleia Nacional Constituinte, questões agrárias e indígenas etc. Tinha na diretoria executiva Arthur

Luiz Ferreira (jornalista responsável), Eujácio Antônio Silva, Márcio Franco Vidigal, Ariosto Lauro Ferreira e J. L. Alcântara Sendas.

➔ BIN: 57741-3

Em Tempo – São Paulo (SP), 1977

Semanário predominantemente político de esquerda criado em São Paulo (SP) em novembro de 1977. Surgiu a partir de uma grande separação do grupo editor de *Movimento* (BIN: 31874-4). Liderados por Chico de Oliveira, os dissidentes alinhavam-se à corrente conhecida como “nova esquerda”, então contrária às concepções editoriais de *Movimento*. A corrente trotskista Centelha aderiu maciçamente ao novo coletivo editorial, seguindo os exemplos do Movimento de Emancipação do Proletariado (MEP), da Nova Proposta e da Liberdade e Luta (Libelu). Outras correntes, como o Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) e o grupo Debate, também participaram do projeto de *Em Tempo*, viabilizado através da abertura da empresa Época Sociedade Anônima (seus acionistas se espalhavam por 11 Estados). Os membros do conselho editorial do jornal eram Antonio de Pádua Prado Jr. (Paéco), Bernardo Kucinski, Jorge Baptista, Roberto Ayres, Tibério Canuto e outros.

➔ BIN: 46491-0

O Emancipador – Magé (RJ), 1967

Minitabloide fundado em 1º de outubro de 1967 por Sebastião Alfredo dos Santos, no município de Magé (RJ) – especificamente no bairro de Pia-betá. Dirigido pelo seu próprio criador, o jornal circulava oficialmente como publicação de uma instituição conhecida como Centro de Pesquisas e Estudos Cooperativos (Cenpescoop, também dirigido por Sebastião dos Santos) e era editado através da Cooperativa Mista de Comunicação e Imprensa Alternativa (Coomcimpra), uma iniciativa que reuniu ainda os grupos/publicações “Sinba”, “Tição”, “Jornegro” e “Gana”.

➔ BIN: 48601-9

Encarte – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPR, Curitiba (PR), 1982

Tabloide cultural universitário, lançado em Curitiba (PR) através do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Editado por Ivens Fontoura, então chefe do Departamento de Arte do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, o jornal contava com conselho editorial: Sérgio Kirdziej, João Osório Brzezinski e José Humberto Boguszewski. Destinado, sobretudo, a estudantes de arte, arquitetura, comunicação visual e desenho industrial.

➔ BIN: 51110-2

Encontro – Nova Iguaçu (RJ), 1970

Jornal criado em meados da década de 1970 em Nova Iguaçu (RJ) como órgão informativo do Movimento Amigos de Bairro de Nova Iguaçu (MAB). Debatedor, politizado e denunciativo, o jornal abordava de forma direta, coloquial, indignada e reivindicativa, sobretudo, problemas locais de ordem política e de infraestrutura, sempre valorizando a democracia e a unidade de ação entre os moradores de Nova Iguaçu.

➔ BIN: 46492-9

Encontros com a Civilização Brasileira – Rio de Janeiro (RJ), 1978

Revista mensal de política e ciências sociais criada no Rio de Janeiro (RJ) em julho de 1978. Abertamente libertária e contrária à ditadura militar, nasceu a partir da *Revista Civilização Brasileira*, lançada por Ênio Silveira no Rio de Janeiro (RJ) em março de 1965. Diretamente ligada às bases intelectuais do Partido Comunista Brasileiro (PCB), a revista-matriz colocava-se como porta-voz do mesmo frente ao golpe militar, ao mesmo tempo em que desenvolvia análises políticas e críticas às falhas da esquerda brasileira e ao populismo. Suspensa em dezembro de 1968, com o AI-5, a *Revista Civilização Brasileira* teve continuidade dez anos depois em *Encontros com a Civilização Brasileira*, que seguia sua linha editorial e era dirigida também por Ênio Silveira (com Moacyr Félix como editor-chefe). Uma das diferenças entre as duas publicações residia na censura: como fosse editada já durante o processo de redemocratização, o segundo periódico teve relativamente maior liberdade editorial.

➔ BIN: 443409

Enfim – Rio de Janeiro (RJ), 1979

Semanário político e denunciativo lançado no Rio de Janeiro em 12 de setembro de 1979. Como era oficialmente uma publicação do *Diário de Petrópolis*, pode-se também considerar que o periódico fora lançado em limites metropolitanos, na serra fluminense. Presidido e dirigido por Miguel Gabizo de Faria, era editado por Tarso de Castro, trazendo artigos (predominantemente sobre política e cultura), entrevistas, crônicas, contos, depoimentos, cartuns, fotos e páginas de humor. A publicação possuía semelhanças com *O Pasquim*, muito devido aos seus colaboradores.

➔ BIN: 57514-3

Engenho – Associação Catarinense de Escritores, Florianópolis (SC), 1980

Jornal de literatura fundado em Florianópolis (SC) pela Associação Catarinense de Escritores (ACEs) em fevereiro/março de 1980. Anunciava seu principal propósito: “Compreensão e síntese da realidade catarinense através da integração dos escritores do Estado: objetivo maior da ACEs nesta hora

de fazer”. Inicialmente editado por Bento Silvério, com conselho editorial composto inicialmente por Pinheiro Neto (à época, diretor da ACEs), Glauco Rodrigues Corrêa e Silveira de Souza.

➔ BIN: 46604-2

Ensaio Geral – jornal-laboratório de alunos da UFSM, Santa Maria (RS), 1978

Jornal laboratório editado pelos alunos do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Circulou em Santa Maria (RS) a partir 23 de junho de 1978 e explorou temas como questões gerais que cercam a profissão do jornalismo, sindicalismo, política estudantil, arte e cultura, educação, reformulações no sistema educacional, concentração de empregos e renda, direitos humanos, vida estudantil, a participação feminina na política etc. Editado sob a responsabilidade de professores variáveis – Jorge Castegnaro, Maria Lúcia do Canto, Gaspar Miotto, Paulo Roberto Araújo, Euclides Torres e Eunice Olmedo.

➔ BIN: 51172-2

Escrita – São Paulo (SP), 1975

Revista lançada em São Paulo (SP) em 1º de outubro de 1975, de caráter literário e politizado. Seu surgimento, bem divulgado na mídia, e sua linha – um sucesso no mercado editorial devido à forma simples como tratava a literatura – colaboraram com a onda de lançamento de publicações literárias de oposição ao regime militar na segunda metade da década de 1970, como *Ficção*, *Versus* e *Anima*. Idealizada e editada por Wladyr Nader e circulando através da Vertente Editora Ltda., teve destaque tanto pelo resgate de autores no ostracismo quanto pelo lançamento de jovens escritores brasileiros e de autores estrangeiros desconhecidos no Brasil, em especial latino-americanos. Com o passar do tempo, duas outras publicações vieram a nascer a partir da revista: *Escrita Ensaio* e *Escrita Livro*. Possuía um corpo redatorial inicial composto por Astolfo Araújo e Hamilton Trevisan, nomes fortes da publicação logo atrás de Wladyr Nader.

➔ BIN: 20883-3

Escrita Ensaio – São Paulo (SP), 1977

Publicação política e cultural criada em São Paulo (SP) no ano de 1977. Formalmente lançada pela editora Vertente, trazia entrevistas, depoimentos, artigos, fotos, e anúncios publicitários. Cada uma de suas edições apresentava um tema, normalmente proveniente de aspectos políticos, sociais ou culturais do Brasil. Originada a partir da publicação *Escrita* (ver acima), era editada por Wladyr Nader. Em face à censura imposta pelo regime militar, sabe-se que a publicação possuía registro na Polícia Federal.

➔ BIN: 32489-2

Escrita Livro – São Paulo (SP), 1977

Publicação literária bimestral lançada em 1977, em São Paulo (SP), pela revista *Escrita* (ver acima). Dedicado exclusivamente a textos de ficção produzidos por autores brasileiros, o periódico era editado por Wladyr Nader e saía sob o selo da editora Vertente. Em sua 1ª edição, trazia textos de autores como Moacyr Scliar, Gilberto Mansur, Samuel Rawet, Ricardo Ramos, Ivan Ângelo e Osman Lins.

↪ BIN: 32486-8

O Escritor – União Brasileira de Escritores, São Paulo (SP), 1980

Jornal oficial da União Brasileira de Escritores (UBE), teve publicação iniciada em março de 1980 em São Paulo (SP). Defensor das liberdades democráticas e sempre politizado (ainda mais após sua 15ª edição de maio de 1982), em maior ou menor profusão discutiu e apresentou temas e questões como terrorismo de Estado contra a cultura, eleições diretas, Assembleia Constituinte etc. Quando lançado, em março de 1980, era dirigido por Péricles Prade, então presidente da UBE, e editado por Fernandes Neto.

↪ BIN: 48609-4

Espaço – Juiz de Fora (MG), 1983

Minitabloide cultural criado em Juiz de Fora (MG) como órgão de divulgação do Espaço Cultural – Livros & Artes Ltda. (surgido em setembro de 1982). Sua edição inaugural, de nº 0, foi datada de julho/agosto de 1983. Dirigido por Rogério de Campos Teixeira, com Walter Sebastião Barbosa Pinto como jornalista responsável, o jornal publicou artigos, agendas culturais, entrevistas, resenhas etc.

↪ BIN: 55942-3

Espaço Aberto – DA Barros Terra da UFF, Niterói (RJ), 1982

Tabloide estudantil de cunho político, pertencente ao Diretório Acadêmico Barros Terra da Universidade Federal Fluminense (UFF). Lançado, portanto, em Niterói (RJ), por volta de 1982, era produzido artesanalmente, com muitos de seus textos manuscritos. Com poesias, ilustrações, pequenos contos e matérias transcritas de outros jornais, o jornal tratava majoritariamente de questões estudantis reivindicativas.

↪ BIN: 48704-0

Espaço Científico – Belém (PA), 1982

Publicação surgida em Belém (PA) em 1982, ano de lançamento de uma edição experimental nº 0 (o nº 1 só viera a sair em 1985). De acordo com sua edição inicial, foi editado por Nelson Costa Fonseca, Albanir Freitas e Biratan Porto, mas, no nº 1, os dois últimos foram substituídos por Olavo de Faria

Galvão e Luiz Carlos Borges. Abordou questões ambientais e indígenas da Amazônia, machismo na gramática, ciências sociais e ideologia etc.

↪ BIN: 41907-9

Espaço Cultural – Rio de Janeiro (RJ), 1983

Jornal lançado no Rio de Janeiro (RJ) em 1983, quando surgiu sua edição nº 0, um tabloide intitulado apenas “Espaço”. Circulava através da editora Maison Graphique Artes e Impressões, e seu nº 1 só veio a sair em agosto de 1985. Com direção geral de Salim Abi-Haila, focava assuntos predominantemente ligados à cultura e à memória do Rio de Janeiro; saudosista, cobrava atenção das autoridades. Paralelamente, também discutia política nacional.

↪ BIN: 43864-2

Espaço Montese – projeto experimental de alunos da UFC, Fortaleza (CE), 1983

Tabloide de bairro lançado em Fortaleza (CE) em dezembro de 1983 como Projeto Experimental de Jornalismo Impresso do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará (UFC). Focado em problemas sociais, urbanísticos e infraestruturais do bairro de Montese, discutidos com profundidade. Apresentava linha crítica, favorável às lutas da comunidade local. Orientado pelos professores Júlia de Miranda Canoco e Souto Paulino.

↪ BIN: 55940-7

Essas Folhas – Rio de Janeiro (RJ), 1983

Mimeógrafo literário lançado em 1983(?), no Rio de Janeiro (RJ). Definido com o subtítulo “Folhetim poético informal”, revelava em seu expediente ser “uma publicação independente, transada por Folhas e Ervas, caminho poético. Queremos trocar idéias e crescer juntos com todos os que curtirem essas palavras”.

↪ BIN: 24846-0

O Estado da UFF – DCE da UFF, Niterói (RJ), 1985

Jornal editado por estudantes da Universidade Federal Fluminense com apoio do Departamento de Imprensa do DCE e do Departamento de Comunicação e Artes, ambos da UFF, em Niterói (RJ), a partir de dezembro de 1985. Reivindicativo de questões relativas ao movimento estudantil da UFF e à educação no Brasil, trazia notas e notícias gerais, artigos de cunho sociopolítico, críticos e opinativos, com fotos e ilustrações.

↪ BIN: 48604-3

Esteio – Centro Mineiro de Cultura Popular, Belo Horizonte (MG), 1977

Jornal minitabloide essencialmente cultural surgido em setembro de 1977 (data de lançamento de edição nº 0), em Belo Horizonte (MG), como publicação do Centro Mineiro de Cultura Popular (CMCP). Crítico e debatedor, foi dirigido, ao menos inicialmente, por Miguel C. Nunes de Queiroz.

➔ BIN: 53791-8

Estrela da Terra – Rio de Janeiro (RJ), 1983

Periódico mimeografado lançado em 1983(?) no Rio de Janeiro (RJ), na Ilha do Governador. Sua 5ª edição não traz data, sinaliza apenas pertencer ao ano 2, mas, por conta da exposição da programação do projeto “Passa na Praça que a Poesia te Abraça”, entende-se que o número tenha sido lançado em 1984. Editado por Alice da Matta Machado, o periódico trazia poemas, pequenas notícias sobre literatura independente, convites para eventos culturais, anúncios de outras publicações literárias, ilustrações, entre outras coisas.

➔ BIN: 24693-0

Estória – Belo Horizonte (MG), 1965

Revista literária trimestral estritamente dedicada à prosa, lançada em outubro de 1965 em Belo Horizonte (MG). Fundada por Wanda Figueiredo, José Renato de Pimentel e Medeiros, Luiz Vilela, Luiz Gonzaga Vieira, Fernando Rios e Sérgio Danilo, saía sob o selo da editora Livraria do Estudante. Trazia contos, fotos, ilustrações e anúncios publicitários e tinha diagramação simples e bem acabada, o que, devido ao seu formato, aproximava-a de pequenos livros – com imagens escassas e textos não divididos em colunas.

➔ BIN: 9859-0

Estudante em Marcha – Ubes, Rio de Janeiro (RJ), 1984

Tabloide lançado oficialmente pela União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (Ubes) no Rio de Janeiro (RJ) em abril e maio de 1984. Crítico e politizado, promovia, divulgava e debatia as lutas do movimento estudantil, com foco em questões como o movimento pelas eleições diretas, a crise no sistema de ensino nacional, as políticas ineficazes do governo Figueiredo, o XXIII Congresso da Ubes, o movimento estudantil secundarista e o papel da juventude na política nacional, a corrida armamentista e a paz mundial frente ao imperialismo dos países desenvolvidos etc. Dirigido por Marcelo Silva Mata, secretário de imprensa da Ubes.

➔ BIN: 48246-3

Etapa – Organização Nacional de Entidades de Deficientes Físicos, Rio de Janeiro (RJ), 1983

Lançado no Rio de Janeiro (RJ) em novembro de 1983, foi o “Órgão Informativo da Organização Nacional de Entidades de Deficientes Físicos”. Possuía informes gerais, reivindicações, debates, críticas a estruturas sociais que prejudicam pessoas com necessidades especiais, informações sobre encontros e textos sobre saúde e esportes. Editado por Virgínia Cavalcanti e Rosângela Berman em formato tabloide, tinha linguagem popular e informal.

➔ BIN: 46495-3

Ex- – São Paulo (SP), 1973

Tabloide político e cultural surgido em São Paulo (SP) em novembro de 1973. Nasceu de equipes de jornalistas remanescentes das revistas *Realidade* e *Revista de Fotografia* e dos jornais de resistência *Bondinho* e *Grilo*, principalmente a partir de Sérgio de Souza, Narciso Kalili e Eduardo Barreto, também criadores do coletivo Arte & Comunicação. Era dotado de uma forte linha crítica e narrativa herdada dos primeiros períodos da revista *Realidade*, extremamente literária. Paralelamente, a publicação buscava distância de partidos e organizações políticas de oposição à ditadura militar. O nº 16 tanto notabilizou quanto decretou o fim de *Ex-*, ao trazer uma ampla e completa reportagem sobre o assassinato do jornalista Vladimir Herzog por torturadores do II Exército – o jornal foi o único da imprensa brasileira a abordar o assunto. Com a ameaça de censura prévia a ser instalada na redação, a equipe editora decidiu lançar um jornal substituto, chamado *Mais Um*, datado da segunda quinzena de dezembro de 1975, que saiu em apenas uma edição.

➔ BIN: 58087-2

Existe – Rio de Janeiro (RJ), 1985

Modesto jornal criado no Rio de Janeiro (RJ), por um grupo residente no Morro do Vidigal em janeiro de 1985. Definido como “Jornal independente”, era focado no cotidiano da comunidade local. Editado por Paulo, Dudu e Bahia.

➔ BIN: 24697-2

Experimento – jornal-laboratório de alunos da Ufpa, Belém (PA), 1984

Jornal laboratório dos estudantes de comunicação da Universidade Federal do Pará (Ufpa), lançado por volta de 1984 em Belém (PA). Crítico, opinativo, político, social e cultural, tratava da realidade da educação brasileira, da situação profissional dos recém-formados em jornalismo, dos acontecimentos locais da vida acadêmica da Ufpa, entre outros temas de cunho social. Coordenado por Ana Petruccelli, Regina Alves e Rosaly Brito.

➔ BIN: 48598-5

Expressão – Niterói (RJ), 1981

Minitabloide lançado em Niterói (RJ) em 5 de fevereiro de 1981. Noticiando e discutindo assuntos diversos, como política local, política internacional, eleições em Niterói, a série de atentados à bomba promovidos pela ditadura militar a bancas de jornais que vendessem periódicos contrários ao poder, a necessidade do fim do regime, questões sindicais, a mulher e o mercado de trabalho, personalidades políticas locais etc. Dirigido por Antônio Eugênio Cunha, com Kátia Silva Souza como diretora e jornalista responsável.

➔ BIN: 58605-6

Extra - Realidade Brasileira – São Paulo (SP), 1976

Revista de periodicidade irregular e temática variada, essencialmente política e social. Lançada em São Paulo (SP) em 7 de dezembro de 1976, explorava de maneira excepcional a linguagem do jornalismo literário e do Novo Jornalismo. Produzida pela mesma equipe dos jornal de resistência *Ex-*, foi dirigida por Moysés Baumstein e Sérgio Fujiwara, trazendo grandes reportagens, entrevistas, depoimentos, comentários, contos, poemas, fotos e artigos sobre temáticas sociais e históricas brasileiras. Assemelhando-se a livros-reportagem, por trazer reportagens centrais em cada edição, chegou a lançar apenas quatro números, que circularam nacionalmente. A revista foi colocada sob censura prévia em março de 1977, fator determinante do seu fim.

➔ BIN: 511307

Faces – Tubarão (SC), 1978

Revista de cultura e literatura criada em 1978(?) em Tubarão (SC). Sua edição nº 1 não traz data, mas um logotipo da Prefeitura Municipal de Tubarão, que colaborou para o lançamento do periódico, traz a indicação do ano de 1978 (o Catálogo de Imprensa Alternativa do Centro de Imprensa Alternativa e Cultura Popular da Rio Arte diz que a 3ª edição do periódico é datada de dezembro de 1974). Editada por Elizabeth Daura Claire, Margarida Maria Espíndola e Maria Angélica Silvestre.

➔ BIN: 42179-0

Fato Novo – São Paulo (SP), 1970

Tabloide semanal político e nacionalista, surgido em São Paulo (SP) em março de 1970. Formalmente, era propriedade da Editora Verde-Amarelo. Editado inicialmente por Jorge Figueiredo e Frederico Vasconcellos, que assinavam apenas como redatores, o jornal foi conduzido por jornalistas ligados ao Partido Comunista (PC, então clandestino), sendo um de seus principais articuladores Milton Coelho da Graça, que não aparecia no expediente.

➔ BIN: 32680-1

Favelão – Rio de Janeiro (RJ), 1981

“Um jornal feito por favelados para os favelados”, lançado em novembro de 1981 no Rio de Janeiro (RJ) em Parada de Lucas. Editado por Célia Fernandes Correia. Didático, era voltado a questões inerentes à favela: direitos civis em face à opressão social, direito à posse de terra, particularidades e informações gerais sobre associações de moradores, violência policial, passeatas e mobilização reivindicativas, movimento negro, movimento feminino, problemas de infraestrutura, engajamento crítico no samba e na cultura popular, greves, a importância do voto, questões trabalhistas etc.

↪ BIN: 495042

Fazendo o Amanhã – São Paulo (SP), 1985

Tabloide contestador, debatedor e à esquerda, remanescente de jornais alternativos dos tempos mais críticos do regime militar. Lançado em São Paulo (SP), em julho de 1985, por um grupo político dissidente do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), era editado por Ozeas Duarte de Oliveira, com Sérgio Weigert assinando como jornalista responsável. Era publicado pela Editora Outubro Ltda. Com inspirações revolucionárias, era explicitamente adepto do Partido dos Trabalhadores (PT) e da Central Única dos Trabalhadores (CUT).

↪ BIN: 51213-3

Feira – Rio de Janeiro (RJ), década de 1980

Criada no Rio de Janeiro (RJ), definida pelo subtítulo “Revista dos poetas independentes”, foi uma publicação lançada por artistas da Feira de Poesia que ocorria nas calçadas da Cinelândia, no Centro do Rio de Janeiro, entre 1980 e 1981 (mesmo assim, o endereço da publicação é o do Sindicato dos Escritores do Rio de Janeiro). Contava com poemas, textos em prosa, artigos, manifestos culturais (como o Manifesto Pornô), listas de periódicos independentes, textos transcritos de outras publicações, ilustrações e anúncios publicitários, e trazia trabalhos de Antonio Fraga, Samaral, Lapí, Gilberto Pessoa, Flávio Nascimento, Erivaldo Casan, entre outros.

↪ BIN: 44657-2

Ficção – Rio de Janeiro (RJ), 1965

Revista literária lançada em setembro de 1965 no Rio de Janeiro (RJ). Trazia o subtítulo “Histórias para o prazer da leitura” durante todo o seu período de edição e foi apontada como um dos mais importantes centros de produção ficcional da década de 1970. Apesar de nunca ter sofrido com a censura dos órgãos de segurança do regime militar, publicou textos literários engajados em questões políticas e sociais. A revista tinha postura contrária à ditadura e favorável à liberdade de expressão, à profissionalização do escritor e à valorização

de autores nacionais (em segundo plano, à de escritores latino-americanos). Aparecia como editado por Cícero Sandroni, com Antônio Olinto como editor literário e Roberto Seljan Braga como secretário.

➔ BIN: 10014-5

Flor do Campus – alunos de Comunicação da PUC-Rio, Rio de Janeiro (RJ), 1983

Jornal estudantil lançado no primeiro semestre de 1983 no Rio de Janeiro (RJ), publicado pelos alunos do curso de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Marcos Penido assinava como editor geral e Maria Cristina Almeida como editora assistente, com supervisão de Fernando Ferreira e Maria Rita Leal. Discutia e noticiava assuntos e questões em tom crítico e debatedor, algumas vezes denunciativo: políticas nacional e internacional, luta pelos direitos dos homossexuais, segurança pública, as relações internacionais promovidas pelos EUA (violentas e imperialistas, com ênfase em arbitrariedades e ditaduras na América Latina) etc.

➔ BIN: 48626-4

Flor do Mal – Rio de Janeiro (RJ), 1971

Tabloide cultural e experimental, poético, lançado no Rio de Janeiro (RJ), em 4 de novembro de 1971. Fundado pelo jornalista Luiz Carlos Maciel e pelos poetas Tite de Lemos, Torquato Mendonça e Rogério Duarte, nascido da coluna “Underground” (também chamada “Udigrudi”), que Maciel mantinha em *O Pasquim*, o jornal foi, possivelmente, a primeira publicação brasileira totalmente contracultural. Editado com liberdade criativa extrema.

➔ BIN ainda não produzido

Folh&tin – alunos da UFRJ, Rio de Janeiro (RJ), 1985

Jornal cultural lançado no Rio de Janeiro (RJ) em julho de 1985, composto em linguagem experimental, feito por alunos da Universidade Federal do Rio de Janeiro com apoio da Sub-Reitoria de Desenvolvimento e Extensão da UFRJ. Continha poesias, ilustrações, textos críticos de arte e textos sobre a história de artistas, e circulava no formato tabloide. Sua diagramação, sua periodicidade, seu estilo e seu conteúdo variam muito. Era editado por Antônio Carlos Galetti, Alexandre Correa e Roberto GZB e impresso pelo Serviço Gráfico da UFRJ.

➔ BIN: 48711-2

Folha Bancária ABC – Santo André (SP), 1984

Lançado em Santo André (SP), por volta de 1984, foi um tabloide sindical dos bancários do ABC paulista. Inicialmente semanal, com informes gerais sobre paralisações, reivindicações, críticas e propostas políticas da luta sindical

da classe bancária, possuía filiação com a Central Única dos Trabalhadores (CUT). Possuía linguagem irreverente, informal e popular. Júlio de Grammont foi seu jornalista responsável.

➔ BIN: 46484-8

Folha da Baixada – São João de Meriti (RJ), 1984

Tabloide mensal lançado em 28 de junho de 1984 em São João de Meriti (RJ). Dirigido por Paulo Nascimento, era produto da empresa Briza Nova Notícias, Publicidade e Responsabilidade Ltda. Reivindicativo e crítico, era voltado à política e à administração pública na Baixada Fluminense, e destacava desabafos de associações de moradores, carências na infraestrutura e serviços de utilidade pública locais. Politicamente parecia ser favorável ao Partido Democrático Trabalhista (PDT), com expectativas com relação à Nova República.

➔ BIN: 581011

Folha da Luta – DCE da PUC-Rio, Rio de Janeiro (RJ), 1980

Lançado no Rio de Janeiro (RJ) em abril de 1980, foi um jornal informativo do Diretório Central dos Estudantes da PUC do Rio de Janeiro. De cunho político, reivindicativo, de crítica e opinião, relativo às lutas do movimento estudantil, tinha diagramação simples e poucas ilustrações humorísticas. Era editado em formato tabloide pela Comissão de Imprensa do DCE e por alunos dos cursos de desenho industrial e de comunicação social da PUC.

➔ BIN: 48592-6

Folha da Semana – PCB, Rio de Janeiro (RJ), 1965

Criada em 2 de setembro de 1965 no Rio de Janeiro (RJ). Jornal político semanal apoiado pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB), considerado o primeiro em protesto à ditadura lançado após o início da mesma. Editado por Arthur José Poerner, contava com a contribuição de Mauro Lins e Silva, Sérgio Cabral, Maurício Azêdo (como secretário de redação), Otto Maria Carpeaux, Ferreira Gullar, Alex Viany, Luis Carlos Maciel, Paulo Francis, Leandro Konder, entre outros. Não durou muito: acabou sendo fechado em 13 de dezembro de 1966, por pressão do regime. A folha defendeu a anistia a presos políticos, criticou as concessões feitas ao capital estrangeiro, atacou a criação do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), repudiou a política de arrocho salarial promovida pelo governo e apoiou a candidatura de Francisco Negrão de Lima, da coligação entre o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e o Partido Social Democrático (PSD), para o governo do estado da Guanabara.

➔ BIN: 100889

Folha de Piqui – Crato (CE), 1983

Tabloide cultural de oito páginas publicado em Crato (CE) a partir de agosto de 1983. Fundado por um grupo de poetas que o idealizaram no dia 10 de junho daquele ano, circulou pela região do Cariri cearense. Parte dos textos publicados era produzida por movimentos locais, como o Grupo Cultural Raízes e o Movimento Cultural Flor da Terra. Era dirigida por Carlos Raphael Dias (responsável pelas finanças) e Leonel Araripe (responsável pela redação). José Bezerra de Figueiredo Filho assumia ainda a diretoria de arte.

➔ BIN: 57282-9

Folha Independente – Rio de Janeiro (RJ), 1982

Modesta e politizada publicação literária lançada no Rio de Janeiro (RJ) pelo poeta Nilo Sérgio Fernandes Oliveira (Nilo Sérgio Fo) em 1982. Trazendo trabalhos de diversos autores, pequenas notas de lançamentos literários, crítica cultural, comentários reivindicativos em tonalidades pacifistas e humanistas, programações de eventos culturais, crônicas, notas sobre outras publicações independentes de poesia, manifestações políticas de indignação, a publicação era definida como um “fanzine-ego-trip” fundamentado na cultura punk.

➔ BIN: 47369-3

Folha Sindical – Federação Nacional dos Arquitetos, Porto Alegre (RS), 1983

Lançado em Porto Alegre (RS) em 1983, foi o jornal da Federação Nacional dos Arquitetos. Com teor crítico e reivindicativo, trazia discussões e debates sobre questões trabalhistas dos arquitetos brasileiros, convocações para paralisações e medidas sindicais. Filiado à Central Única dos Trabalhadores (CUT) e à Confederação Nacional de Profissionais Liberais, tinha Rafael Guimarães como jornalista responsável e era impresso na Editora Proletra.

➔ BIN: 46497-0

Folhetim da Cultura – Centro de Letras, Artes e Ciências do Vale do Ivaí, Apucarana (PR), 1985

Fundado pelo Centro de Letras, Artes e Ciências do Vale do Ivaí em Apucarana (PR) no ano de 1985(?). Foi um mimeógrafo cultural e literário editado por Francisco Soares Dias Sobrinho. Trazia poemas, textos sobre professores e intelectuais locais, informes gerais sobre Apucarana, notícias sobre a movimentação cultural local, cartas de leitores e listas de endereços de outros mimeógrafos.

➔ BIN: 24636-0

Folhetim Língua-Viva – São Paulo (SP), 1982

Modesto periódico cultural e literário. Criado pelo Movimento Língua-Viva em São Paulo (SP) no mês de julho de 1982. Foi lançado para que “[...] os poetas possam registrar suas impressões linguais de modo mais duradouro, e soltá-las por aí, juntamente com a comunicação de recitais e eventos, para ir de encontro a todas as pessoas que tenham língua e vida”. Trazendo poesias, textos em prosa, breves perfis de poetas, ilustrações, notícias de eventos culturais e concursos literários, comentários e dicas de livros, listas de publicações marginais recebidas por leitores, trechos de trabalhos já publicados e anúncios, era editado através da Littera Assessoria Editorial.

↪ BIN: 43858-8

Folhetim Literário Acauã – Fortaleza (CE), 1985

Periódico criado em Fortaleza (CE) em 1985(?), editado por Sandoval Teixeira e Rinaldo de Fernandes, com Carlos Gilmar Pontes como secretário e Diogo Fontenelle como redator. Trazia contos, poemas, ensaios, entrevistas, relações de vencedores de concursos literários, pequenos perfis e críticas de autores independentes, descrições editoriais e endereços para postagem de outras publicações literárias, ilustrações e fotografias.

↪ BIN: 44565-7

Fotobahia – Salvador (BA), 1981

Jornal surgido em julho de 1981 em Salvador (BA) através de uma entidade de fotógrafos baianos com o mesmo nome. O grupo focava assuntos variados, sempre em torno da fotografia, como práticas de autorretrato, lambe-lambes, questões trabalhistas da profissão de fotógrafo, perspectivas da arte no Brasil, associações de classe, exposições, reflexos da inflação em produtos fotográficos, encontros nacionais de fotografia, convocações para eventos etc. Era editado por um conselho composto por Adenor Gondin, Antônio Saturnino, Ieda Marques, Carlos Félix, Isabel Gouvêa, Aristides Alves, Iraíldes Mascarenhas, Renato Marcelo, Rita Barreto, Wilson Besnosik, entre outros.

↪ BIN: 51115-3

Fronteira – Corumbá (MS), 1980

“Um jornal de verdade”, surgido em Corumbá (MS) em 11 de maio de 1980, filiado à Associação Brasileira de Jornais do Interior (Abrajori). Fundado, dirigido e editado por Felipe Porto. Sua linha editorial era essencialmente policial e política local, em linguagem crítica, popular e contundente. Abordava temas como problemas de infraestrutura de comunidades locais, corrupção, escândalos políticos, violência, justiça, obras e gestões públicas,

inaugurações locais, mobilizações populares, integração entre rodovias, ecologia, eventos locais etc.

↪ BIN: 57355-8

Ganga Bruta – Federação dos Cineclubes do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ), 1978

Jornal reivindicativo sobre o cinema nacional, criado no Rio de Janeiro (RJ) em agosto de 1978. Lançado sob o selo da Federação dos Cineclubes do Rio de Janeiro, o periódico é colocado como órgão de defesa do cinema nacional. Contém entrevistas e textos crítico-opinativos com relação ao cinema nacional e à classe trabalhadora cinematográfica, abordando constantemente as políticas que os regem e restringem. Traz ainda informações gerais e reportagens sobre o meio cinematográfico, suas legislações, as novidades do cinema brasileiro, catálogos e críticas de filmes e cineclubismo. Era editado por uma comissão de redação: Maurício Azedo (diretor do grupo), Ana Maria Cavaliari, Rubens de Carvalho Neto, Jurandir M. Lopes, Paulo Ubirajara de Jesus, Nelson Krumholtz e Roberto Houaiss.

↪ BIN: 51622-8

Gaveta – Olinda (PE), década de 1970

Mimeógrafo literário criado em Olinda (PE), provavelmente na década de 1970. Trazia artigos, poemas, experimentalismo gráfico, pequenas notícias, quadrinhos, dicas e contatos de publicações e centros culturais alternativos, textos com perfis e currículos de autores marginais, cartas de leitores e anúncios publicitários, e era distribuído gratuitamente através dos “CAMBIU” (Centros da Arte Marginal Brasileira de Informação e União). De acordo com sua edição nº 10, sem data, os “CAMBIU” foram criados em 1976 pelos poetas Marconi Notaro, Unhandei Jara e Paulo Bruscky.

↪ BIN: 45035-9

Geraes – Centro Cultural Vale do Jequitinhonha, Belo Horizonte (MG), 1978

Minitabloide lançado em Belo Horizonte (MG) em março de 1978, “Uma publicação do Centro Cultural Vale do Jequitinhonha” – o CCVJ. Explorava temas variados, mantendo o foco prioritário em assuntos políticos e sociais do Vale do Jequitinhonha; era favorável a movimentações sindicais, sem, contudo, deixar temas de abrangência nacional de lado. Noticiou e discutiu política e economia nacional, as Eleições Diretas, lutas e eleições sindicais, propostas e projetos de políticos locais, os malefícios da ditadura militar no Brasil, a participação popular na sociedade, questões agrárias, condições de trabalho para trabalhadores migrantes etc. Inicialmente, o

jornal foi editado e redigido por Aurélio Silby, Carlos Albérico Figueiredo, George Abner e Tadeu Martins.

↪ BIN: 53532-0

Gilete Press – Goiânia (GO), 1985

Fanzine cultural e politizado publicado em Goiânia (GO) a partir de 1985(?). Representante da “Geração Mimeógrafo”, movimento de mimeógrafos literários (com ênfase à poesia marginal) e/ou anarcopunks que movimentou a cultura alternativa brasileira da década de 1970 à década de 1980, o periódico, além de publicar predominantemente poesia marginal, trazia pequenos manifestos de ordem política à esquerda, em tons pacifistas, culturais ou ambientalistas. Seu editor: Luiz Antônio de Oliveira (Luiz Fafau).

↪ BIN: 44967-9

O Grão – Salvador (BA), 1983

Mimeógrafo literário lançado em Salvador (BA) possivelmente em agosto de 1983. Editado por Francisco Miguel de Moura Júnior e Jorge Ivan Teles de Sousa, trazia, sobretudo, poesia marginal, além de contos, resenhas, ilustrações, cartuns e anúncios. Na edição nº 3, passou a sair sob o selo da Editora Grão, com também Franklin Moraes de Moura como diretor de arte e Fritz Miguel Moraes Moura como assistente de arte.

↪ BIN: 44682-3

Grilo – São Paulo (SP), 1971

Tabloide de quadrinhos underground, muitas vezes retirados de publicações independentes dos EUA – foi, nesse sentido, a primeira a publicar Robert Crumb no Brasil. Produto da Espaço-Tempo Veículos de Comunicação Ltda., foi publicado entre 1971 e 1972 em 48 edições. Ligado à contracultura, também deu espaço a cartunistas nacionais. Editado por Sérgio de Souza e José Carlos Marão, com Narciso Kalili como diretor responsável, era “Recomendável para adultos”, de acordo com seu conteúdo rebelde, contestador, sensual e pouco inocente. Chegou a ter tiragens de algo entre 30 e 50 mil exemplares, e sofria com a instabilidade administrativa. No seu fim, sua redação veio a sofrer uma intervenção de censores, o que levou ao seu fechamento. Em novembro de 1973, parte dos colaboradores e editores da revista fundaram o periódico *Ex-*.

↪ BIN: 630373

O Grito – Visconde do Rio Branco (MG), 1982

Jornal estudantil lançado em Visconde do Rio Branco (MG), em 1982(?). Crítico e politizado, abordava prioritariamente os percalços da política de sua cidade e de Minas Gerais, em paralelo a notícias e discussões sobre fatos

ligados à administração pública – ações de políticos, exonerações, nomeações, impugnação de vereadores, problemas urbanísticos e falta de infraestrutura em determinadas localidades (ruas esburacadas, coleta de lixo ineficiente, trânsito intenso de veículos etc.), obras públicas, corrupção e oportunismo de autoridades, convenções partidárias, casos de polícia, entre outras coisas. “Publicação mensal da Frente dos Estudantes Liberais”, dirigido por Aloísio Soares Lopes (também redator), com Eudes Soares Barboza como “diretor cultural” e Gladston Luiz Vianna como “diretor jurídico”.

➔ BIN: 57398-1

Grito da Seca – CNBB, Recife (PE), 1984

Minitabloide lançado em 1984(?) no Recife (PE), através do Setor de Projetos Alternativos da Regional Nordeste II da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Circulou sob a responsabilidade de Marcos Figueiredo, Maria Aparecida, Maria José e Paulo Crespo. Trazia reportagens, textos de apresentação de projetos comunitários, orações de proteção ao povo nordestino, mensagens e paz e esperança, poemas, trovas, notas de falecimento de religiosos, relações de projetos financiados pela Regional Nordeste II da CNBB, pautas e avaliações de encontros sobre projetos comunitários, programas de cursos de capacitação profissional, receitas de soluções caseiras, notícias sobre cooperativas etc. Denunciativo e educativo, influenciado pela Teologia da Libertação, seus assuntos principais eram relativos a trabalhos comunitários promovidos por instituições variadas, principalmente dioceses e a Regional Nordeste, mas também sindicatos.

➔ BIN: 46439-2

HI-SO – Coordenação de Música e Artes Cênicas da UFS, Aracaju (SE), 1981

“O jornal da sociedade”, minitabloide lançado pela Coordenação de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Sergipe (UFS), em Aracaju (SE). Essencialmente cultural, tratou de temas como cinema, festivais (como o IX Festival Nacional de Cinema), concursos literários etc., publicando artigos, programas de eventos culturais, fotografias e muitos anúncios publicitários.

➔ BIN: 48366-4

Hera – Feira de Santana (BA), 1973

Publicação literária lançada em Feira de Santana (BA) em janeiro de 1973 através da Edições Cordel, concebida por um grupo de poetas capitaneado por Antônio Brasileiro, que assinava em expediente como editor. A revista é considerada o ponto central da movimentação literária de Feira de Santana nas décadas de 1960 e 1970.

➔ BIN: 666327

Hoje Cascavel – Cascavel (PR), década de 1970

Minitabloide essencialmente político e social, criado em Cascavel (PR) em data indefinida (provavelmente meados da década de 1970). Possuía enfoque majoritariamente local e trazia notícias, artigos, crônicas, notas gerais, páginas de esportes, horóscopo, fotos, anúncios publicitários, entre outras coisas. Dirigido por F. L. Sefrin e editado por Heinz Schmidt.

➔ BIN: 33267-4

Hora do Povo – MR-8, Rio de Janeiro (RJ), 1979

Semanário político e social, crítico e ideológico, de esquerda. Criado no Rio de Janeiro (RJ) em 31 de agosto de 1979, foi fundado pelo Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), após a experiência deste nas redações do jornal *Em Tempo*. Era propriedade formal das Empresa Jornalística Hora do Povo S. A. ou Hora Serviços Jornalísticos e Editora Ltda. – que mudou de nome para HP Editora Ltda. no final de março de 1981. Foi, em seus primeiros anos de publicação, gradualmente radicalizando seu discurso (tido como stalinista), e entrou em choque com correntes políticas trotskistas, em geral favoráveis ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Em sua fundação, era dirigido por Pedro de Camargo (responsável), João Urbano de Resende Costa e Cláudio Cardoso, e era editado inicialmente por Ricardo Bueno. A partir de 1999, Clóvis Monteiro Neto passou a assinar como editor.

➔ BINs: 58130-5 ou 57044-3

Idéia – São José dos Campos (SP), 1979

Publicação predominantemente cultural surgida em setembro de 1979 em São José dos Campos (SP), era editada por Paulino Rolim de Moura. Tratava de política e vida pública locais, ações nocivas de multinacionais, poluição, corrupção, violência, inflação, concursos literários, conservação de patrimônios históricos, personalidades da política e da cultura joseense, os “descaminhos da comunicação” (duras críticas à mídia), literatura, história, problemas no transporte público local, o futebol profissional como “ópio do povo”, os males do fumo e do álcool, língua portuguesa e gramática, malefícios da indústria nuclear, a corrida armamentista na Guerra Fria etc.

➔ BIN: 49161-6

A Ilha – São Francisco do Sul (SC), 1980

Mimeógrafo literário criado em São Francisco do Sul (SC) em junho de 1980. Inicialmente, foi suplemento literário do jornal *O Berro* (que a BN não possui) – como seus editores recebiam muitos textos literários, decidiram publicá-los em forma de suplemento. Da primeira reunião organizada entre os autores que haviam enviado textos ao jornal nasceu, assim,

o Grupo Literário A Ilha, que se responsabilizou pela publicação de *A Ilha* mesmo após o fim de *O Berro*. Sempre editada por Luiz Carlos Amorim, “A Ilha” trazia contos, crônicas, perfis de escritores, artigos, informes gerais e pequenas notícias sobre literatura, ilustrações, dicas de livros e anúncios publicitários.

↪ BIN: 44550-9

In-Fin – Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de SP, São Paulo (SP), 1979

“Boletim informativo dos empregados em financeiras, cadernetas de poupança, bancos de investimentos e sociedades de crédito imobiliário” lançado em São Paulo (SP) por volta de 1979. Funcionava como o jornal informativo do Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de São Paulo. Crítico, de caráter político e trabalhista, era dirigido por Antônio Augusto Oliveira Campos, com Lourdes Fernandes como jornalista responsável. Produzido pela Oboé Editorial/Jornalismo Sindical, era impresso na Empresa Jornalística Comércio & Indústria em formato tabloide.

↪ BIN: 48482-2

Informação: comando jovem da notícia – São Bento do Sul (SC), 1979

Jornal fundado em São Bento do Sul (SC), em 14 de junho de 1979. Inicialmente semanal, depois bissemanal, veiculado às quartas-feiras e sábados. Depois de um tempo, passou a possuir redação fixada na cidade de Rio Negro (PR).

↪ BIN: 57703-0

Informativo CDP – Ferraz de Vasconcelos (SP), 1982

Boletim informativo criado em Ferraz de Vasconcelos (SP) em 1982(?) pelo Centro de Divulgação da Poesia. Editado por Jacy Gomes de Almeida de forma artesanal – era um mimeógrafo de cerca de seis páginas formadas por folhas de papel sulfite dobradas, medindo 21,5 x 16 cm – trazia poemas, trovas, promoções, pequenos perfis de poetas novos, ações do CDP, programação cultural e listas de publicações independentes recebidas, além de algumas imagens. Dizia-se “Órgão de apoio aos poetas e escritores novos”.

↪ BIN: 50229-4

Informe Chibanguê – Conselho Indigenista Missionário (CNBB), Xanxerê (SC), década de 1980

Mimeógrafo indigenista criado pela Regional Sul do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), órgão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, no município de Xanxerê (SC). Surgiu possivelmente em meados da década de 1980. Tratava exclusivamente de questões indígenas, com duras críticas

à Fundação Nacional do Índio (Funai), protestos pelo reconhecimento e demarcação de terras e denúncias de violência e espoliação contra índios e missionários do Cimi – a saber, roubo de produtos, emboscadas, estupros, destruição de propriedades, invasão de áreas, ameaças à integridade física, construção de barreiras em estradas, destruição de patrimônio florestal, emboscadas, detenção em cárcere privado, destruição de plantações, questões judiciais envolvendo colonos e índios, entre outras ações, normalmente a serviço de latifundiários. Cada número trazia textos informativos e/ou denunciativos do próprio Cimi e reproduções de matérias da imprensa em geral, em duas folhas de papel ofício, grampeadas e em preto-e-branco.

➔ BIN: 44561-4

Informe CUCA – Circuito Universitário de Cultura do Nordeste (UFPB), João Pessoa (PB), 1983

Informativo mensal estudantil e cultural, surgiu em João Pessoa (PB) possivelmente no início de 1983. Enquadrado no Circuito Universitário de Cultura do Nordeste (Cuca), foi editado pelo Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Publicou pequenas notícias, anúncios e informes sobre assuntos como novas adesões e disposições gerais do Cuca, ações de departamentos artísticos da UFPB, concursos literários ou de monografias, concursos de composição ou de roteiros para cinema, prêmios especiais, iniciativas de universidades de fora da Paraíba, festivais culturais, salões de arte, espetáculos musicais, encontros, simpósios, pesquisas e trabalhos acadêmicos na área cultural, programações culturais no circuito universitário, lançamentos de publicações, periódicos culturais, posse de reitores, reuniões de pró-reitores etc.

➔ BIN: 41766-1

Inquérito – Curitiba (PR), década de 1980

Fanzine lançado em Curitiba (PR) na década de 1980. Em linguagem marginal, continha predominantemente elementos da cultura punk dos anos 80, além de seu caráter crítico e ácido. Composto com a colaboração de vários leitores, tinha diagramação criativa, com várias fotos e ilustrações compostas em colagens diversas, o que possibilitava um forte impacto visual sobre a revista. Trazia textos críticos, poesias, textos informativos sobre bandas punks e arte.

➔ BIN: 48193-9

O Itatiaia – alunos de jornalismo da UFG, Goiânia (GO), 1983

Lançado em Goiânia (GO) em setembro de 1983, foi “Uma publicação do curso de jornalismo da UFG”, ou seja, um jornal-laboratório produzido por alunos de jornalismo da Universidade Federal de Goiás, em parceria com a Associação de Moradores da Vila Itatiaia. Jornal de cunho político, social

e cultural, abordava questões locais da Vila Itatiaia, entre outros assuntos gerais: violência, drogas, saúde, saneamento precário, reforma agrária, direitos humanos, ambientalismo, educação, variedades e descontentamento popular com diversas questões sociais e políticas. Tinha Maria Beatriz Ribeiro Costa como professora responsável, entre outros tutores.

↪ BIN: 48542-0

Jecoaba – São Paulo (SP), 1978

Mimeógrafo literário marginal lançado em São Paulo (SP) no primeiro trimestre de 1978. Trazia contos e poesias, e era editada por um coletivo composto por Roberto Yutaka, Aristides Klafke, Arnaldo Xavier e Urariano Mota de Santana. Trazia basicamente contos, poemas, pequenos currículos e informações sobre os autores independentes publicados e listas com descrições de periódicos literários marginais.

↪ BIN: 45034-0

Jerusalém – São Paulo (SP), 1982

Editado pelo jornalista Georges L. Bourdokan. Dedicava-se à denúncia do genocídio ocorrido no Líbano, e publicou matérias sobre o assassinato do presidente eleito do país, entrevistas com residentes no Líbano durante a guerra e artigos onde se analisavam as consequências da morte do líder árabe Abdel Nasser.

↪ BIN: 58187-9

O Jornal de São Miguel Paulista – São Paulo (SP), 1979

Tabloide lançado em São Paulo (SP) em outubro de 1979, aparentemente com circulação dirigida a São Miguel Paulista, distrito do leste paulistano. Produzido como jornal-laboratório dos alunos do 6º semestre matutino do Curso de Jornalismo da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP), foi editado sob a responsabilidade dos professores Carlos Alberto Manente, Dulcília H. S. Buitoni, Jomar José Costa Moraes, José Coelho Sobrinho e Paulo Roberto Leandro. Tinha apelo especificamente local, ligado a problemas sociais e infraestruturais da comunidade de São Miguel: manteve o foco em personalidades da luta comunitária, problemas de ordem pública (falta de segurança, educação e atendimento médico), questões agrárias, associações de bairro, a recepção dos meios de comunicação, entre outros assuntos.

↪ BIN: 24844-4

Jornal AQC – Associação dos Quadrinhistas e Caricaturistas, São Paulo (SP), 1985

Minitabloide criado em 1985(?) em São Paulo (SP), pela Associação dos Quadrinhistas e Caricaturistas (AQC). Editado por um coletivo composto

por Gilberto Maringoni (um dos diretores do quadro administrativo da gestão de 1984/85 da AQC, junto com Fortuna e JAL), Marcos Mikio, Worney de Almeida Souza, José Alberto Lovetro e Marcos Guida de Azevedo, o periódico era crítico e politizado, assumindo posicionamento sempre ao lado dos interesses dos quadristas em críticas à grande imprensa, com relação ao tratamento dispensado ao trabalho de artistas nacionais.

➔ BIN: 17245-6

Jornal Cambota – Associação de Estudos e Assistência Rural, Francisco Beltrão (PR), 1975

“Um espaço democrático de comunicação e educação popular” criado em 1975(?) no município de Francisco Beltrão (PR). Dirigido pela Associação de Estudos e Assistência Rural (ASSESOAR), concentrava-se na vida rural, agricultura e reforma agrária. Discutia política nacional, ações e projetos de cooperativas, sistemas de crédito, agriculturas familiar e mercantil, economia nacional, educação rural, assembleias e encontros populares, as condições de vida no campo em geral, êxodo rural e migração, concentração de terras, a situação da mulher no campo, biodiversidade e proteção ambiental etc. Sua equipe editorial era composta por Elir Batistti, Ari de David, Paulo Mayer, Valdir Duarte e Andréia M. Pires.

➔ BIN: 53184-7

Jornal da Cidade – Recife (PE), 1974

Semanário criado no Recife (PE) em novembro de 1974. Noticiava e discutia temas variados, com foco em política, economia e cultura e viés crítico, popular, denunciativo e debatedor. Editado pela Boca do Povo Serviços Ltda., com Ivan Maurício como editor chefe, possuía formato tabloide e distribuição regional. L. A. Rodrigues Alves, C. A. Pereira da Nóbrega e C. G. Peres de Moura assumiam a direção do periódico.

➔ BIN: 581569

Jornal da História – CA de História da UECE, Fortaleza (CE), 1983

Minitabloide focado em história, política, cultura e questões sociais criado em Fortaleza (CE), possivelmente no ano de 1983. Editado pelo Centro Acadêmico de História da Universidade Estadual do Ceará, era viabilizado pela editora Nação Cariri e pela Livraria Gabriel. Contava com um conselho editorial composto por Beatriz Furtado (presidente do CA de História), José Olímpio (vice-presidente), Vessilio Monte, entre outros. Trazia artigos críticos altamente engajados, envolvendo temas ou debatendo questões como o cangaço e a maçonaria na História do Brasil, o ensino de História, consciência negra e igualdade racial, problemas sociais, fome e miséria, secas

no Nordeste, levantes populares, vertentes socialistas, problemas do meio estudantil etc.

↪ BIN: 508071

Jornal da Mantiqueira – Poços de Caldas (MG), 1974

Periódico semanal de temática variada e inspiração na esquerda, lançado em Poços de Caldas (MG) em 7 de julho de 1974. Fundado por Décio Alves de Moraes e editado por Luís Nassif, Rovilson Molina Lopes, Sérgio Manucci e Victor de Carvalho, circulava formalmente através da Empresa Jornalística Poços de Caldas. Crítica, denunciativa e combativa, defensora de ideais democráticos e pretendendo marcar oposição à oligarquia da época, inicialmente, a publicação fazia frente a jornais conservadores da cidade.

↪ BIN: 8989-3

Jornal da República – São Paulo (SP), 1979

Diário de tamanho standard lançado em São Paulo (SP) em 27 de agosto de 1979, criado e editado por Mino Carta. Explorando predominantemente a temática política, fazia a linha de centro-esquerda. Quando lançado, seu nº 1, que saiu excepcionalmente com 28 páginas, teve sua tiragem de 72.890 exemplares esgotada. Mesmo com esse início arrasador, com sua boa qualidade e com distribuição nacional, o periódico foi extinto poucos meses após sua fundação, e a publicação foi encerrada em 22 de janeiro de 1980.

↪ BIN: 194018

Jornal da Taturana – Santo André (SP), 1979

Periódico literário e de humor crítico lançado em Santo André (SP) em dezembro de 1979 – seu nº 1 não trazia registro de data. Editado por Cláudio Feldman e Moacir Torres, circulava como produto da Editora Taturana. Tinha tom politizado e denunciativo, publicando trabalhos de diversos cartunistas brasileiros.

↪ BIN: 50226-0

Jornal da UEE – União Estadual dos Estudantes, São Paulo (SP), 1978

Tabloide criado pela União Estadual dos Estudantes, em São Paulo (SP) no ano de 1978(?). Crítico e reivindicativo, anunciado como “Órgão de divulgação e debate da União Estadual dos Estudantes”, o jornal trazia discussões e reflexões sobre o meio estudantil, bem como notícias de atividades da instituição que o editava. Abordou temas como educação e ensino no Brasil, concorrência no vestibular, ações da União Nacional dos Estudantes (UNE), fraudes e corrupção nas universidades, moradia estudantil, passe escolar, aumento vertiginoso de mensalidades, restaurantes para estudantes, Anistia Internacional para exilados políticos, estipulações do Ministério da Educação,

invasão de multinacionais no espaço amazônico etc. Vários centros acadêmicos e diretórios de estudantes editavam o tabloide.

➔ BIN: 48921-2

Jornal da UEE – Rio de Janeiro (RJ), 1982

“Órgão da União Estadual dos Estudantes do Rio de Janeiro”. Lançado na capital fluminense em data indefinida, abordava questões gerais relativas à classe estudantil, em postura reivindicativa. Baseando-se apenas em uma edição especial de quatro páginas lançada em setembro de 1982 – relativa ao IV Congresso da UNE (União Nacional dos Estudantes) – o jornal tratou de encontros estudantis, democratização das universidades, aumentos abusivos em mensalidades, reivindicações junto ao Ministério da Educação etc.

➔ BIN: 625035

Jornal DCE – DCE da UFF, Niterói (RJ), 1985(?)

Criado em Niterói (RJ) em 1985(?), foi, segundo seu subtítulo, um “Espaço de expressão dos estudantes da UFF”, a Universidade Federal Fluminense. Era de responsabilidade da “Gestão Nada Será Como Antes”. Discutia assuntos como política e movimento estudantis, Assembleia Nacional Constituinte, ecologia, eleições para futuros reitores, o sistema de educação do ensino superior brasileiro, o IV Seminário da UNE para Reforma Universitária, reforma agrária, eleições para prefeitos, precariedade de instalações para determinados cursos da UFF, a alienação da comunidade estudantil, festivais de arte e cultura universitários etc.

➔ BIN: 48758-9

Jornal de Debates – Rio de Janeiro (RJ), 1946 | relançado em 1972

Fundado por Mattos Pimenta, Plínio Catanhede e Mário de Brito no Rio de Janeiro (RJ) no ano de 1946. Em formato minitabloide, crítico e politizado, sempre trazia textos de grandes intelectuais e foi revivido por Limeira Tejo em 1972, após anos ausente das bancas. No ano de 1963, Tejo havia obtido o título de Mattos Pimenta, reabrindo o jornal nove anos depois. Dois números precários foram lançados em 1972, mas, pouco tempo depois, o *Jornal de Debates* ficou quase um ano sem circular. Esta segunda fase recomeçou em abril de 1973, em São Paulo (SP). Semanal, editado pelo mesmo Limeira Tejo, o periódico contava ainda com Paulino Rolim de Moura e com as colaborações de Clóvis Moura, Oswaldo Donádio, Caio Porfírio Carneiro, Tito Batini, Paschoal Melantônio, Mônica Schmidt, Nelson Werneck Sodré e Paulo Francis. Nessa segunda fase, era nacionalista, de esquerda e positivista, defensor da razão, da ciência e do desenvolvimento técnico e econômico.

➔ BINs: 48976-0 ou 58310-3

Jornal de Deboche – Goiânia (GO), 1979

Tabloide predominantemente de crítica sociopolítica e engajamento político, com nuances de humor e sátira, lançado em Goiânia (GO) possivelmente em abril de 1979. Lançado como uma publicação da Cooperativa dos Jornalistas de Goiás, a PROJORNAL, foi editado por um coletivo.

↪ BIN: 491128

Jornal de Poesia – São Paulo (SP), 1983

Minitabloide bimestral de poesia marginal e literatura politicamente engajada. Criado em São Paulo (SP) em fevereiro de 1983, em edição experimental de nº 0, válido por fevereiro e março daquele ano – na capa havia um desenho de um homem pendurado num pau-de-arara, junto com alguns livros de poesia, como se fossem roupas secando em um varal –, o periódico trazia, além de poesia, entrevistas, resenhas, artigos de opinião, ensaios, perfis de escritores, comentários e pequenos informes do mundo da literatura independente, charges, ilustrações e cartas de leitores. Era editado por Candido Coelho Neto, Christine Greiner, Juarez José Viaro e Sergio Galli.

↪ BIN: 508080

Jornal do CDA – Comitê de Defesa da Amazônia, Rio de Janeiro (RJ), 1980.

Tabloide bimestral do Comitê de Defesa da Amazônia, lançado no Rio de Janeiro (RJ) em maio de 1980. Foi um órgão de defesa dos interesses brasileiros, das populações indígenas, da fauna e da flora e das pequenas comunidades posseiras frente às arbitrariedades promovidas pelo governo ou por empresas na Amazônia. O expediente do Jornal do CDA trazia os nomes dos membros da diretoria do CDA no Rio de Janeiro, composta por Carlos Henrique Tibiriçá Miranda (presidente), Márcio Silveira Lengruber (primeiro vice-presidente) e Valcler Fernandes (segundo vice). Seu foco era em mobilizações populares, lutas camponesas na disputa por terras, repressão policial, indigenismo, as mazelas do Projeto Jari e do Projeto Carajás, os perigos do turismo para os índios e para o ecossistema amazônicos etc.

↪ BIN: 531677

Jornal do DCE – DCE da UECE, Fortaleza (CE), 1984

Minitabloide lançado em Fortaleza (CE), em março de 1984, pelo Diretório Central dos Estudantes (DCE gestão 1983/1984) da Universidade Estadual do Ceará (Uece). Reivindicativo, crítico e revoltado, queria “suprir a necessidade de um veículo de comunicação que, comprometido com a comunidade universitária, saiba se posicionar diante da situação caótica em que se encontra o país e, como o reflexo, a universidade brasileira, particularmente a UECE”. Era editado por Ricardo Pinto, que contava com um conselho

editorial composto pelo mesmo, Gerardo Vasconcelos, Edelberto, Pedro Ivo e Marcelo Marques.

↪ BIN: 55952-0

Jornal do DCE – DCE da Universidade Santa Ursula, Rio de Janeiro (RJ), 1981

Lançado no Rio de Janeiro (RJ) em junho de 1981, editado pelo Departamento de Imprensa do Diretório Central dos Estudantes (DCE) Marilena Villas Boas, da Universidade Santa Ursula. Discutindo assuntos de interesse imediato de universitários ou de conotação política nacional – reajustes no bolo orçamentário do Ministério da Educação, a falta de um bandejão local por dificuldades financeiras, assaltos em um ponto de ônibus próximo à Santa Ursula, assembleias e eleições no DCE, propostas do movimento estudantil, projetos acadêmicos, problemas de aumento de mensalidades, descaso com a educação, os ataques terroristas promovidos pela ditadura militar contra bancas de jornal em 1981 etc.

↪ BIN: 48942-5

Jornal do DCE – DCE Mário Prata, da UFRJ, Rio de Janeiro (RJ), 1978

Periódico estudantil lançado em agosto de 1978 no Rio de Janeiro (RJ), pelo Diretório Central dos Estudantes (DCE) Mário Prata, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Combativo e identificado como um “órgão de luta” dos estudantes. Os temas abordados ali eram denúncias gerais de irregularidades no ambiente acadêmico, política nacional, falta de verbas, problemas de alojamento e do bandejão, o movimento dos professores, reivindicações e críticas ao sistema educacional e à administração das universidades públicas, Anistia Internacional, atividades culturais no ambiente acadêmico, saúde pública, o Congresso Nacional dos Trabalhadores da Indústria, eleições de 1978 (incluindo a chamada Frente Popular Eleitoral), corrupção, dívida externa, história do DCE etc.

↪ BIN: 48864-0

Jornal do Poeta – Salvador (BA), 1982

Publicação criada em Salvador (BA) em abril de 1982, circulou através da Cooperativa de Poetas e Escritores. Reproduzidas por mimeógrafo ou fotocópia. Trazia poesias, ilustrações, cartuns, anúncios de movimentos de poesia, se propunha a “divulgar pessoas e ideias ligadas à arte baiana, em particular a poesia” e era um periódico originado “do Primeiro Encontro Soteropolitano de Poetas, que aconteceu em março de 1982, visto a necessidade de agregação para definir formas de atuação conjuntas. No encontro, ficou evidente a

carência comum de divulgação de trabalhos e surgiu a ideia de se formar uma cooperativa de poetas”.

➔ BIN: 45564-4

Jornal do Poeta – São José do Rio Preto (SP), 1982

Lançado em São José do Rio Preto (SP) em novembro de 1982. Trazia poemas, textos em prosa, matérias, textos retirados de outras publicações, cópias de documentos oficiais, citações de grandes intelectuais, ilustrações, fotografias e homenagens, e sua autoria se devia a uma instituição e a um movimento cultural nomeados em seu expediente: “Jornal do Poeta – Publicação sem data pré-fixada da ‘Biblioteca Castro Alves’ e do ‘Grupo Pioneiro Os Renascentistas de Hoje’”. Editado por Raymundo Cortizo Perez Filho e Mauro Rueda.

➔ BIN: 51044-0

Jornal do PT – Movimento Pró-Partido dos Trabalhadores, Rio de Janeiro (RJ), 1980

Periódico político partidário criado pelo Movimento Pró-Partido dos Trabalhadores no Rio de Janeiro (RJ), com edição nº 1, ano 1, lançada em fevereiro de 1980. Pouco tempo depois de seu lançamento, passou a ser identificado em expedientes – que não traziam nomes de editores – como “responsabilidade da Executiva Regional Provisória do MPT-RJ”, até que, por volta de seu nº 7, ano 1, de outubro de 1980, seu subtítulo veio a defini-lo simplesmente como “Publicação do Partido dos Trabalhadores – RJ”. Denunciativo contra as arbitrariedades da ditadura militar, crítico e reivindicativo, o *Jornal do PT* era editado em linguagem simples, popular e injuriada.

➔ BIN: 49666-9

Jornal dos Bairros – Belo Horizonte (MG), 1976

Tabloide quinzenal criado em Belo Horizonte (MG) em 19 de setembro de 1976 (data de edição do nº 0), e que circulou através da Corpo Editora Ltda. Dotado de linguagem simples e direcionamento basista, focado em problemáticas de bairros carentes do subúrbio da capital mineira, o jornal mostrava-se importante meio de manifestação e denúncia ao abrir espaço para depoimentos do povo, através de cartas ou sugestões de leitores. Nascido por obra de cinco jornalistas, Edson Fernandes Martins, Tilden Santiago, Márcia Portela Antunes, Fernando Soares Miranda e José Amaro Siqueira.

➔ BIN: 57480-5

Jornal dos Trabalhadores – Partido dos Trabalhadores (PT), São Paulo (SP), 1982

Publicação lançada pelo Partido dos Trabalhadores (PT), em 1982, em São Paulo (SP). Partidário e à esquerda, o jornal assumia ares combativos e reivindicativos em uma linguagem simples e direta. Abordando prioritariamente todo o Brasil (a América Latina e o restante do mundo também eram noticiados), defendia o sindicalismo, o proletariado, as greves e os movimentos populares, em postura duramente crítica à ditadura militar e às mazelas das populações humildes. Perseu Abramo assinava como editor responsável.

↪ BIN: 48404-0

Jornal do Verde – Rio de Janeiro (RJ), 1981

Publicação ambientalista lançada no Rio de Janeiro (RJ) em agosto de 1981. Circulando sob a marca da Gráfica e Editora Itapuí Ltda. em tiragens de 20 mil exemplares, o periódico vinha em linguagem simples e indignada contra as ações do homem no meio ambiente. Editado por um conselho composto por Juca Colagrossi, Mário Augusto Jakobskind (o editor formal) e Paulo Rodrigues (que figurava em expediente como secretário de redação).

↪ BIN: 45792-2

Jornaleco – alunos da Uerj, Rio de Janeiro (RJ), agosto de 1985

Jornal estudantil de cunho político e reivindicativo, editado por alunos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Possui textos opinativos e algumas ilustrações humorísticas. Concentra-se em reivindicações da vida estudantil da Uerj. Editado por André Miranda Burello e Luis Fernando Affonso. Com diagramação pobre, consiste em duas folhas grampeadas, em formato tabloide.

↪ BIN: 487074

Jornal Indígena – Núcleo de Cultura Indígena da União das Nações Indígenas, São Paulo (SP), 1984

Lançado em julho de 1984 em São Paulo (SP). Criado e editado pela Coordenadoria de Publicações da Regional Sul das Nações Indígenas (depois identificado como um produto do Núcleo de Cultura Indígena da União das Nações Indígenas), sua temática indigenista abordava tribos de todo o Brasil, em apelo crítico, inconformado e reivindicativo. Seus editores eram indígenas: Aílton Krenak assinava como editor geral. O periódico tratou de cultura e identidade indígena, lideranças indigenistas, questões indígenas frente às políticas sociais do governo federal e frente à Assembleia Nacional Constituinte, ameaças e violência sofridas por povoações, movimentos de resistência, questões agrárias, relações dos indígenas e do indigenismo com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) e com a Fundação Nacional do Índio (Funai),

decretos e leis de proteção ao indígena saúde, educação, agricultura e subsistência de comunidades, exploração de multinacionais etc.

➔ BIN: 49472-0

Jornalivo – São Paulo (SP), 1971

Tabloide literário mensal, lançado em São Paulo (SP) em dezembro de 1971 (seus exemplares não traziam registro de data). Dirigido por Narciso Kalili e editado por Roberto Freire (tendo ainda Nagib Elchmer como editor associado e contando com o trabalho de J. A. Granville Ponce, Wilson Moherdau, entre outros), circulava como publicação da Arte & Comunicação Editora, empresa também responsável pelos jornais *O Grilo* e *Bondinho*. *Jornalivo*, fazendo jus a seu subtítulo “O povo lendo”, costumava trazer textos (por vezes integrais) de escritores consagrados, a preços acessíveis. Boa parte destes títulos era de clássicos, tanto de autores nacionais quanto estrangeiros, que já haviam caído em domínio público.

➔ BIN: 624053

Jornalivo – Sociedade Cultural Jornalivo, São Paulo (SP), 1981

Tabloide de esquerda, altamente politizado e de ênfase latino-americana, lançado pela Sociedade Cultural Jornalivo em São Paulo (SP), no mês de agosto de 1981 (data da edição nº 1 do ano 1 – houve ainda um nº 0, lançado previamente com o título “Nicarágua Livre”). Aparentemente, não estabeleceu nenhuma conexão com outro tabloide com o mesmo título, também lançado em São Paulo dez anos antes (ver texto acima); de todo modo, sua proposta era a mesma: popularizar a leitura, editando livros em formato de jornal e a preços acessíveis. Politizado e denunciativo aos abusos cometidos contra o operariado e classes populares latino-americanas, o periódico era basicamente formado por trechos mais ou menos longos e capítulos de livros-reportagem, inéditos ou não. Seu conselho editorial inicial era composto por Ana Lucia Paes, Dalmo Ribas, Francisco Lopes, Jô Azevedo, José Carlos Brito, Manoel Del Rio, Pedro Pontual, Regina Festa e Sueli Bossam.

➔ BIN: 454559

Jornal Mandacaru – Recife (PE), 1982

Informativo com notas gerais do universo literário e artístico em geral, a nível local e nacional, lançado em setembro de 1982 no Recife (PE). Reproduzido por mimeógrafo ou fotocópia, era dedicado à trova e à poesia marginal. Trazia notícias, informes gerais, poemas, trovas e textos em prosa, editoriais esporádicos (como alguns de 1985, que comentam positivamente o início da Nova República), artigos de opinião e cartas de leitores, avisos de mostras, oficinas, concursos, mutirões literários, publicações, lançamentos, encontros,

divulgações de projetos e autores independentes. Editado por Pedro do Amaral Costa e Almicar Batista de Azevedo, era uma publicação filiada à Federação Brasileira de Entidades Trovistas (FEBET).

➔ BIN: 51415-2

Jornal Novas Tendências – Rio de Janeiro (RJ), 1985

Periódico cultural, focado em música e em política, criado no Rio de Janeiro (RJ) em outubro de 1985. Trazia notícias curtas sobre música pop, cinema e shows, críticas de discos e grupos de *rock*, entrevistas, artigos, últimos lançamentos da música, paradas de sucesso, discografias e videografias, letras de músicas, entre outras coisas, e circulava praticamente sem diagramação, com apenas um bloco de texto datilografado em cada página, com poucas imagens. Foi editado inicialmente por José Augusto Gonçalves e Miguel Vasconcellos, com participação de Márcia Gomes.

➔ BIN: 508586

José – Sindicato dos Engenheiros no Estado de São Paulo, São Paulo (SP), 1981

“Jornal do Sindicato dos Engenheiros”, combativo e reivindicativo em relação às adversidades que envolvem a categoria profissional de engenharia. Criado em São Paulo (SP) em 1981(?). Priorizando notícias relativas a entidades de classe e à atividade profissional de engenharia, o jornal trazia ainda artigos sobre democracia, sindicalismo, manifestações, greves, propostas de chapas e eleições sindicais, política, arrocho salarial, legislação, custos de vida, desemprego, exploração racional das riquezas amazônicas, entre outros assuntos, incluindo arbitrariedades de empresas e questões envolvendo o Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de São Paulo (Crea-SP). Dirigido por Cid Barbosa Lima Júnior, Horácio Ortiz, Antonio Octaviano, Alceu Guérios Bittencourt, Luís Dias Ferreira, Eduardo Albertin, Antônio Marsiglia Netto, Hilton Barlach, André Monteiro de Fazio, Dirce Maria do Amaral, Candido Pinto de Melo e Jacob Teubl.

➔ BIN: 48402-4

Labuta – Franca (SP), 1977

Minitabloide fundado por José Eduardo Meneghetti no município de Franca (SP), no dia 1º de dezembro de 1977. Dizia-se “órgão independente, político-cultural de opinião que acredita na verdade histórica e luta pela Revolução Social com o objetivo de atingir a Autogestão Social [...] contra os exploradores, opressores, capitalistas, burgueses e imperialistas”. Criado com o intuito de denunciar abusos da ditadura militar e posicionar-se a favor de classes operárias, era dedicado ainda à exposição e à crítica de problemas locais de Franca, além de trazer, em suas edições iniciais, poesias de autores pouco

conhecidos. Em 2011, continuava sendo editado, ainda com Meneghetti como diretor-responsável.

➔ BIN: 50396-7

Laconicus – Bento Gonçalves (RS), 1973

Publicação quinzenal de caráter político e cultural, altamente irreverente e direcionada ao público jovem. Diretamente inspirada no semanário carioca *O Pasquim*, sendo uma “versão gaúcha” do mesmo, foi lançada em 31 de março de 1973 no município de Bento Gonçalves (RS). Era editada por Ademir Antonio Bacca, que, nos primeiros momentos do periódico, contava ainda com Vilmar Ribeiro e Oscar Biasin, além do diretor de artes identificado como Wiljámers.

➔ BIN: 93904

Lado Inverso – Porto Alegre (RS), 1979

Jornal de ênfase predominantemente política, com tendências à esquerda, lançado em Porto Alegre (RS) em 25 de agosto de 1979. Circulando sob o selo do Grupo Editorial Terceiro Termo Ltda., era dirigido por Cláudio Almeida e Carlos F. Schmaedecke, que, junto de Geraldo Beresford e Roberto Almeida, formavam uma comissão editorial. O editor responsável pelo jornal era Sérgio Quintana.

➔ BIN: 487651

Lampião da Esquina – Rio de Janeiro (RJ), 1978

Tabloide mensal focado no público homossexual. Lançado no Rio de Janeiro (RJ) em abril de 1978, se propunha a ser porta-voz de grupos socialmente marginalizados em geral, sem ser filiado a nenhum coletivo ativista, corrente ideológica ou partido político. Lançado através da Esquina Editora de Jornais, Livros e Revistas Ltda., foi coordenado por Aguinaldo Silva. Embora não tenha sido o primeiro periódico de conteúdo homossexual do Brasil (o mimeógrafo *Snob*, criado por Agildo Guimarães, e *Eros*, editado por Frederico Jorge Dantas, vieram antes), foi o primeiro representante da imprensa *gay* a obter destaque e notoriedade, pois estava bem inserido no mercado editorial. Foi pioneiro ao encarar o sexo como postura política, incentivando a organização de grupos LGBTQIA+ no Brasil. Sua iniciativa rendeu grande cobertura na imprensa nacional e boa visibilidade na mídia internacional.

➔ BIN ainda em processamento.

Liberdade Literária – Belo Horizonte (MG), 1981

Periódico artesanal de literatura marginal criado em Belo Horizonte (MG) por volta de 1981. Inicialmente circulava mimeografado e seu título era apenas Liberdade. Passou a ser impresso em sistema *offset* ao fim do ano de 1981

(a julgar por sua 10ª edição, datada de dezembro deste ano) e era editado por Wesley Pioest.

↪ BIN: 446840

Lida – Rio de Janeiro (RJ), 1981

Revista literária marginal criada no Rio de Janeiro (RJ) no final de 1981, logo depois de outubro. Era editada por um conselho: Alexandre Medeiros, Alvanísio Damasceno, Leonel Azevedo e Walter Luiz Saint Martin. Em sua 2ª edição, no entanto, apenas Alexandre Medeiros e Jocenir Ribeiro apareciam como editores. Quando lançada, afirmou ter sido criada para combater “o vazio no campo das revistas literárias, no eixo Rio-São Paulo”. Em editorial, expunha-se que “enfrentar essa situação, que parecia insuperável, foi justificar o nome da revista”.

↪ BIN: 418269

Língua-Viva em Revista – São Paulo (SP), 1983

Pequena revista literária surgida em São Paulo (SP), em abril de 1983, como continuação da publicação *Folhetim Língua-Viva* (BIN: 43858-8). Sua edição inaugural circulou como nº 5, já que seguiu a numeração do periódico antecessor. Pertencendo ao Movimento Língua-Viva, a revista foi editada por Tarceu Pinto e Moema Cardoso. Na revista havia-se poemas, textos em prosa, ensaios, pronunciamentos do movimento, listas de publicações independentes recebidas por leitores, artigos culturais, críticas e comentários sobre outros periódicos literários, divulgações de eventos e trabalhos, notas sobre concursos literários, entre outras coisas.

↪ BIN: 439177

Literaçu – Blumenau (SC), 1978

Periódico literário lançado em setembro de 1978 em Blumenau (SC), editado por José Roberto Rodrigues, jornalista e poeta previamente responsável pelo suplemento dominical do *Jornal de Santa Catarina*. Lançada através do Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura da prefeitura local, em distribuição gratuita, nas comemorações da Semana de Blumenau de 1978, a publicação tinha o objetivo de mostrar ao público os trabalhos dos contistas, cronistas, poetas e ensaístas da região.

↪ BIN: 450367

Literarte – Porto Alegre (RS), 1985

“Um jornal pela arte e literatura”. Lançado em 29 de abril de 1985 em Porto Alegre (RS), funcionava como “Porta-voz da Casa do Poeta Riograndense – CA-PORI”, sendo editado pelo então presidente da instituição, Nelson Fachinelli.

↪ BIN: 566101

Literarte – São Paulo (SP), 1985

Lançado em São Paulo (SP) em maio de 1985, periódico de cultura e variedades, com interesse especialmente voltado à literatura. Por vezes assumindo ares religiosos e morais, com grande destaque dado a datas como o Natal ou a Páscoa, foi criado e editado por Arlindo Nóbrega. Sua circulação sempre foi nacional, com boa adesão de assinantes desde o início. Seu conteúdo era composto por poesia, artigos sobre temas variados (extrapolando-se a temática cultural, com educação, questões trabalhistas, comportamento, proteção a animais, preservação ambiental, política, futebol, jornalismo etc.), homenagens, notícias variadas sobre a movimentação artística em São Paulo e no Brasil etc.

➔ BIN: 450936

Literatura de Tapume – Rio de Janeiro (RJ), 1977

Pequeno periódico de poesia marginal lançado no Rio de Janeiro (RJ) em 15 de janeiro de 1977. Trazia basicamente poesia, prosa, trovas, pensamentos, ilustrações e cartuns de seu editor, Gilson de Abreu Marinho, também conhecido como Gilson do Giz ou O Poeta dos Tapumes. Em 1976, Gilson criou a chamada “literatura de tapume” ao riscar com giz poesia e ilustrações em tapumes que escondiam obras e reformas em edifícios, pelas ruas do Rio de Janeiro – nas cercanias, sua marca era desenhar pequenas pegadas que levavam os transeuntes aos textos e desenhos. Raras vezes trazia textos datilografados; costumava publicar trovas e poemas de Gilson Marinho manuscritos pelo próprio, seguindo o padrão estético de suas intervenções nas ruas.

➔ BIN: 442550

Livrojornal – Movimento Literário Universitário da Ufes, Vitória (ES), 1980

Surgido em agosto de 1980 em Vitória (ES), foi uma publicação literária estudantil de literatura marginal e socialmente engajada, concebida pelo “Movimento Literário Universitário da Ufes”, ou seja, relativa ao movimento estudantil da Universidade Federal do Espírito Santo. Em abril de 1979, o DCE da Ufes publicou o livro *Poesias*, com poesias de oito poetas universitários em torno de um tema comum, o homem no seu meio social; *Livrojornal* é uma continuação deste livro, com quatro dos poetas publicados nele, Maria de Lourdes Brandão Fonseca, Elio de Castro Paulino, Debson Jorge Afonso e Alvarito Mendes Filho.

➔ BIN: 48762-7

Livrorral – Manaus (AM), 1978

Tabloide literário lançado em Manaus (AM) em abril de 1978, em edição que publicava a obra “Os filhos do terremoto”, de Jorge Tufic Alaúzo Júnior.

Era editado pelo próprio Tufic e contava com uma comissão editorial composta por Arthur Engrácio, Max Carpentier, Leonito Cativo Pereira e Aluísio Nobre de Freitas, com colaborações de Márcio Souza.

➔ BIN: 488011

Luta & Prazer – Rio de Janeiro (RJ), 1981

Tabloide mensal surgido a partir da revista *Rádice*, lançado no Rio de Janeiro (RJ) por volta de agosto de 1981. Editado por um coletivo capitaneado por Carlos Ralph Lemos Viana (o editor geral), Aداuri Bastos, Amanda Strausz e Marcos Moreira, o jornal era essencialmente libertário, trabalhando com diversos temas, em especial psicologia, sexualidade, comportamento, crítica de costumes, sexualidade, política e cultura. Crítico, sem pudores e politicamente engajado, não demonstrava grandes vínculos com partidos e grupos organizados de combate à ditadura militar, sendo contrário ao sectarismo político – à exceção de seu apoio a políticos do Partido dos Trabalhadores (PT) nas eleições de 1982.

➔ BIN: 488348

Luta Indígena – Xanxerê (SC), 1976

Periódico criado pela Regional Sul do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), órgão filiado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Editado por Juracilda Veiga, foi lançado em Xanxerê (SC) em março de 1976. Tinha circulação anunciada como interna, dirigida a “missionários e indígenas do Sul do Brasil”. Crítico, aguerrido e engajado, tratava, sobretudo, de questões agrárias, sociais, políticas e ambientais, com fortes reivindicações e denúncias contra injustiças e arbitrariedades gerais cometidas contra indígenas. Alguns casos pontuais denunciados pela Regional Sul do CIMI e a situação de algumas etnias específicas eram abordados em suas páginas. Nesta linha, o periódico encampou lutas por terras de diversas comunidades e combateu fervorosamente inúmeras políticas indigenistas oficiais.

➔ BIN: 433942

Mandacaru – Aracaju (SE), 1983

Modesto periódico literário criado em Aracaju (SE) em 1983(?), provavelmente no dia 25 de setembro. Foi idealizado e fundado por Almicar B. de Azevedo e Pedro do Amaral Costa (seu editor), os mesmos criadores do *Jornal Mandacaru* (BIN 51415-2), no Recife (PE). Contendo trovas, poesias, anúncios de concursos de poesia e trova, listas de publicações de poesia recebidas, endereços de associações e clubes de trovadores e poetas etc.

➔ BIN: 47461-4

Manifesto – Pitangui (MG), 1985

Tabloide criado no município de Pitangui (MG), por volta de 1985, como informativo oficial da Associação Poeta Maior. Editado por Rogério A. Cota, o periódico chegou a circular nacionalmente. Com poesias, textos informativos sobre o mundo literário, informes gerais, poemas mandados por leitores e textos filosóficos de cunho social, possuía poucos anúncios e diagramação pobre, de poucas imagens fotográficas ou ilustrativas.

↪ BIN: 51416-0

Marca de Fantasia – São Paulo (SP), 1985

Fanzine voltado à divulgação de quadrinhos alternativos, criado simultaneamente em São Paulo (SP) e em João Pessoa (PB) em junho de 1985. Seus editores eram Henrique Paiva de Magalhães e Sandra M. C. Albuquerque (esta residia em São Paulo, e o primeiro alternava períodos entre a capital paulista e a paraibana). Desde a segunda metade da década de 1970, Magalhães se destacava na imprensa alternativa como autor da tira em quadrinhos “Maria”, de rigor crítico, feminista e politizado.

↪ BIN: 455925

Maré – Angra dos Reis (RJ), 1980

Jornal comunitário lançado em Angra dos Reis (RJ), em 16 de outubro de 1980, por João Carlos Rabello, seu diretor. Circulando como produto da Empresa Jornalística Maré Ltda., era um tabloide semanal. Jardel de Azevedo Júnior foi o seu editor. Quase totalmente voltado a assuntos locais, era um jornal de ênfase comunitária e política. Em suas páginas, abordava administração pública municipal, problemas e projetos de serviços básicos e infraestrutura em determinadas localidades de Angra dos Reis, cotidiano policial, economia, questões trabalhistas e reivindicações salariais, os danos causados pelo uso da energia nuclear em Angra dos Reis, esportes, variedades etc.

↪ BIN: 578452

Matéria Prima – Caxias do Sul (RS), 1980

Periódico literário de quatro páginas criado em Caxias do Sul (RS) em data indefinida (provavelmente 1980 ou 1981). Era editado por um coletivo de autores caxienses composto por Tony Bel, Valdir dos Santos, Loraine Slomp Giron, Jayme Paviani, José Clemente Pozenato, Jimmy Rodrigues, Flávio Chaves, Eliana Inês Facchini, dois Santos dos Santos e Ary Nicodemos. Trazia sobretudo textos literários de autores locais e era impresso em sistema *offset* na gráfica da Universidade de Caxias do Sul, em folhas de papel dobradas em três – em vez de folheá-lo, o leitor tinha de desdobrá-lo.

↪ BIN: 395242

O Matraca – Cotia (SP), 1981

Jornal criado no município de Cotia (SP) em setembro de 1981. Sua linha editorial era focada em humor e variedades, como indicava seu subtítulo/slogan: “A cotia que ruge”. De ênfase política e cultural, o periódico era altamente crítico, de humor por vezes corrosivo. Foi editado por Carlos Melo e Cassiano Roda, com Laert Sarrumor como “editor de abobrinhas” – todos, desde então, integrantes do grupo musical-satírico Língua de Trapo, surgido antes do jornal. *O Matraca* aparecia como propriedade da Editora Cotia Ltda., impresso na Tipografia Aurora Ltda. Era inspirado no *Almanhaque*, de Apparício Torelly (o Barão de Itararé), e no carioca *O Pasquim*, tanto pela sua linha editorial de chiste, crítica política, cultura e informação, como pelo seu apelo visual, com uso de fotomontagens e humor gráfico. Por outro lado, segundo Laert Sarrumor, *O Matraca* serviu de inspiração ao jornal humorístico carioca *Planeta Diário*.

➔ BIN: 396206

Maturi – Natal (RN), 1976

Fanzine de quadrinhos criado em Natal (RN) em data indefinida, provavelmente em 1976. Editado inicialmente por Enoch Domingos e depois por Francisco Alves Sobrinho, era politicamente engajado, de humor crítico e satírico. Defensor dos quadrinhos nacionais, em 1984 o periódico se mostrava comprometido com a causa das Eleições Diretas e contrário à exploração de negros, indígenas e classes trabalhadoras. Fazia jus ao seu subtítulo, “Quadrinhos potiguares”, e publicava sobretudo quadrinhos e cartuns underground, além de pequenos textos de foco histórico, informes, passatempos e anúncios.

➔ BIN: 425109

Meio Ambiente – Brasília (DF), 1978

Revista ambientalista lançada em Brasília (DF) em junho de 1978. Era uma “Revista de ecologia e consumo” feita pelo “Equilíbrio responsável entre o social e a natureza”. Com notas gerais e artigos feitos por colaboradores voluntários, foi editada inicialmente por Victor Melo, (depois Victor Alegria), sempre produzida pela Thesaurus Editora. *Meio Ambiente* teve a publicação suspensa entre 1980 e 1988, e continuou a circular por toda a década de 1990.

➔ BIN: 50069-0

Mensageiro – Belém (PA), 1979

Criado em Belém (PA) em 1979, foi um jornal de e para a população de indígena (com o subtítulo “Jornal de índio para índio”). Nasceu por iniciativa de cinco líderes (tuxauas) de etnias diferentes, e era editado inicialmente como mimeógrafo. Tinha como símbolo uma corneta indígena que os mensageiros do Alto Amazonas usavam sempre que traziam notícias. Passando a

ser impresso em *offset* no início dos anos 80, o periódico, em 2011, era uma revista de linha editorial politizada e reivindicatória: é um dos periódicos de resistência mais longevos do país, sempre saindo como uma publicação do Conselho Indigenista Missionário (Cimi). Circulou inicialmente sob a responsabilidade do padre Nello Rufaud e da irmã Rebeca Spire. Em suas páginas, encontra-se discussões e manifestos sobre educação, saúde, questões agrárias, política, espiritualidade, meio ambiente, cultura e tradição indígena, trabalho, entre outras coisas.

➔ BIN: 51102-1

Mensageiro Poético – Rede Intelectual de Correspondentes, Campinas (SP), 1978

Publicação cultural focada em literatura, criada em Campinas (SP) em 1978(?) como órgão da Rede Intelectual de Correspondentes. Editado por Paulina M. Frank, o periódico se apresentava como “Divulgador de mensagens do mundo poético em geral”. Era editado modestamente, com apenas duas páginas sem imagens, datilografadas e fotocopiadas. Possuía apenas duas colunas de texto, onde figuravam editoriais, cartas de leitores, notícias gerais sobre literatura marginal, pensamentos, poemas, trovas, notas sobre concursos literários, listas de jornais recebidos pela editora, pequenos comentários sobre livros e o teste de adivinhação “Quem é o autor?”.

➔ BIN: 50851-9

Mesmo – Rio de Janeiro (RJ), 1985

Circulando no Rio de Janeiro (RJ) por volta de 1985, foi um jornal cultural, focado em música, teatro, cinema e artes visuais. Continha textos críticos e de apresentação de obras artísticas, notas gerais, agenda cultural, entrevistas e notícias gerais para a classe artística, tudo em linguagem informal e despojada. Dirigido por José Maria Farias Teixeira e editado por Renato Guima, Paula Santa Maria e Paulo Neves, era composto na Editora Mesmo e impresso na gráfica da *Tribuna da Imprensa* em formato tabloide.

➔ BIN: 51619-8

Metanóia – alunos da UFBA, Salvador (BA), 1978

Mimeógrafo estudantil criado em 1978(?) em Salvador (BA) por acadêmicos da Universidade Federal da Bahia. Sua 2ª edição data de abril de 1978 (por sinal, ano em que a publicação divulga um curso de Psicanálise e Teoria da Comunicação). Teve um conselho editorial flutuante, onde figuraram como fixos nomes como Haroldo Cajazeira, Aristóteles Rocha, Almandrade e Marcus do Rio, Gerson Filho também aparece no grupo. A publicação era financiada por recursos cedidos por alunos, contando ainda com colaborações de alguns professores (as decisões administrativas eram tomadas em

conjunto). Como a maior parte de seus editores pertencia à área de Ciências Humanas, trazia artigos acadêmicos inéditos de estudantes e professores, e abordava temas e conceitos como educação, filosofia, psicologia e psicanálise, epistemologia, arquitetura, urbanismo, ideologias, escrita, trabalho e prazer, religião, sexualidade e sedução etc.

↪ BIN: 45033-2

Microjornal – São Paulo (SP), 1979

Minitabloide mensal surgido em São Paulo (SP) em junho de 1979. Trazia textos curtos, repletos de humor e ironia, normalmente comentando episódios de ordem política e social. Continha ainda charges, fotos e cartuns, e era impresso em sistema *offset*. Com a exceção do exemplar de nº 0, onde Carlos Acuío assina como editor, *Microjornal* também foi editado por Vera Lúcia Moreira. Em circulação regional, chegou a possuir edições nomeadas *Microjornal Turismo e Lazer* (BIN 41078-0), criada em maio de 1980; *Microjornal Esporte & Turismo* (BIN 13045-1), provavelmente lançada em julho de 1980, e *Microjornal Esporte* (BIN 40209-5), surgida em janeiro de 1981.

↪ BIN: 38684-7

Mimeógrafo Generation – São Paulo (SP), 1985

Fanzine de quadrinhos, poesia e *rock'n'roll* criado em São Paulo (SP), entre o fim de 1985 e o começo de 1986 – possivelmente janeiro de 1986. Obviamente impresso por mimeógrafo, seu editor era Jairo Nogueira Luna, então conhecido como Jairo Jade Galahade. Foi um dos primeiros periódicos a serem definidos como “fanzine” no meio editorial alternativo brasileiro. Tratava de literatura, mesclando-a com *rock'n'roll*, quadrinhos, ambientalismo, movimento anarcopunk, movimentos *underground* em geral etc.

Minaz – Ribeirão Preto (SP), 1983

Lançado em Ribeirão Preto (SP), provavelmente em 1983, foi uma revista de temática cultural e politizada, de aspecto marginal. Abordava temas sociais e culturais através de ensaios, poesias, ilustrações, entre outras formas textuais. Publicava partituras de músicas e muitas ilustrações, em diagramação criativa. Produzido por Ivo Rinhel D'acol e Gisele Ganade, com colaboração de conselho editorial, o periódico foi produto da Minaz Produtora Independente de Arte Ltda., tendo circulado por algumas cidades das regiões Sul, Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste.

↪ BIN: 44428-6

Mostra Visual de Poesia Brasileira – Campos dos Goytacazes (RJ), 1983

Periódico de poesia lançado oficialmente em Campos dos Goytacazes (RJ) em setembro de 1983. Criado e editado inicialmente por Artur Gomes e José César Castro, foi uma publicação ligada às Mostras Visuais de Poesia Brasileira, ocorridas anualmente no Palácio da Cultura de Campos, ao menos entre 1983 e 1985. Trazia praticamente só poemas, em uma disposição gráfica simples e moderna, e dava atenção sobretudo a novos autores da poesia brasileira – contemplando, assim, alguns nomes da poesia concreta, da poesia marginal e da chamada Geração Mimeógrafo.

➔ BIN: 444014

Movimento – São Paulo (SP), 1975

Tabloide semanal criado em São Paulo (SP) em junho de 1975. É considerado um dos principais jornais políticos da imprensa de resistência ao período do regime militar, e influenciou muitos outros do mesmo gênero (que, por vezes, alguns de seus próprios jornalistas vieram a fundar). Com forte teor crítico, político e combativo, se propunha a expor e analisar os principais acontecimentos das esferas política, econômica e cultural nacionais, descrevendo a “cena brasileira” e as condições de vida no Brasil. Abordava as lutas do cidadão em busca de liberdades democráticas, da apuração de episódios sombrios de corrupção e abusos de autoridade no governo, da melhoria em sua qualidade de vida, da valorização de sua cultura popular, da preservação de seus recursos naturais, da denúncia das condições de vida do operariado e dos movimentos pela posse de terra, entre outras coisas. Em 1975, foi um dos primeiros (se não o primeiro) órgãos de imprensa do Brasil a defender a convocação de uma assembleia nacional constituinte. Foi lançado e editado pelo jornalista Raimundo Rodrigues Pereira, vinculado ao Partido Comunista do Brasil. O jornal possuía um líder clandestino, Duarte Lago Brasil Pacheco, do movimento Ação Popular (AP), mas ligado ao PC, que conduzia secretamente sua linha política e ideológica.

➔ BIN: 318744

Movimento DCE UFF – Niterói (RJ), 1975

Jornal de linha política mantido pelo Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal Fluminense (UFF). Criado por volta de 1975, apresentava e discutia questões, lutas e reivindicações estudantis e do movimento estudantil interno e externo à UFF. Lançava manifestos, informes sobre eleições para o DCE da UFF, ideias levantadas em debates estudantis, e algumas matérias transcritas de outros jornais.

➔ BIN: 487023

Movimento Ecológico – Rio de Janeiro (RJ), 1982

Lançado no Rio de Janeiro (RJ) em 15 de setembro de 1982, foi um tabloide de cerca de oito páginas mantido pela Associação Brasileira de Ecologia. Era dirigido pelo presidente da entidade, Alberto Monteiro Lemos da Silva, e contava com Paulo Maurício Millar como diretor superintendente; era crítico, denunciativo e reivindicativo, de caráter predominantemente ambientalista.

↪ BINs: 48530-6 e 54262-8

Muda Nordeste – Recife (PE), 1985

Periódico de caráter social e político lançado no Recife (PE) em dezembro de 1985. Era uma publicação do movimento Muda Nordeste, nascido em Pernambuco da iniciativa de funcionários da extinta Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), em face às críticas e análises sobre o Programa de Apoio ao Pequeno Produtor Rural, do Projeto Nordeste. O periódico, portanto, defendia a iniciativa e colocava em debate questões fundamentais à sua mobilização, em especial reforma agrária, violência contra trabalhadores, cooperativismo, conceitos de gestão democrática, legislação e posturas governamentais quanto a questões agrárias e discriminação à mulher.

↪ BIN: 487082

Mulherio – São Paulo (SP), 1981

Jornal bimestral de ênfase feminista criado em São Paulo (SP) em março de 1981. Editado por Adélia Borges (jornalista responsável), Fúlvia Rosemberg e Marília de Andrade, colocava-se como porta-voz das mulheres, da emancipação feminina como um todo e do movimento feminista, além de noticiar e discutir temas variados voltados a questões sociais, políticas e culturais, sempre a partir de seus pontos de vista. Em seus primeiros momentos, contava com o patrocínio e o suporte da Fundação Carlos Chagas, já que era editado por pesquisadores desta instituição. Mesmo com este apoio, o jornal considerava-se independente, assim como considerava-se independente de qualquer grupo feminista ou sindical. *Mulherio* acabou sendo o mais duradouro jornal feminista que iniciou sua circulação durante o regime militar e chegou a circular até 1988.

↪ BIN: 459488

Mulher Pernambucana – Federação das Mulheres Pernambucanas, Recife (PE), 1983

Lançado no Recife (PE), aparentemente em 1983, foi o jornal da Federação das Mulheres Pernambucanas. Circulando em defesa dos direitos da mulher, crítico, reivindicativo, político e social, trazia entrevistas, reportagens e notas gerais sobre o movimento feminista, encontros, congressos e campanhas.

Editado por Leila Abreu e Marta Arruda, *Mulher Pernambucana* era impresso na Companhia Editora de Pernambuco.

↪ BIN: 48508-0

Mundo Jovem – Rio de Janeiro (RJ), década de 1960

Revista de cultura, comportamento, filosofia, política e variedades criada no Rio de Janeiro (RJ), possivelmente em 1968 ou 1969. Editada através da Rio de Janeiro Editorial Ltda., tinha Suzana Lomba como editora e Zózimo Barrozo do Amaral como diretor-responsável. Com um projeto gráfico moderno e alta qualidade visual, *Mundo Jovem* era voltada aos temas em voga em sua época, com foco na jovem elite intelectual urbana. Nesse sentido, além de ter explorado uma estética próxima a do semanário *O Pasquim* – ou seja, despojada, libertária, politicamente engajada, irreverente e de espírito essencialmente carioca – abordou questões fundamentais à chamada geração “*flower-power*”.

↪ BIN: 119636

Mural – Sindicato dos Jornalistas do Estado de SP, São Paulo (SP), década de 1970

Boletim sindical criado em São Paulo (SP), na década de 1970, pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo, entidade reconhecida pela edição do jornal sindical *Unidade*, desde 1975. Como bom órgão sindical, *Mural* era crítico e reivindicativo, protetor dos direitos dos jornalistas paulistas sindicalizados. No entanto, não apenas questões da classe jornalística entravam na sua pauta – o jornal constantemente se mostrava a favor das eleições diretas para a Presidência da República e se posicionou com relação à cobertura da morte de Tancredo Neves na imprensa, entre outras coisas.

↪ BIN: 448532

Mural da UPES – União Paranaense de Estudantes Secundaristas, Curitiba (PR), 1984

Jornal mural estudantil criado em Curitiba (PR) em janeiro de 1984. Identificado como “Órgão de divulgação da Upes”, a União Paranaense dos Estudantes de 1º e 2º Graus, atual União Paranaense dos Estudantes Secundaristas, o periódico foi idealizado e elaborado pela gestão “Resistência” de 1983/1984. Como todo jornal mural, consistia em apenas uma folha impressa em apenas uma face, medindo aproximadamente 64 cm x 43 cm e impressa em *offset*, totalmente em preto-e-branco. *Mural da UPES* era politicamente engajado e crítico. Sua edição inaugural conclamava: “Diretas urgente!” – “O povo não suporta mais a exploração, a fome, o entreguismo e a falta de liberdade!”.

O Musical – Rio de Janeiro (RJ), década de 1980

Criado em meados da década de 1980 no Rio de Janeiro (RJ), foi um jornal cultural, especializado em música. Possuía uma edição de número 0, sem data (possivelmente tendo circulado em 1985), mas seu nº 1 foi lançado na primeira quinzena de janeiro de 1986. Abordava o *jazz*, o *rock* nacional e internacional, o choro, a MPB, o samba e o pop. Com textos de crítica musical, reportagens e comentários sobre álbuns e artistas – e com anúncios publicitários variados – era dirigido por Jorge Caetano Dias e Valéria Costa Dias, editado por Salete Lisboa. Publicado pela editora Som e Imagem Ltda.

↪ BIN: 48059-2

Mutirão – Fortaleza (CE), 1977

Tabloide criado em Fortaleza (CE) em setembro de 1977, circulou sob o selo da editora Palma Publicações e Promoções. Editado por Gervásio de Paula, Célia Guarabira e Silas de Paula, que contavam ainda com o auxílio de Luís Carlos Antero (membro do conselho editorial do jornal alternativo paulistano *Movimento*), o periódico se posicionava sociocultural e politicamente de maneira alinhada com movimentos de base e sindicais. Em linhas gerais, segundo seu editorial de lançamento, a publicação colocava-se como um meio “[...] à disposição da comunidade, de forma aberta, sem partidarismos de qualquer espécie [...] veículo de denúncia das arbitrariedades cometidas contra a população”. Em suas páginas, via-se grande variedade temática: futebol, paz mundial, a vida de camelôs, injustiças sociais etc.

↪ BIN: 572845

Nação Cariri – Crato (CE), 1980

Tabloide literário e cultural criado em Crato (CE) em abril de 1980. Publicação especializada em cultura e folclore nordestino, trazia poesias, contos, ensaios, entrevistas, fotografias, entre outras coisas. Dirigido e editado por Rosemberg Cariry, além de Firmino Holanda, Carlos Emílio Corrêa Lima e Oswaldo Barroso, o jornal contava com colaboradores e correspondentes baseados em outras cidades do Brasil e pelo exterior. Estima-se que tenham sido publicadas nove edições de *Nação Cariri*. Posteriormente, o jornal viera a se transformar em uma revista, com o mesmo nome (contendo capa colorida, 88 páginas e formato 29 cm x 21 cm).

↪ BIN: 51218-4

Namarra – Cuiabá (MT), 1979

Mimeografado literário, dedicado quase exclusivamente à poesia marginal, criado em Cuiabá (MS), possivelmente em dezembro de 1979. Composto de forma rústica em cerca de oito páginas de tamanho ofício, grampeadas, circulava sob a responsabilidade de Beddi, Euclides Filho e João Bosquo, e

contava com a colaboração de autores de diversos cantos do país. Publicando prosa, poesia, citações e aforismos, críticas e pequenas resenhas de autores independentes, editoriais e artigos sobre cultura em Cuiabá, *Namarra* trazia principalmente textos literários de seus três editores e de colaboradores.

↪ BIN: 377074

Nave – Niterói (RJ), 1985

Revista de espiritualidade, comportamento, contracultura, astrologia, ecologia, filosofias orientais e assuntos místicos em geral, editada por Regina Sylvia Pugliero em Niterói (RJ) a partir de setembro de 1978. Circulou inicialmente mimeografada, produzida de forma rústica e com dificuldades. Em 1986, deixou de circular. Em fevereiro de 1991, acabou sendo relançada com nova qualidade, em faceta mais profissional e bem acabada, impressa em *offset*, periodicidade bimestral e sistema de distribuição organizado. Embora não tivesse perdido vínculos com sua fase anterior, a revista, ainda editada por Regina Sylvia Pugliero, vinha com nova numeração, reiniciada.

↪ BIN: 504840

Nós – Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Interior do Estado de SP, São Paulo (SP), 1985

No início de junho de 1985, em São Paulo (SP), o Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo criou o tabloide *Nós*, voltado aos “Jornalistas profissionais do interior de São Paulo”. O periódico, lançado em 12 de junho em um encontro realizado em Santos, foi viabilizado dentro do sindicato pela Comissão de Mobilização da Campanha Salarial de 1985, então integrada por profissionais de imprensa representantes das regiões de Campinas, ABC Paulista, Guarulhos, Sorocaba, São José dos Campos, Mogi das Cruzes, Rio Claro e Ribeirão Preto (em um segundo momento, foram inseridos representantes de Bauru, Santos, Suzano, Piracicaba, Araçatuba e Americana). Seu editor inicial foi Robson Moreira.

↪ BIN: 489174

Nimuendaju – Boletim da Comissão Pró-Índio (RJ) Rio de Janeiro (RJ) 1979

Periódico indigenista lançado em janeiro de 1979 no Rio de Janeiro (RJ) através da Comissão de Divulgação Cultural da regional fluminense da Comissão Pró-Índio. Seu foco estava em questões gerais da condição indígena brasileira. Era editado por Marcelo Beraba. O nome do periódico foi dado a partir da história de Curt Unckel Nimuendaju, indigenista e antropólogo autodidata alemão que viveu com inúmeros povos indígenas brasileiros. Presidida por Anthony Seeger, a Comissão Pró-Índio de base carioca também se

responsabilizou pela edição do jornal *Borduna*; já em seu braço paulistano, editou os *Cadernos da Comissão Pró-Índio*.

↪ BIN: 864765

Noticiário do Sindicato dos Engenheiros no Estado de Alagoas – Maceió (AL), 1982

Tabloide criado em 1982(?) em Maceió (AL). Como bom exemplo de imprensa sindical, era crítico, direto e reivindicativo, prioritariamente atento aos interesses de sua categoria. Focou sobretudo o sindicalismo em seu segmento profissional específico, apresentando, discutindo e/ou incentivando eleições no sindicato e em outras entidades, reivindicações, montagem de chapas, conscientização e encontros de classe, apresentação de propostas a autoridades, convênios, campanhas, confraternizações, perspectivas e planejamentos da gestão da época, episódios de impedimento de sindicalização, legislação nociva às classes trabalhadoras, consciência política nas empresas etc., ou mesmo abordando o sindicalismo brasileiro, como um todo. Era dirigido por Flávio Teles de Farias.

↪ BIN: 489182

Nós Irmãos – Boletim da Diocese de Rio Branco, Rio Branco (AC), 1971

“Boletim da Diocese de Rio Branco.” Surgido em Rio Branco (AC) em dezembro de 1971, o periódico foi essencialmente um divulgador da ação pastoral da Igreja Católica e desempenhou importante papel ao dar voz a comunidades oprimidas da sua área de atuação. Deu espaço a temas relacionados a entidades e movimentos sociais; veiculava protestos, críticas, denúncias de violência e abuso de poder em seringais, fazendas, colônias etc. De certa forma, o boletim diocesano antecipou as ações do jornal alternativo *Varadouro*, que surgiria em Rio Branco apenas em 1977. Noticiou prisões, expulsões e torturas sofridas por padres considerados “subversivos”; revoltas populares; as injustiças cometidas no Acre por “paulistas”, a gíria local para empreiteiros e fazendeiros que vieram de fora; diretrizes de mobilizações e grupos eclesiais; questões de disputa de terras; reforma agrária; irregularidades em seringais; violência contra trabalhadores; violência policial; catecismo marxista etc.

↪ BIN: 530670

Nós, Mulheres – São Paulo (SP), 1976

Tabloide que tratava do feminismo e de seus desdobramentos em meios políticos, culturais e sociais. Criado em São Paulo (SP) em junho de 1976 por obra de ex-integrantes do Círculo de Mulheres de Paris, um grupo de feministas exiladas que voltava ao Brasil, era produzido por um coletivo capitaneado por Marisa Correa. De matriz ideológica marxista, o periódico nasceu a partir

de encontros de mulheres militantes articulados pelo Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira. Tinha Anamácia Veinsecher e Marisa Correa como jornalistas responsáveis.

➔ BIN: 25615-3

Nossa Voz – UNE, Rio de Janeiro (RJ), 1980

Jornal político reivindicativo do movimento estudantil, da União Nacional dos Estudantes. Com textos críticos e opinativos e ilustrações humorísticas, tratava principalmente de eleições de DCEs, lutas da UNE, política e situação estudantil no contexto social brasileiro. Sabe-se que “Nossa Voz” teve mais de dez anos de circulação.

➔ BIN: 48636-1

O Nosso – Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado da Bahia, Salvador (BA), 1980

Minitabloide de Salvador (BA), lançado em 1980(?), foi o “Órgão Oficial do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado da Bahia”, o Sinjorba. Tratava de assuntos como ações gerais do sindicato em defesa da profissão jornalística, dificuldades enfrentadas pela classe, greves, ações do movimento estudantil em apoio a jornalistas, Lei de Imprensa e censura, memórias de repórteres, lançamentos de publicações, polêmicas e irregularidades em órgãos da imprensa, altas no custo de vida, violência policial, entre outras coisas. Não trazia nomes de editores, apenas de colaboradores: Agliberto Correia Lima, Antonio Jorge, Clara Chagas, Emiliano José, Heloísa Gerbasi, entre outros.

➔ BIN: 48763-5

Nova Geração – Porto Alegre (RS), década de 1980

Periódico de poesia, voltado à divulgação de novos poetas e artistas independentes, editado artesanalmente em Porto Alegre (RS) no começo da década de 1980. Além da pura e simples divulgação de poemas, também publicava textos em prosa, ilustrações, listas de livros recebidos por seus editores (por permuta entre autores) e listas de publicações artesanais de poesia de todo o Brasil (com indicações de endereço ou caixa postal).

➔ BIN: 122564

Novo Jornal – Londrina (PR), 1971

Tabloide lançado em Londrina (PR) em setembro de 1971. Dirigido por Nilson Rimoli e Cleto de Assis, com coordenação editorial de Leonardo Henrique dos Santos, era propriedade da Cia. Editora Novo Jornal. Abordou e discutiu casos de polícia no interior do Paraná, políticas nacional e local, corrupção na administração pública, questões e peculiaridades da agropecuária e dos negócios locais, as dificuldades impostas ao cidadão pela

burocracia na esfera pública, conflitos armados internacionais, golpes de estado e processos revolucionários em outros países, verbas e projetos para obras públicas, censura à imprensa, Atos Institucionais, greves, a libertação da ativista negra Angela Davis, repressão violenta a jornalistas, guerrilhas na Amazônia, a esquerda brasileira, economia internacional e nacional, o vencimento do prazo de cassação de direitos políticos imposto pela ditadura em 1974, questões agrárias etc.

➔ BIN: 12275-0

Novos na Poesia – João Pessoa (PB), 1981

Pequeno periódico artesanal, exclusivamente dedicado à poesia, lançado em 1981(?) em João Pessoa (PB). Continha cerca de 24 páginas, reproduzidas por mimeógrafo ou fotocópia, e era editada por Luiz Fernandes da Silva. Trazia basicamente poemas de autores independentes acompanhados de pequenos textos com o perfil e o currículo dos mesmos. Trazia também curtas notícias sobre literatura alternativa.

➔ BIN: 45030-8

Número Um – Fenaj, Brasília (DF), 1984

Jornal lançado em setembro de 1984 em Brasília (DF), como órgão oficial da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj). Definido com o subtítulo “Jornal do jornalista” (que era, por sinal, o título de outro jornal da Fenaj), foi um importante canal denunciativo de censura, repressão violenta e arbitrariedades em geral cometidas contra jornalistas, além de possuir um potencial reivindicativo para as principais lutas da classe e de debater questões fundamentais à profissão. Em suas páginas, tiveram grande destaque casos como o assassinato do jornalista Mário Eugênio, da revista *IstoÉ*, morto pela polícia em Brasília, o que gerou pedidos de afastamento do coronel Lauro Reith, secretário de Segurança Pública do Distrito Federal.

➔ BIN: 555657

Número – Rio de Janeiro (RJ), 1971

Revista literária lançada no Rio de Janeiro (RJ) em outubro de 1971. Publicada mensalmente, circulou pelo menos até sua edição nº 4, de janeiro de 1972. Não se sabe se foi publicada além desta data. A rigor, trazia apenas literatura e dedicava-se a divulgar novos autores: a revista trazia apenas contos, poemas e outros textos. Trouxe, ao longo das quatro edições consultadas nesta pesquisa, trabalhos de autores como Ronaldo Werneck, Pedro Novaes Lima, Manoel Lobato, entre outros.

➔ BIN: 324590

Olho Nu – Magé (RJ), 1981

Revista literária criada no município de Magé (RJ), em junho de 1981, com foco principal em artes e artistas locais e na memória popular mageense. Seu lançamento se deu em um evento cultural na então Taberna Cine Club em Magé no dia 28 de junho e contou com vários escritores mageenses, músicos e poetas da Feira de Poesia da Cinelândia do Rio de Janeiro. Era editado por um conselho composto inicialmente por Cláudio Insaurriaga (conhecido como “Gaúcho”), Douglas Carrara, Hernandes Abreu, Ilma Bastos, Jader “Moreno” Ullmann, Jânia Cordeiro da Silva, Marinete Seixas Chaves, Ribamar Gomes, Ronaldo Neumann Botelho e Ruy Pereira.

➔ BIN: 392812

Opinião – Rio de Janeiro (RJ), 1972

Tabloide político, cultural e debatedor, semanal, criado no Rio de Janeiro (RJ) em 23 de outubro de 1972. Nasceu da fusão de um projeto editorial de Fernando Gasparian, empresário, ex-membro do Conselho Nacional de Economia e ligado ao governo deposto de João Goulart, e de Raimundo Rodrigues Pereira, editor egresso da revista *Realidade*. Fundado, bancado e dirigido por Gasparian e editado por Raimundo Pereira, *Opinião* foi um dos mais influentes jornais do período da ditadura militar, com participações de intelectuais e jornalistas renomados da época. Pretendendo-se independente e amplo, questionava a realidade brasileira através dos seguintes compromissos: defesa das liberdades democráticas, melhor distribuição de rendas, e da defesa do patrimônio ecológico, da economia nacional e dos direitos humanos. Objetivava prestigiar a intelectualidade nacional em um momento em que grandes órgãos de imprensa fechavam-lhe as portas. Pereira mantinha contatos secretos com segmentos da Ação Popular (AP) e com o Partido Comunista do Brasil (PC), com fins de conduzir ideologicamente o jornal, sem que o conselho editorial e o dono formal da publicação soubessem.

➔ BIN: 123307

Outras Palavras – Curitiba (PR), 1978

Revista de cultura e, sobretudo, literatura. Politicamente engajada, foi lançada em Curitiba (PR) em outubro de 1978 e circulava sob o selo da editora Beija-Flor, que, a rigor, era focada na divulgação de autores paranaenses. No editorial de seu nº 1, onde apresentava o conteúdo da edição em meio a comentários sobre a arte política latino-americana, *Outras Palavras* dava o tom de seu engajamento antiautoritário. Era editada por um coletivo composto por Reinoldo Atem, Fernando Nogueira, Ubirajara Araújo, Fernando Montalvão, Luís Montalvão, Raimundo Fontanelle e Werner Zotz.

➔ BIN: 498718

Ovelha Negra – São Paulo (SP), 1978

Periódico humorístico de circulação nacional criado em São Paulo (SP) em abril de 1976. Politicamente engajado, enfatizava problemas de ordem política e social no Brasil de então, era extremamente contrário à censura e valorizava o humor gráfico brasileiro, especializado em cartuns e charges; trazia também alguns textos de crítica ou humor. Circulava em formato tabloide, primeiro sob o selo da Editora Alternativa Ltda. Editado inicialmente pela dupla J. B. de Souza Freitas e Geandré (pseudônimo de Arlindo Rodrigues).

↪ BIN: 216135

Painel – DCE UFF, Niterói (RJ), 1982

Lançado em Niterói (RJ) em setembro de 1982, *Painel* foi o tabloide do DCE Fernando Santacruz, dos estudantes da Universidade Federal Fluminense. Tratava principalmente de política e questões estudantis em geral – além da mescla entre estes dois tópicos: a política estudantil. O diretor do departamento de imprensa do DCE, na ocasião do lançamento do jornal, era José Luiz Sanz.

↪ BIN: 495913

Palco Aberto – Recife (PE), 1984

Rústico periódico de poesia marginal – com forte inspiração em fanzines de *rock'n'roll* – lançado no Recife (PE) e editado pelo poeta Wilson Vieira e por Zizo, ilustrador. Trazia poemas de Wilson Vieira, Amaro Cavalcanti, Luiz Carlos Monteiro, Gustavo Moreira e Doca Brandão e era impresso no Estúdio MM em tiragem de 500 exemplares.

↪ BIN: 13523-2

Pampulha – Belo Horizonte (MG), 1979

Revista bimestral lançada em Belo Horizonte (MG) em novembro/dezembro de 1979. De início, era formalmente editada pela Caminho Novo Empresa Jornalística e pela editora Panela, e contava com parceria com o Departamento Minas Gerais do Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB-MG). Politicamente engajada na redemocratização, possuía um conselho editorial composto primeiramente por Álvaro Mariano Teixeira Hardy, Ana Maria Schmidt, Eduardo Roberto Tagliaferri, Éolo Maia, Francisco Moreira de Andrade Filho, entre outros.

↪ BIN: 415421

Panheiro – CPT, Manaus (AM), 1979

Informativo da Regional Norte I da Comissão Pastoral da Terra (CPT), órgão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), lançado em Manaus (AM) provavelmente em 1979. Editado com simplicidade, tinha

circulação interna e periodicidade irregular. Além de seu caráter evangelizador e divulgador da postura da Igreja Católica frente a determinados assuntos, discutia questões sociais caras à CPT: luta em defesa dos direitos humanos, engajamento político, indigenismo, reforma agrária, conjuntura nacional de movimentos populares, movimentos sindicais, direitos trabalhistas, encontros e congressos de base, preservação do meio ambiente, democracia brasileira ao fim da ditadura militar, participação popular na Assembleia Constituinte de 1988 etc.

➔ BIN: 461482

Papa-Figo – Recife (PE), 1984

Minitabloide criado por Manoel Bione de Souza, José Teles da Silva Filho e Romildo Araújo Lima (o cartunista Ral) no Recife (PE). Teve a 1ª edição lançada na primeira semana de agosto de 1984. Lançado como produto da editora Bioral, era irreverente, despojado, satírico, crítico e nonsense, notabilizando-se tanto por seu humor político quanto por sua faceta “besteirol”. Fez sucesso na capital pernambucana, onde era distribuído semanalmente às sextas-feiras. Editado por jovens e bem-recebido sobretudo pelo público estudantil, foi inspirado em *O Pasquim*. Sem pudores na publicação de palavrões, com linguagem agressiva e piadas altamente corrosivas, o teor politicamente incorreto.

➔ BIN: 13509-7

O Pasquim – Rio de Janeiro (RJ), 1969

Fundado em 26 de junho de 1969 por Tarso de Castro, Carlos Prósperi, Sérgio Cabral, Claudius Ceccon, e Sérgio Jaguaribe (mais conhecido como Jaguar), no Rio de Janeiro (RJ), foi um jornal semanal de cunho político, crítico e humorístico. Nasceu com a intenção de disseminar um humor e um estilo de vida cariocas, essencialmente provenientes da elite intelectual boêmia do bairro de Ipanema. Considerado o mais famoso jornal brasileiro de resistência à ditadura militar, foi inspirado no tabloide humorístico semanal *A Carapuça*, de Sérgio Porto (Stanislaw Ponte Preta) – por outro lado, inspirou diversos outros jornais de humor debochado. Editado com extrema informalidade, refletia a profunda amizade entre seus colunistas e colaboradores: a soma das individualidades da equipe e a falta de um projeto jornalístico definido formavam uma linha editorial espontânea – *O Pasquim* é conhecido como o veículo de informação da “Esquerda Festiva”, a forma como o jornalista Carlos Leonam definia a “patota”. Apesar de formalmente possuir editores, na prática, a redação não possuía chefia. Inicialmente a redação do jornal contava apenas com Jaguar, Carlos Prósperi, Claudius, Tarso de Castro e Sérgio Cabral, que refletiam um tom debochado e inconsequente ao semanário. Contou com inúmeras colaborações de intelectuais brasileiros exilados. Surgido em um

período em que os demais jornais ainda não haviam se recuperado do impacto inicial do AI-5, *O Pasquim* revolucionou a linguagem do jornalismo brasileiro pela oralidade de seus textos, criação de gírias e pela inserção de palavrões no corpo editorial. Sofreu com a censura e com ataques à bomba em bancas de jornais cariocas no início dos anos 1980.

➔ BIN: 124745

Pássaro – UFC, Fortaleza (CE), 1979

Periódico experimental de cultura lançado em maio de 1979 em Fortaleza (CE). Segundo o subtítulo desta primeira edição, foi uma “Revista de cultura dos alunos da U.F.C.”, a Universidade Federal do Ceará. Era elaborada inicialmente por uma comissão editorial composta por Antônio Álder Teixeira, Carlos Emílio Corrêa Lima, Marly Vasconcelos, Ezildo Luiz Américo de Souza, Marcelo Lavor, Márcio Catunda e Natalício Barroso Filho. Tinha o objetivo de divulgar o trabalho de poetas, escritores, ensaístas e artistas visuais jovens, estudantes da UFC.

➔ BIN: 358312

Pastoral da Terra – CPT, Goiânia (GO), 1975

Periódico editado desde dezembro de 1975 em Goiânia (GO) pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), uma organização criada em junho daquele mesmo ano, ligada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Surgiu quase ao mesmo tempo que a CPT, fundada em junho de 1975 no chamado Encontro de Pastoral da Amazônia. Em formato de boletim, o periódico era feito por quem estava na secretaria da CPT e os próprios agentes da pastoral, ou simplesmente por quem quisesse contribuir. por um tempo, intitulado apenas *Boletim da CPT*. Em 2013, circulava com o título *Pastoral da Terra*, com basicamente a mesma linha editorial de quando foi criado: em defesa de comunidades de trabalhadores rurais assalariados submetidos a condições de semiescravidão, posseiros, quilombolas, indígenas, ribeirinhos etc., contra a opressão do latifúndio.

➔ BIN: 555860

Pastoral Operária – São Paulo (SP), 1979

Rústico periódico lançado em São Paulo (SP) por volta de 1979, pelo Secretariado Nacional da Pastoral Operária, uma organização de defesa da classe trabalhadora urbana que faz parte das pastorais sociais da Comissão para a Caridade, Justiça e Paz da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Serviu como um espaço para a reflexão sobre as condições de vida da classe trabalhadora à luz da chamada Doutrina Social da Igreja Católica. Em paralelo, abordava tópicos como manifestações populares, o ativismo negro pela igualdade racial, questões trabalhistas, reivindicações da classe operária em

geral, exploração do trabalhador, sindicalismo, desemprego e arrocho salarial, atividades gerais e particularidades de pastorais de diversas arquidioceses brasileiras, desigualdade social e concentração de renda, migração de populações carentes, cidadania e direitos humanos, política nacional, personalidades marcantes do ativismo social católico etc.

➔ BIN: 535974

Paz e Terra – Rio de Janeiro (RJ), 1966

Revista bimestral lançada no Rio de Janeiro (RJ) em julho de 1966. Dirigida por Waldo A. César e editada por Moacyr Felix, se destacava pela linha editorial combativa aos arbítrios da ditadura militar, focada principalmente nas ações e nos rumos da esquerda católica brasileira. Estritamente libertário e aguerrido, o periódico era calcado no conceito de deus como libertador dos fracos e oprimidos, e tomava como marco teológico a Encíclica *Pacem in Terris* de 11 de abril de 1963. Circulou através da Editora Paz e Terra Ltda., e era impressa na Cia. Gráfica Lux, com distribuição pela Editora Civilização Brasileira. *Paz e Terra*, de certa maneira, era semelhante à *Revista Civilização Brasileira*, e pode ser encarada como uma versão católica da última. Moacyr Felix, a rigor, foi editor de ambos os periódicos, que tiveram papéis significativos como veículos de resistência intelectual à ditadura.

➔ BIN: 124958

O Perú Molhado – Armação de Búzios (RJ), 1981

Jornal de linha cultural, humorística, política e de variedades, fundado em 23 de fevereiro de 1981 por Marcelo Sebastián Lartigue e Aníbal Fernando, no município de Armação de Búzios (RJ). Tabloide quinzenal anárquico em seus primeiros momentos, trazia irreverentes reportagens sobre o cotidiano de Búzios, denúncias, críticas, eventos e festivais, colunas sociais, agendas culturais, entrevistas, comentários e artigos sobre política, arte, celebridades, personalidades locais, esportes, cultura e variedades, normalmente em linguagem popular e descomplicada. É um dos jornais de resistência mais longevos entre os surgidos durante o regime militar.

➔ BIN: 58056-2

Phoca – jornal laboratório da ECO UFRJ, Rio de Janeiro (RJ), 1982

“Jornal laboratório da Escola de Comunicação” da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ). Criado no Rio de Janeiro (RJ) em 1982(?) em formato tabloide, o periódico foi produzido por alunos através das disciplinas de Técnicas de Codificação em Jornalismo I e II e Técnicas de Produção e Difusão em Jornalismo I e II. Seus orientadores foram os professores Nilson Lage, Evandro Vieira Ouriques e Alaor Barreto. Em artigos e reportagens essencialmente críticas, *Phoca* abordava prioritariamente assuntos de interesse

dos alunos de comunicação: novas tecnologias no jornalismo e nas telecomunicações, censura na mídia, estratégias de marketing de empresas de comunicação, dificuldades do mercado de trabalho, análises técnicas e históricas de representantes da grande imprensa, jornalismo literário, assuntos referentes à administração da UFRJ, sindicalização, democracia participativa e movimentos comunitários etc.

➔ BIN: 49602-2

Phuraphroidy – Jardinópolis (SP), 1985

Revista literária de vanguarda lançada em Jardinópolis (SP), em setembro de 1985, editada por José Luís Conti e Gabriel de la Puente. Sem trazer seu nome nas capas ou datas e numeração em suas edições, publicava, sobretudo, contos breves e ensaios literários, enviados por diversos colaboradores, com o intuito de divulgar novos autores. Antes de sua fundação como revista, *Phuraphroidy* circulou como uma simples folha de papel.

➔ BIN: 449261

Picaré – Santos (SP), 1980

Rústico periódico literário especializado em poesia, lançado em outubro de 1979 em Santos (SP). Surgido de um grupo de poetas marginais também denominado Picaré, fundado em junho de 1979, era editado por Rafael Marques Ferreira e Raul Christiano Sanchez, com Osvaldo Silva Costa como responsável pela arte. Publicava poesia, prosa, cartuns, ilustrações, críticas de cultura, listas divulgando os livros do grupo Picaré e reflexões e debates sobre temas variados – como poesia independente, a marginalia e a geração mimeógrafo, a oposição entre teoria e prática na política revolucionária, a cultura em Santos e no Brasil, censura e abertura política, entre outros assuntos.

➔ BIN: 467120

Pif-Paf – Rio de Janeiro (RJ), 1964

Revista mensal de humor e crítica política, criada e dirigida por Millôr Fernandes no Rio de Janeiro (RJ), em 21 de maio de 1964, a partir da coluna humorística que possuía na revista *O Cruzeiro* (BIN 0358-1), dos Diários Associados. Millôr havia sido demitido dos Associados a partir da polêmica ocasionada com a publicação do trabalho “A verdadeira história do Paraíso”, após a qual *O Cruzeiro* rendeu-se às pressões de um público católico conservador. Viabilizada através de empréstimo cedido pelo Banco Nacional de Minas Gerais, *Pif-Paf* é atualmente considerado um dos periódicos formadores da linguagem jornalística satírica e inteligente da imprensa alternativa do período do regime militar. Em expediente, contava com o trabalho de Yllen Kerr e Eugênio Hirsch, além de colaboradores de peso, como Sérgio Porto, Rubem

Braga, Leon Eliachar, Antônio Maria, João Bethencourt, Reynaldo Jardim, Campos de Carvalho etc.

↪ BIN: 12575-0

Pingente – Rio de Janeiro (RJ), 1977

Tabloide mensal de linha humorística e cultural, lançado no Rio de Janeiro (RJ) em junho de 1977. Produzido por um coletivo editorial de desenhistas de humor, circulava pelo selo da Editora Chalaça, em coedição com a Editora Codecri Ltda., do célebre jornal carioca *O Pasquim*. Seu slogan era “Quadrinhos, cartuns, textos de humor, o diabo a quatro”. Os editores de *Pingente* foram importantes nomes do humor ilustrado brasileiro: Nani, Coentro, Carlos Jorge Guidacci da Silveira, Jésus de Almeida Rocha e José Arimathéa Bastos Duayer.

↪ BIN: 506559

Pipoca – São Paulo (SP), 1985

Periódico cultural lançado em dezembro de 1985 em São Paulo (SP) por Monika Alves de Almeida Picanço, poeta marginal, jornalista, cantora e compositora conhecida por Monika Pi. Editado com simplicidade, com a assistência de Yara Nantes, trazia poemas, letras de músicas, informes gerais para a classe artística, cartas de leitores, aforismos e curtas seções de variedades, e divulgava lançamentos de livros ou discos de artistas independentes, eventos culturais, concursos literários e contatos de artistas, cursos, espaços culturais, periódicos alternativos de cultura etc.

↪ BIN: 443166

Pirata – Recife (PE), 1984

Periódico cultural e literário lançado em 1984 (sem indicação de mês) no Recife (PE). Era editado por um conselho composto por Alberto Cunha Melo, Carlos Daconti, Eugênia Menezes, Jaci Bezerra, Lúcia Menezes, Maria de Lourdes Hortas, Myriam Brindeiro de Moraes Vasconcelos e Zuleide Duarte; todos, aparentemente, oriundos de um mesmo movimento poético.

↪ BIN: 446904

Pirauá – São Paulo (SP), 1982

Periódico mimeografado literário lançado em novembro de 1982 em São Paulo (SP). Editado por Luís Avelima, dedicava-se majoritariamente à poesia marginal, além de trazer críticas de livros do gênero, pequenos artigos ou ensaios literários, crítica de cultura, manifestos, publicidade de autores ou editoriais independentes e algumas ilustrações. Em expediente, colocava-se como “mais uma publicação alternativa a serviço da nova poesia brasileira”.

↪ BIN: 446874

Planeta Diário – Rio de Janeiro (RJ), 1984

Tabloide humorístico surgido no Rio de Janeiro (RJ), em dezembro de 1984, pelas mãos de Cláudio Paiva, Hubert de Carvalho Aranha e Reinaldo Batista Figueiredo, egressos de *O Pasquim*. Extinto em 1992, acabou sendo o mais importante periódico humorístico de sua geração – certamente merecedor de um lugar de destaque na história da imprensa satírica brasileira –, e revelou humoristas que se tornaram reconhecidos a nível nacional. Em suas páginas, satirizava – de forma ácida, fantasiosa, nonsense e exagerada – a vida de personalidades políticas e artísticas, geralmente colocadas em paralelo às mazelas do povo brasileiro. Tratava de forma irreverente, crítica e bem-humorada a situação política e social de um Brasil que lentamente se libertava da ditadura militar, além de satirizar a grande imprensa brasileira e estampar seu humorismo gráfico em layouts conservadores e sisudos, semelhantes aos de jornais “sérios”. O propósito desta diagramação era de confundir o jornal irônico com os periódicos tradicionais, nas bancas: a diferença era que o Planeta Diário costumava trazer na capa manchetes hilárias de duplo-sentido e fatos inusitados, geralmente falsos e absurdos, acompanhados de fotografias que potencializavam seus significados.

➔ BIN: 516317

Poemar – Recife (PE), 1985

Rústico periódico de poesia marginal lançado no Recife (PE), com edição preliminar nº 0 datada de dezembro de 1985. Apesar de sua edição ser simplesmente atribuída a uma “Cooperativa” não identificada, aparentemente, uma de suas editoras foi Acidália Marisa M. Araújo. Luiz Fernando Oliveira da Silva e Domingos Sávio de Souza provavelmente também faziam parte do coletivo editor.

➔ BIN: 13554-2

Poemarte – Joinville (SC), 1984

Periódico literário rústico, de formato diminuto, lançado em Joinville (SC) em agosto de 1984. Era editado pelo Grupo Poemarte, fundado em junho de 1984, composto pelos poetas Celso Carlos Gomes (de Jaraguá do Sul), Belisário Régis (de Florianópolis), Luiz Saulo Adami, Maria Cristina Rosa (de Itajaí, assim como Adami), Miguelito Savagé e Luiz Carlos Amorim (ambos de Joinville). Foi veiculado através do apoio do comércio e de instituições locais, que anunciavam em suas páginas.

➔ BIN: 438111

Poesia – Belo Horizonte (MG), 1977

Revista literária simples, de pequeno formato (21,5 cm x 16 cm), lançado em Belo Horizonte (MG) em 15 de outubro de 1977. Era dirigido por

Rubens Hosken Ferreira e José Jesús Gomes de Araújo, que contavam com Maria Norma Negreiros como secretária, com Max de Figueiredo Portes como responsável pela arte, com Fernando Correia de Araújo Jr. como relações públicas e com uma comissão para seleção de poemas a serem publicados, composta por Pascoal Motta, Márcio Almeida e Geraldo Reis. Poesia era uma publicação da Fundação Brasileira de Bolsas de Estudos (FBBE), que dava certa estabilidade à sua realização.

➔ BIN: 126365

Poesia de Oficina – João Pessoa (PB), 1983

Periódico literário lançado em João Pessoa (PB), possivelmente no início dos anos 1980 – sabe-se apenas que sua 3ª edição, a única consultada nesta pesquisa, data de 1983. Editada por Antonio Arcela, a publicação circulava sob o selo da Edições Macunaíma e era produto das oficinas literárias promovidas pela Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc), coordenadas pelo próprio Arcela, que, ademais, também editava o periódico *Oficina Literária*.

➔ BIN: 446831

Poesia e Cia – Londrina (PR), 1984

Periódico literário rústico, de formato reduzido, lançado em Londrina (PR) em fevereiro de 1984. Era editado por Luiz Carlos Leme Franco e Eloyr Doin Pacheco e circulava como publicação da Casa do Poeta de Londrina. Esta, à época, era presidida por Leme Franco, com João Soares Caldas e Eloyr Pacheco como vice-presidentes, Gonçalves Costa como secretário, Ercília Franco Santos como bibliotecária, Cássio Leite Machado como diretor do patrimônio, Itamar Magalhães e Mário José Romagnole como assessores, Delvide Barbosa Gomes como assessor de imprensa e Irazy Leonardo Fernandes como responsável pelo departamento de trovas.

➔ BIN: 422622

Poesia e Vida – Rio de Janeiro (RJ), 1982

Tabloide cultural, predominantemente literário, lançado no Rio de Janeiro (RJ), em novembro de 1982. Editado por Carlos Augusto Corrêa, com Ismael Tarocco como diretor administrativo e Valdemiro J. Fernandes como responsável pela diagramação e pela arte, era impresso através da Midas Industrial Gráfica Ltda. Trazia ensaios e artigos na área da arte e da cultura, editoriais, ilustrações e, principalmente, poemas, que ocupavam quase a totalidade do jornal.

➔ BIN: 418293

Poesia Livre – Ouro Preto (MG), 1978

Periódico de poesia de vanguarda, lançado em Ouro Preto (MG) em abril de 1977. Foi editado por Guilherme Mansur Barbosa, com conselho editorial composto por Mariza Esteffanio, Otávio Ramos, Romério Rômulo, Régis A. D. Gonçalves e Petrus. Seu formato, justificado pelo seu caráter artesanal, era inovador: suas páginas, impressas em papel Kraft, a *offset*, vinham soltas dentro de um pacote, também de papel pardo, medindo 24 cm x 10,5 cm. Saía com o apoio de artistas visuais, donos de comércio e entusiastas das artes locais.

↪ BIN: 364622

Poetagem – Rio de Janeiro (RJ), 1978

Rústico periódico literário marginal lançado no início de 1978 no Rio de Janeiro (RJ). Era produzido por iniciativa de um grupo poético do diretório central dos estudantes (DCE) da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Seu conselho editorial era composto por Ana Lúcia de Miranda, Mário Augusto, Clarice Niskier, Carlos Pousa, César Augusto e Marcia Jacques, integrantes desse grupo, alunos de cursos diferentes da PUC-Rio.

↪ BIN: 326771

Política – Unesp, Marília (SP), 1984

Simple periódico lançado em Marília (SP) no ano de 1984, através da Faculdade de Educação, Filosofia, Ciências Sociais e da Documentação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), no campus de Marília, sob responsabilidade do corpo docente do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas. Tinha uma comissão editorial composta pelos professores Alvanir de Figueiredo e Mércia Regina Pampana Basoli. Impresso na seção de reprografia do campus de Marília, foi integrante de uma coleção de periódicos lançados pela Unesp naquela época, todos com o mesmo formato, mas com títulos e temas diferentes – Lexicografia, Etnologia (focados em questões socioculturais indígenas), Política e Cultura (que abordavam a contracultura e a marginália, entre outras manifestações artísticas de vanguarda), Literatura etc. Cada título desta coleção teve poucas edições. Esta coleção seguia os moldes de editoriais de outro periódico do campus de Marília da Unesp, o *Combinatória – Estudos e Pesquisas*.

↪ BIN: 448362

Política e Cultura – Unesp, Marília (SP), 1982

Simple periódico lançado em Marília (SP) no ano de 1982. Era editado através da Faculdade de Educação, Filosofia, Ciências Sociais e da Documentação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), no campus de Marília, sob responsabilidade do professor César Augusto

de Carvalho, do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas. Tinha comissão editorial composta pelos professores Alvanir de Figueiredo e Sílvia Marta Canevazzi. Era impresso na seção de reprografia do campus de Marília e foi integrante de uma coleção de periódicos lançados pela Unesp naquela época, todos com o mesmo formato, mas com títulos e temas diferentes (ver acima).

➔ BIN: 448346

Política Externa Independente – Rio de Janeiro (RJ), 1965

Revista lançada pela Editora Civilização Brasileira, então responsável pela importante *Revista Civilização Brasileira*, no Rio de Janeiro (RJ) em maio de 1965. Trazia basicamente artigos e ensaios de grandes intelectuais brasileiros e estrangeiros, e seu foco recaía sobre questões de política externa e relações internacionais. Manifestando apoio a uma política externa independente, nacionalista, forte e desenvolvimentista para o Brasil, era um periódico voltado à elite intelectual politicamente engajada. No seu editorial de lançamento, colocava-se a cargo de avaliar “as situações, os problemas e as forças da política internacional, que sempre influíram decisivamente nos destinos do Brasil”. A publicação originou-se dirigida por Ênio Silveira, o responsável geral pela Editora Civilização Brasileira. Jayme Azevedo Rodrigues assinava como secretário executivo.

➔ BIN: 126500

Politika – Rio de Janeiro (RJ), 1971

Tabloide semanal de teor político, criado no Rio de Janeiro (RJ) pelos jornalistas políticos veteranos como Sebastião Nery, Oliveira Bastos, Jorge França e Adirson de Barros. Surgido em outubro de 1971 e com o subtítulo “Um jornal sem preconceitos”, tinha uma linha ideológica inspirada no nacionalismo populista, e evocava visões míticas de Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek e João Goulart. Era editado por uma equipe composta por Sebastião Nery, Philomena Gibran, Oliveira Bastos e Adirson de Barros, e abordava política nacional e internacional, temas de maior destaque e repercussão: sucessões de governos, posturas de personalidades políticas, polêmicas e discussões, corrupção e falta de ética na esfera pública, manifestações, reflexos da política na realidade econômica brasileira e mundial, ações do Fundo Monetário Internacional (FMI), atitudes arbitrarias ocasionadas por interesses econômicos, hábitos de consumo do brasileiro, a obra de grandes intelectuais, questões ambientais, relações entre industrialização e problemas sociais, cultura, ideologia etc.

➔ BIN: 12653-5

Política Operária – São Paulo (SP), década de 1960

Minitabloide surgido em São Paulo (SP), no Grêmio da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP). Lançado em data indefinida, nasceu de uma organização de esquerda também intitulada Política Operária (Pop), conhecida formalmente como Organização Marxista-Leninista Política Operária. Fundado em 1961, também no grêmio estudantil, o grupo contava com as lideranças de Teotônio dos Santos e dos irmãos Éder e Emir Sader. Semiclandestino, o periódico era dirigido por Rui Mauro Marini, baseado em São Paulo, e por Luís Alberto Dias Lima, na sucursal do Rio de Janeiro.

↪ BIN: 864595

Pólo Cultural – Curitiba (PR), 1978

Jornal especializado em arte e cultura criado em Curitiba (PR) em 15 de março de 1978, dirigido por Reynaldo Jardim e editado por Marilu Silveira, através do Escritório de Promoção da Cultura Paranaense Pólo Cultural. Parecia ser editado com apoio da Secretaria de Estado da Educação e da Cultura do Paraná e/ou da Fundação Cultural de Curitiba, que apareciam constantemente em suas páginas, com suas respectivas programações culturais listadas e divulgadas. Dedicava-se a divulgar atividades e questões ligadas a órgãos culturais do município e do estado (museus, espaços culturais, centros educacionais etc.), além de colocar em questão assuntos variados da arte e da cultura nacionais, expor o panorama artístico e as agendas culturais locais e publicar prosa e poesia. Em suas edições, vinha com artigos e ensaios culturais de alto nível, além de reportagens, crítica cultural, perfis de artistas locais, entrevistas, manifestos, literatura, notas e comentários, arte fotográfica, resenhas de livros, entre outras coisas.

↪ BIN: 506605

A Ponte – Maceió (AL), 1985

Lançado em Maceió (AL) em novembro de 1985, foi um jornal cultural, político e social de linguagem popular e irreverente. Circulava com o subtítulo “Jornal de literatura e humor e o escambau” e trazia textos opinativos sobre política, sociedade e cultura, ensaios, entrevistas, notas gerais, variedades, humor crítico, entretenimento, poemas, contos humorísticos, contos eróticos e vários anúncios. Editado por Rubens Jambo, circulava em formato tabloide. Sempre trazia uma nova frase crítica ou humorística abaixo de seu nome na capa.

↪ BIN: 51624-4

A Ponte – Florianópolis (SC), 1979

Tabloide de política, economia e cultura editado em Florianópolis (SC), a partir do final de 1979, através da Editora e Livrarias Lunardelli, dirigido por Odilon Lunardelli e editado por Oscar Berendt Neto. Abordava diversas

questões de âmbito estadual: a situação política partidária de Santa Catarina durante a redemocratização, cultura, economia, agricultura, indústria e comércio, desenvolvimento social e material, personalidades da vida pública catarinense, saúde pública, questões legais e trabalhistas, obras públicas e infraestrutura, educação, patrimônio histórico etc. Foi inicialmente um jornal irreverente, de humor crítico e mordaz.

➔ BIN: 538019

O (.) Ponto – Fortaleza (CE), 1981

Publicação criada em 1981(?) em Fortaleza (CE). Seu subtítulo o definia como um “Boletim espiritualista mundial”. Editado por Aldenor J. Alencar Benevides, tratava de temas como espiritualidade, religiões, filosofias ecumênicas, educação, astronomia, trovas, alimentação etc., em artigos, pequenas notícias, comentários e transcrições de outras publicações, mensagens mediúnicas, cartas de leitores, listas de publicações recebidas, poemas, frases motivacionais espirituais e de curiosidades, charadas, anúncios, entre outras coisas.

➔ BIN: 421740

Ponto 1 – Revista de Poemas de Processo – Rio de Janeiro (RJ), 1967

Periódico de poesia de vanguarda focado no poema-processo e na literatura marginal. Lançado em maio de 1967 no Rio de Janeiro (RJ) por Álvaro de Sá, vinha sem datas ou numeração definidas, em edições compostas por várias folhas soltas, impressas a *offset* em formato flutuante, com tiragem inicial de mil exemplares. Trazia poesia escrita e visual, ensaios e textos variados sobre poesia, notícias e fotos. Publicou, assim, o trabalho de Wladimir Dias-Pino, Moacyr Cirne, Neide Dias de Sá, Anselmo Santos, George Smith, Ariel Tacla, José Luiz Serafini, Nei Leandro de Castro, Dailor Varela, R. Sorribas e Anchieta Fernandes.

➔ BIN: 308633

Porantim – Cimi da CNBB, Manaus (AM), 1978

Surgido como mimeógrafo mensal, em Manaus (AM), em maio de 1978, órgão informativo do Conselho Indigenista Missionário (Cimi, instituição ligada à CNBB, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), “Em defesa da causa indígena”. A idealização do jornal surgiu durante um curso de indigenismo organizado pelo Conselho em janeiro de 1979; era um projeto viabilizado após a implantação da Regional Norte I do Cimi em Manaus. Sua linha editorial seguia fundamentos político-sociais, e normalmente eram exploradas temáticas como política indigenista, legislação e organização social de grupos indígenas, bem como saúde, religião, cultura, mitologia, educação, cidadania, violência, etnocídio, demarcação territorial, natureza, economia, sociedade, linguagem e dialetos, lendas, resistência, identidade e autodeterminação

destas comunidades. Adicionalmente, discutia-se a extinção de grupos indígenas como povos e nações, conjunturas eleitorais, processos judiciais e embates dos povos indígenas contra a Funai, denúncias contra latifundiários e autoridades, surtos de doenças variadas, línguas indígenas, política e administração pública, pesquisas científicas diretamente relacionada com a população indígena, preconceito racial etc. Ainda era editado em 2020.

↪ BIN: 48868-2

Porão – da UFC, Fortaleza (CE), 1980

Revista literária de poesia e artes visuais lançada em 1980, em Fortaleza (CE), por estudantes da Universidade Federal do Ceará. Concebido como um produto do chamado projeto Bolsa-Arte, da UFC, na categoria literatura, o periódico era impresso na Imprensa Universitária local, e elaborado com boa qualidade gráfica e editorial. Dirigido por José Vanderlou de Oliveira, Laerte Magalhães e Carlos Brasil, Porão tinha uma comissão editorial composta por Vanderlou, Laerte Magalhães, Rogéria Vasconcelos, Édson Martins e Virgínia Crisóstomo.

↪ BIN: 358347

Povão – Vitória (ES), 1982

Minitabloide popular, de ênfase política, policial e econômica editado em Vitória (ES) a partir de 1º de novembro de 1982. Diminuto, media apenas 22,5cm x 16 cm, com oito páginas impressas a *offset* em papel barato, sem cores; era dirigido por José Roberto Jevaux. Circulava formalmente através da Editora Gráfica O Diário S.A. Usava linguagem popular, expunha questões predominantemente locais, como o cotidiano político partidário do Espírito Santo, criminalidade, funcionalismo público capixaba, falta de infraestrutura em determinados locais, crise econômica brasileira, êxodo urbano, mazelas das classes populares em geral, esportes, entretenimento, horóscopo, novidades em geral etc.

↪ BIN: 573108

PQP – Belém (PA), 1979

Tabloide de humor lançado em 1979 em Belém (PA) por Raymundo Mário Sobral. Altamente debochado, paródico, corrosivo, rebelde, despudorado e marginal, era especializado na crítica política e de costumes, muito pelo seu “humor sacana”, de conotação predominantemente sexual. Surgido com tiragem semanal de 10 mil exemplares, obteve boa resposta por parte do público leitor local e circulou como jornal até o final da década de 1990, quando, “mudando de sexo”, passou ao formato de revista na virada para o ano 2000. Acabou circulando somente até meados de 2003.

↪ BIN: 570192

Praxis – Centro de Estudos e Debates do Socialismo e da Cultura, Santa Maria (RS), 1984

Revista acadêmica marxista de formato reduzido (20 cm x 11,5 cm) lançada em Santa Maria (RS) no final de 1984 ou no início de 1985 por meio do Centro de Estudos e Debates do Socialismo e da Cultura (Cedesc). Sua circulação era dirigida aos sócios da instituição. Editado por Marcos Rolim, o periódico tinha um conselho editorial composto por Tau Golin, Guilherme Cassel, Jussara Bordin, Ivete Catani e Dennis Russowisky. Seu planejamento gráfico era assinado por Cristina Pozzobon, Ivete Catani e Jussara Bordin.

↪ BIN: 436925

Presença – Itajubá (MG), 1978

Periódico estudantil de literatura marginal lançado em 1978 na cidade de Itajubá (MG), editado pelo Departamento Literário do Diretório Acadêmico da Escola Federal de Engenharia de Itajubá (EFEI), impresso através da editora da mesma universidade. Seus editores eram inicialmente Alfredo Amaral Neto, Herbert dos Santos Silva, Luiz Roberto Galhardo Egreja e Phebus de Canaan Dourado Filho. Num segundo momento, Thales Alfredo D'Ávilla Carneiro, Henrique Chaguri e Cyro Barbosa Bernardes se juntaram ao grupo.

↪ BIN: 445177

Presença – São Paulo (SP), 1983

Periódico acadêmico de política e cultura lançado em novembro de 1983 em São Paulo (SP), pela Editora Caetés, inicialmente sob a responsabilidade de Sérgio Gomes. A sua impressão era feita em Santos, nas oficinas do jornal A Tribuna de Santos. Crítica ao autoritarismo militar e aos rumos tomados pelo governo federal de então, disposta a analisar os movimentos sociais que tomavam força no Brasil durante os últimos anos da ditadura militar, Presença se colocava como uma revista sem vinculação a partidos ou formações políticas, embora desejasse “um futuro democrático e socialista para o nosso povo”.

↪ BIN: 459534

Primeira Página – Sindicato dos Jornalistas Profissionais de MG, Belo Horizonte (MG), 1982

Publicação do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais (SJPMG), foi um minitabloide lançado em Belo Horizonte (MG), em maio de 1982 (data de seu nº 0). Crítico e politizado, trazia reportagens, artigos opinativos, entrevistas, debates, ilustrações, cartuns e publicidade, e tocou em temas como personalidades da política mineira, níveis de inflação e economia nacional e mineira, politização de esquerda entre jornais e ameaças contra jornalistas, falta de comprometimento de grandes proprietários da imprensa com a informação, a cobertura da política mineira na imprensa,

as dificuldades enfrentadas pela classe jornalística no mercado de trabalho, censura a jornais e demais ataques à liberdade de imprensa promovidos pela ditadura militar, consequências nocivas do monopólio empregatício de grandes empresas em pequenas cidades, história do SJPMG e do jornalismo mineiro, eleições e debates políticos na TV, inaugurações de obras públicas como medidas eleitoreiras, questões do jornalismo policial, prêmios para jornalistas etc.

↪ BIN: 559725

O Profissional Liberal Hoje – Rio de Janeiro (RJ), 1984

Tabloide editado no Rio de Janeiro (RJ) a partir de julho de 1984 como “Órgão informativo dos Conselhos Regionais de profissionais liberais reunidos em defesa dos interesses comuns”. Combativo e reivindicativo, criticava medidas políticas, econômicas e judiciais que refletiam negativamente nas profissões liberais. Tocava em temas como projetos de lei, seguridade social, as atualidades dos Conselhos Regionais e suas propostas, fiscalização profissional, obrigações financeiras específicas que recaíam sobre o profissional liberal etc., além de trazer informes sobre grupos e encontros de classe. Wagner Siqueira assinava como diretor responsável pela publicação.

↪ BIN: 49600-6

O Protesto – Porto Alegre (RS), 1967

Jornal mensal lançado por Maria Pinto Fernández Rodriguez – sua proprietária formal e diretora – em Porto Alegre (RS) em outubro de 1967. Politicamente situado entre o anarquismo e o socialismo libertário, antiimperalista e antiautoritário, moralista e nacionalista, reivindicativo e denunciativo, pacifista e ateu, era uma folha altamente crítica, aguerrida e libertária, voltada à juventude. Aparentemente ligado à Comissão Organizadora da União Socialista Libertária, o periódico veio a lume em formato tabloide pequeno, circulando assim até sua 4ª edição, de janeiro de 1968, quando passou a tabloide comum. Sua circulação foi nacional, mas a sua publicação contínua não chegou a durar um ano.

↪ BIN: 128015

Questão de Ordem – Departamento de Artes e Comunicação da UFPB, João Pessoa (PB), 1982

Jornal lançado em 1982(?) pelo Departamento de Artes e Comunicação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em João Pessoa (PB), como jornal-laboratório para estudantes de Comunicação. Crítico e denunciativo, abordou temas como democracia participativa e movimentos populares, a eleição de Tancredo Neves e o início da Nova República no Brasil, Assembleia Nacional Constituinte, reforma agrária, movimento estudantil, mercado de

trabalho para profissionais da comunicação, seminários e encontros de classe e de estudantes, mutirões escolares, educação, gêneros jornalísticos, censura na imprensa, greves e questões sindicais etc.

➔ BIN: 483940

Quilombo dos Palmares – DCE da PUC-Rio, Rio de Janeiro (RJ), 1975

Jornal estudantil lançado por volta de 1975 no Rio de Janeiro (RJ), aparentemente pela Comissão de Imprensa dos Alunos da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Tratava de questões como aumento de preços na universidade, rumos e questões gerais do movimento estudantil, assuntos pontuais da política estudantil na PUC, movimentos sociais etc., além de lançar informes variados para universitários.

➔ BIN: 495069

Raiz – Aracaju (SE), 1981

Rústico periódico cultural de arte marginal lançado em Aracaju (SE) no mês de abril de 1981 pelo Centro de Cultura e Arte da Universidade Federal de Sergipe. Editado por Nivaldo Menezes Santos, saía inicialmente em forma mimeografada ou fotocopiada, composto em máquina de escrever comum e impresso em folhas de papel sulfite grampeadas. Depois de um hiato, em 1987 o periódico retomou publicação, impresso a *offset*, ainda editado por Nivaldo Menezes, como produto da Reticências Publicidade e Publicações Ltda. Como era uma publicação focada em poesia, *Raiz* divulgava a obra de diversos autores independentes.

➔ BINs: 446890 e 468988

Rebu – João Monlevade (MG), 1980

Periódico artesanal de literatura marginal lançado em 23 de maio de 1980 na cidade de João Monlevade (MG), na Associação Regional de Promoção e Ação Social (Arpas). Editado pelo chamado Grupo Bú, composto por Geraldo Magela Ferreira, Wir Caetano Francisco e Joel Alves da Páschoa, vinha inicialmente com o subtítulo “Um jornal independente”, circulando em periodicidade bimestral. Impresso por mimeógrafo ou fotocópia, sua tiragem inicial foi de apenas 100 exemplares.

➔ BIN: 447722

Recanto – Belo Horizonte (MG), 1981

Periódico mimeografado cultural e poético que circulou em Belo Horizonte (MG) a partir de junho de 1981. Editada pelo grupo Canto Livre de Arte, a publicação era especializada em prosa e poesia. A partir da edição nº 4 de 1982, passou a ter uma diagramação um pouco melhor e mais ilustrações, em

formato minitabloide e periodicidade irregular, impresso na empresa gráfica Lito Cópias Ltda.

↪ BIN: 44420-0

Refletor – Rio de Janeiro (RJ), 1982

Jornal cultural mensal, lançado no Rio de Janeiro (RJ) em abril de 1982. Com o subtítulo “O primeiro jornal dedicado ao teatro, show e a música”, circulava através da editora IR-Artes, Jornalismo e Assessoria de Comunicações. Dirigido por Iale Renan, trazia notícias, entrevistas, perfis, programações culturais, dicas de turismo, frases e reflexões de personalidades variadas, artigos opinativos, ilustrações, fotografias e anúncios publicitários, sempre focando o cotidiano cultural da capital fluminense.

↪ BIN: 51106-4

Reflexos de Universos – Cruz das Almas (BA), 1977

Periódico artesanal de literatura marginal lançado em 1977 na cidade de Cruz das Almas (BA). Era dirigido por Nelson Magalhães Filho e Luis Carlos Mendes Santos, com Jorge de Almeida como diretor comercial. Possuía ainda um conselho editorial onde figuraram Manoel Moacir Costa Macedo, Alino Matta Sant’Ana, Hermes Peixoto Santos Filho (diretor executivo) e Wellington Sá.

↪ BIN: 437166

Repórter – Rio de Janeiro (RJ), 1977

Tabloide inicialmente mensal, de temática variada, lançado no Rio de Janeiro (RJ) em novembro de 1977, fundado por Luiz Alberto Bettencourt, João Sant’Anna e Paulo Haddad, quando entrevistaram espontaneamente Thomas Hammarberg, presidente da Anistia Internacional. Como não havia como publicar o material, a pequena equipe rodou um modesto jornal de apenas mil exemplares, distribuído pessoalmente em algumas bancas cariocas com o título *Repórter*, mas que era apenas um embrião do que a publicação efetiva viria a ser. A partir desta experiência inicial, nascia um coletivo jornalístico que viria a incluir Chico Júnior, Luiz Augusto Gollo, Eduardo Homem, Elias Fajardo da Fonseca, Alex Solnik, entre outros, muitos egressos de partidos de esquerda. Formalmente lançado através da Margem Editora, o jornal teve seu potencial político mascarado por um viés popular, passando a retratar com ênfase a “miséria do povão” e dando mais voz às populações anônimas marginalizadas. Dos jornais surgidos na oposição à ditadura militar, *Repórter* foi um dos mais sensacionalistas.

↪ BIN: 49601-4

Repórter Econômico – Associação dos Jornalistas de Economia de Brasília, Brasília (DF), 1981

Minitabloide mensal de ênfase econômica e política editado em Brasília (DF) a partir de junho de 1981 como “Jornal da Ajobé”, a Associação dos Jornalistas de Economia de Brasília, e identificado como “Órgão oficial dos jornalistas de economia de Brasília”. Tratou de temas como políticas econômicas, crise financeira, arrocho salarial e inflação, políticas salariais, distribuição de renda e o equilíbrio da balança comercial, administração pública, questões trabalhistas, imposto de renda, projeções do desenvolvimento econômico, problemas sociais, a luta da classe jornalística em seu campo de atuação, entre outros assuntos. Heitor Tepedino, presidente da gestão de então, assinava como o diretor responsável pelo minitabloide; Helival Rios (vice-presidente) figurava como chefe de redação.

↪ BIN: 48367-2

A República – Pouso Alegre (MG), 1980

Modesto minitabloide surgido em Pouso Alegre (MG) em 1º de janeiro de 1980. Editado por Coutinho Filho (que, de acordo com anúncios em seu próprio jornal, trabalhava como detetive particular), inicialmente pretendia ser um inocente jornal sobre colecionismo, memória, pequenas notícias, curiosidades, comportamento, poesias, reflexões, humor, receitas, passatempos, ditos populares, horóscopo, catolicismo etc. Mas a partir de sua 8ª edição, de 15 de novembro de 1982, passou a explorar o universo da crítica política (a edição traz, ao fundo, uma inédita estrela vermelha, que acompanha um empolgado texto sobre as eleições de 1982).

↪ BIN: 42626-1

Resistência – Belém (PA), 1978

Jornal lançado em 7 de fevereiro de 1978, em defesa de interesses democráticos e populares, foi um dos mais proeminentes da oposição à ditadura militar no norte brasileiro. Nascido em Belém (PA), era essencialmente político, debatedor, panfletário e opinativo. Em linguagem popular e inconformada, seu conteúdo incluía artigos, debates, notícias, reportagens de profundidade variada, debates, sátiras de figuras políticas, abaixo-assinados, charges, ilustrações, fotos, anúncios etc. Fundado por João Marques, entre outros jornalistas, foi dirigido por Paulo Fontelles e editado por Luis Maklouf Carvalho (posteriormente substituído por vários outros, como Marcos Soares e Chiquinho Weyl).

↪ BIN: 593707

Retranca – Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Piauí, Teresina (PI), 1985

Jornal oficial do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Piauí. Lançado em Teresina (PI) em 1985(?), em formato tabloide, trazia reivindicações, denúncias das condições de trabalho de jornalistas, notícias sobre o sindicato e o sindicalismo local em geral, editoriais críticos ao regime militar, notas sobre manifestações e atos públicos, atas de encontros de classe, divulgação de debates, artigos críticos sobre política, socialização dos meios de comunicação. Roberto John era seu diretor responsável; Kenard Kruel, editor.

➔ BIN: 49557-3

Revista de Fotografia – São Paulo (SP), 1971

Revista mensal de vanguarda especializada na arte fotográfica. Criada em São Paulo (SP) em junho de 1971, era editada por Eduardo Barreto, Narciso Kalili e Sérgio de Souza, com George Love assinando como editor fotográfico, Mylton Severiano Ribeiro como editor de texto, Woile Guimarães como editor executivo e Roberto Freire como editor de reportagem. Circulava através da editora informal Arte & Comunicação, também responsável pelas publicações *Bondinho* e *Grilo*, ambas de sucesso editorial. Além dos artigos, ensaios fotográficos, reportagens, lançamentos de equipamentos, tabelas de preços, testes de fotografia e de som e das cartas de leitores, a *Revista de Fotografia* trazia depoimentos, divulgação de exposições e eventos culturais voltados ao universo temático da revista, notas sobre prêmios, anúncios, entre outras coisas.

➔ BIN: 142964

Revista Letra – Vitória (ES), 1981

Lançada por um grupo literário de mesmo nome em Vitória (ES) em 1981. Era editada por Oscar Gama, Reinaldo Santos Neves e Renato Pacheco, e tinha periodicidade anual. Sua edição inicial trazia um editorial-manifesto assinado por José Augusto Carvalho, Reinaldo Santos Neves, Marcos Tavares, Luiz Busatto, Miguel Marvilla, Renato Pacheco e Oscar Gama, os integrantes do Grupo Letra. Publicando contos, poemas, pequenas biografias de escritores, artigos, resenhas, ensaios e esparsas ilustrações.

➔ BIN: 387266

Revista Verdade – Fortaleza (CE), 1984

Rústico periódico mimeografado lançado em Fortaleza (CE) em junho de 1984. Com periodicidade fixada para bimestral, contava cerca de dez páginas (que eram folhas de papel sulfite tamanho A4 dobradas e grampeadas) e tiragem de dois mil exemplares. Era editado por Wilmer Prado Júnior, Aguiar Júnior, João Ricardo, Rogério Vinhaes, Ésio Lima, Toinha Guedes e Duciran

Van Marsen Farena, um grupo de estudantes de Direito de universidades cearenses denominado Grupo Habeas-Corpus.

➔ BIN: 425737

O Rio Grande – Porto Alegre (RS), 1979

Tabloide semanal com reportagens de temas variados, lançado em Porto Alegre (RS) em 10 de maio de 1979. Dirigido por Marco Túlio de Rose e José Antônio Vieira da Cunha, era editado por Elmar Bones da Costa, Osmar Trindade, Tânia Krutaska, Baru Derkin, Rosvita Sauerssig e Chico Daniel, e era formalmente uma publicação da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre Ltda., a Coojornal, a primeira cooperativa de jornalismo do Brasil, iniciada em 1974, que editava, desde 1975, outro importante jornal de resistência, também chamado *Coojornal*. Filiado à Associação dos Jornais e Revistas de Cooperativas, *O Rio Grande* trazia conteúdo predominantemente político, mas também ligado à cultura e ao lazer. Circulando regionalmente, seus moldes eram quase idênticos aos do periódico *Coojornal*.

➔ BIN: 582620

Rocker Jornal – São Bernardo do Campo (SP), 1985

Lançado em São Bernardo do Campo (SP) em 1985. Cultural e político, focava prioritariamente bandas de *rock* nacionais e internacionais da atualidade e variedades para o público jovem. Sua abordagem era franca, despojada, bem-humorada e marginal, baseada nas linguagens e formatos de outros jornais da imprensa de resistência. Trazendo artigos opinativos, críticas de discos e reportagens e dicas de bandas e shows, ilustrações, fotografias, quadrinhos, cartas de leitores, anúncios, classificados, horóscopo etc. Abordava temas como censura à cultura, a alienação popular da realidade nacional frente ao carnaval e ao futebol, manifestações populares, programação de rádios formais e rádios pirata, shows e casas noturnas, movimento ambientalista, eventos culturais.

➔ BIN: 482374

Rolling Stone – Rio de Janeiro (RJ), 1971

Criada no Rio de Janeiro (RJ) em novembro de 1971, a revista, de forma semelhante à célebre publicação homônima norte-americana, tratava dos astros da música popular brasileira, em especial os ligados ao *rock'n'roll*. Tendo lançado apenas 36 edições, em seu cerca de um ano de vida a revista teve notável importância como precursora da imprensa musical no Brasil. Em paralelo, como era destinada à rebelião jovem, era altamente libertária e voltada à crítica de costumes, além do “desbunde”: tinha influência direta da contracultura e expunha aos leitores uma nova forma de pensar, de falar e de se relacionar com o mundo – a chamada Nova Consciência, de acordo com a

própria revista. A *Rolling Stone* brasileira foi dirigida e editada por Luís Carlos Maciel, considerado um dos introdutores da contracultura ao jornalismo independente brasileiro, muito pelo seu trabalho no semanário humorístico *O Pasquim*.

↪ BIN: 149349

O Saco – Fortaleza (CE), 1976

Publicação mais ou menos mensal criada em Fortaleza (CE) em abril de 1976. Focada em literatura, cada uma de suas edições vinha em uma embalagem, o “saco” propriamente dito, com quatro cadernos impressos a *offset*, referentes a quatro tipos de conteúdo: “Prosa”, “Verso”, “Imagens” e “Anexo” – neste último, eram publicados trabalhos jornalísticos, ensaios fotográficos, humor, pesquisas etc. O periódico reunia poesias, contos, reportagens, críticas, notícias, ilustrações, depoimentos, entrevistas, cartas de leitores, resenhas, fotos, anúncios publicitários, entre outras coisas – além da literatura, em diversas ocasiões os temas da psicanálise, da psicologia e da psiquiatria eram abordados. Apesar de sua qualidade, o periódico acabou tendo apenas sete edições lançadas. Reunindo toda uma geração de artistas e intelectuais cearenses na tentativa da construção de uma cooperativa cultural, a publicação trazia em expediente os nomes dos fundadores/organizadores: José Jackson Coelho Sampaio, Carlos Emílio Corrêa Lima, Nilto Fernando Maciel e Manoel Coelho Raposo, que montaram a Opção Editora Promoções e Publicidade Ltda. para o lançamento de *O Saco*.

↪ BIN: 210617

Secreto – Rio de Janeiro (RJ), 1982

Publicação universitária literária criada em 1982(?) no Rio de Janeiro (RJ). “Semanário da Oficina de Literatura”, era produzido por acadêmicos que participavam da referida oficina, na Universidade Santa Úrsula (USU). Trazia pequenos artigos, poesias, textos em prosa, notícias, ilustrações, entre outras coisas, e era editado artesanalmente, mimeógrafo em cerca de quatro páginas de papel ofício grampeadas, em tiragens de 500 exemplares. Editado por Sérgio R. Souza (então estudante de Direito).

↪ BIN: 45539-3

Semanário 1900 – Rio de Janeiro (RJ), 1978

Jornal debatedor, político. Lançado no Rio de Janeiro (RJ) em 30 de agosto de 1978, em formato standard. Apenas três números do periódico chegaram a ser editados: o 0, o 1 e o número 2, de 20 de setembro de 1978. Circulando como publicação da Hecti Editora Ltda., distribuído nacionalmente pela Superbancas, foi impresso nas oficinas da Gráfica Editora Jornal do Commercio S.A. Tinha rigor crítico e combativo em linguagem franca e direta. Além da

política internacional, nacional e regional, explorava temas como cultura, futebol, criminalidade, violência, conflitos armados e crises internas de vários países, escândalos, repressão do Estado, abertura democrática, personalidades da política e da cultura, arte, tecnologia etc.

↪ BIN: 80195

O Semeador – Nazaré (BA), 1982

Periódico mimeografado literário de poesia, lançado em 2 de fevereiro de 1982 no município de Nazaré (BA). Dirigido por Carlos Alberto Andrade Silveira e editado por Carlos Galvão, com Anita Cerqueira como secretária-tesoureira e Cláudio L. G. Malta como responsável pela divulgação, teve periodicidade inicial de 600 exemplares, passando a 700 logo em sua 2ª edição. Trazia praticamente só poemas, ilustrações, pequenas notas e comentários e pequenos anúncios.

↪ BIN: 461580

Sem Terra – MST, São Paulo (SP), 1981

Tabloide mensal criado em São Paulo (SP) em 1981 como órgão mensal do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Altamente crítico, aguerrido e denunciativo, foi uma folha instrutiva na introdução de conceitos de luta popular por justiça a comunidades rurais. Ao longo de sua publicação, teve formato variado, bem como subtítulos diferentes: “Jornal dos trabalhadores”, “Jornal dos trabalhadores sem terra”, “Jornal dos trabalhadores rurais sem terra” etc. Em 1985, época em que circulava com tiragem de cerca de 20 mil exemplares, em edições de cerca de 20 páginas impressas a duas cores, era editado por Fladimir Araújo (jornalista responsável) e Sergio C. Canova.

↪ BIN: 487295

O Sexo Finalmente Explícito – Rio de Janeiro (RJ), 1983

Periódico feminista lançado 1983 no Rio de Janeiro (RJ). De acordo com editorial do nº 1, “Esse exemplar anterior continha uma parte do manifesto apresentado no I Encontro Nacional de mulheres sobre saúde, contracepção e aborto realizado em março de 1983 no Rio de Janeiro. Além disso, incluía algumas reflexões amadurecidas no decorrer do início da campanha pela descriminalização do aborto e as questões ligadas ao desejo ou não de ter filhos, à vigência de sexualidade e da reprodução”. Crítica e debatedora, seu conteúdo se fazia de artigos, reportagens, manifestos (não só de grupos feministas cariocas, mas também do Fórum Feminista de Debate de São Paulo e do grupo Brasília Mulher), textos educativos, pequenas notícias (sendo recorrentes algumas sobre a Icas, a Campanha Internacional pela Contracepção, Aborto e Contra a Esterilização Forçada), informes sobre manifestações, anúncios de debates, depoimentos, opiniões de outros

grupos e organizações populares em torna da descriminalização do aborto, quadrinhos, cartas de leitoras etc.

↪ BIN: 426172

Signos – Faculdade de Educação e Letras do Alto Taquari, Lajeado (RS), 1975

Minitabloide acadêmico de letras, educação e cultura com cerca de 12 páginas, lançado em Lajeado (RS) em setembro de 1975 como órgão da Faculdade de Educação e Letras da Fundação Alto Taquari de Ensino Superior (Fates). Tinha coordenação editorial de Ivete S. Kist Huppel, Roque Danilo Bersch e Maria Fani Scheibel e era impressa na cidade de Encantado (RS), na impressora Grafen. Abordava temas como questões pedagógicas regionais e do Brasil, educação universitária, participação da comunidade na escola, filosofia, teoria literária, características histórico-geográfico-sociais da região do Alto Taquari, questões trabalhistas, história, psicanálise, abandono social, ciências exatas, métodos pedagógicos, questões e transformações da sociedade capitalista, marxismo, sexualidade no ambiente escolar, questões econômicas, agricultura etc.

↪ BIN: 446980

Singular & Plural – São Paulo (SP), 1978

Revista mensal de temática política e cultural, lançada em São Paulo (SP) em dezembro de 1978 por Audálio Dantas, Rodolfo Konder, entre outros. Crítica, denunciativa e contrária aos rigores autoritários da ditadura militar, além de explorar consideravelmente a crítica de costumes, foi viabilizada pela Global Editora & Distribuidora. Dirigida por Audálio Dantas, focava em política nacional e internacional, censura, religião, democracia, arte e cultura de vanguarda, cultura popular, manifestações populares, repressão policial nas ditaduras latino-americanas, espionagem, exilados políticos, o processo de redemocratização no Brasil, questões da sociedade capitalista, corrupção, sexualidade, questões ideológicas, movimento negro e questões raciais, engajamento político e intelectualidade, questões indígenas, questões femininas, libertação sexual, movimento estudantil, educação infantil, psicologia e psicanálise, questões trabalhistas, vida das classes operárias etc.

↪ BIN: 323993

O Sol – Rio de Janeiro (RJ), 1967

Jornal experimental semanal, de linha crítica e política, lançado em 21 de setembro de 1967 no Rio de Janeiro (RJ), inicialmente como suplemento do *Jornal dos Sports* (BIN 11251-8). Criado por um grupo composto por Zuenir Ventura, Dedé Gadelha, Ziraldo, Henfil, Reinaldo Jardim (editor), entre outros, o projeto do jornal fora encabeçado pelo Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR) sem que vários de seus editores soubessem. Articulou-se

com a Frente Ampla, movimento antirregime militar encabeçado por Carlos Lacerda, Juscelino Kubitschek e João Goulart. *O Sol* parou de circular como encarte em novembro de 1967: boa parte dos sócios do *Jornal dos Sports* o achava custoso e contestador demais. Quando se desvinculou do jornal esportivo, em 26 de novembro de 1967, sua equipe de jornalistas, então chefiada por Zuenir Ventura, realizou um novo planejamento para sua linguagem, diagramação e formatação editorial. Editado independentemente, passou a ter uma linha política mais crítica e agressiva. Alcançou grande sucesso no meio jornalístico, tanto por sua diagramação quanto por sua ideologia, ambas ouzadas: passou a incitar guerrilhas populares contra a ditadura (um dos projetos políticos do MNR). Durou apenas alguns meses e foi fechado em 5 de janeiro de 1968 por pressões políticas do governo militar (ainda circulou como semanário até novembro daquele ano, debilitado).

➔ BIN: 11251-8 (A BN possui somente as edições suplementares ao *Jornal dos Sports*)

So(l) de Versos – Cabo (PE), 1985

Rústico periódico de poesia editado em Cabo de Santo Agostinho (PE), provavelmente a partir de setembro de 1985, por Natanael Júnior e Paulo Alexandre da Silva, o “Paulo Cultura”. Seu slogan era “Um folhetim que acredita na força da poesia”. Lançado com o apoio da Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal do Cabo, aparentemente teve distribuição gratuita e sua periodicidade foi inicialmente bimestral, mas logo caiu na irregularidade. Após um hiato em sua periodicidade, voltou a circular no ano de 1990, quando, com circulação que ia além de Pernambuco, saía em formato maior: impresso pela Gráfica Premafra.

➔ BIN: 454931

Solux – São Paulo (SP), 1981

Periódico mimeografado literário de poesia e cultura alternativa, lançado em São Paulo (SP) em julho de 1981 pelo poeta Luiz Sérgio de Viveiros. Com tiragens de 1.200 exemplares, chegou a ser distribuído em 180 cidades brasileiras e a ter um sistema de assinaturas. Circulou com o slogan “Um jornal de palavra”. Publicava poesia e prosa marginal, citações de importantes intelectuais – principalmente no campo da cultura –, divulgação de outras edições mimeografadas de poesia e de acervos de imprensa independente, ilustrações, entre outras coisas.

➔ BIN: 446866

Tablóide – Clube Literário Inácio Quinaud, Pirapora (MG), 1971

Minitabloide cultural e popular, editado pelo Clube Literário Inácio Quinaud. Lançado em Pirapora (MG) em agosto de 1971, era dirigido, editado e

redigido por Domingos Diniz, e trazia teoria do folclore, relação e descrições de tipos populares de Pirapora, danças típicas, literatura de cordel, brincadeiras populares e adivinhas, artigos sobre grupos culturais tradicionais e folclore musical de Pirapora, textos de religiões afro-brasileiras etc.

➔ BIN: 15214-5

Tagarela – Rio de Janeiro (RJ), 1976

Mimeógrafo publicado pela comunidade cristã da Rocinha, no Rio de Janeiro (RJ) a partir de 2 de outubro de 1976. Editado de forma artesanal por um grupo participante da Ação Social Padre Anchieta (Aspa), contava praticamente apenas com alguns textos dispostos de maneiras diversas e algumas ilustrações, e trazia informes e discussões sobre diversos temas referentes à Rocinha, algumas vezes em tom crítico e denunciativo: projetos comunitários e serviços sociais locais, obras e manutenção de construções locais, precária infraestrutura local, desapropriação em favelas e luta pela posse de terras já ocupadas, a mobilização de moradores para mudanças na Rocinha etc.

➔ BIN: 464422

Tempos Modernos – Rio de Janeiro (RJ), 1985

“Jornal mensal de cultura”, criado no Rio de Janeiro (RJ) em maio de 1985. Crítico e contestador, circulava em formato minitabloide, trazendo notícias, reportagens, entrevistas e reflexões sobre política nacional, leis de apoio à cultura, instituições culturais, mobilizações de classes artísticas, polêmicas e tendências do mundo cultural, direitos autorais, museologia, cinema, artes cênicas, artes visuais, música, prosa, poesia, filosofia, ideologia, direitos da mulher, educação, partidarismo, erotismo na arte, história, tecnologia etc. A arte-denúncia, engajada e sem censura, era o foco principal da publicação. Foi dirigido por Alexandre Sávio e Jorge Sávio, sendo editado por Mário Margutti e tendo Victor V. Passos como jornalista responsável.

➔ BIN: 511072

Tempos Novos – CPT, São Luís (MA), 1983

Tabloide mensal eclesiástico de base lançado em São Luís (MA), por volta de 1983. Criado pelo Escritório Regional da Cáritas Brasileira, órgão local ligado à Comissão Pastoral da Terra (CPT), pertencente, por sua vez, à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), era dirigido a comunidades e movimentos populares em geral, destacando sobremaneira questões voltadas a disputas de terra e reforma agrária. Editado inicialmente pelo padre Marcos Passerini, com Francisco Gonçalves da Conceição como redator-chefe, se dizia órgão de comunicação também das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), da Comissão Pastoral dos Pescadores (CPP), do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) local, da Pastoral da Mulher

Marginalizada, da Comissão Justiça e Paz, e da Animação dos Cristãos no Meio Rural (ACR).

➔ BIN: 491527

Terceiro Trilho – Associação Profissional dos Metroviários do RJ, Rio de Janeiro (RJ), 1979

Jornal publicado no Rio de Janeiro (RJ) a partir de outubro de 1979, através da Associação Profissional dos Metroviários do Estado do Rio de Janeiro (Aprom). Tinha contornos sindicais, trabalhistas e culturais. Inicialmente tabloide e bimestral, tinha tiragens de cinco mil exemplares e saía pela Lide Editorial e Serviços Jornalísticos Ltda. Era editado por uma comissão composta por Francisco Parentes Correa, Paulo César Figueiredo, Paulo Martini França, Fernando Martini França e Alberto Strozemberg.

➔ BIN: 464171

Terra – Associação Macrobiótica Internacional, Salvador (BA), década de 1980

Editada através da Associação Macrobiótica Internacional (Amai), revista lançada na década de 1980 em Salvador (BA), provavelmente em 1985. Contando com o slogan “Por um mundo de paz”, tinha Ricardo Lisboa como editor. Publicava artigos, conteúdo de publicações internacionais de macrobiótica, editoriais, receitas, ilustrações, sugestões de leitura e resenhas, notas e dicas gerais, informes sobre cursos e atividades voltadas à macrobiótica, bem como anúncios voltados ao público adepto da macrobiótica etc. Abordava assuntos e questões como as relações entre saúde e alimentação, medicina preventiva, os benefícios e particularidades da macrobiótica, os malefícios da indústria agroquímica, práticas espirituais, alimentação infantil, agricultura brasileira, contaminação alimentar, novidades sobre a Associação Macrobiótica da Bahia (Amba) etc.

➔ BIN: 446971

Terra Indígena – Unesp, Araraquara (SP), 1983

Focada no indigenismo, em questões da exploração indígena, em cultura e dialetos ameríndios e em política, foi uma “Publicação bimestral do Centro de Estudos Indígenas do Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação”, mais especificamente do Departamento de Antropologia, Política e Filosofia do campus de Araraquara (SP) da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Criada por volta de 1983, circulou sob a coordenação de Miguel Angel Menéndez e Sílvia M. S. de Carvalho, era impressa na gráfica do próprio campus. Num segundo momento, aparentemente já na década de 1990, o periódico passou a ser editado somente por Sílvia Carvalho,

ao passo que o Centro de Estudos Indígenas passou a se chamar Centro de Estudos Indígenas Miguel A. Menéndez (Ceimam).

➔ BIN: 469920

Território Livre – São Paulo (SP), 1980

Publicação artesanal de literatura e crítica política lançada em 25 de fevereiro de 1980 em São Paulo (SP), mais precisamente no campus da Universidade de São Paulo (USP). Mimeografado ou impresso por fotocópia, o periódico era editado com dificuldade pela Academia de Letras da Faculdade de Direito de São Paulo, a chamada Arcadas, atualmente identificada como a Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Direito da USP. Inicialmente dirigido por Joaquim Nogueira Costa.

➔ BIN: 397172

Thot – São Paulo (SP), 1975

Editada pela Associação Organização Internacional Nova Acrópole (Oina) do Brasil, foi uma revista de filosofia, entre outros assuntos teóricos, criada em São Paulo (SP) em setembro de 1975. Seus editores, todos de início pertencentes ao Centro de Estudos Filosóficos da Oina do Brasil, foram Lia Diskin, Primo Augusto Gerbelli (diretor responsável) e Basílio Pawlowicz. Sabe-se que a publicação chegou a ser registrada em departamentos censores da Polícia Federal. Abordava assuntos como mitologia, psicologia, vida espiritual, antropologia, esoterismo, alquimia, cosmogênese, moral e costumes, a crise da civilização ocidental, astrologia, a ruptura com a sociedade tradicional, religiões e espiritualidade orientais, ética, política, ecologia, comportamento, artes marciais, física, matemática, entre outras coisas.

➔ BIN: 399540

Tição – Porto Alegre (RS), 1978

Revista focada na luta contra o racismo, no movimento de conscientização dos direitos dos negros, na construção de uma identidade negra para o negro brasileiro, no resgate da história afro-brasileira, no destaque à contribuição negra na cultura nacional e em demais questões raciais. Lançada em Porto Alegre (RS) em março de 1978, era editada por um grupo de jornalistas, professores, poetas, publicitários e estudantes capitaneados por Vera Daisy Barcellos e circulava formalmente como publicação da Editora Paralelo 30 Ltda. Provocativa, a começar pelo seu próprio título, e debatedora, abordava temas recorrentes à cultura e à sociedade afro-brasileiras, com foco no Rio Grande do Sul e no Brasil. Ali, reconhecia-se e denunciava-se a exclusão econômica, social e política do negro na sociedade brasileira, ressaltando-se a necessidade da participação do negro para transformar

esse quadro, explorando-se, de forma geral, o discurso antiamericano e de rejeição à autoridade militar.

↪ BIN: 453196

A Toca do Poeta – Guarabira (PB), 1982

Publicação literária marginal mimeografada mensal lançada em Guarabira (PB) em maio de 1982 através do Centro Integrado Rui Bezerra Cavalcanti, pertencente ao Serviço Social do Comércio (Sesc) local. *A Toca do Poeta* era editada e redigida por Geraldo Alverga Cabral, poeta de apenas 16 anos, que contava com a supervisão de sua mãe, Marisa Alverga, e a colaboração de Moisés Augusto Lopes, Dirceu Peçanha, Henrique Coutinho Eunice Domingos e outros. Como Geraldo havia falecido repentinamente em 25 de agosto de 1982, Marisa assumiu a publicação na 4ª edição, datada de outubro de 1982. A partir desta edição especial, o periódico passou a se chamar *A Toca do (Meu) Poeta*, e a vir com capas impressas em papel especial, sempre com uma imagem do jovem poeta. Desde então mantido por Marisa Alverga, o periódico veio a atingir longo tempo de vida, chegando pelo menos até 2010, sempre lembrando, saudosamente, o poeta Geraldo. Praticamente cada editorial publicado era uma carta de Marisa ao filho.

↪ BIN: 444413

Toque – Bagé (RS), 1976

Tabloide de política e cultura lançado no final de 1976 no município de Bagé (RS). Circulou oficialmente como propriedade do Grupo Aquarius de Cultura e Comunicação, e era dirigido e editado por Cláudio Almeida, com William Borba como secretário, Roberto Almeida como assistente e Sérgio Quintana como responsável. Abordou temas e questões como política nacional e internacional, cultura de massa, economia, patrimônio histórico e cultural gaúcho, a crise do petróleo no Oriente Médio, atualidades do movimento musical gaúcho, relações entre cultura e ideologia, movimentos político-culturais de contestação, personalidades politicamente engajadas da cultura brasileira, cinema, censura à arte, a vida em potências comunistas etc.

↪ BIN: 536733

Torre de Babel – alunos de Comunicação Social da Estácio de Sá, Rio de Janeiro (RJ), 1985

Jornal universitário, lançado na década de 1980 (provavelmente 1985) pelos alunos do curso de Comunicação Social da Faculdade Estácio de Sá, no Rio de Janeiro (RJ). Produzido modestamente, quase como um fanzine, tratava prioritariamente de questões relativas ao curso, à política estudantil e aos anseios e reivindicações dos alunos. Trazendo pequenos artigos, entrevistas, notícias sobre o cotidiano da faculdade, dicas de leitura, ilustrações,

comentários e propostas do centro acadêmico, o periódico era editado pelas estudantes Regina Sylvia e Maristela.

➔ BIN: 49742-8

Trabalhador Gráfico – Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas de Fortaleza, Fortaleza (CE), 1983

Minitabloide sindical lançado em julho de 1983 em Fortaleza (CE) pelo Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas de Fortaleza. Joana Borges assinava como sua editora responsável. Tratou de temas e questões como condições dignas de trabalho para a classe gráfica, desemprego e arrocho salarial, o funcionamento do sindicato, campanhas salariais e de sindicalização, Congressos das Classes Trabalhadoras (Conclat), o problema da seca no Nordeste, estabilidade empregatícia para gestantes, creches nas empresas etc.

➔ BIN: 483184

O Trabalhador Rural – Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura, Rio de Janeiro (RJ), década de 1960

“Revista mensal da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura”, a Contag, foi um periódico lançado possivelmente em agosto de 1969 no Rio de Janeiro (RJ). Dirigido por José Francisco da Silva, José Ary Griebler e Agostinho José Neto, era voltada ao público camponês, em caráter crítico, denunciativo e instrutivo com relação às lutas camponesas. Vinha com denúncias de despejos e das arbitrariedades do latifúndio, exposição de atividades agropecuárias nocivas ao trabalhador do campo, conceitos e importância da seguridade social, reflexões quanto à distribuição de renda e à injustiça social, exposição sobre a forma como as terras brasileiras estavam distribuídas, questões dos trabalhadores sem terra, atividades da Contag, questões sindicais, postura do governo com relação às lutas no campo etc.

➔ BIN: 153303

O Trabalho – Libelu, São Paulo (SP), 1978

Jornal lançado em São Paulo (SP) em 30 de maio de 1978, por Paulo Moreira Leite (diretor responsável), Edmundo Machado, Sandra Carvalho, Arthur Pereira Filho e Celso Marcondes, seus editores. Com tamanho standard e periodicidade oscilando entre quinzenal e semanal, a folha possuía caráter essencialmente político e trabalhista, calcado na esquerda trotskista. Favorável à autonomia do operariado, crítico, reivindicativo e denunciativo, circulava formalmente através da Palavra Editora como órgão sob influências da Organização Socialista Internacionalista (OSI), entidade surgida em 1975, sendo ainda fortemente ligado à corrente política conhecida como Liberdade e Luta (Libelu) e ao movimento estudantil brasileiro.

➔ BIN: 59000

O Trabalho – PT, São Paulo (SP), 1979

Publicação de política nacional e internacional, de inspiração trotskista, lançada em São Paulo (SP) em abril de 1978 por militantes do que viria a ser o Partido dos Trabalhadores (PT). No início da década de 1980, o periódico mudou de formato, passando a ser uma revista mensal em 1984 – mais precisamente no mês de abril, na edição nº 234, obedecendo à numeração que vinha sendo mantida desde 1978. Com o slogan “A emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores”, o periódico, em seu relançamento, circulou pela Palavra Editora Ltda., sob a responsabilidade de Edmundo Machado Oliveira, contando com conselho de redação composto por Glauco Arbix, Josimar Melo, Markus Sokol, Ricardo Melo e Flávio Pachalski.

➔ BIN: 463680

Transe – Brasília (DF), 1980

Lançado em Brasília (DF) em outubro de 1980, foi um periódico cultural, com reflexões sobre comportamento, sociedade, política, vida espiritual, naturologia, terapias alternativas e ecologia. Voltado à contracultura e à crítica de costumes, era dirigido por Wanderley Pinho Lopes, e contava com conselho editorial composto pelo próprio e por Fernando Lemos, João José Miguel, Bebé Prates e Chacal. Sob forte inspiração de Bhagwan Shree Rajneesh, também conhecido como Osho, *Transe* foi produzido através da Tao Livraria e Editora Ltda., que também lançava livros de Rajneesh.

➔ BIN: 393045

O Trem das 7 – Recife (PE), 1985

Criado no Recife (PE), provavelmente em 1985, foi um jornal/fanzine do Raul Rock Club 2. De postura política crítica e ácida, com base ideológica anarquista, trazia pequenas colunas e notas gerais sobre a vida e a obra de Raul Seixas, política (sua edição nº 13 do ano II, de outubro/novembro/dezembro de 1986, era especialmente dedicada à Central Única dos Trabalhadores), notícias e informes gerais relativos ao fã-clube, críticas, poesias e pequenas reportagens, além de pequenos anúncios. Circulava apenas para os associados ao fã-clube, em periodicidade irregular.

➔ BIN: 48152-1

Tribo – Brasília (DF), 1972

Tabloide de crítica política e de costumes, de caráter experimental e contracultural, fundamentado em bases anarquistas. Lançado em Brasília (DF) em fevereiro de 1972. O jornal nascera por iniciativa de estudantes da Universidade de Brasília (UnB), editado por Airton Garcia de Lima. Em linhas gerais, *Tribo* trazia entrevistas, ensaios, prosa e poesia, crítica de cultura, citações

e aforismos, textos experimentais, ilustrações, fotos, anúncios de publicidade, entre outras coisas.

➔ BIN: 496464

Tribuna da Luta Operária – PCdoB, São Paulo (SP), 1979

Tabloide criado em 18 de outubro de 1979 em São Paulo (SP), era inspirado no jornal clandestino *A Classe Operária*, um dos mais importantes da história do marxismo nacional. Pertencente ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB), que o criara em âmbito legal por conta da Anistia Internacional, era focado não apenas na resistência à exploração capitalista, mas na luta pelo socialismo e pelos direitos dos trabalhadores da cidade e do campo, pelo fim da ditadura militar (e pelo fim dos resquícios da mesma durante a Nova República) e por uma democracia de tipo popular. Contava com muitos jornalistas egressos do jornal de resistência ao regime *Movimento*, naquele momento em franca decadência. Inicialmente dirigida por Raimundo Pereira e editada pelo jornalista Walmor Marcelino, com conselho editorial por onde figuraram Rogério Lustosa, Olívia Rangel, Bernardo Joffily e Dilair Fernando de Aguiar, a Tribuna era uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda., impressa na Cia. Editora Joruês. Continha artigos, editoriais, entrevistas, reportagens, cartas e plataformas de organizações políticas, reivindicações, versos, fotografias, ilustrações, cartuns, entre outras coisas. Enfrentou diversas dificuldades, vítima da perseguição política à esquerda durante a ditadura.

➔ BIN: 311120

Tribuna Metalúrgica – Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, São Bernardo do Campo (SP), 1978

Tabloide sindical criado por volta de 1978 em São Bernardo do Campo (SP), circulava através do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de São Bernardo do Campo e Diadema. Teve importante participação na grande greve dos metalúrgicos do ABC Paulista, em 1979, momento em que chegou a tiragens oscilantes entre 20 e 30 mil exemplares por edição. Abordou assuntos trabalhistas inerentes às classes que representava, além de focar os percalços da política nacional, movimentos de greve em geral, problemas pontuais dos trabalhadores do ABC, violência policial, campanhas salariais etc. Durante a década de 1980, foi filiado à Central Única dos Trabalhadores (CUT).

➔ BIN: 495727

Tribuna Socialista – PDT, Rio de Janeiro (RJ), 1983

Minitabloide do Grupo de Comunicação do Partido Democrático Trabalhista (PDT). Lançado no Rio de Janeiro (RJ), crítico, reivindicativo e irônico, em tons agressivos e linguagem simplificada e popular, o jornal abordava

temáticas político-partidárias nacionais e internacionais. Em suas páginas viam-se propostas e propagandas do PDT, enaltecimentos a Leonel Brizola, escândalos políticos, polêmicas, artigos críticos ao governo militar, a carta de princípios do Grupo de Comunicação do PDT (à época coordenado por Wagner Teixeira, Ronaldo Buarque de Hollanda e Jacques Galinkin), debates, entrevistas, diretrizes da esquerda nacional, perfis, textos sobre a história do pensamento marxista nacional, reflexões e notícias sobre políticas educacionais e culturais, notas sobre situações da política nacional, apelos antineoliberais, reportagens, textos sobre ideologia, regimentos internos de congressos políticos, poemas, cartuns, entre outras coisas.

↪ BIN: 511080

A Trova Carioca – Rio de Janeiro (RJ), 1983

Rústico boletim informativo de periodicidade irregular lançado em 4 de outubro de 1983 no Rio de Janeiro (RJ), como órgão do Clube Carioca de Trova (CCT) e da Federação Brasileira de Entidades Trovistas (Febet). Datilografado e reproduzido por fotocópia ou mimeógrafo, trazia trovas, editoriais, notícias curtas e comentários sobre o trovismo nacional, ensaios discutindo ortografia e língua portuguesa, informes em nome da Febet e do CCT, relatos sobre lançamentos de novos clubes de trova, anúncios e regulamentos de concursos de trovas, endereços de autores e instituições, atas de encontros trovistas, entre outras coisas.

↪ BIN: 418307

Um Jornal Sem Regras – alunos da UFC, Fortaleza (CE), 1982

Periódico crítico e satírico criado em Fortaleza (CE) em 1982(?) pelo Laboratório Independente da Universidade Federal do Ceará (UFC). Criativo e irônico, focado em poesia, quadrinhos e outros tipos de arte, chegou a possuir periodicidade bimestral e trimestral, circulando em formato minitabloide. Além do lado cultural, o rigor político, combativo, desbocado e estudantil do jornal também era forte. Os editores da publicação assinavam como Falcão e Flácio D'Independência.

↪ BIN: 43816-2

Unidade – Sindicato dos Jornalistas Profissionais de SP, São Paulo (SP), 1975

Tabloide mensal de ordem política, sindical e social veiculado em São Paulo (SP) a partir de agosto de 1975 pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo. Denunciativo e reivindicativo, apontava problemas e questões envolvendo o mercado de trabalho jornalístico, liberdade de imprensa, particularidades da grande imprensa, cursos de comunicação de nível superior, embates na justiça, o papel do jornalismo na cultura de massa, entre

outras coisas. Audálio Dantas foi seu primeiro diretor – era também membro da diretoria do sindicato àquela época. *Unidade* nasceu como uma retomada do jornal *Unidade Jornalística*, que havia sido fundado pelo Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo em meados da década de 1960 e acabou extinto às vésperas do Ato Institucional Número 5 (AI-5).

↪ BIN: 326879

Unidade & Ação – Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Mun. do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ), 1977

Tabloide lançado no Rio de Janeiro (RJ) pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro em 10 de outubro de 1977. O periódico acabou sendo substituído pelo jornal *Nossa Pauta* por volta de 1988. Trazia editoriais, artigos, notícias, crônicas, informes do sindicato, conclamações, avaliações de greves e campanhas, planos de ação, reivindicações e moções produzidas em encontros de classe, fotos, ilustrações, cartas de leitores, perfis e homenagens a personalidades da imprensa carioca, serviços a conveniados, anúncios publicitários e informativos gerais quanto aos interesses da classe jornalística local.

↪ BIN: 443158

Unidade Jornalística – Sindicato dos Jornalistas Profissionais de SP, São Paulo (SP), década de 1960

Folha do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo em meados da década de 1960. Lançado no final de 1965 ou logo no início de 1966, era editado por Kioji Suzuki. Quando veio a lume, o sindicato era presidido por Adriano Campanhole, com Jorge Rodrigues de Mello como vice. Apresentava e discutia assuntos e questões como a regulamentação da profissão de jornalista, acordos salariais, a defesa de jornalistas em disputas com órgãos de imprensa, assistência social à classe, cooperativas jornalísticas, a situação do jornalista no mercado de trabalho, problemas no campo trabalhista brasileiro, crítica ao ensino superior de comunicação, denúncia de desrespeito à legislação de proteção ao trabalho, monopólio da opinião pública, liberdade de imprensa, atividades recreativas, variedades quanto a outros movimentos de classe, bolsas e prêmios para jornalistas, convênios e atividades para sindicalizados, congressos nacionais etc.

↪ BIN: 155926

Universidade – UNE, São Paulo (SP), 1985

Tabloide lançado em São Paulo (SP) em fevereiro de 1985 pela União Nacional dos Estudantes (UNE). Foi publicado sob a responsabilidade de Antonio Martins, do Departamento de Imprensa do órgão estudantil, “para divulgar as propostas para o IV Seminário Nacional de Reforma Universitária”,

que ocorreu entre 24 e 28 de julho de 1985, na capital paulista. Composto e impresso nas oficinas da Editora Joruês, além de expor e discutir os tópicos da UNE para a reforma universitária brasileira, abordou questões como as influências do capital estrangeiro no meio acadêmico nacional, o estímulo do governo brasileiro à privatização do ensino, a falência do modelo de educação no Brasil e a crise do ensino público, problemas econômicos, os reflexos da arbitrariedade do regime militar, o processo de esvaziamento da universidade brasileira, a pedagogia com vistas à democracia, desigualdade social etc.

➔ BIN: 491497

Vade-Mecum Sindical – Rio de Janeiro (RJ), 1968

Periódico sindicalista criado no Rio de Janeiro (RJ). Chegou a possuir uma edição especial destinada a assuntos de ordem jurídica, datada de novembro de 1968, chamada *Vade-Mecum Sindical – Legislação e Jurisprudência* (BIN: 26340-0).

➔ BIN: 26342-7

O Vagão – Belo Horizonte (MG), 1977

Jornal cultural surgido em Belo Horizonte (MG) em julho de 1977, editado por Wanderley Batista, com conselho editorial composto por Alvanir Ferreira Avelino, Apoena Marques, Edson Moreira Resende, Willer Velloso, Paulinho Assunção e Severino Falcão. Apresentava-se como “uma publicação aberta às tendências culturais de hoje, à pesquisa e informação, editado e distribuído por Garimpo – Arte e Pesquisa Editorial”. Circulando como tabloide, era voltado principalmente à arte crítica e politicamente engajada. Não passou de um ano de existência, encerrando sua publicação possivelmente no nº 7 de abril de 1978.

➔ BIN: 496812

Varadouro – Rio Branco (AC), 1977

Tabloide político e combativo, surgido em Rio Branco (AC) em maio de 1977. Um dos mais destacados da Região Norte, nascera da pequena empresa jornalística Macauã Produções Gráficas e Publicações Ltda., montada pelos sócios Elson Martins da Silveira, Silvio Martinello, Abraham Farhat Neto, Luís Carvalho, Célia Pedrina Rodrigues Alves, Alberto Furtado e Arquilau de Castro Melo. Para sair, a 1ª edição do jornal contou com a ajuda de Dom Moacyr Grechi, bispo de Rio Branco, que adiantou dinheiro da cúria para a estreia (as cinco primeiras edições foram financiadas pela Igreja, que não exerceu controle editorial sobre a publicação). De aspecto rústico e despojado, tanto graficamente quanto em escrita, era crítico e debatedor, repleto de denúncias e indignações de ordem política e social. Escrito em linguagem popular, de forma simples e direta, tocava inúmeros temas, sempre referentes

às ameaças que sofriam a Amazônia, seus recursos naturais e seu povo. Tratava primordialmente de questões indígenas, de posseiros, de seringueiros e demais figuras do povo amazônico, frente ao poderio de empresas agropecuárias e seus respectivos agentes.

➔ BIN: 47872

Verbo Encantado – Salvador (BA), 1971

Minitabloide cultural voltado à arte de vanguarda e à marginália. Era o porta-voz do movimento conhecido como “baianidade”. Contracultural e tropicalista, passava pela crítica de costumes e pela ruptura com velhas formas de pensar e agir sem, no entanto, apresentar um posicionamento ideológico definido. Foi criado em Salvador (BA) em outubro de 1971. Tinha linguagem coloquial, recorria a gírias em seu corpo textual. Era editado em uma sala de aproximadamente vinte metros quadrados numa casa alugada numa escadaria entre a Rua Visconde de Mauá e a Avenida Contorno por Armindo Jorge Bião, Luciano Diniz e Carlos Eduardo Ribas & Ribamar (o único jornalista profissional de sua equipe), contando ainda com o redator-chefe Álvaro César Barbosa Guimarães. Circulava através da Alef Empresa Jornalística Limitada, criada para editar o periódico e dividida entre Bião, Guimarães e Ceomara Paim Couto.

➔ BIN: 656038

Verbo Encarnado – Rio de Janeiro (RJ), 1985

Rústico periódico literário, voltado à divulgação da poesia marginal lançado no Rio de Janeiro (RJ) possivelmente em fins de 1984. Era editado pelo grupo de poesia Verbo Encarnado, criado por volta de outubro de 1984, que realizava suas atividades na biblioteca do Serviço Social do Comércio (Sesc) Tijuca, instituição esta apoiadora da publicação. Sua impressão dava-se por fotocópia, provavelmente feita no SESC Tijuca, e suas edições contavam entre 12 e 24 páginas grampeadas. Aparentemente, o periódico circulava de mão em mão, gratuitamente. Aatualpa Antonio Pereira Filho foi um de seus responsáveis.

➔ BIN: 306568

Verso Reverso – Rio de Janeiro (RJ), 1985

“Revista literária tupiniquim” lançada no Rio de Janeiro (RJ) em 1985(?). Especializada em poesia, circulava através da editora Uirá, editada por Carlos Miranda e Evanir Nunes. Trazia poemas, textos em prosa, cordéis, trechos de romances inéditos, pequenas notícias sobre literatura (destacando-se encontros literários, novidades de centros culturais etc.), homenagens a escritores, listas de publicações recebidas, listas de endereços de publicações ou de grupos culturais ou políticos nacionais e internacionais, ilustrações, fotos,

anúncios de publicações alternativas ou de iniciativas ligadas à literatura marginal (como a Banca Nacional de Literatura Independente) etc.

↪ BIN: 421871

Versus – São Paulo (SP), 1975

Tabloide debatedor, cultural, crítico e analítico, lançado em São Paulo (SP) em outubro de 1975, criado e inicialmente dirigido por Marcos Faerman. Nasceria sob o pesar pelo assassinato do jornalista Vladimir Herzog, no mesmo mês em que chegara às bancas pela primeira vez. Com textos opinativos, grandes reportagens, páginas de literatura, quadrinhos e entrevistas, todos com enfoque político e cultural, o jornal possuía boa incidência de ilustrações. Sua faceta política, discutida através de linguagens metafóricas, não englobava apenas o Brasil: a América Latina e a África também eram exploradas. Marcos Faerman, homem-forte da publicação, defendia o uso do Novo Jornalismo na mídia impressa brasileira, moldando a linguagem de *Versus* a partir deste método, possuindo também uma forte linha de jornalismo histórico (onde se usava do passado para abordar os horrores e injustiças do presente). Em janeiro de 1978, militantes da Liga Operária vieram a fundar, dentro de *Versus*, o partido Convergência Socialista, na primeira proposta para um partido socialista legal, durante o período de abertura política. Nesta mesma época, o tabloide testemunha a mudança de nome da Liga Operária (clandestina) para Partido Socialista dos Trabalhadores (PST), agora uma iniciativa legal que mantinha a Convergência Socialista sob seu controle.

↪ BIN: 77852

Vida & Cultura Alternativa – São Paulo (SP), 1984

Lançada em São Paulo (SP) em novembro de 1984, foi uma revista focada em temas sociais, educação, medicina, espiritualidade, política, tecnologia, contracultura, alimentação, terapias alternativas, ufologia, astrologia e sociedade brasileira. Dirigida por Marjan Fromer, Hélio Fromer e Mário Innocentini, trazia sobretudo grandes reportagens e matérias em tom mais formal do que a imprensa nanica em geral. Publicado pela Quatro Oceanos Editora Ltda., o periódico era impresso na Editora Ave Maria Ltda.

↪ BIN: 44429-4

Viva a Poesia – Joinville (SC), 1982

Rústica revista literária, focada em poesia marginal, lançada em Joinville (SC) em agosto de 1980 através do Grupo Varal Literário. Em tiragens iniciais de 500 exemplares, saía em formato 21,5 cm x 15,5 cm, já que era um apanhado de folhas de papel sulfite tamanho A4 grampeadas, reproduzidas por mimeógrafo. Eunaldo Verdi e Rosiana Roweder eram seus coordenadores gerais.

↪ BIN: 446858

Viva Eu – São Paulo (SP), 1980

Rústica revista cultural de tendências libertárias e anárquicas, lançada em São Paulo (SP) em novembro de 1980. Embora criada para ser uma única edição, continuou sendo publicada, mudando de formato a cada número. Editada por Rauer Ribeiro Rodrigues, Roberto Luís dos Santos e Valéria (aparentemente residentes do Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo, o Crusp), trazia poesia, prosa, aforismos, artigos, ensaios, trechos de livros, ilustrações, entre outras coisas. Anunciava livros alternativos e material para intercâmbio cultural. Tratava de questões como política, crítica de costumes, libertação sexual, opressão à arte engajada, literatura, cinema, teatro.

➔ BIN: 452769

Votu's – Votuporanga (SP), 1980

Tabloide de cultura, crítica política e variedades locais lançado em Votuporanga (SP), possivelmente em 1980 – a edição publicada no dia 8 de agosto deste ano, a única consultada nesta pesquisa, não trazia numeração. Editado por José Carlos Pontes e Pretto Morenno, contando com Joel Silveira Leite como jornalista responsável e com Octávio Viscardi Filho, Edson Longo Júnior, Zito Ferrari e Abílio Fabiano como colaboradores, circulava mensalmente através da GSV Editorial Ltda., sendo composto e impresso na Editora e Linotipadora Rio Preto Ltda.

➔ BIN: 496766

Voz Ativa – CA da Faculdade de Economia e Administração da UFRJ, Rio de Janeiro (RJ), 1979

Periódico estudantil criado no Rio de Janeiro (RJ) em 1979(?). Porta-voz do Centro Acadêmico da Faculdade de Economia e Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), discutia e divulgava prioritariamente questões ligadas ao cotidiano universitário local, à política estudantil, à política nacional e à educação. Sua postura reivindicativa e mobilizadora refletia-se em artigos e poemas críticos sobre temas como sociedade, alienação, trabalho etc. Alguns dos participantes de “Voz Ativa” assinavam como Adriano J. P. Rodrigues, Mozart V. de Paiva, Pascotto, Luiz Henrique M. de Lima, entre outros.

➔ BIN: 49744-4

Voz da Nação – São Paulo (SP), 1985

Tabloide contestador, político e de esquerda, lançado em São Paulo (SP) em 1º setembro de 1985. Com linguagem crítica remanescente dos jornais de resistência do início da ditadura militar, abordava predominantemente assuntos políticos nacionais e internacionais, atacando ferozmente as injustiças sociais causadas pelo neoliberalismo, muitas vezes em tonalidades inconformadas de

denúncia. Favorável às lutas populares por independência e extremamente contrário às opressões do imperialismo global – com acentuada antipatia pelo sionismo –, criticava a imprensa internacional, “controlada e manipulada”. Foi dirigido por Nilson Dalledone (diretor presidente) e Solange D’Almeida Borges Dalledone (diretora responsável), com José Gil de Almeida assinando como jornalista responsável.

➔ BIN: 512109

Voz da Unidade – PC, São Paulo (SP), 1980

Jornal político de esquerda publicado em São Paulo (SP) a partir de 30 de março de 1980. Representando as ideias do Partido Comunista Brasileiro (PC), que, mesmo formalmente ainda na ilegalidade, voltava à ativa com a reabertura política e tinha Luís Carlos Prestes como seu secretário-geral, o periódico se colocava ao lado de outros criados ao longo da história do partido, como *O Momento*, *Tribuna Operária*, *Classe Operária*, *Voz Operária*, *Imprensa Popular* e *Problemas da Paz e do Socialismo*. Como esses outros títulos, dos quais era herdeiro, veio a lume com a anistia política, aprovada no Congresso em 22 de agosto de 1979, que fez com que o PC suspendesse a publicação do seu jornal do momento, *Voz Operária*, editado fora do Brasil desde 1976. Na ocasião, o partido juntou forças para a edição de um semanário em novos moldes, que veio a ser a *Voz da Unidade*. Este tratava predominantemente de questões políticas e culturais, sob o prisma das correntes marxistas que tinham voz no PCB. Mas, em linhas gerais, preocupava-se em defender o retorno da democracia no Brasil num momento em que a ditadura instituída após o golpe militar de 1964 já agonizava, contando com o trabalho e a colaboração de militantes comunistas em todo o país.

➔ BIN: 584754

Voz do Cárcere – detentos do Presídio Central de Porto Alegre, Porto Alegre (RS), 1981

Jornal criado em 1981(?) em Porto Alegre (RS), como publicação dos internos do Presídio Central de Porto Alegre. Contestador e debatedor, por e para detentos, era dirigido pela assistente social Dra. Ema L. Licks, que contava com o editor Sérgio Antônio Figueiredo. Trazia artigos críticos ao regime militar e à política nacional, debates sobre a relação entre o poder público e o presidiário, entrevistas, cartas de leitores, notícias e denúncias do cotidiano do Presídio Central, apelos de internos, notificações da Secretaria da Justiça do Rio Grande do Sul, notas bem-humoradas, poemas, depoimentos, contos, entre outras coisas, incluindo textos de temas variados: direitos e situações emocionais dos internos, dificuldades enfrentadas pelo egresso das penitenciárias, motivação e fé na liberdade, religião, questões e projetos sociais, direitos humanos, superlotação nos presídios, trabalho

infantil, educação, falhas do Código Penal brasileiro, desemprego, cotidiano da equipe técnica e auxiliar do serviço social do Presídio Central, manifestações de paz, campeonato de futebol dos detentos, festividades e datas especiais etc.

➔ BIN: 495689

Zero – Arraial do Cabo (RJ), 1978

Jornal lançado em Arraial do Cabo (RJ) em 5 de janeiro de 1978, prioritariamente voltado a assuntos de interesse local, abrangendo as cidades fluminenses de Maricá, Saquarema, Araruama, São Pedro da Aldeia e Cabo Frio (na época, Arraial do Cabo ainda fazia parte de Cabo Frio). Crítico, opinativo e denunciativo, circulando pela Editora Zero Ltda., era dirigido por José Nilo Tavares, Eduardo Novellino e Euro Luiz Arantes (um dos fundadores do célebre jornal *Binômio*, em Belo Horizonte).

➔ BIN: 111341

Zezinho – Vitória (ES), 1985

“O jornal que não entra no pique da Globo”, foi um rústico periódico de crítica política e cultural, com ênfase em literatura e cultura popular, lançado possivelmente no primeiro semestre de 1985 em Vitória (ES). Editado por Eduardo Selga da Silva, saía como órgão informativo do Clube dos Trovadores, Poetas e Escritores do Morro do Quadro (Cepemq), que tinha base no nº 365 da rua José Machado, no bairro Tabuazeiro. Apesar de sua preocupação com questões culturais, *Zezinho* também comentava assuntos como ecologia.

➔ BIN: 436712

Referências

ALBERNAZ, Bia; PELTIER, Maurício. *Almanaque de fanzines: o que são por que são como são*. Rio de Janeiro: Arte de Ler, 2002(?).

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. *A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000.

Arquivos da Polícia Política Mineira – acervo do período de 1927 a 1982. Arquivo Público Mineiro. Disponível em: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/dops/search.php>. Acesso em: 23 mar. 2022.

Arquivo Público do Distrito Federal: Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central. *Imprensa alternativa e cultural, 1970-1984: catálogo de títulos*. Brasília: Arquivo Público do Distrito Federal: Codeplan, 1995.

Associação Brasileira de Reforma Agrária. *Memória da luta pela reforma agrária no Brasil: catálogo do acervo da Abra no período 1967 – 1997*. Brasília: MDA, Londrina: UEL, 2007.

- BEHR, Nicolas. *Geração mimeógrafo*. Brasília: Navégus, 1979, n, 2, ano 1.
- Brazil's Popular Groups*. Library of Congress Overseas Offices. Disponível em: <http://www.loc.gov/acq/ovop/rio/bpg/bpg-portuguese.html>. Acesso em: 22 mar. 2022.
- BUENO, Márcio. A imprensa alternativa – ontem e hoje. In: MELLO, Maria Amélia (org.). *Vinte anos de resistência: alternativas da cultura no regime militar*. Rio de Janeiro: Espaço e tempo, 1986.
- Catálogo de Imprensa Alternativa*. Centro de Imprensa Alternativa e Cultura Popular (Rio de Janeiro, RJ). Rio de Janeiro: Rio Arte, 1986.
- CHINEM, Rivaldo. *Jornalismo de guerrilha: a imprensa alternativa brasileira da ditadura à Internet*. São Paulo: Disal, 2004.
- COHN, Sérgio (org.). *Nuvem Cigana – poesia e delírio no Rio dos anos 70*. Rio de Janeiro: Azougue, 2007.
- DOPS - Série Pastas Temáticas 1937-1989*. Arquivo Público do Paraná. Disponível em: <https://www.administracao.pr.gov.br/ArquivoPublico/Pagina/DOPS-Serie-Pastas-Tematicas-1937-1989>. Acesso em: 22 mar. 2022.
- Fundo DEOPS*. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/permanente/deops.php>. Acesso em: 22 mar. 2022.
- HORTA, Sandra; ARRUDA, Yama. *Catálogo da Imprensa Alternativa – breve comentário sobre o acervo*. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4203404/4101358/catalogo_imprensa_alternativa.pdf. Acesso em: 22 mar. 2022.
- KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Edusp, 2003.
- MAGALHÃES, Henrique Paiva de. *O que é fanzine*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- NITRINI, Dácio; SEVERIANO, Mylton; CHIODI, Amâncio. *Ex-*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Vladimir Herzog, 2010.
- NUNES, Andrea Paiva. *Todo lugar é possível: a rede de arte postal, anos 70 e 80*. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRS, 2004.
- PEREIRA FILHO, Francisco José Bicudo. *Caros amigos e o resgate da imprensa alternativa no Brasil*. São Paulo: Annablume, 2004.
- ROLLEMBERG, Denise. A imprensa no exílio. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (org.). *Minorias silenciadas: história da censura no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.
- SMITH, Anne-Marie. *Um acordo forçado: o consentimento da imprensa à censura no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- VERDELHO, Valdeci. A nova imprensa sindical. In: FESTA, Regina e SILVA, Carlos Eduardo Lins da (orgs.). *Comunicação popular e alternativa no Brasil*. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.

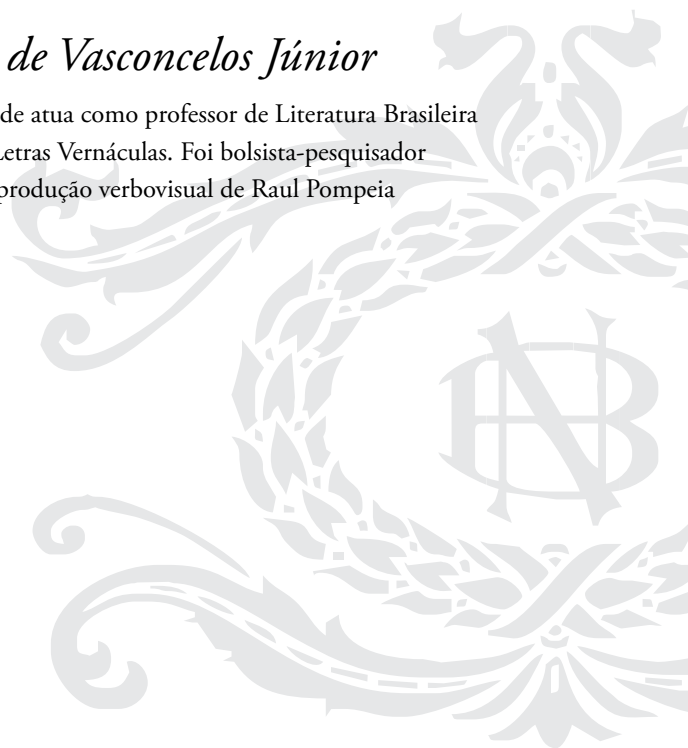
Preciosidades do Acervo



A produção verbovisual de Raul Pompeia no acervo da Biblioteca Nacional

Gilberto Araújo de Vasconcelos Júnior

Doutor em Letras Vernáculas (UFRJ), onde atua como professor de Literatura Brasileira no Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas. Foi bolsista-pesquisador da FBN com projeto dedicado à produção verbovisual de Raul Pompeia





Resumo

Este projeto visa a estudar as obras de Raul Pompeia que promovem a convivência de signos verbais e visuais, de modo a permitir a análise articulada e sistemática das duas linguagens, aqui componentes de um complexo semiótico pioneiro nas artes brasileiras do século XIX. Partimos de quatro focos de pesquisa: (1) caricaturas e charges na imprensa periódica; (2) as ilustrações do romance *O Ateneu*; (3) os poemas em prosa ilustrados e (4) capas de livros desenhadas pelo escritor. Alicerçado em material quase inacessível, este projeto tem como fonte de pesquisa imprescindível a Fundação Biblioteca Nacional, onde, no caso de Raul Pompeia, ex-diretor da instituição, repousam ainda vários itens exclusivos, como manuscritos, cartas e desenhos originais.

Palavras-chave: Literatura brasileira. Artes visuais. Periódicos. Ilustrações. Século XIX. Raul Pompeia.

Abstract

This project aims to study Raul Pompeia's works which promote the coexistence of verbal and visual signs, in order to allow an articulated and systematic analysis of both languages, here components of a pioneering semiotic complex in the Brazilian 19th century arts. We selected four research focuses: (1) cartoons in the periodical press; (2) the illustrations for the novel *O Ateneu*; (3) illustrated prose poems; and (4) book covers designed by the writer. Based on almost inaccessible material, this project has as a fundamental source of research the Fundação Biblioteca Nacional, where, in the case of Raul Pompeia, former director of the institution, there are still several unique items, such as original manuscripts, letters and drawings.

Keywords: Brazilian literature. Visual arts. Newspapers. Drawings. 19th Century. Raul Pompeia.



Introdução

O ano de 1888 foi decisivo na carreira de Raul Pompeia, não apenas pela publicação de *O Ateneu*, mas também pela abolição da escravatura, causa que, irmanada ao republicanismo, representava suas lutas máximas. Desfeitas as ilusões sobre a recém-proclamada República de 1889, a vida de Raul parece refletir a disforia e a tensão vividas na capital federal, assolada pelo autoritarismo de Floriano Peixoto e pelas inúmeras manifestações civis e militares contra o presidente marechal. Embora difundisse na imprensa críticas ao regime, Pompeia assumiu postura francamente florianista, colhendo inimizades, inclusive entre antigos parceiros de letras e ideologia, como Olavo Bilac e Luís Murat. É sob rumores de protegido do ditador que assume, em 1894, a direção da Biblioteca Nacional, onde permanece até 1895, após a deposição de Floriano por Prudente de Moraes, que também exonerou o escritor da função de professor de Mitologia na vizinha Escola de Belas Artes. Nesse biênio conturbado, envolveu-se em muitas querelas na imprensa e desgastou-se psicologicamente, cometendo suicídio em dezembro de 1895.

Sua breve passagem na Biblioteca Nacional carece de estudo mais acurado. Seus principais biógrafos – Eloy Pontes, Brito Broca e Camil Capaz – abordam-na celeremente, pois privilegiam as acaloradas discussões na imprensa nesse período. A lacuna difunde a falsa ideia de uma direção anódina mas, pelos documentos depositados na Biblioteca Nacional (carentes de investigação pormenorizada), temos acesso à contribuição efetiva de Pompeia, seja no trabalho exaustivo de Estatística (era também diretor geral de Estatística na instituição) ou na atualização constante do acervo, aferível nos bilhetes, cartas, ofícios, circulares e relatórios¹, solicitando livros e periódicos recentes, nacionais ou estrangeiros², fora o carvão para iluminação elétrica, mapas e objetos variados³. Pela contingência biográfica, esse “arquivo pessoal” do ex-diretor é exclusivo da Fundação Biblioteca Nacional (doravante FBN) e seu exame incrementa os estudos pompeianos, enaltecendo simultaneamente o quilate da instituição.

O objetivo deste projeto não é propriamente recuperar os detalhes biográficos da permanência de Raul como diretor, visto que sua presença no acervo na FBN é muito mais rica e variada, ultrapassando, com larga folga, a virada de 1894 para 1895: sua primeira publicação registrada data de 1874, aos 11 anos de idade.

1. Um exemplo encontra-se em http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1286800/mss1286800.pdf.

2. O fornecimento de jornais estrangeiros pode ser comprovado em http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1296509/mss1296509.pdf.

3. <http://bndigital.bn.gov.br/acervodigital> e <http://bndigital.bn.gov.br/acervodigital>.

Sempre abastecidos dos itens alocados na FBN, almejamos estudar, de maneira articulada, as produções verbais e visuais de Raul Pompeia, cuja versatilidade gráfica espalha-se para além das famosas ilustrações de *O Ateneu* ou das caricaturas desferidas nos periódicos, timbrando presença em charges, capas, ilustrações e vinhetas. Insistimos na abordagem integrada de letra e imagem, porquanto se costuma destacar apenas a veia caricatural de Raul, negligenciando-se sutilezas e matizes de sua pena, responsável por intrincado sistema de relações semióticas, inédito na iconografia brasileira. Para desenvolvimento da empreitada, organizamos a pesquisa e este ensaio em quatro focos de investigação, numerados a seguir.

Ressaltamos que as quatro seções deste estudo podem apresentar alguma desproporção, justificada pela importância do grupo examinado no conjunto da obra plástica de Raul. Além disso, muitas imagens localizadas por nós ficaram de fora deste trabalho, a exemplo dos desenhos esparsos⁴, das caricaturas presentes nos periódicos estudados e algumas avulsas e das ilustrações não inseridas em *O Ateneu*. Essa ausência deve-se tanto ao fato de alguns desses materiais não pertencerem ao acervo da FBN, quanto ao princípio metodológico: privilegiamos “obras acabadas” para tornar o projeto exequível e, na medida do possível, consistente. É intenção nossa continuar examinando a totalidade dessa produção de Raul Pompeia, mesclando acervos privados e públicos do país, dentre os quais, pelos motivos aqui expostos, a FBN se destaca.

Charges e caricaturas na imprensa periódica

No colégio Abílio, um bacharel, não agraciado com os “Bancos de honra”, decidiu questionar o vice-reitor que, incomodado com a ousadia do moço, convoca dez funcionários (dentre eles, dois inspetores) para espancar o requerente até expulsá-lo da instituição. O rapaz denunciou o caso na grande imprensa, havendo também mobilizado o jornalzinho *O Archote*, que circulava dentro do colégio. Nele, o enfurecido articulista Fabricius denunciava “a parcialidade e a injustiça” (POMPEIA, 1874, p. 1) na escola, alegando que os bancos “não são concedidos a quem os merece”, mas aos “íntimos” (POMPEIA, 1874, p. 2) dos premiadores. O fato ocorreu em 1874, quando Fabricius, estudante do Abílio, contava com 11 anos de idade. Foi o primeiro pseudônimo importante de Raul Pompeia.

4. Alguns exemplos: “Alegoria à passagem do Ano Novo” (http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon530918/icon530918.jpg), “D. Quixote de la Mancha” (http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon530917/icon530917.jpg), “Mme. Quasimodo” (http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon530920/icon530920.jpg).

Prova de talento precoce nos campos literário, plástico e social, *O Archote* é raro periódico manuscrito e ilustrado pelo jovem escritor, e seu último e raríssimo exemplar, o de número 4, em que se denuncia o episódio acima, encontra-se fac-similado no acervo da FBN. São apenas 4 folhas – as duas primeiras com textos; as últimas, com desenhos legendados –, talvez o pioneiro documento público da vocação verbovisual de Pompeia, já que suas criações anteriores pouco extrapolavam o âmbito doméstico.

Em cabeçalho de letras e traços resplandecentes, *O Archote* pretende iluminar (por isso o título) a consciência dos estudantes, sendo porta-voz dos problemas colegiais e incentivador da atuação crítica dos discentes. Na folha, Fabricius ainda revela preocupação com as desigualdades externas, incitando os leitores a observar a sociedade, de onde, em verdade, provinham as mazelas exemplificadas na ocorrência denunciada: “Terminando, apertamos com efusão a mão do 5º ano e nos despedimos esperando encontrar-mo-nos ou no 6º ano ou fora do colégio lá na sociedade” (POMPEIA, 1874, p. 2). Em silenciamento estratégico, o periódico finaliza junto com o calendário letivo, semeando inquietações nas férias ou no ano seguinte. Passemos a examinar as imagens do tabloide.

Na primeira faixa, avultam feições borradas dos personagens, distintos pela compleição, pelos cabelos e pela indumentária. Com ao menos uma perna flexionada ou as duas entreabertas e os dedos em riste, o vice-reitor porta-se como lutador de esgrima, em postura de violência glamourosa, já que, a rigor, mantém-se alheio à surra desferida por seus funcionários. É interessante contrapor a desfiguração dos rostos nas duas primeiras sequências – sobretudo do bacharel, identificado pelo pergaminho, e dos criados – e a precisão fisionômica na terceira fita de desenhos. Nela, sucedem-se três bustos, todos em traços arqueados, sugerindo a vergonha dos denunciados. O embate de proporções entre as cabeças e o restante da página avigora a intenção delatora.

Em sequência narrativa semelhante às histórias em quadrinhos, com legendas em vez de balões, o bacharel vai ao bispo denunciar o acontecimento, a fim de propagá-lo no *Jornal do Commercio*. Praxe na obra do artista ateu, a autoridade religiosa é, em *O Archote*, caricatural: a mitra pontiaguda aproxima-o de um burro e seu corpo coleante assemelha-se a um jornal dobrado, metamorfose concluída na terceira gravura da primeira linha.

O revide resulta anódino, pois o rapaz continua subordinado aos desmandos do vice-reitor, que zomba do bacharel, chamando-o “fuão”. Para mais desprezar a importância do jovem, o docente, em gagueira ofensiva reduplica as sílabas da palavra “indivíduo”, transformado em “indivividuado”, procedimento morfológico que, no campo semântico, pretende solapar a identidade do bacharel. Isto é, aquilo que o tornaria único indivíduo) é maldosamente fragmentado pelo vice-reitor. Em outras palavras, o neologismo divide o que, ontologicamente, é indivisível.

Coroando essa prepotência, *O Archote* finaliza com a justaposição irônica de dois desenhos, ambos em tamanho avantajado: um tamanco, síntese da truculência dos poderosos, e um aperto de mãos, cumprimento de despedida e da parceria entre os alunos contra os abusos.

Passado o período escolar, Raul Pompeia ingressa na Faculdade de Direito de São Paulo, onde encontra a antipatia de professores ultramontanos e a amizade de Luiz Gama, Silva Jardim, Valentim Magalhães e tantos outros que o incentivaram a colaborar na imprensa. O batismo ocorreu em *A Comédia*, com três meses de duração (PONTES, 1935, p. 74), depois rebatizada de *Entr'acto* e enfim de *O Bohemio*, que consagrou Pompeia como o caricaturista Rapp (PONTES, 1935, p. 75). Segundo Herman Lima (1963, p. 1.681), em *História da caricatura no Brasil*, é nesse jornal que se projeta o sucesso de Raul nas artes gráficas, correlato ao êxito literário decorrido de sua novela abolicionista, *Uma tragédia no Amazonas*, lançada um ano antes.

Uma das capas da gazeta (a da edição de 8 de outubro de 1881) trazia desenho do nosso autor, em que o rosto do personagem mesclava-se, em clima de camaradagem boêmia, aos semblantes dos oito integrantes da redação e perfurava uma tela emoldurada, branca como uma página vazia. A atitude jocosa e irreverente sublinha a emersão da imagem onde se supunha haver apenas texto. Boemiamente, o periódico cambaleia entre os dois terrenos.

De fato, *O Bohemio* compila o maior número de caricaturas inseridas por Pompeia num único jornal. Neste ensaio, seria impraticável abordar todas, podendo o interessado consultar o catálogo *Exposição comemorativa do nascimento de Raul Pompeia*, publicado pela Biblioteca Nacional em 1963, já que esse material ainda não foi digitalizado. Limitemo-nos, por ora, à ilustração mais polêmica e que, segundo os biógrafos Eloy Pontes (1935, p. 82) e Camil Capaz (2001, p. 41), projetou o nome de Raul Pompeia na vida pública de São Paulo.

Em 1881, Miguel Lemos esteve na capital paulista para conferências sobre o positivismo. Abolicionistas e republicanos, os jovens articulistas, dentre eles Fontoura Xavier, Raimundo Correia e Teófilo Dias, saudaram e acolheram o palestrante, levantando a rejeição de jornais escravagistas como *Diario de Campinas* e *Opinião Liberal*. A resposta veio da pena ácida de Rapp, na famosa charge “Agonia e morte do *Diario de Campinas*”.

Almejando “criar uma ideia ou realizar um ensinamento sem exigir esforço” (LIMA, 1963, p. 1.668), a caricatura de Raul Pompeia parodia as cenas da paixão de Cristo, com alterações risíveis e mordazes: Jesus, substituído pelo *Diario*, torna-se um burro cuja coroa é uma ferradura e é anunciado como “*Ecce asinus*”. Para além do ateísmo ferrenho de Rapp, a intertextualidade bíblica não é gratuita, pois, tendo em mira um jornal conservador, ofende o adversário em uma de suas bases mais fortes, o cristianismo.

No primeiro desenho, canto superior direito, o asno escolheia vários manuais de inteligência, dentre eles a gramática, preparando o terreno para que,

na segunda estampa, sua estupidez, paródia de Judas, o entregue ao ferino *O Bohemio*, convertido em cruz de papel na ilustração central. Sancionado burro após pedir que o pai o afaste do feixe, remissão irônica ao chicote do segundo quadro, no quinto, o onagro inicia o Calvário, contorcendo-se e chafurdando em lixo antes da crucificação.

A palavra “diário” surge em todos os quadros; no sexto, aparece a palavra “lixo”. No caso específico de “Agonia e morte do *Diario de Campinas*”, os elementos verbais funcionam não apenas como legenda ou marcação narrativa, práticas já verificadas em *O Archote* e posteriormente extensivas a *O Binoculo*; entram, em *O Bohemio*, como reforçadores irônicos daquilo que a plasticidade sozinha, dados o excesso de informações visuais ou o pequeno espaço disponível, não seria capaz de evocar. No 6º fragmento, por exemplo, sob as patas do burro açoitado, o vocábulo “lixo”, repetido algumas vezes no chão, evidencia a dificuldade em debuxar, *naquele espaço*, a sujeira. Além disso, por tratar-se de um jornal, representar o lixo em palavra e letras aprimora o deboche sobre a obtusidade discursiva do *Diario*. Não há, portanto, apenas a relação complementar entre texto e imagem, conforme verificado em outras charges; signos verbais e visuais dialogam também por complementariedade, buscando sanar mutuamente suas “insuficiências” expressivas sem que um dependa de todo do outro.

Nas bordas de cada uma das telas, os tracejados evocam tanto a vegetação do Jardim das Oliveiras, radicalmente ironizado no último com as flores-ferraduras, quanto as chamas do inferno. A presença do fundo, ingrediente tímido ou ausente em *O Archote*, amplia a perspectiva do desenho de Raul Pompeia: sua inequívoca vocação de retratista junta-se a um fundo que fornece luz ao primeiro plano e agrega elementos narrativos que ampliam a semântica do centro da imagem, compondo, na verdade, uma cenografia.

Um pouco mais tarde, em *O Binoculo*, periódico carioca publicado no biênio 1881 e 1882, o principal desenho de Raul Pompeia intitula-se “Homenagem a Pombal”, ocupando página central do número 31, de maio de 1882. Na ocasião, comemorava-se o centenário do Marquês de Pombal, figura antipatizada pela gazeta republicana. Em artigo que antecede a charge, A. D. Lino sintetiza a ojeriza ao déspota lusitano:

Mas, dize-nos cá, bom Júbilo: sabes tu o que significa esta apoteose ao Marquês de Pombal? Significa o aplauso inconsciente de um povo santamente ignorante a um estrangeiro que só tendo feito mal ao seu país não podia fazer bem ao dos outros. (LINO, 1882, p. 3).

O magazine publicou em fascículos o conto “A mona do sapateiro”, assinado com o ortônimo do escritor, mas sua “Homenagem a Pombal” é subscrita por Rapp, cuja identidade *O Binoculo* não revela.

Passemos à ilustração de Pombal.

Traços longilíneos, sobranceiras arqueadas, dedos, nariz e abotoaduras pontiagudos concedem ar diabólico ao português, ladeado pela caveira, alegoria da morte que, em companhia de tão horrendo monarca, parece-lhe subserviente, atenta a seu olhar fixo e certo. Consoante a outros desenhos de Pompeia (a exemplo de *O Ateneu destruído* ou das canções sem metro mais combativas), a ambientação negativa costuma redundar em superabundância visual, de forma a circundar as imagens centrais com cenas e objetos coadjuvantes, além de traçados enérgicos que forjam um *décor* onírico, próximo da colagem, como nos quadros de Bosch. Vislumbram-se forcas e cavalos ao fundo esquerdo e os corpos sobre os quais se entrona o marquês, cujos membros inferiores serpenteiam em cima de um braço morto. Evidentemente, a desproporção entre Pombal e os outros seres humanos (comparem-se os tamanhos das cabeças) atesta seu autoritarismo.

Opondo-se à lente focalizada nas figuras em *O Archote*, os desenhos doravante costumam solicitar movimento duplo dos olhos: concentração nas imagens centrais e constante deslizamento às informações disseminadas pela ilustração. É ler a legenda: “O eminente regenerador do Portugal jesuítico, por meio da forca, da coroa, do terremoto, da fogueira, do cavalo e de outros instrumentos do progresso...”. À primeira vista dispensável, a inscrição, auxiliada pelo título, ressalta o componente irônico da ilustração. Sem as informações escritas, a imagem preservaria, é certo, a mensagem tétrica, mas não necessariamente a dicção paródica, uma de suas maiores forças expressivas. Além disso, a legenda convida o observador a mirar para além do primeiro plano, ao destacar, por exemplo, a forca, o cavalo, o fogo, este último insinuado pelo arranque de fuga dominante no quadro: pássaros, corcéis, traços, tudo flameja. Conquanto a ilustração possa ser recebida sem o texto, é dele que partem as setas que encaminham o observador e potencializam o alcance semântico da charge.

Eugenio Gomes afirma que

entre os fatores que no século passado [XIX] exerceram influência sobre a fixação de tipos, cenas, quadros, no romance (...), nenhum teve efeito mais prolongado e incisivo do que a estampa litográfica em suas variadas feições, naturalmente com o predomínio da caricatura”. (*apud* LIMA, 1963, p. 1668-9).

Deveras, muitos dos aspectos discutidos no estudo de *O Archote*, *O Boêmio* e *O Binocular* alimentaram a verve criativa de Raul Pompeia para fazê-la culminar em *O Ateneu*, vanguarda oitocentista na parceria entre letra e imagem.

O Ateneu: ler & ver

Na literatura brasileira, o “conjunto de desenhos [de *O Ateneu*] é talvez único na visualidade do século passado [XIX], entre nós e isso contribui para o sucesso que alcançou” (BARATA, 1991, p. 442). Malgrado tal relevância, essas ilustrações emaranham-se em um dos maiores quiprocós de nossas letras. O livro foi lançado em 1888, meses depois de seu aparecimento na *Gazeta de Notícias*, mas os desenhos só foram inseridos na segunda edição, capitaneada pela Livraria Francisco Alves dez anos após o falecimento do autor (a folha de rosto apresenta a data de 1905; a capa, 1906). Estiveram sob os cuidados do editor, que os doou, em 1907, à Biblioteca Nacional, onde até hoje permanecem.

As 43 imagens constituiriam “apenas” raridade iconográfica, não estivessem envolvidas em outro imbróglho ecdótico: elas teriam sido dispostas no livro segundo determinação de Francisco Alves, não do escritor (COUTINHO, 1981, p. 12). Em junho de 1894, Pompeia vendeu os direitos autorais à casa editorial mas, como cometeu suicídio em dezembro do ano seguinte, não pôde acompanhar a edição. O maço de provas teria sido enviado a Paris, onde foi impressa pela casa Aillaud & Cie, com sede também em Lisboa. Tratava-se de procedimento recorrente em nossa vida literária, responsável, segundo Afrânio Coutinho (COUTINHO, 1981, p. 13), por diversas intervenções no texto original, normalmente encetadas por revisores portugueses. No caso de *O Ateneu*, o texto sofreu inúmeras alterações, extensivas em certo grau aos desenhos do autor. Originalmente, Raul os traçara a *crayon*; contudo, na brochura de 1905, eles aparecem a bico de pena. Segundo Mário Barata, Herman Lima teria observado que

a técnica usada por Pompeia não permitiria a reprodução direta para *clichés*, na sua época, e, parece-me, em certos papéis. Daí se pode concluir que, possivelmente na França, a Aillaud deve ter pago [*sic*] um ilustrador profissional e consciencioso a fim de que transpusesse os originais para bico de penas, de modo a facilitar-lhes a reprodução. (BARATA, 2016, p. 247).

Conforme discutiremos adiante, essa adulteração, gerada pela zincogravura, provocou alguns deslizes editoriais ainda não sanados.

Acerca da disposição das imagens no livro, de fato não se pode afirmar que seja obediente à vontade autoral. No caderno disponível na FBN, a letra que assina o frontispício, chancelando a doação de Francisco Alves, pode ser a mesma que, em geral no canto superior direito dos desenhos, indica em que capítulo cada uma deveria entrar. Não podemos precisar se é a mesma caligrafia da primeira página, tampouco nos é permitido assegurar que as orientações de sequenciamento provieram de Raul Pompeia, cuja letra costuma ser mais

desarranjada do que a ali presente. Portanto, defendemos que o estudo integrado das imagens e do texto de *O Ateneu* deve pautar-se antes pelo diálogo entre as duas linguagens do que pela duvidosa ordem de entrada dos desenhos no romance.

A ênfase no encadeamento das gravuras gerou tropeços críticos, mesmo entre leitores do porte de José Paulo Paes. Em “Sobre as ilustrações d’*O Ateneu*”, de *Gregos & baianos* (1985), o poeta desenvolve elaborado estudo com o fito de demonstrar a natureza icônica dos desenhos, pois, argumenta, nem sempre eles acompanham a trama, desenvolvendo, na verdade, narrativa visual paralela à escrita. Apesar de teoricamente bem arquitetado, o ensaio de Paes parte de premissa incorreta. José Paulo talvez desconhecesse que os *crayons* estivessem na Biblioteca Nacional. Seu estudo, entretanto, é de extrema valia e permanece insuperável na investigação da obra visual de Raul Pompeia.

Como nosso trabalho precisa contemplar outros títulos do autor, seria impertinente repassar aqui todas as ilustrações do romance. Seleccionamos aquelas que, a nosso ver, são mais significativas para asseverar a originalidade de Raul Pompeia na tradição iconográfica brasileira.

A despeito das peculiaridades, as imagens se caracterizam pela presença da sombra; mesmo as mais descritivas e singelas, como duas gaivotas voando ou uma carta, carregam mancha assombreada que lhes importuna a nitidez e a totalidade. O resultado é o corte arbitrário das cenas (a que parece faltar um fundo ou uma continuidade) ou dos corpos, enfocados metonimicamente em membros desconexos, quando não em traços fisionômicos opacos. Essa visibilidade lacunar não denuncia imperícia ou pressa do desenhista. Ao contrário: cria atmosfera imprecisa, de todo condizente com a estrutura de uma narrativa memorialística. Imiscuídas em desejos, traumas e esquecimentos alinhavados pelo tempo, as lembranças de Sérgio recriam, nebulosa e imperfeitamente, o cenário escolar e seus personagens. Mesmo ele é flagrado com semblante manchado (observe-se, por exemplo no capítulo XII, seu rosto, quando na cama ao lado de Ema), índice da perpétua procura identitária do rapaz.

Na primeira edição, ainda desprovida das ilustrações, o único registro iconográfico encontra-se no capítulo I (precisamente na página 24).

Note-se, preliminarmente, a discrepância entre o registro verbal (*O Ateneu*, conforme a ortografia vigente) e o não-verbal (o arco *O Athenæum*). O léxico latino empresta à instituição moderna e capitalista uma atemporalidade respeitosa, como se a língua morta a credibilizasse socialmente, escamoteando seu real interesse no lucro. Com efeito, a luz elétrica, provinda de “foco invisível”, “feria” o letreiro em latim, sugerindo ser a modernidade intrusa na tradição colegial. Em sentido semelhante, a descrição de Aristarco nessa passagem é permeada de termos sugestivos de perenidade: “expressão olímpica”, “banho luminoso da imortalidade”, “bustos eternos, o ambiente glorioso do Pantheon”.

Por outro lado, deve-se considerar que, sob a máscara da tradição, deseja-se, a rigor, ostentar a luz elétrica, viabilizada pelas vultosas mensalidades, devolvidas em espetáculo para aqueles que podem custeá-las. Essa exibição onerosa justifica a interrupção do texto pela transcrição do letreiro, franqueando ao leitor saborear o impacto visual vivenciado pelas pessoas que cruzavam a fachada do Ateneu. Como os transeuntes paralisados diante da inscrição, o fluxo da leitura também é suspenso pela legenda arqueada da fachada.

A preocupação em presentificar para o receptor do romance as sensações experimentadas por Sérgio nos anos de internato é extensiva aos desenhos de Raul Pompeia para a segunda edição do livro. De fato, as gravuras não existem apenas para ilustrar passagens da obra, o que conferiria a elas a ingênua tarefa de deleitar. Na verdade, a composição das imagens funciona como uma espécie de guia do olhar, desvelando novos meandros da matéria textual. Observemos o primeiro desenho.

Avistando a paisagem do colégio, pai e filho dispõem-se de costas para o espectador. A tomada traseira realça contrastes e semelhanças entre Sérgio e o pai. Além da incontornável variação de estatura, das calças curtas em um e compridas no outro, deve-se atentar para a diferença na postura das pernas: o pai dispõe-se em equilíbrio elegante, com um pé à frente do outro, em pose convicta e serena. A criança tem o pé dianteiro apontado para a escola, mas o pé traseiro virado para a rua, como quem ameaça retroceder ou fugir, talvez pelo temor diante do novo colégio. Suas calças apresentam torneio mais maleável do que as do pai, de corte retilíneo, havendo nessa distinção indumentária o contraponto entre a hesitação infantil e a autoridade paterna. Nem tudo, porém, é opositivo: os dois botões na roupa de cima coligam os personagens, vaticinando a futura transformação do menino no homem, não houvesse no colete de Sérgio um terceiro botão, destoante da simetria cerzida na vestimenta do pai. Além disso, a clara cabeleira comprida do menino invade a sobriedade escura da jaqueta; ironicamente as madeixas tocam a mão paterna: fluidez versus firmeza, excesso versus contenção.

O adulto assume-se tutor da criança, haja vista sua mão conduzir, quase empurrar, o infante para o colégio, duplamente apontado pelo dedo em riste e pela bengala. Esses traços masculinos são coroados na alta cartola, contrastiva com a boina escorregadia do menino. A esse empurro para dentro do Ateneu, Sérgio responde, quiçá involuntariamente, com um aceno para fora, com pés e pernas abertas. Sua cabeça inclina-se em dúvida acuada, enquanto a paterna preserva-se ereta, deixando entrever a ponta do bigode, de austeridade novamente avessa às melenas encaracoladas do filho.

Ambos estão na rua, antes da calçada que dá acesso ao Ateneu. Segundo frase antológica do pai, dentro da escola o filho encontraria o mundo: “Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do *Ateneu*. Coragem para a luta” (POMPEIA, 1981, p. 29). Portanto, nessa cena inicial, os dois

localizam-se em domínio externo ao microcosmo, fora do mundo, cabendo ao adulto governar o infante e lançá-lo à vida. Para a criança, sempre amparada pelos pais, a rua configura-se quase como extensão da “estufa de carinho que é o regímen do amor doméstico” (POMPEIA, 1981, p. 29). Desse modo, sair da rua e entrar no colégio é, paradoxalmente, inteirar-se da vida mas, para tanto, são necessários alguns Virgílios e o primeiro deles é o pai. Sua mediação é tão relevante que é com frase dele que o narrador abre o romance. Do ponto de vista sintático, o primeiro período do livro reforça essa intromissão paterna, ao interpor entre as frases do pai (“Vais encontrar o mundo” e “Coragem para a luta”) o discurso do filho (“disse-me meu pai, à porta do *Ateneu*”). Além disso, a sequência de consoantes oclusivas em “pai”, “porta”, “*Ateneu*” como que bloqueia o balbúcio infantil que as nasais duplicadas sugeriam em “(...) -me meu”.

A metáfora da luta remete a Herbert Spencer, filósofo inglês que, *grosso modo*, estendeu ao campo social o conceito darwiniano de seleção natural: como na natureza, na sociedade sobreviveriam os mais fortes. A declaração do pai de Sérgio incita-o a entrar no campo de batalha, gravado visualmente na paisagem obscura e confusa atrás da pilastra. A mata selvagem parece amedrontar o menino e delimita o portal para um novo mundo, esfumado e encarapinhado, distinto das linhas retas predominantes no primeiro plano, o da rua. Os contornos lá atrás se volatizam, debuxando cenário sombrio e ameaçador. Atente-se para o fato de a coluna estar descentralizada à esquerda, obstando a visão de Sérgio, já minimizado pela dimensão da floresta e do novo colégio; o adulto, à direita, tem campo de visão menos bloqueado. Nós, espectadores, dispostos à retaguarda dos observadores, temos percepção ainda menos livre do espaço, já que entre nós e o colégio estão o pilar, o pai e o filho. Daí a importância da angulação traseira: o *Ateneu* é para nós menos conhecido do que para Sérgio, que escreve o livro dois anos depois do incêndio do colégio. Ao entrar na obra, todavia, o leitor se defronta com um terreno tão desconhecido quanto o fora para o menino de 11 anos, quando ele avistou o internato pela primeira vez.

Na composição do quadro, a coluna desempenha outros papéis além de dificultar a percepção infantil. Trata-se de um bloco vertical, único, rigidamente erigido sobre o muro e desconectado de qualquer outro pilar semelhante. Sem dúvida, a construção espelha a imponência almejada por Aristarco, consagrada pelo vaso. Entretanto, ela ostenta certa clandestinidade, não apenas por bloquear a visão de Sérgio, mas também por se intrometer entre pai e filho, fraturando a desejada simetria entre eles. Muito mais alta do que os dois, é o grande chamariz da ilustração: é para ela que nossos olhos se voltam. Esse terceiro elemento, intruso, pedra no meio do caminho, paira autoritário sobre o campo de observação – nosso e dos personagens – e seu contorno inegavelmente fálico talvez prefigure as vivências homossexuais (de Sérgio)

no Ateneu. A construção enxada entre pai e filho responde ao empurrão masculinizante do adulto. Diante da pilastra, quase totêmica, a cartola, a bengala e o dedo se encurtam. Ela é modelo viril e sedução homoerótica para o menino de compleição algo efeminada. Realmente, sobejam em *O Ateneu* podas da possível homossexualidade dos alunos; Sérgio, por exemplo, tem os cachos cortados e, logo em sua segunda visita ao colégio, quando se entusiasma com calorosa apresentação de educação física, é coagido pelo genitor: “Eu ia carregado no impulso da multidão. Meu pai prendia-me solidamente o pulso, que me não extraviasse” (POMPEIA, 1981, p. 39). A relação entre os desenhos e o homoerotismo mereceria estudo aprofundado, incompatível com o escopo deste ensaio.

Cruzada a porta, chegamos à fachada. Nas edições mais recentes de *O Ateneu*, costuma-se apresentá-la em tonalidade mais nítida e vigorosa. Entretanto, no original de Raul Pompeia, o internato é circundado pela mata, que o abraça qual bruma, de modo a diluir a precisão de contornos da escola.

Do canto esquerdo da gravura original até seu ponto de fuga, situada na parte superior direita, as janelas vão se dissipando até quase se perderem na sombra. Além de imprimir marcas góticas à construção, esse desaparecimento progressivo anuncia o incêndio final, já que a mata, em primeiro plano folhosa, se converte em fumaça ao fundo.

A perspectiva da cena também abriga informações relevantes sobre o romance. Comparada à ilustração inicial, com Sérgio e pai diante do Ateneu, esta amplia a dimensão escolar e insinua um observador xereta, quase disposto atrás da moita, misto de curiosidade e temor. Ademais, o ângulo indicia a vigilância bisbilhoteira comum a alunos, professores e funcionários do colégio, motivo que explica a abundância de dedos erguidos nas ilustrações, sejam eles de Aristarco, do pai de Sérgio, dos alunos. Aliás, só o gesto dêitico também abasteceria interessante estudo dos desenhos de Raul Pompeia.

Na proa desse complexo vigilante, impera o diretor, homem sobranceiro e ganancioso, que se vale do colégio para alimentar o bolso e a vaidade, conforme demonstra sua primeira aparição ilustrada na obra.

O ponto de luz, emanando do canto inferior esquerdo, projeta-se sobre o rosto de Aristarco e a inscrição da escola, como holofote sobre a soberba do diretor, deixando à sombra inclusive o nome da instituição, arbitrariamente cortado antes do fim. O homem é maior que o internato. De costume, o personagem é retratado de perfil, como modo de caricaturar seu nariz adunco, farejador de lucro, e também por essa disposição lateral conferir à imagem o formato de uma efígie ou moeda, o que tanto reforça a empáfia de Aristarco quanto sua ganância monetária. Não deixa de ser curioso o deslize ortográfico sobre sua cabeça: em vez de “Athenaeum”, lê-se “Athaen...”: trata-se de um cochilo do desenhista (sempre atento) ou de uma gralha intencional? De qualquer modo, a personalidade do mestre projeta-se em seu gabinete.

Aristarco mais posa do que trabalha; por isso, a cortina levemente aberta à esquerda inaugura a teatralidade cenográfica. A cadeira curvilínea acompanha seu corpo, mostrando confortável integração com o ambiente; a roupa ajusta-se perfeitamente ao modelo e os livros são objetos decorativos. Há uma brochura aberta nas mãos do diretor, mas a leitura é interrompida em favor da pose para o retratista/observador. Os vasos sobre o chão, a escrivaninha e os livros irmanam-se ao globo terrestre como pontos verticais que se harmonizam à horizontalidade dos móveis e das pernas de Aristarco.

Como bem observou José Paulo Paes, essa imagem estática será invertida na última ilustração do livro, após o incêndio. Podemos aqui falar em “última”, uma vez que ela remete a um evento ocorrido no desfecho do romance. No desenho final, alguns móveis e livros destroçados, bem como o globo terrestre, destróem a assepsia afetada do gabinete de Aristarco:

A inversão, no caso dos dois desenhos de Pompeia, representaria como se aventou acima, a vitória da espontaneidade desordeira do natural sobre o artificialismo da ordem pedagógica que se busca impor-lhe. Ordem que se pretendia de origem divina, donde o caráter simbólico do globo terrestre que se vê nas duas ilustrações (...). (PAES, 1985, p. 58).

É ainda maior o alcance paródico do desenho derradeiro.

Pedaços de janela ao fundo, pernas distensas, ombros derreados, camisa entreaberta, calças suspensas, sapatos frouxos, tudo desmente a pretensa ordem higiênica. Da monumentalidade da fachada escolar, resta discretíssimo pedaço de janela no canto superior esquerdo. A mobiliária associada ao estudo – cadeiras, estantes, mesas, escrivaninhas – é literalmente revirada: cadeira para baixo, mesa para cima, estante enviesada e aberta, contrastando com o armário fechado no escritório de Aristarco. Esbate-se a fronteira entre primeiro e segundo planos, de forma que os entulhos à frente se estendem ao colégio em chamas, confundindo interior e exterior, privado e público, limites bem guarnecidos no claustrofóbico gabinete do diretor pela escura parede ao fundo. Se antes Aristarco cruzava em avantajada diagonal o desenho, agora a criança (Sérgio? Américo?) dispõe-se no centro: por mais que sua postura revele esgotamento, o menino encimar as ruínas confere a ele algum ar vitorioso, também vislumbrado por José Paulo Paes. Nessa hipótese, o globo sob seus pés simbolizaria não somente a derrocada de Aristarco, mas sobretudo o apocalipse do mundo anunciado pelo pai.

Não menos importante é o trejeito arreganhado do rapaz, compondo o escancarado geral da cena. Rebatendo as pernas cruzadas do pai de Sérgio e de Aristarco, a postura, malgrado o timbre melancólico, não deixa de ser acintosa, mesclando tristeza e certa prostração. Se considerarmos que a compleição do retratado aparenta-se bastante a outras possíveis representações de Sérgio, é

interessante notar que se trata da ilustração em que o rosto do menino logra maior detalhamento e precisão. Da ausência da face no primeiro desenho (Sérgio de costas à porta do colégio), passando pelos traços difusos que de algum modo embaçavam o semblante do menino (é ver o desenho nº 21 do caderno de Pompeia, com Sérgio e Bento Alves se entreolhando no recreio), chega-se a este rosto que, sem perder de todo a opacidade, assume a ribalta da imagem, espelhando, talvez, a progressiva conquista da autonomia do adolescente.

Tal mudança estilística encontra respaldo em passagem de *O Ateneu* que, perdoada a extensão, é fundamental para se averiguarem relações entre letra e imagem na obra de Raul Pompeia. Referimo-nos a fragmento do capítulo VII em que Sérgio avalia sua capacidade de desenhar:

Para a exposição dos desenhos foram retiradas as carteiras da sala de estudo, forradas de cetim escuro as paredes e os grandes armários. Sobre este fundo, alfinetaram-se as folhas de Carson, manchadas a lápis pelo sombreado das figuras, das paisagens, pregaram-se, nas molduras de friso de ouro, os trabalhos reputados dignos desta nobilitação. Eu fizera o meu sucessozinho no desenho, e a garatuja evoluíra no meu traço, de modo a merecer encômios. A princípio, o bosquejo simples, linear, experiência da mão; depois, os esbatimentos de tons que consegui logo como um matiz de nuvem: depois, as vistas de campo, folhagem rendilhada em bicos, pardieiros em demolição pitoresca da escola francesa, como ruínas de pau podre, armadas para os artistas. Depois de muito moinho velho, muita vivenda de palha, muito casarão deslombado, mostrando as misérias como um mendigo, muita pirâmide de torre aldeã esboçada nos últimos planos, muita figurinha vaga de camponesa, lenço em triângulo pelas costas, rotundas ancas, saias grossas em pregas, sapatões em curva, passei ao desenho das grandes cópias, pedaços de rosto humano, cabeças completas, cabeças de corcel; cheguei à ousadia de copiar com toda a magnificência das sedas, toda a graça forte do movimento, uma cabra de Tibete! Depois da distinção do curso primário, foi esta cabra o meu maior orgulho. Retocada pelo professor, que tinha o bom gosto de fazer no desenho tudo quanto não faziam os discípulos, a cabra tibetana, meio metro de altura, era aproximadamente obra-prima. Ufanava-me do trabalho. Não quis a sorte que me alegrasse por muito. Negaram-me à bela cabra a moldura dos bons trabalhos; ainda em cima — considerem o desespero! exatamente no dia da exposição, de manhã, fui encontrá-la borrada por uma cruz de tinta, larga, de alto a baixo, que a mão benigna de um desconhecido traçara. Sem pensar mais nada, arranquei à parede o desgraçado papel e desfiz em pedaços o esforço de tantos dias de perseverança e carinho.

Quando os visitantes invadiram a sala, notaram na linha dos trabalhos suspensas duas enigmáticas pontas de papel rasgado. Estranhavam, ignorando que ali estava, interessante, em último capítulo, a história de uma cabra, de uma cruz, drama de desespero e espólio miserando de uma obra-prima que fora. (POMPEIA, 1981, p. 185-186).

Para receber os desenhos, a sala de estudo é reconfigurada, como outros espaços do colégio o foram para dar ensejo a solenidades letivas. Se esses trabalhos demandavam local de exposição para serem adequadamente apreciados, o animal desenhado por Sérgio não logra moldura, sofre retoques do professor, é borrado e enfim rasgado, portando essa desfiguração a bandeira da inadequação do rapaz ao Ateneu. Por isso, o menino exhibe ao público duas pontas de papel, resquícios irônicos dos chifres da cabra. Os visitantes, satisfeitos com a contemplação superficial, seriam incapazes de sondar a história subjacente à imagem, de rastrear tudo aquilo que o desenho oculta. Analogamente, a estrutura romanesca de *O Ateneu* também é vestigial: de fato, as memórias e impressões de Sérgio sucedem-se pouco respeitosas à causalidade e não pretendem, de modo algum, recompor a totalidade da experiência vivida no colégio, a qual corresponderia, na cadeira metafórica aqui desenvolvida, ao quadro emoldurado, obra-prima acabada e exibida.

Antes, contudo, de expor o insucesso, o narrador se acautela em delinear o percurso de sua vocação desenhística. A trajetória começou com “bosquejo simples, linear, experiência da mão”, acusando a espontaneidade do iniciante e, subrepticamente, corroborando a importância das mãos no romance, conforme antes comentado. Esse traçado cru, de torneio realista, nunca se ausenta das ilustrações de Raul Pompeia, não obstante a atmosfera nebulosa que viemos destacando. Talvez por isso José Paulo Paes as tenha (a nosso ver, equivocadamente) considerado acadêmicas (PAES, 1985, p. 54).

Sérgio afirma ter, em seguida, chegado a “esbatimentos de tons (...) como um matiz de nuvem”, procedendo a uma dissipação da objetividade anterior. O que o rapaz apresenta como transição pode ser aferido em coexistência no livro: os desenhos ali enfeixados aliam o contorno preciso à turvação, a reta à mancha, pluralidade visual correlata à escrita de Raul Pompeia. Mário Barata ratifica tal ideia:

Evidentemente, o artista marchou a pouco e pouco para uma nova compreensão estética, valorizando os elementos de diluição das formas na luz ou na distância, que o Impressionismo francês havia crescentemente destacado. (BARATA, 1991, p. 443).

Cassiana Carollo vislumbra nisso semelhanças com o estilo de Daumier. (CAROLLO, s.d.).

Desse modo, a passagem à primeira vista desimportante sintetiza um dos princípios composicionais do romance; bem a propósito, após apresentar sua poética, o narrador elenca uma série de exercícios de desenho, facilmente localizáveis no livro: Sérgio esboçou e estão em *O Ateneu* “vistas de campo, folhagem rendilhada em bicos, pardieiros em demolição pitoresca”, “rotundas ancas, saias grossas em pregas”, “pedaços de rosto humano, cabeças completas”.

Mesmo aquilo que não corresponde perfeitamente aos croquis do menino aparecem, com ligeiras alterações, no volume: afinal, Ângela não encarnaria a “figurinha vaga de camponesa”? “O casarão deslombado, mostrando as misérias como um mendigo” não repercutiria no colégio em chamas?

Explicitamente, a imagem que une a descrição de Sérgio às vinhetas do romance é a da cabra de Tibete. De simbologia vasta e diversificada em diferentes tradições, da grega à chinesa, o animal

aparece como símbolo da ama de leite e da iniciadora, tanto no sentido físico como no sentido místico das palavras. Entretanto, sua conotação caprichosa implicaria também a gratuidade dos dons imprevisíveis da divindade. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2000, p. 157).

A primeira acepção registrada pelos estudiosos encontra pouco eco no livro, a não ser na longínqua remissão da cabra à figura materna, posteriormente concretizada em Ema, mulher do diretor. A segunda, todavia, ratifica a índole presunçosa de Aristarco, que, ameaçada pela sátira de Sérgio, de algum modo elimina o inimigo; lembremos que o trabalho do rapaz é misteriosamente borrado por uma “cruz de tinta, larga, de alto abaixo”, emblema vigoroso (é tinta contra lápis) tanto da divindade quanto do veto. Ao preservar a ruína desenhada na exposição, Sérgio mantém acesa a força de resistência, culminada no incêndio.

Cabe, por fim, destacar que as fortes similitudes entre a vocação de Sérgio para o desenho e as ilustrações do romance projetam a consideração de as vinhetas provirem não apenas do autor Raul Pompeia, mas do próprio narrador, que, ao escrever suas memórias, as foi concomitantemente ilustrando, como quem desenhasse num caderno ou diário. Aliás, é hábito partilhado pelo autor, que, segundo Therezinha Bartholo (2016, p. 477), tinha o hábito de desenhar em livros. Daí o contorno impreciso, a diferença de dimensão dos desenhos, encaixando-se entre as letras ou ocupando página inteira? Embora o escritor não tenha incluído as imagens na primeira edição e não possamos assegurar a entrada delas no livro, talvez não seja impertinente atribuir a autoria dos desenhos a Sérgio, pois, ao julgar pelos espelhamentos assinalados, Pompeia se esmerou, mesmo que *a posteriori*, em adequar seu lápis às habilidades do personagem, descritas no capítulo VII. Tratar-se-ia, portanto, não de uma questão puramente editorial, mas literária, tornando-se imprescindível qualquer edição de *O Ateneu* contemplar os desenhos originais do autor, acondicionados no acervo da FBN.

A galeria das canções

Quando, em 1881, Pompeia, até então morador do Rio de Janeiro, passa a viver em São Paulo e a estudar na famosa Faculdade de Direito, começa a colaborar assiduamente na imprensa paulista, conforme constatamos em *O Bohemio*. Além de artigos políticos, narrativas humorísticas e contos, lança, no *Jornal do Commercio*, textos breves, em que o jogo de sons e imagens suplanta a fabulação rarefeita. Inicialmente intitulados “Contos domingueiros”, os textos perderiam ainda mais os traços narrativos, transformando-se em pequenas notas líricas, que Pompeia denominou significativamente de “Microscópicas”, divulgadas nos periódicos *A Comédia*, de São Paulo, e *Gazetinha*, do Rio de Janeiro (CAPAZ, 2001, p. 53). Esse material subsidia poemas em prosa chamados de “canções sem metro”, escritos efetivamente a partir de 1883, estendendo-se até o fim da vida do autor.

Embora cinzelando mais umas do que outras, Pompeia nunca abandonaria as canções, o que as torna verdadeira obra em progresso; ziguezagueadamente, o escritor avança e retrocede, cria e aperfeiçoa, fazendo as *Canções sem metro* resistirem a constantes desistências. Apenas para citar dois contraexemplos: em 1881, Raul deixou incompleto, em *O Bohemio*, o romance *Violeta*; em 1882, lançou um só capítulo do romance *Clarinha das Pedreiras* na *Gazeta de Notícias*.

Era desejo seu publicar as canções numa edição ilustrada, o que infelizmente não ocorreu, já que, tendo se suicidado em 1895, não pôde coordenar a primeira edição em livro das canções, lançadas em 1900, em projeto gráfico acanhado, margens apertadas, nenhuma ilustração. Não obstante se considere *O Ateneu* sua obra-prima, as *Canções sem metro* constituem, na verdade, o grande projeto de Raul, seja pelo tempo a elas devotado, ou pela parceria ainda mais imbricada entre letra e imagem. Lamentavelmente, nenhuma das edições hoje disponíveis contempla integralmente as poucas ilustrações que restaram para as *Canções*⁵. Por sorte, em 1888, Raul Pompeia publicou dez poemas em prosa com seus respectivos desenhos no jornal paranaense *A Galeria Illustrada*, raridade constante do acervo da FBN.

Nas peças encartadas na revista curitibana, texto e imagem convivem na página, cortada diagonalmente. Sob a página, unificando o traço e a letra, a assinatura manuscrita do autor. É significativo o fato de o periódico transcrever a rubrica, já que poderia firmá-la com a mesma tipografia da canção. A presença da caligrafia assinala, a nosso ver, o conluio intersemiótico presente

5. Para discussão pormenorizada do assunto, tomamos a liberdade de recomendar nossa tese de doutoramento, intitulada “O poema em prosa no Brasil (1883-1898): das origens à consolidação” (Faculdade de Letras – UFRJ, 2014). Em 2013, tivemos a satisfação de organizar, para a editora da Unicamp, a última reedição das *Canções sem metro* e incluímos algumas ilustrações do autor.

nos poemas em prosa: afinal, a assinatura não deixa de ser uma letra desenhada. Em artigo publicado em 1888, Pompeia endossa a importância do escambo verbovisual:

A imagem pode ser a tautologia recorrente e demorada e pode mesmo desta sorte representar o gênio, como em Hugo tão frequentemente: o seu papel no estilo é avigorar o enunciado, esclarecer como a vinheta esclarece o texto. A imagem é um exemplo, um argumento, a analogia, a comparação, o puro pensamento antes de ser ideia, é a eloquência primitiva, comovedora e forte, rebelde perpetuamente ao contrato social dos pedantismos de escola. (POMPEIA, 1991, p. 57).

Estudado por Margueritte Murphy, uma das maiores especialistas em poema em prosa, a permeabilidade entre o literário e o visual/editorial caracteriza muitas publicações do gênero tipicamente simbolista, muitas vezes impressas como livros de arte ou em folhas ilustradas, como é o caso de Raul Pompeia: “esse intercâmbio ou ‘correspondência’ é particularmente evidente nos luxuosos livros de arte, dispondo texto e imagem nas mesmas páginas” (MURPHY, 1992, p. 75, tradução nossa).

Em estrada semelhante, Renato Barilli, ao investigar as relações entre letra e imagem no contexto da *art nouveau*, afirma que, nesse estilo simultaneamente apegado ao ornamento e à cultura industrial, eliminam-se “todas as distinções e qualquer tipo de hierarquia nas artes e nos ofícios” (BARILLI, 1991, p. 51). Ora, nas canções ilustradas de Raul, prepondera (sem exclusividade) o pendor *art nouveau*, com adornos florais e movimentos fluidos em escala ascensional. A formatação gráfica dos poemas em prosa preserva a tipologia sóbria, mas os arabescos dos desenhos enovelam-se em alguns itens verbais. Os títulos dos poemas, por exemplo, costumam ser grafados em movimento, acompanhando o traçado da margem que separa o texto da vinheta. Além disso, a letra capitular pinça elementos visuais da imagem vizinha: veja-se como, em “O ramo da esperança”, as folhas bordejam “U”.

Conforme se observa na imagem, as paisagens enxugam-se em um item central – um coqueiro, uma menina (no caso de “As flores da aleluia”), um vaso de flores (“As violetas de Alina”) – rodeado de poucos elementos. Essa economia, distinta da pletora visual detectada nos desenhos de *O Ateneu*, condiz com a economia formal requerida pelas *Canções sem metro*. Seria incorreto ver nisso uma evolução da pena de Raul Pompeia; afinal, essas imagens foram publicadas em 1888, ano de lançamento do romance. Trata-se, portanto, de adequação estilística: o discurso caudaloso e memorialístico de *O Ateneu* demandava ilustrações ricamente detalhadas e algo nebulosas, ao passo que o laconismo dos poemas em prosa se harmoniza com os formatos mais sucintos. Nas canções, o que pode haver de excesso encontra-se nos motivos florais e na

tipologia das letras, espelhando, nesse caso, a orgia do significante que caracteriza essa obra de Raul Pompeia.

Habitualmente se adornam as margens inferiores do desenho (sobretudo no canto esquerdo), de modo a destacar a ideia de margem ou moldura, criando uma cenografia tensa, como se texto e desenho se integrassem e se combatessem. Daí talvez o termo “vinheta” com que não raro se designa essas ilustrações, já que o termo, ao hierarquizar as duas linguagens conferindo alguma centralidade ao signo verbal, parece reforçar o embate entre elas. Assim, em “O ramo da esperança”, vemos as raízes do coqueiro separando imagem de texto; em “As flores da aleluia” e “As violetas de Alina”, as rosas; em “À morte de Rosita”, as peças do quarto da moça. Neste último, porém, nota-se maior contaminação do espaço textual com uma espécie de sobre da imagem, esbatendo o limite entre essas searas, mais segregadas, por exemplo, em “O ramo da esperança”. Esse derramamento imagético reaparece em “Para o Sull...” e “A vítima do incolor”.

Em “Para o Sull...”, há penetração mais ostensiva do campo textual pelo braço do rapaz morto, cujo dedo toca no alto da letra “d” de “fardas”, como se apontasse a causa de sua morte. Destacam-se, ademais, o predomínio da cor escura e o recuo da ornamentação vegetal em prol de letras gotejantes, indicativas do sangue entornado na guerra. Esse traço chamejante alastra-se até “A bandeira branca”, composição sintética em que a claridade da bandeira domina o centro da ilustração, preenchida também por um corpo masculino, ponto negro sem qualquer especificação fisionômica.

Cassiana Lacerda Carollo detecta dois grupos visuais nas canções de *A Galeria*: um primeiro, de tendência *art nouveau*, floral e curvilíneo, e o outro, com desenhos de “concepção decadista e satânica, que lembra aquele satanismo espectral que Baudelaire admirava em Rops” (CAROLLO, s.d.). Nesta linhagem, estariam “A bandeira branca”, “Noutes pretas” e “Alma espectro”. Nos dois primeiros, é inegável a digital decadentista; em “Noutes pretas”; por exemplo, a moldura é invadida por uma folhagem arestada, aracnídea, e no fundo, borrões enegrecidos. Contudo, “Alma espectro” não nos parece pertencer ao mesmo nicho: apesar de o texto abolicionista partilhar com os satanistas a censura ao progresso e à sociedade industrial, o desenho preserva muito do *art nouveau*, com a flora coreográfica e ascendente, contraposta, é verdade, às torres enfumaçadas e ao trem no fundo. Estes dois elementos, todavia, se erguem em retas bem definidas, precisas, em quase nada lembrando o dinamismo atormentado de “A bandeira branca” ou de “Noutes pretas”.

Duas alterações são mais flagrantes em “Alma espectro”. Preliminarmente, certa quebra de perspectiva, já que o trem e a indústria invadem a vegetação em primeiro plano, incursão, aliás, isomórfica à crítica desenvolvida neste poema em prosa. Além disso, apesar de ainda haver espaço branco entre

texto e imagem, elimina-se a margem entre ambos, procedimento prefigurado em “Manhãs helenas”, em que, todavia, a asa de uma gaivota, abaixo, e um traço ao lado direito de um vaso, acima, delimitavam um pouco mais a fronteira. Nesse sentido, “Alma espectro” reforça o intercâmbio entre as duas linguagens, autenticando um dos principais objetivos dos poemas em prosa de Raul Pompeia. Se considerarmos que ela é a última das dez canções em *A Galeria Ilustrada*, essas peculiaridades ganham relevância, sobretudo quando cotejadas ao primeiro texto enfeixado no periódico, “O ramo da esperança”, em que a margem entre os domínios verbal e não verbal era timbrada mais veementemente.

Projeto gráfico de capas de livro

Aluísio Azevedo, Lúcio de Mendonça, Pedro Rabelo e Rodrigo Octavio são alguns dos escritores contemplados pelo talento gráfico de Raul Pompeia. Ao contrário da atuação sistemática em outros domínios da ilustração, as capas não representam o maior nem o mais importante nicho do pincel de Pompeia. Na verdade, elas parecem ter sido criadas menos por vontade do desenhista do que por demandas de amizade: afinal, todos os nomes acima elencados privaram da intimidade de Raul, ainda na época da Faculdade de Direito de São Paulo e do Recife ou no Rio de Janeiro. O “sim” aos colegas explica, em parte, o aproveitamento de moldes anteriores e a moderação visual das capas, incomum em autor assinalado pela exuberância requintada.

Excetua-se a sofisticada capa de uma edição de 1884 de *Casa de pensão*, de Aluísio Azevedo (título erroneamente designado no frontispício como *A casa de pensão*), sob os auspícios de Faro & Lino. Tratava-se de “edição popular”, conforme advertência na folha de rosto, o que talvez justifique o arrojo da ilustração.

Trazendo à ribalta um nu feminino, ainda que de costas, é um dos projetos gráficos mais ousados de Raul Pompeia que, em geral, retrata as mulheres em poses melancólicas ou respeitadas, salvo raras exceções, como a Ângela de *O Ateneu* ou Ema, em suas primeiras aparições para Sérgio no romance. Agora, a mulher quase flutua, enovelando-se à letra C, contato sugestivo da rendição do intelecto ao desejo – lembremos que, no romance, o protagonista Amâncio viera para o Rio a fim de tornar-se médico, mas sucumbe a um *affair*. É um tema tipicamente naturalista, o que elucida o motivo de haver um grande livro emborcado sob os sutis sapatos da dama sedutora que, segundo Ubiratan Machado, torna-se modelo “a ser seguido de maneira ostensiva e duradoura durante toda a trajetória naturalista” (MACHADO, 2017, p. 60).

O desenho manifesta tendência à vaporização, pois tudo se agita com o frêmito emanado do corpo feminino em primeiro plano, *frisson* que acomete

tecidos, flores, folhas, insetos e até o diacrítico em “pensão”. Alheio ao frenesi, repousa Aluísio Azevedo no canto inferior da página, de costas para a cena principal. Editado em uma casa popular, que costuma dar destaque à personalidade civil do escritor como maneira de atrair o público, o decalque talvez não estivesse previsto pelo capista que, pelo que sabemos, nunca empregou tal procedimento. Além disso, a linguagem da foto difere do restante da capa e funciona como espécie de colagem. De qualquer modo, é curioso dispor o romancista em sentido contrário ao desenho, como se a seriedade do autor (e do público, de resto), reforçada pela fisionomia austera, estivesse “desculpada” do escândalo visual, sem falar na polêmica envolvida no fato de o romance basear-se num assassinato que comovera a sociedade carioca na década anterior. Ademais, exibindo o rosto do responsável pelo estrondoso sucesso de *O mulato* (1880), a colagem chancela e propaga a qualidade da mercadoria.

Expressão da mesma inclinação antirromântica das décadas de 1870 e 1880, mas sobretudo na poesia, Lúcio de Mendonça lançou *Vergastas* em 1889, encapado com ilustração de Raul Pompeia.

O amigo de *O Bohemio* parece ter aproveitado o pendão que adornava seu poema em prosa “A bandeira branca”, apenas alterando a cor para negro, o que, em certa medida, confirma a hipótese de Ubiratan Machado de que atuar como capista era um bico no século XIX. Ao artista devotado ao apuro artesanal, é curiosa essa reprodução do motivo da bandeira, insinuando socorro apressado em um molde anteriormente elaborado. De fato, o princípio composicional da capa de *Vergastas* avizinha-se ao das canções sem metro de *A Galeria Ilustrada*, publicadas um ano antes do volume de Lúcio de Mendonça. Em ambos os projetos, uma figura humana central contraposta a um fundo aberto, letras em movimento, exploração intensa do claro-escuro. Na ilustração de 1889, preserva-se também o enfoque “caligráfico” do nome: “Lúcio de Mendonça” corta, em perfeita horizontal, o canto direito e em tipologia mais alinhada, como uma espécie de assinatura sobre o frontispício.

É o movimento da bandeira que determina a direção das letras do título, sinuosas por ação do vento, que também balança a flâmula, sugerindo a pulverização das sementes sociais do livro inflamado de Lúcio de Mendonça. Na mesma direção, observe-se como a arma empunhada pelo soldado assemelha-se a uma caneta, dubiedade indicativa do papel missionário de que se revestiam alguns homens de letras no último quartel do século XIX.

Como no caso de *O Ateneu*, a perspectiva traseira da cena busca igualar o ponto de vista do observador ao do personagem: nós, como ele, temos possibilidade de avistar o futuro à frente graças ao esforço (bélico). A vitória, conquistada em campo de batalha, oferece utopia ao espectador, incitando-o a lutar como o personagem, convocação aliás frequente na obra de Lúcio de Mendonça. Unindo formas arredondadas e pontiagudas, volumes horizontais

e verticais, manchas quase rabiscadas, o acúmulo desordenado de objetos e de informações visuais na base da capa contrasta com a feição *clean* da parte superior, preenchida unicamente pelo título e pela bandeira. O desafogo daí decorrente representa, em nível plástico, a liberdade da mensagem republicana, uma das tônicas de *Vergastas*, o que também explica a fluidez eólica dos quadrantes superiores. Similarmente, os tons avermelhados do cabeçalho e do rodapé da capa abrem espaço ao clarão solar no centro, alusivo tanto à explosão das canhoneiras quanto, simbolicamente, à aurora vindoura.

Em âmbito pessoal e público, o decênio de 1890 foi um dos mais intensos da vida de Raul Pompeia. No campo visual, lembremo-nos, é a década em que ele cede as ilustrações de *O Ateneu* a Francisco Alves e segue burilando as *Canções sem metro*, cada vez mais enxutas. A falta de tempo e o pendor à economia estilística explicam a parcimônia iconográfica das capas do período, a exemplo de uma vinculada a Rodrigo Octavio, amigo desde os tempos de Faculdade. A relação entre os dois gerou um dos trabalhos mais delicados de Raul Pompeia, infelizmente não contemplado neste ensaio: referimo-nos aos desenhos a lápis com que Pompeia adornou um livro de estreia do parceiro, *Pâmpanos* (1886). Dizemos “um”, pois se trata de exemplar único, ilustrado a mão, reproduzido no volume X das *Obras* de Raul Pompeia, organizado por Afrânio Coutinho. Formas volantes e bailarinas, de contornos leves, acompanham o parnasianismo misterioso dos versos.

Em 1893, Rodrigo lança *Festas nacionais*, destrinchando a simbologia – às vezes, perversa – das datas comemorativas brasileiras. Aficionado de questões cívicas e patrióticas, então incentivadas pelo governo de Floriano, Raul Pompeia responde ao livro do amigo com a plaquete *Carta ao autor das Festas Nacionais*, editada no mesmo ano pela Tipografia Leuzinger. Desse modo, o projeto gráfico da capa é híbrido, conjugando marcas do título de Rodrigo Octavio às opiniões de Raul Pompeia. Não podemos afirmar ter sido ela idealizada e/ou executada pelo angrense mas, de qualquer modo, a ilustração guarda formas estilísticas dominantes na produção visual de Pompeia nesse período.

Contrariamente ao temperamento acalorado do capista, o frontispício apresenta contenção geométrica, quase minimalista. Duas listras – uma amarela e outra verde – cruzam a página, simulando as faixas tiracolares comuns na indumentária militar (as presidenciais seriam formalizadas em 1910, com Hermes da Fonseca). As cores do Brasil despontam esmaecidas, como reflexo da indisposição de Raul Pompeia com os falsos consagradores simbólicos de nossa nacionalidade. Para ele, por exemplo, “7 de Setembro – é o sofisma da nossa libertação, pela astúcia baixa e simples de um autocrata grosseiro” (POMPEIA, 1893, p. 9). Apesar disso, a plaquete respira certa esperança, derivada, é claro, do afã republicano do missivista, o que esclarece a figuração de medalha assumida pela capa como prêmio aos devotos da causa.

De autoria sabidamente pompeiana é a capa de *Ópera-lírica* (1894), do também amigo Pedro Rabelo. Parceiro do Club Rabelais, sociedade gastronômico-literária fundada por Araripe Júnior, Artur Azevedo, Raul Pompeia e outros, é hoje nome desconhecido, porém gozou de alguma notoriedade em seu tempo e foi, com apenas 28 anos de idade, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Mais valorizado na prosa, seus versos caracterizam-se pela convivência entre forma parnasiana (inclusive é um dos contemplados por Manuel Bandeira na *Antologia dos poetas brasileiros da fase parnasiana*) e temas amorosos e melancólicos, de herança romântica. Tal combinação ressoa na capa de Raul Pompeia: o floralismo *art nouveau* da lira se irmana à severidade geométrica dos tipos gráficos, e o embate entre retração e efusão lírica se patenteia na perna excedente do “R”, extrapolando a linha onde se assentam as demais letras.

Na capística, a rubrica de Pompeia também revela flutuações: à fluidez emaranhada no frontispício de *Casa de pensão*, passa a uma centralização da imagem na capa de *Vergastas*, até alcançar a assepsia quase minimalista em *Ópera-lírica*. Convém frisar que a verticalidade observada nos projetos gráficos para Aluísio Azevedo e Lúcio de Mendonça cede passo ao corte diagonal da página, a exemplo da *Carta ao autor das Festas Nacionais* ou da coletânea de versos de Pedro Rabelo. Essa tendência à transversalidade prefigurava-se, nos livros de Aluísio e Lúcio, na formatação dos títulos, conquanto as imagens organizavam-se meridionalmente. Nos desenhos para *O Ateneu*, dominava também a estruturação cartesiana do desenho, mais enviesado nas canções sem metro, para dividir página com os poemas. Desconsideradas as caricaturas em periódicos, em que o texto tinha função mais narrativa, isso permite concluir que, sozinhas, as ilustrações de Raul Pompeia parecem restringir-se aos eixos vertical e horizontal, mas, conjuminadas a signos verbais, acionam na página a distribuição transversal, seja das letras (nas capas, por exemplo) ou dos desenhos (nas canções sem metro). Tal movimento corrobora o intercâmbio entre as duas linguagens, dispondo-as em relação tensa e movente, da qual a diretriz oblíqua possa ser a expressão mais adequada.

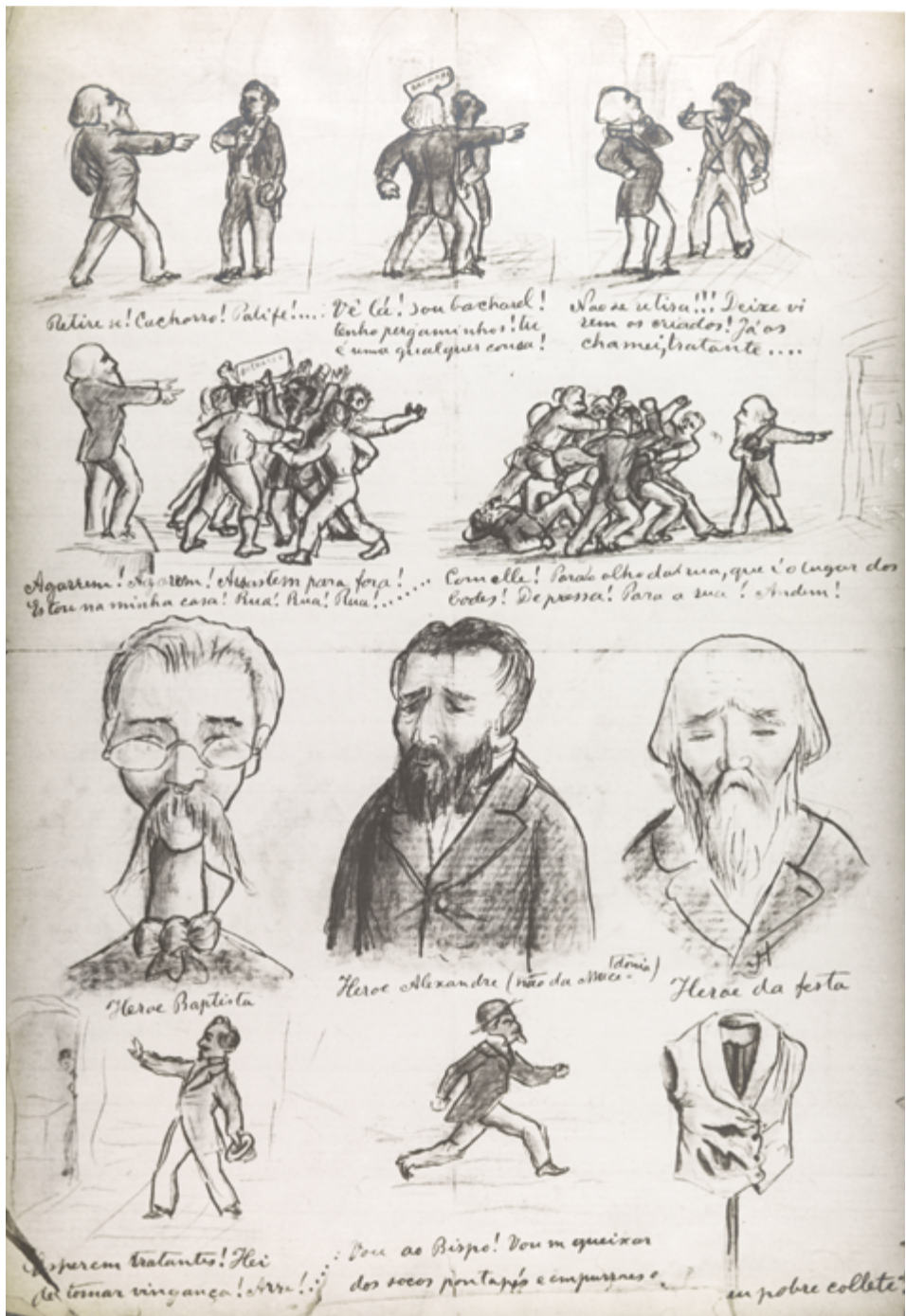
Talvez não coincidentemente, já em 1881, na “Galeria do Bohemio”, com desenhos de Pompeia para cada um dos integrantes do jornal acadêmico de São Paulo, o ilustrador encartou uma autocaricatura em que sua pena-florete, índice da prosa aguerrida, corta transversalmente o cromo até tocar no título do único livro que ele então publicara, *Uma tragédia no Amazonas*. Por trás da diagonal, zona máxima de articulação, Lauro, pseudônimo de Pompeia, não por acaso tem uma mão em cada local: a direita pousa em cruz possivelmente remissiva ao anticlericalismo do artista, enquanto a esquerda segura pena de dimensão avantajada: por ser uma autocaricatura, é a mesma mão que, a rigor, desenhou a imagem que ora vemos e escreveu o romance depositado no sopé da imagem. Ao sair da mão do desenhista e alvejar o texto no solo, de autoria

do mesmo artista, a pena conecta os universos verbal e plástico. Sob a composição, está a assinatura manuscrita de Rapp, firma que, conforme vimos no caso das “canções sem metro” e em diversas outras ocorrências discutidas neste ensaio, embaralha os limites entre texto e desenho.

Referências

- AUMONT, Jacques. *A imagem*. Campinas: Papirus, 1997.
- BARATA, Mário. Posição estética dos desenhos de Raul Pompeia. In: POMPEIA, Raul. *Obras. Volume X: Miscelânea; fotobiografia*. Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal de Angra dos Reis; OLAC, 1991. p. 439-446.
- BARATA, Mário. O Ateneu. In: AMIM, Mônica & COUTINHO, Eduardo (orgs.). *Fortuna crítica: Raul Pompeia*. Foz do Iguaçu: EDUNILA, 2016. p. 242-247.
- BARILLI, Renato. *Os estilos na arte: Art Nouveau*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- BARTHOLO, Therezinha. Raul Pompeia no desenho, a outra face de um talento. In: AMIM, Mônica & COUTINHO, Eduardo (orgs.). *Fortuna crítica: Raul Pompeia*. Foz do Iguaçu: EDUNILA, 2016. p. 476-479.
- BROCA, Brito. *Raul Pompeia*. São Paulo: Editora Melhoramentos, s/d.
- BUCHS, Arnaud. *Écrire le regard: l'esthétique de la modernité en question*. Paris: Hermann, 2010.
- CAPAZ, Camil. *Raul Pompeia – Biografia*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.
- CAROLLO, Cassiana Lacerda. *A Galeria Ilustrada*. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=759090&pesq=>. Acesso em: 28 jan. 2022.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 15. edição. Tradução de Vera da Costa e Silva Raul de Sá Barbosa, Angelim Melim e Lúcia Melim. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000.
- COUTINHO, Afrânio. Introdução: o texto de O Ateneu. In: POMPEIA, Raul. *Obras. Volume II: O Ateneu*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; OLAC, 1981, p. 9-26.
- FERREIRA, Orlando da Costa. *Imagem e letra*. Introdução à bibliografia brasileira. A imagem gravada. São Paulo: Edusp, 1994.
- LIMA, Herman. Escritores caricaturistas. In: LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. v. 4. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1963, p. 1667-1694.
- LINO, A. D. Centenário de Pombal. In: *O Binocular*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 31, 1882, p. 4.
- MACHADO, Ubiratan. *A capa do livro brasileiro (1820-1950)*. Cotia, SP: Ateliê Editorial; São Paulo: Sesi-SP Editora, 2017.
- MEGGS, Philip B. *A history of graphic design*. Nova York: John Wiley & Sons, 1998.
- MITCHELL, W. J. T. *Teoría de la imagen*. Madrid: Akal, 2009.

- MURPHY, Margueritte S. *A tradition of subversion: the prose poem in English from Wilde to Ashbery*. Amherst: University of Massachusetts, 1992.
- PAES, José Paulo. *Gregos & baianos: ensaios*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- PEIRCE, Charles Sanders Peirce. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- POMPEIA, Raul. *O Archote* [assinado como Fabricius], n. 4, s/e, 1874.
- POMPEIA, Raul. Homenagem a Pombal [assinado como Rapp]. In: *O Binocular*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 31, 1882, p. 4-5.
- POMPEIA, Raul. *Canções sem metro*. Rio de Janeiro: Tip. Adina, 1900.
- POMPEIA, Raul. *Canções sem metro*. Coleção Vida Literária, dirigida por Eloy Pontes. Rio de Janeiro: Editora Casa Mandarino, s/d.
- POMPEIA, Raul. *Carta ao autor das "Festas nacionais"*. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1893.
- POMPEIA, Raul. *Obras*. Volume II: O Ateneu. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; OLAC, 1981.
- POMPEIA, Raul. *Obras*. Volume IV: Canções sem metro. 3. edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; OLAC, 1982.
- POMPEIA, Raul. *Obras*. Volume X: Miscelânea; fotobiografia. Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal de Angra dos Reis; OLAC, 1991.
- PONTES, Elói. *A vida inquieta de Raul Pompeia*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1935.
- PRAZ, Mario. *Literatura e artes visuais*. São Paulo: Cultrix, 1982.
- VETTRAINO-SOULARD, Marie-Claude. *Lire une image – analyse de contenu iconique*. Paris: Armand Colin Éditeur, 1993.
- VILCHES, Lorenzo. *Teoría de la imagen periodística*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1997.



Trecho com charge do jornal manuscrito *O Archote*, editado e ilustrado por Raul Pompeia quando era estudante do colégio Abílio. Fonte: *O Archote*, p. 3. Acervo da FBN: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1310361/mss1310361.pdf>.



Trecho com charge do jornal manuscrito *O Archote*, editado e ilustrado por Raul Pompeia quando era estudante do colégio Abílio. Fonte: *O Archote*, p. 4. Acervo da FBN: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1310361/mss1310361.pdf>. Setor de Manuscritos da Fundação Biblioteca Nacional.

Charge “Homenagem a Pombal”, publicada no periódico *O Binóculo*, edição de maio de 1882. Através dela, Raul Pompeia amplia a crítica do artigo de autoria de A.D. Lino à figura do Marquês de Pombal, homenageado por ocasião do centenário de sua morte. Fonte: *O Binóculo*, edição de 06/05/1882. Acervo da FBN: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.aspx?BIB=714224&pagfis=268>>.



HOMENAGEM A POMBAL.

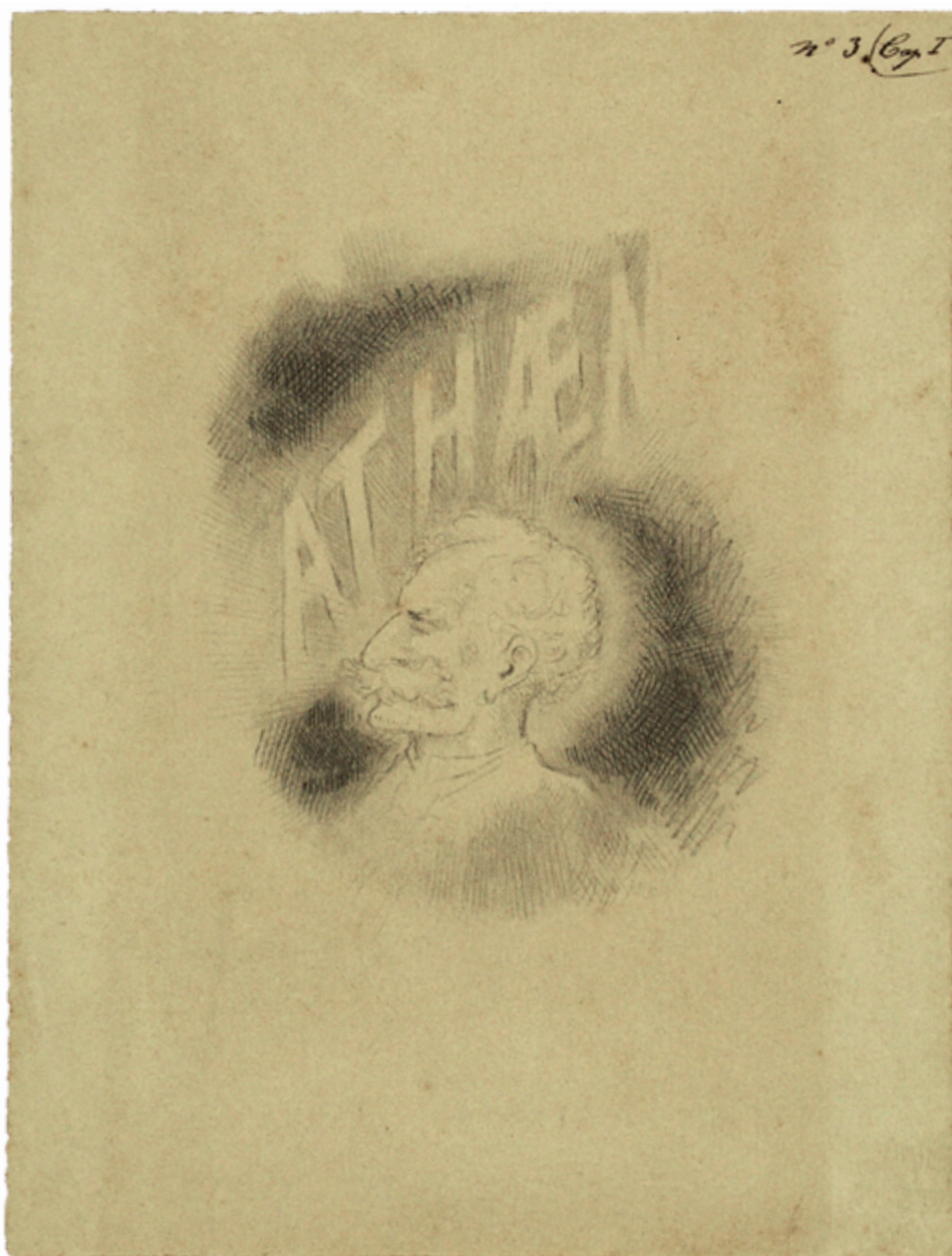
O eminente signatario do Portugal jositão, por meio da lerra, da corte, do terrazzo, da fogueira, dos cavallus e de outros instrumentos de progresso...



Extraída do caderno com os desenhos originais do romance *O Ateneu*, retrata o personagem em sua infância com o pai em frente ao colégio no primeiro dia de aula. Fonte: Caderno com os desenhos originais de *O Ateneu*, p. 2. Acervo da FBN: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon530901.pdf>.

Desenho da fachada do colégio *O Ateneu*, que também consta do caderno dos desenhos originais de *O Ateneu*. Fonte: Caderno com os desenhos originais de *O Ateneu*, p. 3. Acervo da FBN: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon530901.pdf>.





Desenho do diretor do colégio, retratado pelo autor como ganancioso e vaidoso. Fonte: Caderno com os desenhos originais de *O Ateneu*, p. 4. Acervo da FBN: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon530901.pdf>.



Desenho do diretor do colégio em seu gabinete de trabalho. Mais uma vez, retratado de modo irônico pelo autor, que revela seu lado ambicioso e falsamente apegado às convenções. Fonte: Caderno com os desenhos originais de *O Ateneu*, p. 5. Acervo da FBN: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon530901.pdf>.

Desenho do caderno dos originais de *O Ateneu* retratando o cotidiano dos alunos do colégio, profundamente marcado por fofocas, intrigas e (como a imagem mostra) dedos em riste. Fonte: Caderno com os desenhos originais de *O Ateneu*, p. 6. Acervo da FBN: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon530901.pdf>.





A destruição causada pelo incêndio. Fonte: Caderno com os desenhos originais de *O Ateneu*, p. 44. Acervo da FBN: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon530901.pdf>.



NUMERO 21 - CLASSE
A Boa Freguez

Quando se trata de esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

Quando se trata de esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

em esperanças...

O Ramo da Esperança

Um deles oppo-se e otho peço mar...

—Não... não... Apenas o gume afiado e limpo do horizonte e o claro céu depois...

Os naufragos recabiram na orna prostração de desatino.

Tres dias erom passados já, que o incendio e o oceano lhes haviam deorado o navio e os companheiros. Só elles restavam. Elles e o pequeno bote que os levava. O bote e o largo mar immenso...

En roda, o sol quente e o medonho silencio solene da calmaria nocta.

A' vista, nem um punho branco! Nem a fumaça do continente, além!

Guiavam-nos os cansados remos e a aventura; não havia mais pão: a agua ia faltar.

O quarto dia despontou brumoso.

Ah! que o digam os marinheiros; o avocetiro é triste como os sotaries alvos. O nevoeiro amortalha a coragem.

Perdeses!...

Mas, alguma coisa avizinha-se sobrenadando. Todos olham.

Um sacco eneguiha soffrega levanta victoriosos ao ar um ramo verde...

Verde como a esperança!

Salvos!

Ah! ali mesmo na bruma, adivinha-se a terra firme, com as palmeiras verdes da patria!

Paul Pompeia

onde se existe a firma... a belleza, para Platin, é uma...

É tambem a doutrina de Winkler... a teoria da arte, a tem de procurar a reproducção...

Em a nova doutrina litteraria... a doutrina da arte, a tem de procurar a reproducção...

A « Supremacia do ideal », de... a doutrina da arte, a tem de procurar a reproducção...

A doutrina platonica de... a doutrina da arte, a tem de procurar a reproducção...

A nova philosophia d'arte... a doutrina da arte, a tem de procurar a reproducção...

Ilustração do poema em prosa "O ramo da esperança", de Raul Pompeia, publicada no jornal paraense A Galeria Illustrada. Fonte: A Galeria Illustrada, edição de 20/11/1888, p. 4. Acesso da FBN: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=759090&pesq>.

...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...

...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...

...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...

...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...

...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...

...de um homem... que não se lembra...

E MINHA MÃE

...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...

...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...

...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...

...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...

...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...



*Cantões sem
matro.*

*Alma
e Spectro*

A sua linguagem
ingenua, ruda e pri-
mitiva, contou-me que a sua
terra estava longe, muito
longe... Tivera, sim, um céu
e uma pátria, muitas afições,
e uma cabana sua...

Agora uma coisa animava-lhe a exis-
tência... S) tinha uma esposa: o negro odo.
Guardava o odio no peito, como se guarda
na caixa um velho penhal amigo.

Haviam-lhe roubado a pátria e a esposa;
haviam-lhe roído os filhos a morte vil, as
filhas ao estupro torpe. Em premio lhe ta-
viam dado o ferreo cativeiro e a aguilão...

Mostro-me a face preta castivo e o sangue, a
escocer quente...

—Quem são os teus algazars?
—Os humez brances...

Era um acervo aquella natureza.
Sentia-se, no olhar, um brilho horrificante de raiva e no
espírito a amalgama espessa dos sentimentos todos, entre
o pesar profundo, reto, e a verdadeira olera sinquisedestá.
Espantava-me aquella alma espectro.

Ella odiava os lousos bramos, odiava a torre aguda, estaca-
da no horizonte, sobre aquelles leitos.

E odiava o treco moderno de fogo e ferro que passa, rugin-
do através dos innocentes campos....

Raul Pompeia

...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...

...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...

...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...

...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...

...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...

...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...

...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...

...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...

...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...

...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...

...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...

...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...

...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...

...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...

...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...

...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...

...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...

...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...

...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...

...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...

...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...

...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...
...de um homem... que não se lembra...

Poema em prosa "Alma espectro", de autoria de Raul Pompeia, publicado no jornal paranaense *A Galeria Illustrada*. Fonte: *A Galeria Illustrada*, edição de 10/04/1889, p. 4. Acervo da FBN: <<http://memoria.bn.br/docreader/759090/83>>.



Ângela observa os alunos durante a aula de natação. Fonte: Caderno com os desenhos originais de *O Ateneu*, p. 10. Acervo da FBN: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon530901.pdf>.



Professor discursa para o diretor e os alunos, em gesto afetado e convencional. Fonte: Caderno com os desenhos originais de *O Ateneu*, p. 29. Acervo da FBN: <http://objdigital.bn.br/acer-vo_digital/div_iconografia/icon530901.pdf>.

n.º 29 (Cap. VIII)



Desenho com os alunos sofrendo humilhação imposta pela direção do colégio. Fonte: Caderno com os desenhos originais de *O Ateneu*, p. 30. Acervo da FBN: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon530901.pdf>.



Desenho de Ema, esposa do diretor Aristarco. Fonte: Caderno com os desenhos originais de *O Ateneu*, p. 34. Acervo da FBN: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon530901.pdf>.

n. 34 (Cap. X)



Desenho mostrando os exames realizados pelos alunos durante sua passagem pelo colégio. Extraído do caderno de desenhos originais de *O Ateneu*. Fonte: Caderno com os desenhos originais de *O Ateneu*, p. 35. Acervo da FBN: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon530901.pdf>.

Composição em Adobe Garamond
Capa em papel cartão supremo Duo Design 300 g/m²
Miolo em papel Off-set 90 g/m²

